



Lucas Gamonal Barra de Almeida

As viagens e as cidades no corpo: Um estudo
sobre tatuagens, representações e afetos

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção
do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em
Comunicação do Departamento de Comunicação Social
da PUC-Rio.

Orientadora: Prof.^a Cláudia da Silva Pereira

Coorientadora: Prof.^a Denise da Costa Oliveira Siqueira

Rio de Janeiro
Julho de 2020



Lucas Gamonal Barra de Almeida

**As viagens e as cidades no corpo: Um estudo
sobre tatuagens, representações e afetos**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Comunicação da PUC-Rio como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor em Comunicação.
Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof.^a Cláudia da Silva Pereira

Orientadora

Departamento de Comunicação Social - PUC-Rio

Prof.^a Denise da Costa Oliveira Siqueira

Coorientadora

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof.^a Tatiana Oliveira Siciliano

Departamento de Comunicação Social - PUC-Rio

Prof.^a Ana Carolina Barreto Balthazar

Departamento de Comunicação Social - PUC-Rio

Prof.^a Maria Angela Pavan

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Prof. Ricardo Ferreira Freitas

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Rio de Janeiro, 07 de julho de 2020

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e das orientadoras.

Lucas Gamonal Barra de Almeida

Bacharel em Turismo e Mestre em Comunicação, ambos pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Atualmente, é Professor Assistente e Coordenador de Iniciação Científica da Faculdade Senac Minas - Unidade Barbacena. Foi professor substituto da UFJF e tem outras experiências com a docência e a pesquisa. Integra os grupos de pesquisa *JuX - Juventudes cariocas, suas culturas e representações midiáticas* (PUC-Rio) e *Corps - Corpo, representação e espaço urbano* (UERJ).

Ficha Catalográfica

Almeida, Lucas Gamonal Barra de

As viagens e as cidades no corpo : um estudo sobre tatuagens, representações e afetos / Lucas Gamonal Barra de Almeida ; orientadora: Cláudia da Silva Pereira ; coorientadora: Denise da Costa Oliveira Siqueira. – 2020.

217 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação Social, 2020.

Inclui bibliografia

1. Comunicação Social - Teses. 2. Comunicação. 3. Corpo. 4. Tatuagem. 5. Viagem. 6. Cidade. I. Pereira, Cláudia da Silva. II. Siqueira, Denise da Costa Oliveira. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Comunicação

CDD: 302.23

*Dedico esta tese à minha mãe, como mais uma
forma de agradecer pelo amor dedicado a mim.*

*E às professoras e professores, em especial aos que
participaram da minha formação e me inspiraram a
ir em busca dos meus objetivos e sonhos.*

Agradecimentos

O trabalho acadêmico muitas vezes nos dá a sensação de estarmos sozinhos, porém tive o privilégio e a alegria de poder contar com o apoio de muitas pessoas. Com isso, a tarefa de sintetizar estes agradecimentos fica bastante difícil. Tentarei encadear diferentes circuitos e momentos de afeto. Sendo assim, agradeço:

Por toda a estrutura oferecida pela PUC-Rio. Para quem viajava para estudar, um importante diferencial. Em especial, agradeço às funcionárias do Departamento de Comunicação, sempre atenciosas. Além disso, saliento o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sem o qual este trabalho não teria sido possível — Código de Financiamento 001.

À minha orientadora, professora Cláudia Pereira, por ter me acolhido em seu *dream team*, pela compreensão e generosidade. Sou grato pelos aprendizados e oportunidades compartilhadas. Ao professor Renato Cordeiro Gomes (*in memoriam*), por toda a inspiração. Acredito não ter conhecido outro intelectual com tamanho repertório. Fica a saudade. À professora Tatiana Siciliano, por seu cuidado em meu exame de qualificação e pela oportunidade de contar com suas contribuições também na banca final. Às professoras Ana Carolina Balthazar e Bruna Aucar, por aceitarem o convite para compor a banca como membras, titular e suplente, respectivamente. E ao professor José Carlos Rodrigues, por suas aulas excelentes e pela atenção especial nos encontros do seminário Poscom.

À minha coorientadora, professora Denise Siqueira, pela generosidade e por todas as oportunidades oferecidas. Ao longo desses anos, foram artigos, eventos e lanches cheios de boas conversas e aprendizados. Também agradeço ao professor Euler Siqueira, que desde o mestrado tem-se colocado disponível para me apoiar. Além da admiração, registro o obrigado pela suplência nesta banca. À professora Maria Angela Pavan, por sua disponibilidade e pela atenção dispensada, desde o seminário realizado na ECA - USP. Ao professor Ricardo Freitas, por enriquecer o trabalho com seu olhar atento.

Nessa trajetória, destaco a gratidão aos meus orientadores do mestrado e da graduação, na Universidade Federal de Juiz de Fora. À professora Christina Musse, por suas palavras na carta de recomendação requisitada pelo PPGCom da PUC-Rio e por sua delicadeza. Ao professor Humberto Fois Braga, pelas considerações para o meu projeto, pela carta de recomendação, pelos apontamentos feitos no exame de qualificação e por todas as portas abertas.

Às pessoas vinculadas às instituições em que atuei profissionalmente durante os últimos anos, especialmente a UFJF, a Fundação Casa de Rui Barbosa e o Senac Minas, meu obrigado por entenderem minhas necessidades e me apoiarem.

Aos meus alunos, pela inspiração e motivação diárias.

À Jessyca Ribeiro, pelo apoio para trilhar os caminhos de uma forma melhor.

Àqueles que me receberam no Rio: Aninha, David, Gilmar e Henrique, desde as etapas do processo seletivo, com torcida e risadas; ao meu primo Fagner e sua família, por me hospedarem ao longo de muitos meses; à querida Leila, guardada com carinho na memória, que facilitou minha chegada ao mundo como médica e seguiu cuidando de mim; à Roni, pelo creme de baroa mais gostoso que já comi; à Thaís, pelas parcerias e aventuras na Colômbia; e ao casal mais benquisto do Brasil, João e Lígia, pelo sofá, pelas revisões de texto, gravações e edições de vídeos e por todas as gentilezas tão características de quem são. Ainda agradeço às parceiras de estrada nos trajetos entre Juiz de Fora e Rio, Aline, Lenise e, em especial, à Rafaella.

À minha tia Heloíza, pelo carinho dedicado ao longo dos últimos três anos em Barbacena. E às amigas Leila, Sara e Thaís, por tornarem os dias longe de casa a trabalho mais leves e divertidos.

Às amigades que fiz pelo mundo acadêmico, seja na UFJF, na PUC-Rio, na UERJ ou em outras instituições. À Jarlene, pelas parcerias; à Marcella, pelo apoio; à Miriane, pelas trocas e chances. Às amigos e amigos de tantos caminhos, especialmente os *Cães*, Babi, Clara, Malu, Ronin e Thomas; à Lili, Dani, Letícia, Ivy, Yandra, David, Rodrigo e Rômulo; à família de Petrópolis e a outros queridos. A vida faz mais sentido por esses compartilhamentos.

Ao Eduardo, por ser alegria, calma, razão e emoção nos meus dias. Por ouvir, aconselhar, verter resumos, me buscar na rodoviária e por tantas outras amenidades, tão essenciais. E à sua família, que me abraça com tanto carinho, de forma especial à Eloiza, Patrícia e Lívia.

À minha mãe, pelo amor, cuidado e por ser quem sou. Agradeço por tudo.

E aos meus informantes, por confiarem em mim e partilharem suas histórias.

Resumo

Almeida, Lucas Gamonal Barra de; Pereira, Cláudia da Silva; Siqueira, Denise da Costa Oliveira. **As viagens e as cidades no corpo: um estudo sobre tatuagens, representações e afetos**. Rio de Janeiro, 2020. 217p. Tese de Doutorado - Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Partindo de um olhar comunicacional e uma leitura da antropologia das emoções, a tese trata as potências de sentido dos corpos, com olhar especial voltado para aqueles ressignificados com tatuagens. A partir da investigação com sujeitos que têm marcas sobre viagens e cidades expostas em suas peles, discutimos as relações dos indivíduos com os lugares e os efeitos dessas experiências, trazendo à tona reflexões sobre trânsitos, sentimentos e representações. Exploramos as ressonâncias dos contatos com os espaços urbanos e as vivências de deslocamento, a fim de compreender a ressignificação do corpo para uma expressão do sensível, dando ênfase aos contornos da memória e entendendo que as tatuagens têm poder de representar afetos. Isso também é possível por uma transformação nos valores atribuídos aos sinais gravados nas camadas da derme. A pesquisa é qualitativa, descritiva e é alicerçada em trabalho de campo, no qual foram feitas quinze entrevistas compreensivas, todas gravadas em formato audiovisual. Os contrastes entre a revisão teórica e os materiais coletados são elaborados por meio de uma análise interpretativa do conteúdo, organizada em conjuntos e categorias. Assim, observamos os significados contemporaneamente atrelados às modificações corporais e, de modo especial, como o corpo se torna um meio para manifestação das identidades e para registro das afetividades atreladas às viagens e às cidades.

Palavras-chave

Comunicação; Corpo; Viagem; Cidade; Afeto; Tatuagem.

Abstract

Almeida, Lucas Gamonal Barra de; Pereira, Cláudia da Silva (Advisor); Siqueira, Denise da Costa Oliveira (Co-Advisor). **Trips and cities on the body: a study on tattoos, representations and affections** Rio de Janeiro, 2020. 217p. Tese de Doutorado - Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

From a communicational perspective and a reading of the anthropology of emotions, this thesis deals with the powers of meaning of the bodies with a special focus on those which are resignified with tattoos. Through the investigation with individuals who have marks about trips and cities exposed on their skins, we discuss their relationships with the places and the effects of these experiences, bringing up reflections on transits, feelings and representations. We explore the resonances of the contacts with urban spaces and the displacement experiences, in order to understand the resignification of the body to an expression of the sensitive, emphasizing the contours of the memory and understanding that tattoos have the power to represent affections. This is also possible through a transformation in the values, which are attributed to the engraved signs on the layers of the dermis. The research is qualitative, descriptive and is based on fieldwork, through which fifteen comprehensive interviews were conducted, all of them recorded in audiovisual format. The contrasts between the theoretical review and the collected materials are elaborated through an interpretative analysis of the content, which is organized into groups and categories. Thus, we observe the meanings currently linked to body changes and, in a special way, how the body becomes a vehicle for the manifestation of the identities and for recording of the affectivities which are linked to the trips and the cities.

Keywords

Communication; Body; Trip; City; Affection; Tattoo.

Sumário

1. Introdução	12
2. Os trajetos da pesquisa	22
2.1. As bases conceituais	23
2.2. Os caminhos metodológicos	28
3. Corpo, representações e potências de sentido	46
3.1. Os sentidos do corpo	47
3.2. O corpo modificado, as mobilidades e a comunicação	76
3.3. Os contornos da tatuagem	92
4. O que dizem os traços no corpo	101
4.1. Tatuagens e experiências	101
4.2. Tatuagens e afetos	129
4.3. Tatuagens e comunicações	177
5. Considerações finais	199
6. Referências bibliográficas	205
Apêndices	214
Apêndice A - Roteiro para entrevista com interlocutores tatuados	214
Apêndice B - Termo de consentimento livre e esclarecido	217

Lista de figuras

Figura 1: A primeira tatuagem do grupo de amigos brasileiros com quem convivi, com a palavra <i>Egészségedre</i>	13
Figura 2: A tatuagem de D. A., com a mesma palavra em húngaro tatuada (imagem disponibilizada pelo próprio informante)	14
Figura 3: Publicação em meu perfil no Instagram, quando também tatuei a palavra <i>Egészségedre</i> , em 23 julho de 2013 — “E agora tá pra sempre, na pele também”	14
Figura 4: Fotografia capturada na Galeria Epaminondas Braga, no Centro de Juiz de Fora, em abril de 2020	21
Figura 5: Stelarc e o projeto <i>Third Hand</i> , criado nos anos 1980	88
Figura 6: Jacques Le Moyne de Morgues, A jovem filha dos Pictos, c. 1585-88, aquarela e guache com ouro em pergaminho, 26 x 19,1 cm, Yale Center for British Art - Yale University, New Haven, Connecticut (EUA)	93
Figura 7: J. V. mostra a tatuagem em seu antebraço, o farol que o encantou em Cabo Polonio, no Uruguai	106
Figura 8: Fotografia de I. M. com destaque para a tatuagem do contorno da Pedra da Gávea (registro compartilhado pela informante)	107
Figura 9: Publicação em perfil do Instagram, marcando a feitura da tatuagem e a companhia durante o processo	112
Figura 10: F. S. S. mostra sua tatuagem e apresenta os monumentos representados	130
Figura 11: L. O. mostra a tatuagem com os traços do Pão de Açúcar.	131
Figura 12: Detalhe do Cristo Redentor tatuado nas costas de P. I.	132
Figura 13: Na entrevista, J. A. mostra a terceira tatuagem sobre o Rio de Janeiro, com traços inspirados no trabalho do Profeta Gentileza: <i>AMORRR</i> em meio a setas indicando retorno.	135
Figura 14: T. A. mostra sua tatuagem com o contorno do Morro Dois Irmãos.	137
Figura 15: F. A. mostra e descreve a tatuagem em homenagem ao Rio de Janeiro.	141

Figura 16: Detalhe do pretzel feito por T. J. para marcar sua estada em Munique (Alemanha)	143
Figura 17: Em publicação no Instagram, T. J. mostra a tatuagem aos seus seguidores, deixando expostas diferentes marcações, as quais chamam atenção: a localização do estúdio em que se tatuou, e os perfis do estúdio e do tatuador	144
Figura 18: Detalhe da tatuagem feita em Varsóvia (Polônia), durante a entrevista	145
Figura 19: F. S. M. fala sobre a rosa dos ventos que carrega em seu braço direito	148
Figura 21: Imagem da tatuagem de T. C., em registro disponibilizado pela própria informante	153
Figura 22: Durante a entrevista, A. L. aponta e descreve cada um dos monumentos contemplados em sua tatuagem	160
Figura 23: Publicação na página do Facebook do RioSul Shopping Center, na ocasião do aniversário de 454 anos do Rio de Janeiro, no dia 1º de março de 2019	184
Figura 24: Interlocutores com tatuagens na mesma área das costelas	190
Figura 25: Publicação no Instagram da tatuadora de A. L., em 16 de janeiro de 2019	196
Figura 26: Publicação no Instagram do Museu Mariano Procópio, em 19 de janeiro de 2019	197

1. Introdução

Egészségedre, expressão húngara que faz referência a desejos positivos e aos brindes. Em dezembro de 2011, tive a oportunidade de realizar uma viagem de intercâmbio. Morei por cerca de três meses em Budapeste, capital da Hungria, além de ter feito passeios em países e cidades próximas. Foi um período de experiências intensas, especialmente porque jamais havia morado sozinho. Pude conhecer novas línguas, lugares, pessoas e hábitos. Como é comum em intercâmbios no exterior, também fiz amizades com brasileiros que compartilhavam da mesma vivência.

Voltei ao Brasil, para a minha cidade, Juiz de Fora - MG, e para minha rotina. Naquele ano, 2012, eu terminaria a graduação em Turismo e já estruturava os planos de seguir para o mestrado em Comunicação. Foi o que aconteceu. Na época, vindo de projetos de iniciação científica ligados às viagens de intercâmbio, havia acabado de alterar o mote das minhas investigações, passando a discutir o trabalho do cineasta Woody Allen, mais especificamente sua produção concentrada na Europa, nos anos 2000 e 2010. Em minha dissertação, analisei as representações da cidade por meio do cinema e as apropriações midiáticas empreendidas pelo turismo, com especial atenção ao filme *Meia-Noite em Paris* (2011).

Em meio a isso, seguia com as lembranças do intercâmbio sempre presentes, até mesmo por manter contato com os amigos estrangeiros e brasileiros. Então, em outubro de 2012, uma dessas amigas nos contou que havia feito uma tatuagem para marcar o período na Hungria (Figura 1). Era uma ideia da qual falávamos quando estávamos lá, mas que não tinha ido adiante, até então. Com o impulso, outro amigo, D. A., tatuou a mesma palavra (Figura 2) e, em julho de 2013, também registramos *Egészségedre* em nossas peles, D. C. — amiga que se tornou interlocutora da pesquisa — e eu (Figura 3)¹.

As experiências e a relação afetiva com a cidade foram marcadas para além da memória e vieram à tona no corpo, com a tatuagem dessa expressão húngara. Quando pedi a D. A. para me enviar uma imagem de sua tatuagem (não havia nenhuma publicação em suas redes sociais virtuais com a tatuagem, para que pudesse solicitar autorização de uso, como fiz com P. D.), perguntei se poderia escrever um breve relato sobre o motivo de ter feito a inscrição.

¹ Como mostram as imagens incluídas no trabalho, tatuamos a mesma palavra, porém escolhemos diferentes partes do corpo e caligrafias. D. A. e D. C. escolheram os pés, P. D. o pulso, e eu, a perna.

A ideia da tatuagem foi a de simbolizar uma experiência muito marcante, que ainda estava sendo processada internamente. A imersão numa cultura completamente diferente me colocou numa posição de muita vulnerabilidade abruptamente, que talvez fosse a condição pra que eu pudesse expandir meus horizontes. Senti que essa pequena palavra conseguia representar essa imensidão e merecia ser gravada (D. A., 30 anos)².

Os sentidos projetados por D. A. são frequentes quando abordadas as viagens de intercâmbio³. Em nossas leituras, enxergamos o sujeito em um entrelugar, com uma experiência situada em um limiar entre migração e turismo. Nesse sentido, os valores de uma vivência significativa e transformadora são exaltados. Pronunciada a ponto de ser marcada no corpo.

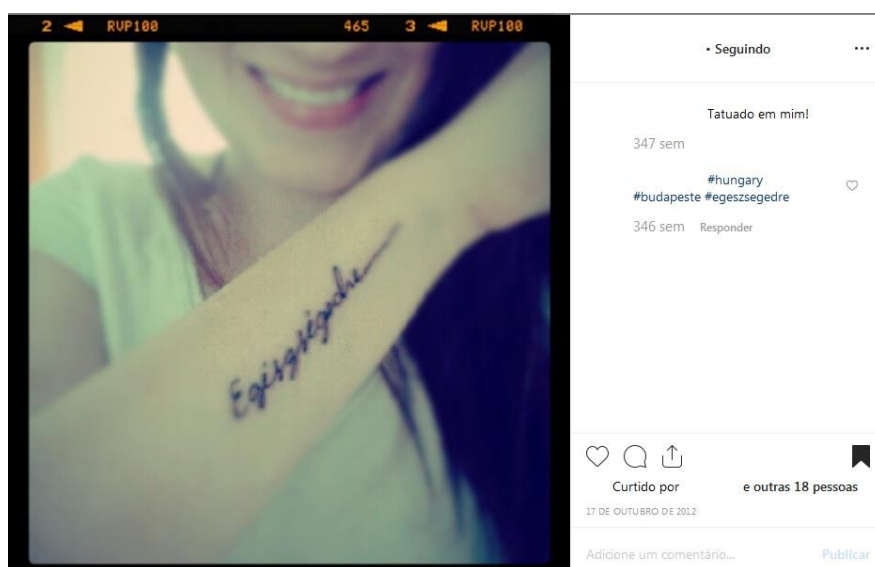


Figura 1: A primeira tatuagem do grupo de amigos brasileiros com quem convivi, com a palavra *Egészségedre*. Imagem capturada de perfil no Instagram — post de 17 de outubro de 2012. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Q49cKqh4bv>. Acesso em: 18 jun. 2019.

Os discursos em torno do ato soavam bastante parecidos entre nós, mesmo antes de as tatuagens serem feitas. A partir desse primeiro olhar — embora ainda não fosse científico — e do contato com relatos semelhantes, as complexidades envolvidas nessas representações chamaram atenção, especialmente por meu interesse acerca dos sentidos das viagens, das cidades e da comunicação. Os debates sobre os deslocamentos e as memórias também foram essenciais na dissertação de mestrado, e tudo isso povoava minha mente, àquele momento em busca de inspiração para o projeto de doutorado.

² As imagens e o relato foram recebidos por <lucasgamonal@hotmail.com>, em maio de 2020.

³ Quando tratamos as viagens de intercâmbio, descrevemos aquelas em que os sujeitos permanecem por um determinado tempo em outro país, seja para estudar, trabalhar ou ambos. Existem bolsas de financiamento que possibilitam essas experiências, assim como agências especializadas na área.

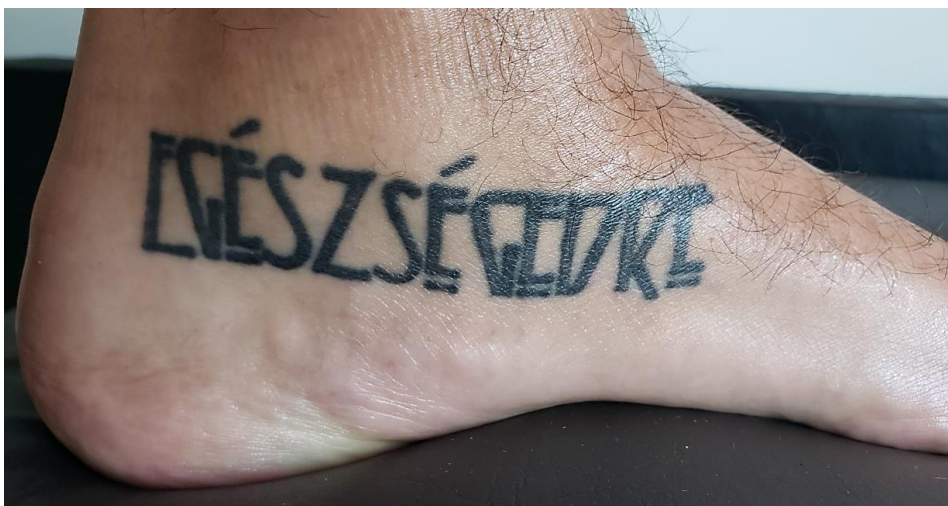


Figura 2: A tatuagem de D. A., com a mesma palavra em húngaro tatuada (imagem disponibilizada pelo próprio informante).



Figura 3: Publicação em meu perfil no Instagram, quando também tatuei a palavra Egész ségedre, em 23 julho de 2013 — “E agora tá pra sempre, na pele também”.

Nesse percurso, alguns anos antes da elaboração do projeto de pesquisa, conheci um rapaz que havia tatuado prédios do arquiteto Oscar Niemeyer em ambos os braços. Conforme me explicou, no braço esquerdo — o lado do coração — trazia a edificação assinada por Niemeyer em sua cidade natal, Cataguases, no interior do estado de Minas Gerais, e, no braço direito — o lado da razão e do trabalho —, um outro prédio, construído em São Paulo, a cidade onde vivia desde a conclusão da faculdade. Segundo disse à época, desejava marcar sua relação com essas cidades no próprio corpo. Depois, revi uma amiga que havia tatuado a estampa do azulejo da casa em que morou durante o intercâmbio na cidade do Porto, em Portugal.

Relembrar essas histórias e conhecer outras foi basal para desenhar minha proposta de estudos, ganhando os contornos agora expostos.

Abordar questões referentes aos corpos é desafiante, pois na maioria dos contextos somos acostumados a cobri-los ou a nos esquivar de grandes exposições. Entretanto, nas últimas décadas, é possível notar uma mudança em curso, talvez amparada por desconstruções de tabus e dogmas no campo das religiões, das noções morais, das legislações e outras esferas condicionantes de nossos comportamentos. Poderíamos dizer que há um “afrouxamento do corpo social”. Por outro lado, no Brasil e em outros países, ondas conservadoras e fundamentalistas têm ganhado força. Corpos desviantes das normas são apontados, acanhados, atacados.

Todavia, ainda é possível mirar maior exposição das subjetividades, com uma crescente espetacularização de si e dos corpos, que passam a ser vistos até mesmo como objetos do consumo. Esse status muito associado às imagens reforça os padrões largamente visados e constantemente construídos pelos valores culturais das sociedades — os quais circulam pelas mídias de forma poderosa.

Nas primeiras explorações dos temas que circundam a pesquisa, tratamos as performances e interações de viajantes tatuados na rede social virtual Instagram (ALMEIDA; SIQUEIRA, 2018) e em páginas *on-line* da empresa Hostelworld (ALMEIDA; REIS, 2019), como exemplos. Principalmente a partir dos anos 2000, os *smartphones* e outros aparelhos eletrônicos vêm alterando o contexto de quem produz influência sobre os sujeitos e como o fazem, em especial na internet. São novos sinais na cultura midiática. Assim, importa analisar os sentidos evocados pelos corpos marcados. Pensar sobre os efeitos e significados atribuídos a eles.

Enquanto principal via de contato com a exterioridade e sua diversidade, o corpo funciona como meio de representações e discursos, condutor para expressão de emoções, dentre muitas características que igualmente poderiam ser atribuídas ao pensar no campo social. Ele é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo se elabora, o que temos de mais tangível em nossa relação com o social e, por isso, o que nos reconcilia com a sociedade (LE BRETON, 2007). Com essas construções, enfatizamos que o corpo extrapola suas funções biológicas, pois possui amplo valor simbólico. Por isso perseguimos a finalidade de analisá-lo enquanto parte das culturas, notadamente por meio da observação das modificações a que é submetido, de maneira especial com as tatuagens.

Contemporaneamente, ainda que o conhecimento histórico revele riqueza de significados em torno das práticas de marcar-se, tal procedimento ganha novos significados. Alguns tabus e estigmas vêm sendo rompidos e seu uso passa a ser ampliado e valorizado. Os indivíduos tatuados, em muitos contextos, acionam visões positivas, como de beleza, estilo e personalidade. Nosso interesse reside justamente em compreender esse quadro das potências de sentido: as forças de expressão atreladas ao corpo e às tatuagens, de maneira especial no que concerne às identidades e às emoções.

Com o exposto, apresentamos a questão-problema, norteadora da pesquisa: partindo de um olhar comunicacional e de uma leitura da antropologia do corpo e das emoções, quais os significados contemporaneamente atrelados às tatuagens, especificamente às relacionadas às cidades e às viagens? Quais viagens e quais cidades são registradas no corpo? De quais viagens se leva um *souvenir*? Por que outras experiências não ganham o mesmo destaque e são registradas na pele? São alguns dos questionamentos para os quais voltaremos nossos olhares.

A partir desses direcionamentos, temos como objetivo geral analisar como as cidades e as viagens reverberam nos corpos, com a prática da tatuagem, dando ênfase às experiências, à comunicação, e entendendo o poder das modificações corporais em trazer à tona representações diversas.

Como objetivos específicos, buscamos: (I) examinar as mentalidades com relação aos corpos, de modo a compreender as visões contemporâneas, em especial quanto às tatuagens; (II) analisar as práticas recentes da *tattoo*, em sua relação com as territorialidades e com as experiências que suscitam; (III) explorar significados apreendidos e atribuídos aos trânsitos das viagens e nas cidades; e (IV) observar tais modificações corporais temáticas e as complexas relações com a comunicação.

Os múltiplos significados da corporeidade podem ser associados aos sentidos da cidade, múltipla e em permanente processo de construção, assim como a pele humana, que traz os contrastes do tempo e os efeitos do que é vivido, inclusive com as modificações corporais. Enquanto espaço híbrido de convivência dos sujeitos, o espaço urbano é identitário e se liga às subjetividades, aos reconhecimentos e aos pertencimentos.

A interface corpo-cidade, também revelada com as viagens, tem amplitude de significados a serem explorados e, portanto, é relevante buscar entender, no contexto das emoções, como se dão as modificações corporais que representam

essas mobilidades. Se corpo e urbe permanecem em constante transformação, a ideia de investigar como os atores sociais agem é instigante — aqui pensando não apenas a concepção física das cidades, mas também as alterações corporais, sobretudo com os registros da tatuagem.

As viagens são sinônimo de deslocamento. Em uma sociedade que revela novos paradigmas científicos das mobilidades, com fluxos — de coisas, pessoas, imagens e informações — cada vez mais facilitados e acelerados, temos em vista um fenômeno complexo. Junto a isso, temos que muito da moral ocidental hodierna se sustenta em crenças hedonistas. Viajar pode ser uma fuga, uma busca ou um sonho. E o que vem após a concretização dessas necessidades ou anseios? Como a vivência se reflete no sujeito e em sua concepção?

Realizadas com maior frequência em contextos urbanos, as viagens também dizem respeito ao constante movimento, aos desejos (padronizados?) e às emoções. Falamos sobre a sociedade atual. Descobertas, experiências, transformações... Foram algumas das noções articuladas nas primeiras linhas do texto, para falar da minha vivência, por exemplo. Geralmente, o tom é bastante positivo. Contudo, as viagens podem ser alternativas de exclusão, asilo, refúgio. Isso muitas vezes permanece silenciado e o que prevalece é o protagonismo de um produto da felicidade.

Vale enfatizar que nossas atenções estão voltadas para corpos móveis. As experiências registradas na pele por meio das modificações corporais dizem respeito aos trânsitos dos sujeitos e aos efeitos que causam ou causaram. As tatuagens são a linguagem elegida para explicitar isso, para “encarnar” o vivido, marcar presença e pertença aos lugares.

As bases para construção das reflexões desta tese estão fundamentadas nas ciências sociais e humanas, com centralidade para as abordagens dos estudos culturais, das mídias, das mobilidades contemporâneas, da antropologia do corpo e das emoções. Pesquisadores filiados a essas linhas de pensamento são acionados para a construção de nossas sustentações teóricas.

Metodologicamente, falamos em uma pesquisa essencialmente qualitativa. As amostras não têm peso estatístico, vez que sua validade está na possibilidade de compreensão dos fenômenos que representam. Em nosso trajeto, inspiramo-nos na sociologia do cotidiano de José Machado Pais (1993) e no “artesanato intelectual” de Charles Wright Mills (2009). E, ainda, nos atentamos aos debates cultivados por Gilberto Velho (1978), Roberto Da Matta (1978), Ruth Cardoso (1986) e por outros

teóricos acerca do envolvimento do pesquisador com os seus objetos, campos e interlocutores.

Mas de que campo e de que interlocutores estamos tratando aqui? Foram ouvidos, de outubro de 2018 a maio de 2019, quinze indivíduos tatuados, com quem dialogamos em encontros presenciais no Rio de Janeiro e em Juiz de Fora, todos registrados por gravação em vídeo. Sujeitos descobertos de diferentes formas, como descreveremos no próximo capítulo — por intermédio da rede pessoal, por “deambulações”, por indicações de informantes “sementes” e por achados nas redes sociais virtuais.

Com alinhamento ao problema de pesquisa e aos objetivos, são pessoas com tatuagens que falam sobre suas cidades — de nascimento, de residência ou de trânsito — e acerca de suas viagens. Para entrar em contato com suas histórias, usamos das técnicas da “entrevista compreensiva”, segundo descreve Vitor Ferreira (2014). E, para o tratamento das informações, realizamos uma análise interpretativa de conteúdo, com base nas teorias da representação, articuladas por Stuart Hall (2016).

Por último, consideramos importante trazer para o leitor uma exposição sobre o lugar de onde falamos e as escolhas feitas, especialmente por termos optado por escrever em primeira pessoa, no singular e no plural. São duas as justificativas para isso: primeiramente, porque as inspirações para a pesquisa surgem de experiências pessoais, não só do que vivi e marquei em meu próprio corpo, como do que vivenciei em contato com outras pessoas e suas histórias. Além disso, escrevo no plural por acreditar que as reflexões apresentadas aqui são fruto de orientações, leituras e trocas. Se tornaram possíveis em razão desses contatos e suas potências.

Finalmente, apresentamos a estrutura da tese. A seção inicial, capítulo 2, trará as bases da pesquisa: os conceitos que orientam o desenvolvimento das reflexões e o percurso metodológico. Serão abordadas as escolhas, exclusões, técnicas e demais filiações. Caracterizaremos os episódios do trabalho de campo e a composição do que definimos como *conjuntos* e *categorias* de análise.

Em seguida, no capítulo 3, a fim de melhor compreender as mentalidades do tempo presente, apresentaremos destaques na história mundial, situando visões e representações do corpo. Partimos dos antigos egípcios, passamos pela Idade Média e outros períodos, culminando na atual sociedade, em que os corpos estão atrelados

a pressões sociais estimuladas pela cultura da mídia⁴. Abalizaremos os contrastes entre noções do campo natural, mais conectadas com a biologia, e os entendimentos do campo social, versando acerca das potências de representação.

Ademais, trataremos algumas perspectivas mais recentes, as quais expõem comportamentos influenciados pela mídia. Dominam os cuidados/trabalhos sobre os corpos, como com as modificações corporais. Nesse sentido, a última subdivisão trará os contornos da tatuagem, com evidência para suas relações com os sistemas de representação ao longo dos tempos. Para tanto, realizaremos leituras de textos de Andréa Osório, Beatriz Pires, David Le Breton, Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, Ieda Tucherman, José Carlos Rodrigues, Leusa Araujo, Lucia Santaella, Marcel Mauss, Maria Isabel de Almeida, Michel Foucault, Michela Marzano-Parisoli, Mirela Berger, Mirian Goldenberg, Richard Sennett, Silvana Jeha, Stuart Hall, Vitor Ferreira e outros autores.

No capítulo quatro, traremos as análises interpretativas do *corpus* da pesquisa. Para elaborar as reflexões, contrastaremos as referências teóricas com o que emerge dos conjuntos e categorias examinados. No primeiro subcapítulo, será investigado o universo da experiência, com o qual relacionamos as formas de fazer da tatuagem, o que vinculamos às dores e o que mostra a permanência das marcas corporais. Em seguida, o foco se volta para o universo simbólico das tatuagens, com o olhar para as narrativas a elas atreladas, assim como aos sentimentos e significados atribuídos e observados. Detalharemos todos os signos expostos pelos informantes, de forma a compreender os sentidos que evocam e como se dão suas presenças em nossos sistemas culturais. Na última seção, enfatizaremos o universo da comunicação. Examinaremos as mensagens anunciadas pelas *tattoos*, as interações que suscitam, inclusive na esfera virtual, e como os sujeitos elaboram as performances de si, como compõem e veem seus estilos, e como se percebem na condição de indivíduos (móveis) e tatuados.

Além dos já mencionados anteriormente, pesquisadores importantes para a construção das reflexões são Andreas Huyssen, Alain De Botton, Claudia Rezende e Maria Cláudia Coelho, Luiz Gonzaga Godoi Trigo, Michel Pollak, Michel de Certeau, Paola Jacques, Pierre Nora, Renato Cordeiro Gomes e Yi-Fu Tuan.

⁴ Importa ponderar que a “história mundial” na qual nos pautamos tem matriz anglo/eurocêntrica, a visão hegemônica e naturalizada. Certamente, outros percursos poderiam ser explorados, porém a seleção se pauta, também, pelo referencial teórico consultado.

Com a tese, nos propomos a capturar uma fotografia dos temas explorados. Produzimos um retrato das mentalidades do fim dos anos 2010, para situarmos mais precisamente o recorte temporal apreciado. De modo sensível, buscamos desvendar delineamentos cotidianos de nossas práticas, dos corpos e das tatuagens, revelando o que pode passar despercebido, dado que esses universos de sentido estão ao nosso redor e caminham para uma naturalização.

Já em meio ao encerramento deste texto, me deparei com a imagem a seguir (Figura 4), caminhando para uma consulta médica. Em uma galeria do centro de Juiz de Fora, cidade em que moro, a placa anuncia localização e telefone de um estúdio: Arte à Flor da Pele Tatuagens⁵.

Os termos aparecem com frequência, inclusive nos trabalhos acadêmicos, quando se trata desse tipo de modificação corporal. Embora possa conter clichês, a cena despertou minha atenção por destacar a *tattoo* como essa possibilidade de expressão dos sentimentos. Deixa em evidência essa noção da arte à flor da pele. É algo que pode ser feito logo ali, na sala 26, do 2º andar, de pronto. Uma mudança de paradigmas, quando observamos a história que nos traz até aqui. Nos sentidos da comunicação, há realce para a mensagem posta na diversidade da rua, figurando como mais um componente de nossa cultura. Um retrato do cotidiano, o qual expõe pequenas narrativas.

Trata-se de uma ilustração interessante em relação aos fenômenos sociais muitas vezes estarem próximos, significativamente presentes em nossos cotidianos, apesar de não sermos capazes de enxergar ou dar a devida atenção. Nesse sentido, há ainda mais um desafio, a respeito da ideia de tornar o “familiar” em “exótico” ou acerca da presença do pesquisador em meio à situação investigada.

⁵ Possivelmente, o anúncio é antigo (no número de telefone ainda não consta o algarismo inicial 9). No entanto, nunca havia notado a sua presença, apesar de ser um local por onde transito com certa frequência. Mais uma evidência da diversidade das cidades e de que sempre há algo a ser revelado.



Figura 4: Fotografia capturada na Galeria Epaminondas Braga, no Centro de Juiz de Fora, em abril de 2020.

Silvana Jeha (2019) aciona o conceito de “biografema”, cunhado por Roland Barthes, para tratar o trabalho que desenvolve acerca da história da tatuagem no Brasil. Se a definição diz respeito a pormenores, gostos e inflexões, comungamos com a visão da pesquisadora e dela também nos apropriamos.

As tatuagens são biografemas, e o que se infere a partir de seus registros são lembranças, amores, ficções, verdades, cacos das vidas para compor esse grande mosaico de corpo humano feito de carne, pele, picadas, cortes, pigmentos e muitos sentimentos (JEHA, 2019, p. 19).

Exploraremos narrativas urbanas e de viagens, de alguma forma sintetizadas por meio da *tattoo*. A prática se situa em um circuito de afetos, repletos de sentidos pouco observados. É para essa incursão de descobertas que convidamos o leitor a nos acompanhar neste estudo.

2. Os trajetos da pesquisa

Neste capítulo, trazemos os principais alicerces de nosso estudo, tanto com relação aos conceitos norteadores quanto aos caminhos metodológicos. O objetivo é apresentar as análises construídas por meio das leituras de campo, no contato com os quinze interlocutores tatuados, e dos diálogos com as teorias, aspectos essenciais para a formulação de nossas questões de investigação e as análises elaboradas.

O trabalho tem cunho qualitativo. Interessa-nos compreender os fenômenos a partir da observação do mundo que nos rodeia e das trocas com as pessoas que o compõem. Desse modo, o trabalho tem viés indutivo e finalidade exploratória — intentamos trazer as inferências possibilitadas pelos contrastes empreendidos entre a revisão bibliográfica e as informações obtidas nas entrevistas. Capturamos uma fotografia de uma dada realidade social, circunscrita em um contexto específico: observamos pessoas tatuadas, residentes nos estados brasileiros de Minas Gerais e Rio de Janeiro, expressando sentidos atrelados às cidades e às viagens.

A fim de melhor orientar o leitor em nossos trajetos da pesquisa, trazemos os principais teóricos e conceitos com os quais nos amparamos e nos inspiramos para levantar as reflexões desta tese. As questões centrais perpassam as compreensões sobre os corpos, as cidades e as viagens (integradas por meio dos debates das mobilidades contemporâneas), as representações sociais e os afetos. Tudo isso atravessado pela forte (oni)presença da mídia.

Dessa maneira, organizaremos as seções seguintes, vinculadas a este capítulo, exatamente com a finalidade de descortinar os principais trajetos da pesquisa. Atemo-nos a tratar os conceitos afeitos à comunicação, especialmente o que Douglas Kellner (2001) define por cultura da mídia e as complexidades ligadas à cultura e à representação, a partir das visões de Stuart Hall (2016). Delimitamos as noções ligadas ao corpo e às emoções, com base nos trabalhos de Marcel Mauss (2003) e David Le Breton (2004, 2007, 2016). Ademais, apresentamos as definições para o paradigma das novas mobilidades, de acordo com o que discutem Mimi Sheller e John Urry (2006).

Em continuidade, abordamos os caminhos metodológicos. Apresentamos os princípios de nossas escolhas e exclusões, as orientações e posturas em campo, apresentamos nuances da ferramenta chamada por “bola de neve” e, de modo

especial, caracterizamos as artes e manhas do que Vitor Ferreira (2014) caracteriza como “entrevista compreensiva”.

2.1. As bases conceituais

A partir de uma perspectiva comunicacional, pesquisamos como viagens e cidades reverberam nos corpos, por meio das tatuagens. Assim sendo, importa trazer os conceitos basilares para estruturar as reflexões que propomos. De início, damos realce para a noção de corpos móveis, com a qual trabalhamos. Segundo John Urry (2003), vivemos uma cultura da mobilidade, vez que há dilatada circulação não somente de pessoas, como de informações, imagens e objetos.

Em ampliação dos conceitos, Sheller e Urry (2006) caracterizam o paradigma das novas mobilidades (PNM), o qual enfatiza nossa vida social em movimento. Não se trata de pensar apenas o cruzar de fronteiras ou os números de visitantes em determinada localidade turística. As reflexões do PNM dialogam com o cotidiano mediado por aparatos tecnológicos e pela circulação informacional, falam sobre cultura material, (auto)vigilância e imobilidades, levando em conta as economias e as políticas.

São essas bases que justificam o acionamento dos conceitos para conduzir as ideias sobre os trânsitos das viagens e nas cidades. Em associação à intensidade e centralidade dos fluxos, Jensen (2013) cunha o termo “mobilidades corporificadas”, levando em consideração as sensibilidades e afetos. Essa é a costura de significados que iniciamos a coser. Damos evidência ao corpo como mediador das experiências e para as tatuagens como formas de expressão dos sentidos.

Isso posto, trazemos os entendimentos de Marcel Mauss (2003), em seu célebre texto sobre as técnicas do corpo. Como muitas das pesquisas a respeito das corporeidades o utilizam como referência, o texto foi uma das primeiras leituras feitas para que as questões de investigação fossem estruturadas. Com os raciocínios que expõe, o antropólogo francês trata a maneira como, de sociedade a sociedade, os sujeitos servem-se de seus corpos. Disserta quanto às idiossincrasias sociais às quais somos expostos e como as replicamos, natural ou compulsoriamente.

Conforme aponta Mauss, esses *modus operandi* vão desde as maneiras de caminhar até às formas como somos ensinados a nadar, como ilustrações facilmente identificáveis no cotidiano, variando conforme as culturas. São os *habitus*: “Esses

‘hábitos’ variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios” (MAUSS, 2003, p. 404)⁶. Trata-se do que compreendemos como o sistema da cultura, o qual aponta Hall (2016) a fim de analisar as complexidades envoltas às representações. Outro assunto medular para o nosso estudo.

Refletir sobre o corpo é pensar em princípios de nossa forma(ta)ção enquanto indivíduos em sociedade. Mauss (2003, p. 407) afirma que “o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem”. Ao abordar o termo “instrumento”, reflete acerca das ações humanas no tempo e no espaço através de seu “mais natural objeto técnico”. Le Breton (2007, p. 7) completa a noção de centralidade do corpo e afirma que “antes de qualquer coisa, a existência é corporal”.

Importa trazer à tona que as noções com relação ao conjunto de técnicas corporais vão além do dito como natural ou espontâneo, uma vez que o contexto cultural exerce forte papel na aquisição e manifestação dos *habitus* (MAUSS, 2003). São dinâmicas e expressões com as quais temos contato e que nos impregnam, de algum modo. Le Breton também empreende análises nesse sentido:

Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. (LE BRETON, 2007, p. 7).

A partir desses atravessamentos dos quais falam Le Breton e Mauss é que reafirmamos as razões em se estudar “(...) os modos de adestramento, de imitação e, particularmente, essas formas fundamentais que podemos chamar de modo de vida, *modus, tonus*, ‘matéria’, ‘maneiras’, ‘feição’” (MAUSS, 2003, p. 411). Para aludir aos diagnósticos de Rodrigues (1999), ao observarmos atos e agências sobre os corpos, damos luz às sensibilidades e mentalidades sociais.

Neste recorte, tratando corpo e comunicação, damos evidência a mais essa forma de uso; a mais uma técnica do corpo que poderia ser listada na enumeração biográfica que Mauss (2003) elabora. No conjunto das “técnicas da idade adulta”, em que estão incluídas as “técnicas do movimento e dos cuidados do corpo”,

⁶ Marcel Mauss utiliza o termo em latim, pois afirma que dessa forma a palavra exprime melhor a noção do que é adquirido. Embora haja paralelos com o *habitus* de Pierre Bourdieu, não é a este que nos referimos.

poderíamos incluir as “técnicas de expressão”, justamente para realçar nosso objeto de pesquisa. As representações acionadas com as tatuagens passam a compor as identidades dos indivíduos, são formas de estetização e de falar sobre si; de manifestar emoções. E os deslocamentos são protagonistas nesse processo que evidenciamos.

Às considerações do antropólogo relacionamos mais essa dimensão, cara às nossas análises, de forma a ampliar as ilustrações caracterizadas junto aos *habitus*: os afetos. Como descrevem Rezende e Coelho (2007, p. 25), “(...) as emoções são consideradas fenômenos que acontecem no corpo, tanto em função de sua origem quanto também de suas manifestações”. Vale marcar a origem de nossas visões: partimos de uma perspectiva ocidental, com concepções do corpo e do indivíduo historicamente construídas, e entendimentos que se alteram no curso dos tempos. Em conjunturas distintas, as manifestações dos sentimentos podem revelar outros sentidos e associações, incoerentes com nossas visões de mundo contemporâneas.

Em dados contextos, a emoção pode ser desvalorizada ou reprimida, como descreve Didi-Huberman (2016). Expor o choro acarreta medo de ser taxado de “ridículo” ou “patético”. O autor faz menção a Kant, que concebia a emoção como uma falha da razão. Entretanto, em outras circunstâncias, as emoções são reveladas com feições positivas, como ações e gestos que se conectam aos diferentes tipos de vivências e que em nós residem — para o autor, esses gestos têm uma história longa e sobrevivem em nós de modo inconsciente, “(...) ainda que sejamos incapazes de observá-los em nós mesmos” (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 32).

Isso também se revela quando abordamos as experiências apontadas como transformadoras, caso dos deslocamentos diversos, sejam das errâncias urbanas, do turismo ou das migrações. Para o filósofo e historiador francês, deixar ver o que sentimos pode ser um ato de coragem (DIDI-HUBERMAN, 2016). Desse modo, afirmamos que os afetos demarcam fronteiras das subjetividades.

Na abordagem sobre os sentimentos, a memória se apresenta como mais um ponto central para nossas reflexões, justamente por ser expressiva, além de balizada por silenciamentos. Ela se relaciona com seu par oposto: o esquecimento. Assim, com os registros, os indivíduos desejam criar um suporte temporal capaz de romper ou minimizar o ideário da finitude. A respeito das modificações corporais, em especial com a tatuagem, colocamos em relevo que as inscrições na pele buscam

uma aproximação do eterno, embora os contrastes das cores possam diminuir com o tempo e já exista tecnologia capaz de apagá-las, mesmo que deixando cicatrizes.

Enquanto rastros do passado, os registros da memória dão sentido à nossa formação enquanto sujeitos. Pollak (1992) considera que a memória é seletiva e um fenômeno socialmente construído. Além disso, relaciona-se com a constituição da identidade, individual e coletiva, “na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 204).

Somando-se a essas definições os conceitos das identidades pensadas como negociáveis e fluidas (HALL, 2006), além de relacionais e demarcadas por símbolos (WOODWARD, 2007), tratamos de expressões que se conectam às experiências vividas e que demonstram um somatório daquilo que se passou. Em nosso caso, dos lugares por onde os sujeitos passaram e as apropriações que delineiam em seus corpos. “Enunciações pedestres”, em alusão às ideias de Michel de Certeau, levando em conta que “(...) o ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o *speech act*) para a língua ou para os enunciados proferidos” (CERTEAU, 1998, p. 177).

Entendemos a cidade como epicentro das mobilidades e enquanto espaço do diverso; organismo vivo onde a vida (marcadamente urbana) acontece. É desse modo que aqueles que por ela circulam produzem sentidos e ressignificam trajetos. Nessas dinâmicas, “(...) o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial” (CERTEAU, 1998, p. 178). Nas invenções de nossos cotidianos marcados pelos trânsitos, as apropriações se dão de diferentes formas, com destaque para as mídias. São crônicas nos jornais; músicas nas rádios e plataformas de *streaming*; fotografias e vídeos (instantaneamente) nas redes sociais virtuais; grafites nos muros; tatuagens na pele. Múltiplos meios, ampla visibilidade.

Conforme afirma Siqueira (2015), a expressão das emoções é um evento de comunicação. O que deixa ver outra cultura potente em nossa sociedade: a da mídia, segundo caracteriza Douglas Kellner (2001). Há uma onipresença dos meios de difusão de informações em nosso mundo, “(...) dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade” (KELLNER, 2001, p. 9).

Essa definição perpassa todo o trabalho e evidencia a ubiquidade da mídia e seu poder de fornecer modelos.

A cultura, em seu sentido mais amplo, é uma forma de atividade que implica alto grau de participação, na qual as pessoas criam sociedades e identidades. A cultura modela os indivíduos, evidenciando e cultivando suas potencialidades e capacidades de fala, ação e criatividade. A cultura da mídia participa igualmente desses processos, mas também é algo novo na aventura humana. (...) No entanto, o público pode resistir aos significados e mensagens dominantes, criar sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se da cultura de massa, usando a sua cultura como recurso para fortalecer-se e inventar significados, identidade e formas de vida próprios (KELLNER, 2001, p. 11).

As ideias de Kellner (2001) são vinculadas aos estudos culturais e (também por isso) discordam de rigidez nas compreensões. É exposta a abertura para que não consideremos os sujeitos como passivos em meio aos processos da cultura (da mídia). A partir dos repertórios pessoais, emergem apropriações e ressignificações diversas. Quando miramos as possibilidades advindas da internet, por exemplo, a imagem de um receptor inerte se torna ainda mais obsoleta. Contudo, a concepção da “cultura da mídia” marca a potência da presença e da penetração nas realidades, moldando visões de mundo.

Também vinculado aos estudos culturais, Hall (2016) elabora suas teorias em torno da representação. A mídia tem grande atenção do pesquisador justamente em razão dos efeitos sociais que provoca. O teórico jamaicano avalia os poderes das imagens e dos sistemas representacionais que acionam: “Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar *envolve* o uso da linguagem, dos signos e imagens que significam ou representam objetos” (HALL, 2016, p. 31).

Nos sentidos de nossas reflexões, projetamos o corpo como um território afetivo: por meio dos símbolos expostos — as tatuagens — emergem imagens e textos que formam um “palimpsesto⁷ emocional”, inscrevendo as representações das viagens e das cidades enquanto memórias “eternas”. Enquanto acontecimentos afetivos que vêm à tona nos corpos móveis. Esse é um argumento central aqui desenvolvido.

A partir das questões apresentadas, buscamos compreender as tatuagens como formas de comunicação, mormente na imbricação com a expressão de sentimentos. Se as representações compõem os contornos das identidades, tencionamos explorar

⁷ O significado elementar da palavra, encontrada nos dicionários, traz a seguinte definição para o termo: “Papiro ou pergaminho cujo texto primitivo foi raspado, para dar lugar a outro”. Em nossas análises, a metáfora será retomada, a partir dos entendimentos sobre a diversidade das cidades, e seguindo as reflexões propostas por Renato Cordeiro Gomes (2008).

as camadas de sentidos sobrepostas na apresentação da pele marcada com diferentes propósitos. Em outras palavras, projetamos investigar os arquivos de si criados com base nas modificações corporais.

Buscamos discutir os sentidos atribuídos às tatuagens e, a partir dos debates, evidenciá-las enquanto potências de enunciação e arquivos de experiências ligadas aos deslocamentos e aos afetos. A sustentação teórica está nos exames da cultura — da mobilidade, do corpo, da mídia, da representação e dos afetos.

2.2. Os caminhos metodológicos

Nesta seção, buscamos apresentar mais fundamentos teóricos que sustentam nossas reflexões e os trajetos percorridos em campo, de forma a alicerçar as análises expostas nas subdivisões seguintes. Como já estabelecido, o trabalho tem viés qualitativo e o curso das ações é amparado por esses pressupostos. Realizamos uma análise interpretativa do conteúdo, a qual tem como base a teoria das representações de Stuart Hall (2016), em que tais sinais são tomados como resultado das interações entre as pessoas, das construções midiáticas, das normas e regras em geral.

Ainda importa marcar que o trabalho de investigação é do campo da comunicação e tem seus sentidos como aspecto essencial para sua concretização. Muito do que foi desenvolvido tornou-se possível em razão dos diferentes tipos de conexões por nós estabelecidas. Poderíamos condensar a ideia com uma noção de “rede”. Como apresentamos na introdução, os sujeitos projetados como interlocutores eram figuras com quem tínhamos relações ou estabelecido algum tipo de contato (e que chamavam atenção com relação a determinado aspecto do projeto), porém ainda não havia sido delimitado um quantitativo de pessoas com quem estabelecer diálogos. Aí que se inicia o valor da comunicação e das ferramentas de que dispomos atualmente, no universo a ela relacionado.

Desde o início, mapeamos possíveis informantes (ainda poucos) e, a partir desse levantamento inicial, seguimos para a tentativa de ampliação. Como primeira medida, em setembro de 2017, desenvolvemos um formulário no *Google Forms*⁸, contemplando questões acerca das tatuagens e dados pessoais, de modo que fosse

⁸ Ferramenta disponibilizada pelo Google para a criação de diferentes tipos de formulários. Os modelos são editáveis e as informações preenchidas pelos respondentes ficam armazenadas na conta do criador do documento, através de seu cadastro de *e-mail* (Gmail). Além das respostas em formato de textos, também é possível registrar arquivos, como de imagens.

possível fazer contato posteriormente⁹. O objetivo central era “conhecer” mais pessoas que pudessem ser ouvidas. Então, o documento foi compartilhado por meio de *e-mails* e das redes sociais (Facebook, especialmente), contando com o apoio de amigos, colegas pesquisadores e de desconhecidos, que viam as publicações, se interessavam em ajudar e partilhavam o conteúdo entre seus pares.

O número de respondentes foi significativo: 83 pessoas dividiram informações, predispostas a colaborar com a pesquisa. No entanto, nem todos se enquadravam nos desígnios temáticos do trabalho e, com outros, não haveria chance de registrar os diálogos, por conta de suas localizações e as limitações para esses deslocamentos. Alguns foram contatados, mas não deram retorno. Outros responderam, ainda que dizendo estarem impossibilitados de participar. Dessa lista, acabamos conversando com apenas duas pessoas. Os descartes, mesmo que indesejados, acabaram ocorrendo por conta dos fatores já descritos e, além deles, por limitações próprias da pesquisa. Não seria possível lidar com tantas informações, sobretudo em razão do tempo demandado.

De todo modo, alguns aspectos dessa experiência de participação *on-line* valem menção. Em primeiro lugar, a disponibilidade das pessoas em colaborar e em apresentarem suas histórias. Alguns foram além do que as caixas de pergunta solicitavam e expuseram narrativas ligadas às suas tatuagens — falaram acerca de vivências de intercâmbio e migração; realização de sonhos, ao conhecer destinos ou viajar só; e relacionamentos amorosos, por exemplo.

Especificamente com relação às migrações, é interessante notar como, muitas vezes, a origem também é referenciada — as duas coordenadas são marcadas. Como outros pontos frequentes, estão palavras e símbolos alusivos às viagens (bússola, mala, meios de transporte, “*freedom*”, “*wanderlust*”)¹⁰ e outros elementos que se conectam diretamente às localidades sobre as quais fazem referência (palavras no idioma do local, edifícios e elementos icônicos, acessórios, atrativos naturais e outros).

⁹ O formulário trazia breve apresentação da pesquisa, com seus objetivos e dados fundamentais — identificação do pesquisador, suas orientadoras e o contato para confirmações ou dúvidas. As questões contempladas foram: nome completo; idade; profissão; breve descrição da tatuagem (o que está representado?); período e local em que a tatuagem foi feita; local de residência atual; e contatos (*e-mail* e telefones, se possível). Ainda havia campo para que o respondente pudesse anexar imagens de suas tatuagens, se quisesse.

¹⁰ A caracterização da viagem como possibilidade de conhecer o novo, aventurar-se, conquistar a liberdade e realizar um sonho é expressiva entre os respondentes que participaram da pesquisa, nessa etapa.

Contudo, os primeiros passos em campo se deram por outras razões. Colegas da turma de doutorado da PUC-Rio me enviaram a relação de trabalhos a serem apresentados no 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom (2018), na qual destacavam um artigo com o projeto *Rio, eu tatuo* em seu título, inserido na programação do Grupo de Pesquisa Comunicação e Culturas Urbanas. A partir dessa informação, segui em busca de descobrir mais sobre o assunto.

Nas investigações, cheguei até a idealizadora do projeto, a fotógrafa Julia Assis. Nascida e residente no Rio de Janeiro, Julia ainda havia sido aluna da graduação em Comunicação Social - Cinema da PUC-Rio, o que poderia facilitar nosso contato. Localizamos alguns dos conteúdos veiculados na mídia sobre as ações do projeto e os perfis de Julia em sites e redes sociais. A primeira mensagem foi enviada por *e-mail*, mas, sem resposta, partimos para a tentativa por meio do Facebook. Em retorno, Julia agradeceu e se colocou à disposição para participar da pesquisa. No entanto, alertou que em breve se mudaria para Londres, na Inglaterra, e que, por isso, precisaríamos articular a conversa de forma rápida.

A partir do percurso narrado, torna-se importante refletir sobre a forma como as interlocutoras e interlocutores com quem dialogamos até aqui “surgiram”. Usamos a concepção de rede para sintetizar as ligações originadas e exploradas. Com as informações prévias e os demais dados coletados, começamos a ampliar as teias a fim de estabelecer conexões. Conforme seguiremos expondo, ainda podemos fazer menção à ferramenta denominada “bola de neve”, pois as indicações de diferentes informantes também foram importantes para que o arranjo se expandisse.

De acordo com Vinuto (2014), a “bola de neve” utiliza cadeias de referência. Sua dinâmica, em linhas gerais, pode ser assim caracterizada:

Para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como *sementes*, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa (...). Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do entrevistador. Eventualmente o quadro de amostragem torna-se saturado, ou seja, não há novos nomes oferecidos ou os nomes encontrados não trazem informações novas ao quadro de análise (VINUTO, 2014, p. 203).

Desse modo, a ferramenta se assemelha ao cenário por nós descrito. Elementos primeiros foram articulados e, no percurso, outros apontamentos proporcionaram acesso a novos interlocutores. Como apresentamos, a primeira

pessoa com quem conversamos formalmente foi mapeada em razão de conexões anteriores, as quais, cientes do tema de nossas investigações, trouxeram uma informação. Talvez não possamos adotar o conceito de “sementes” para tratar essas vinculações, mas elas criaram um caminho semelhante ao que compõe a ferramenta da “bola de neve”, e isso se repete em outros momentos.

A dinâmica com os respondentes do formulário *on-line* deu-se de maneira semelhante, a partir dos compartilhamentos nas redes sociais virtuais. Então, se era rotineiro que as pessoas com quem conversávamos mencionassem alguém que também poderia colaborar com a pesquisa, tornou-se praxe a abordagem com todos os entrevistados e demais envolvidos¹¹.

Ainda outros recursos foram acionados para a localização de interlocutores. O primeiro deles foi a exploração no próprio espaço de realização das primeiras entrevistas: a universidade. Às vésperas de uma segunda data de entrevistas agendadas, dois interlocutores disseram que não poderiam mais comparecer. Com o dia todo reservado para isso, estando no Rio e contando com o suporte do estúdio de TV, não quis desperdiçar a oportunidade. Foi então que resolvi circular pelos corredores da PUC-Rio, observando as pessoas. Entre os jovens, é comum que as modificações corporais sejam vistas com menos espanto e que os corpos fiquem mais à mostra, especialmente em uma cidade de clima quente, como é a capital fluminense. Até mesmo se pensamos no estereótipo de “rebeldia” associado a essa faixa etária, as modificações corporais soam mais comuns. Uni esses pontos e, incentivado pelos estagiários que me acompanhavam naquele dia, parti para a busca de novos informantes.

Na incursão, inspirado pela sociologia do cotidiano de Pais (1993), encontrei informantes e interlocutores interessantes. A direção com base nos pressupostos do cientista social português pauta-se no entendimento de que a rotina carrega uma “efervescência invisível” que permite enxergar os fenômenos sociais. Trata-se de uma perspectiva metodológica que se articula por meio da capacidade criadora do cientista. Algo pertinente, dada a situação relatada. Nesse dia, conseguimos realizar três entrevistas — duas delas com pessoas que têm símbolos emblemáticos do Rio de Janeiro marcados em seus corpos e outra com um rapaz que tem uma rosa dos

¹¹ Nesses envolvidos, incluímos os estagiários do Centro Técnico Audiovisual (CTAv) da PUC-Rio, os quais acompanharam algumas das entrevistas, dando suporte técnico, e acabaram se envolvendo com a proposta do projeto de pesquisa, com a indicação de uma informante.

ventos em seu braço esquerdo, não para marcar alguma viagem feita, mas como lembrete do seu sonho de viajar pelo Brasil e pelo mundo.

Além das entrevistas realizadas, estabeleci vínculo com outras pessoas, com quem obtive acesso a novos interlocutores, e deixei marcada mais uma entrevista, com um rapaz que não poderia dedicar o tempo necessário à nossa conversa na oportunidade daquele nosso encontro. Ao final, a deambulação (PAIS, 1993) pela universidade rendeu oito interlocutores.

A conveniência das buscas e de seus achados pode ser questionada. Todavia, entendemos que a perspectiva qualitativa e exploratória de nossa pesquisa a recebe bem. No curso das investigações, o intuito é encontrar sujeitos que deem voz aos fenômenos que desejamos observar. Parece sintomático, então, que em um “vadiar sociológico” e com uma “lógica de descoberta” (PAIS, 1993) tenhamos encontrado essas pessoas e que elas estivessem dispostas a falar, de maneira “fácil”. Em nossa leitura, esses encontros demonstram a efervescência dos assuntos postos à reflexão.

A amostra tem validade por sua conformidade temática e representatividade. Não possui expressão estatística, mas nem mesmo é esse o interesse da investigação de cunho qualitativo, com viés indutivo. Uma vez mais inspirados por Pais (2016), quando fala sobre o uso e as potencialidades do método biográfico, entendemos que “são os indivíduos, através de seus relatos, que nos permitem a reconstrução dos conteúdos da vida, ao considerarem-na no presente, revisitando-a, filtrando-a por diversas categorias, desenvolvendo uma lógica narrativa” (PAIS, 2016, p. 85). O que buscamos é revelar as capacidades de sentido atreladas aos universos observados. Outra vez acompanhando o pesquisador: “(...) um caso não pode representar o mundo, embora possa representar um mundo no qual muitos casos semelhantes acabam por se reflectir” (PAIS, 2016, p. 87).

Seguindo a caracterização da busca pelos interlocutores, ainda podemos falar acerca das pesquisas nas redes sociais. Por meio da *hashtag*¹² #rioeutatuo (título do projeto mencionado, criado pela fotógrafa Julia Assis), no Instagram, localizamos outras pessoas com tatuagens ligadas ao Rio de Janeiro e, após algumas tentativas, conseguimos mais uma entrevistada. Além desta, identificamos uma outra mulher tatuada, dessa vez fazendo homenagem a Juiz de Fora - MG. Sua história ganhou repercussão na cidade e a primeira informação surgiu, também no Instagram, por

¹² No Brasil, o símbolo que caracteriza a *hashtag* é chamado de “jogo da velha” ou “sustenido”. Na internet, o símbolo é utilizado para marcar assuntos e permite localizá-los, em cliques ou buscas.

conta de uma publicação do perfil do Museu Mariano Procópio, um dos monumentos representados na tatuagem da interlocutora. Logo fiz contato por meio da rede social e, com um retorno positivo, obtivemos mais uma participante.

Como a pesquisa acaba sendo parte significativa de nossas vidas, é comum que o assunto investigado desperte interesse e deixe as pessoas próximas envolvidas de alguma forma. Isso explica a origem de outras três interlocutoras — duas amigas e a irmã de uma amiga. Com uma delas, inclusive, compartilhei as experiências de intercâmbio em Budapeste e de tatuar a palavra *Egészségedre*. Em sua entrevista, minha participação fica mais evidente, pois falamos em memórias comuns.

Encerrando a apresentação da origem dos quinze interlocutores com quem conversamos, temos que os outros dois são indicações associadas à técnica da “bola de neve”. Julia, nossa primeira entrevistada, tornou-se “semente” e indicou pessoas que participaram de seu projeto, com quem tinha mais contato. Uma delas indicou possíveis partícipes e assim, ao final, logramos mais dois contatos.

Como tentamos explicitar, a amostra é diversificada e tem forte relação com os sentidos da comunicação e com essa ideia de rede, a qual tentamos desenhar. Nasceu uma teia de pessoas com histórias ligadas aos nossos interesses e, a partir daí, o desafio central tornou-se, seguindo as noções de Gilberto Velho (1978), transformar o que poderia ser “familiar” em “exótico”.

Esse percurso em campo promoveu exercícios desafiadores. A data marcada com a primeira informante demandou que outras questões fossem melhor estruturadas. Como seriam arquitetadas as entrevistas? Não só no que concerne às abordagens e aos questionamentos a serem feitos, mas também em como se dariam os registros, já que desde a estruturação do projeto havia intenção de gravar os diálogos em formato audiovisual, por conta da centralidade da exposição dos corpos, dos gestos, das roupas e acessórios, e das tatuagens, decerto.

A primeira entrevista foi realizada em outubro de 2018. A interlocutora foi mesmo Julia Assis, idealizadora do projeto *Rio, eu tatuo* e autora de um livro de fotografias com o mesmo título, publicado em 2016. O encontro aconteceu no estúdio de TV do Departamento de Comunicação da PUC-Rio, com o suporte dos estagiários do Centro Técnico Audiovisual (CTAv). Estruturamos o roteiro com temas centrais a serem abarcados (Apêndice A), e um termo de consentimento livre

e esclarecido (Apêndice B)¹³, o qual foi apresentado para a informante antes do início de nossa conversa. Essa experiência inaugural foi importante e muito ensinou para que déssemos sequência aos passos dessa trajetória de arranjo e composição das melhores maneiras para conseguir articular as informações desejadas.

Como é explicitado no termo de consentimento, todos os participantes foram informados a respeito da liberdade para não responderem a qualquer questão, sobre os fins acadêmico-científicos do trabalho e quanto ao acesso ao material registrado, se desejado. Ademais, é expresso o direito definitivo de difusão do conteúdo, seja sob a forma de texto, imagem e/ou voz. Em todos os diálogos, não houve qualquer objeção por parte dos informantes, os quais se mostraram à vontade nas interações. Creditamos isso, também, ao fato de não lidarmos com pessoas vulneráveis, como crianças ou menores de idade, e com temas de maiores tensões.

Conforme Ferreira (2014), as entrevistas são frequentemente acionadas como técnica principal nas pesquisas de cunho qualitativo. No entanto, como também defende o pesquisador, são necessários cuidados, mormente quando ponderamos um outro olhar, compreensivo. O autor trata a desconstrução de aspectos da tradição estrutural-funcionalista, a qual por muito tempo definiu o uso das entrevistas nas pesquisas em ciências sociais.

Havia uma ligação imediata do instrumento com as pesquisas quantitativas. As entrevistas, comumente estruturadas de maneira enrijecida, eram vistas como alternativa para conseguir ilustrar informações numéricas muito “duras”, obtidas por meio dos questionários — estes, tidos como a ferramenta com melhor capacidade para recolha de dados “objetivos”. Contudo, no decorrer dos anos 1960, surgem abordagens mais compreensivas, as quais levam em consideração outras formas de obtenção, registro e tratamento dos materiais qualitativos. Nesse percurso, com maior relevância, as entrevistas ganham mais legitimidade — não sem discussões teóricas, é certo — e, mais recentemente, para além das entrevistas semiestruturadas, formas mais criativas vêm sendo usadas (FERREIRA, 2014).

¹³ As primeiras referências acionadas para estruturar o termo de consentimento livre e esclarecido e o roteiro para entrevistas foram alguns dos trabalhos de Vitor Sérgio Ferreira, sobretudo sua tese de doutoramento, na qual há um guia de perguntas aplicadas a seus interlocutores. Cf.: FERREIRA, Vitor Sérgio. **Marcas que demarcam: corpo, tatuagem e body piercing em contextos juvenis**. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa: ISCTE, 2006.

A entrevista compreensiva trata-se de uma técnica qualitativa de recolha de dados que articula formas tradicionais de entrevista semidiretiva com técnicas de entrevista de natureza mais etnográfica, na tentativa de evitar quer o dirigismo do modelo de questionário aberto, quer o *laisser-faire* da entrevista não diretiva. Foi proposta contra a tradição de um certo empiricismo abstrato associado à produção extensiva e supostamente impessoal de dados, sobretudo quantitativos, mas também no sentido de superar um certo *formalismo metodológico* característico da herança estrutural-funcionalista na pesquisa qualitativa, seguidora de uma lógica dirigista de recolha de dados estandardizada (FERREIRA, 2014, p. 981).

Como abaliza a citação do sociólogo português, há uma aproximação dessa técnica com os métodos da etnografia. Assim, por trabalharmos com perspectivas antropológicas, ela se mostra cara e pertinente aos nossos interesses. A intenção fundamental é estabelecer contato com os interlocutores por meio de um olhar sensível e atento, ou menos enrijecido pelos formalismos da pesquisa — sem, no entanto, deixá-los de lado. Roberto Cardoso de Oliveira (2000) defende que não somente os antropólogos, como investigadores de outras disciplinas sociais, podem empregar as especificidades do trabalho antropológico, especialmente se articulam a pesquisa empírica com a interpretação de dados.

Essa estratégia compreensiva também está associada à tríade de atos cognitivos, “olhar, ouvir e escrever”, definida por Cardoso de Oliveira (2000) como uma unidade irreduzível, por conta de sua interação, às responsabilidades do pesquisador em seus ofícios. Por isso Ferreira (2014) enfatiza as considerações do autor ao falar em “um ouvir todo especial” quando se coloca frente a um interlocutor. Há um valor particular com o “entre-vistar”. Nas perspectivas dos investigadores, uma chance à ampliação das visões.

Há de se considerar, ainda, o desafio atrelado a este saber-fazer da entrevista compreensiva, justamente por seu caráter mais pessoal, decorrente do envolvimento do pesquisador. E Ferreira (2014) vai além, afirmando que a lógica da entrevista do tipo compreensiva está mais atrelada à produção de novas proposições teóricas, em associação com a coleta de dados e a formulação de hipóteses. Sua orientação não é a busca por demonstrar ou ilustrar teorias previamente elaboradas.

Pode dizer-se que a entrevista compreensiva é o culminar técnico e epistemológico do processo de *criativização* a que a concepção do uso das entrevistas tem sido recentemente sujeito. A entrevista já não é necessariamente concebida como uma técnica neutra, estandardizada e impessoal de recolha de informação, mas como resultado de uma composição (social e discursiva) a duas (por vezes mais) vozes, em diálogo recíproco a partir das posições que ambos os interlocutores ocupam na situação específica de entrevista (de interrogador e de respondente), dando lugar a

um campo de possibilidade de improvisação substancialmente alargado quer nas questões levantadas, quer nas respostas dadas (FERREIRA, 2014, p. 982).

Dessa forma, é desejada a criação de vínculos com o interlocutor, sobretudo para que possa haver uma relação de confiança. Ainda que a temática tratada não envolva questões traumáticas ou tabus (ao menos de início), é importante que o respondente se sinta à vontade para estabelecer trocas. Novamente, a intenção é construir um diálogo e não um contato engessado e unilateral. Ao pesquisador, é requerida a capacidade de se colocar, de alguma maneira, na perspectiva de seu informante; participar.

Como apontei na Introdução da pesquisa, uma das principais motivações para realizar essa investigação vem do fato de eu mesmo ter feito uma tatuagem após uma viagem de intercâmbio. Com isso, posso dizer que há certa facilidade em participar de alguns dos aspectos expostos pelos interlocutores e em exercer a empatia. Contudo, esse contexto demanda precaução para que os objetos da pesquisa e os informantes não sejam, de alguma maneira, “romantizados”.

Ruth Cardoso (1986) tem ponderações críticas importantes a respeito do que estamos descortinando. A antropóloga defende o cuidado com possíveis armadilhas dos métodos, notadamente em referência à observação participante. Como examina, em muitos casos, dá-se uma inversão da norma, com uma “participação observante”. Em verdade, Cardoso discute os limites entre a presença do pesquisador em seu campo (muitas vezes definida como sua subjetividade) e o que é tido como oposto por alguns: a noção de objetividade/neutralidade. Para ela, não se trata de voltarmos aos manuais tradicionais, os quais determinam que as subjetividades sejam abolidas e os discursos sejam analisados como exteriores aos atores que os produzem, mas sim de ter cuidado. Em suas palavras: “(...) o resgate da subjetividade como instrumento de trabalho não deve ser justificativa para a indefinição de limites entre ciência e ideologia e, portanto, não devem servir de desculpa para repor a velha oposição entre verdade e mistificação” (CARDOSO, 1986, p. 103).

As cautelas ratificadas dialogam de modo próximo com as construções de Ferreira (2014), com as quais vimos trabalhando. Cardoso (1986) também aborda a desvalorização das técnicas e métodos qualitativos quando contrastados com as bases da pesquisa quantitativa e é justamente por esse prisma que busca elucidar alicerces sólidos para a construção de conhecimento na esfera social. Em associação

com a técnica da entrevista compreensiva, a qual estamos delimitando, podemos levantar as seguintes indicações da autora: “A coleta de material não é apenas um momento de acumulação de informações, mas se combina com a reformulação de hipóteses, com a descoberta de pistas novas que são elaboradas em novas entrevistas” (CARDOSO, 1986, p. 101). De mesmo modo, defende a entrevista como “(...) uma forma de comunicação entre duas *pessoas* que estão procurando entendimento” (CARDOSO, 1986, p. 102, grifo da autora).

Sendo assim, trata-se de articular o “*anthropological blues*” do qual fala Da Matta (1978) e ter consciência sobre como afetamos e somos afetados em campo — já que nos trajetos da pesquisa, existem “(...) aspectos *extraordinários*, sempre prontos a emergir em todo o relacionamento humano” (DA MATTA, 1978, p. 28, grifo do autor). Assim, nos exercícios de participação, é preciso estar atento e aberto para aquilo que surge e não havia sido previsto. Faz-se necessário não abandonar o estranhamento, essa forma de compreender o outro, como afirma Cardoso (1986).

Em aproximação a isso e retomando as caracterizações de Ferreira, sobretudo com relação à “criativização” e aos processos de composição social e discursiva que compõem as entrevistas compreensivas, vale enfatizar que não estamos tratando de uma sensibilidade impensada e espontânea. Em verdade, seus processos envolvem o que o teórico trata como “(...) uma forma de improvisação preparada, informada e controlada” (FERREIRA, 2014, p. 982). Certamente, no decorrer dos caminhos, o pesquisador passa a absorver aprendizados e a apurar suas “manhas”. É como enxergamos o trajeto até aqui, após as quinze entrevistas realizadas.

A primeira delas, como apresentamos, foi um grande desafio. Era o momento de testar o que havia sido pensado, não só falando da estrutura arquitetada, mas também das minhas capacidades na incursão inaugural em campo. Ainda que já tivesse realizado entrevistas em outros projetos, aquela era a primeira vez que trataria sobre os assuntos de nosso estudo, que me nortearia pelo roteiro elaborado, que utilizaria o estúdio de TV da PUC-Rio para gravação da entrevista (com o suporte dos estagiários) etc. Muitas — e novas — variáveis.

O roteiro elaborado (apresentado, na íntegra, no Apêndice A) traz nove tópicos de atenção e cada um deles abarca questões diretamente relacionadas aos temas. Os questionamentos estão assim organizados: caracterização do interlocutor; caracterização das modificações corporais; tatuagens de viagens/tatuagens de cidades (de acordo com o perfil do entrevistado); identidade pessoal e estilo de vida;

efeitos sociais do corpo tatuado; comunicação, memória e emoções do corpo tatuado; memórias e afetos; questões específicas para o interlocutor e encerramento.

No movimento inicial, havia preocupação em abranger um amplo universo de reflexões, não só por receio de que os entrevistados não se abrissem, mas até mesmo por conta do referencial teórico ainda não definido completamente. Assim, perguntas muito específicas estão listadas. No entanto, as experiências de realização das entrevistas tornaram o processo de condução mais fluido e alguns tópicos não foram abordados, por não fazerem sentido nos rumos das conversas. E, por fim, nas análises que apresentamos, há pontos que não vêm à tona, dada a grande quantidade de informações obtidas.

A interação com o entrevistado orienta e, por vezes, modifica os caminhos previamente arquitetados. Ainda de acordo com Ferreira, é importante pensar no participante da pesquisa verdadeiramente como um interlocutor. Isso quer dizer que ele será ativamente ouvido e envolvido em uma “(...) relação de diálogo permanente e mutuamente significativo” (FERREIRA, 2014, p. 986). É preciso incluir o sujeito para que ele, de fato, se abra à participação no processo investigativo. Novamente, a intenção da entrevista compreensiva não é meramente recolher dados, de modo distanciado, mas sim construir uma troca entre os envolvidos. Certamente, enquanto algumas pessoas são mais retraídas ou tímidas, outras são mais desinibidas e comunicativas. O curso dos contatos ensina continuamente a apurar a escuta.

As pesquisas de Vitor Ferreira também influenciaram a estruturação do guia de entrevistas. Em especial, nessa pauta, destacamos sua tese de doutoramento, com o título “Marcas que demarcam: corpo, tatuagem e *body piercing* em contextos juvenis”, defendida em 2006, no Instituto Universitário de Lisboa. Há significativa afinidade temática e identificação quanto às abordagens metodológicas — em alusão às preocupações das entrevistas compreensivas, de modo especial. Realizamos as adaptações pertinentes, mas seu “guião de entrevista a praticantes de tatuagem e *body piercing*” (FERREIRA, 2006) foi uma importante inspiração.

Desse modo, comungamos de afinidades temáticas e das mesmas inclinações metodológicas, com abordagem qualitativa e de cunho exploratório. Ferreira (2006) versa sobre o contexto das modificações corporais e a juventude portuguesa à luz da sociologia da cultura e da comunicação. Enquanto isso, nos detemos a falar sobre brasileiros tatuados, sobretudo situados no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, com um recorte temático específico: pessoas que possuem tatuagens que representam

cidades e viagens. O arcabouço teórico lançado na construção dessas análises está pautado principalmente nos estudos culturais, na antropologia do corpo e das emoções, e nas reflexões sobre cultura e comunicação.

A concentração dos debates nesse tema dá-se não só por conta das minhas experiências, da minha formação acadêmica e minha trajetória como pesquisador, conforme foi descrito na apresentação do trabalho, mas igualmente por mirarmos importância na observação dos sentidos das cidades e nas reflexões sobre os fenômenos das viagens, repletos de complexidades. Nos debates acerca dos paradigmas das novas mobilidades, falamos sobre como o nosso tempo se caracteriza pela ampliação da circulação de informações e pessoas. Os sujeitos vivenciam constantemente o movimento, tanto físico quanto simbólico. E se esse contexto tem capacidade de afetar, buscamos refletir sobre os efeitos sociais, sobretudo no corpo e nas emoções.

Com a explanação de nossas bases reflexivas e as questões pulsantes que delas decorrem, além da exposição sobre nossas escolhas metodológicas ou nosso “artesanato intelectual” — em alusão aos debates de Mills (2009) em torno da presença do pesquisador nos exames que elabora — passamos às análises primeiras. Elas são decorrentes do material colhido em campo, nas entrevistas realizadas com os quinze interlocutores.

A respeito de nossas seleções, sustentamos a composição de um *corpus* tópico, caracterizado por ter finalidade de pesquisa estritamente definida, segundo as conceituações de Bauer e Aarts (2002). Os autores abordam a necessidade de cuidarmos de sua *relevância*, *homogeneidade* e *sincronicidade*. Respeitamos esses atributos, vez que os interlocutores se ligam diretamente ao tema da pesquisa, foram ouvidos dentro de um período de oito meses (entre outubro de 2018 e maio de 2019), e todos os contatos foram registrados em audiovisual. Assim, temos um material analítico uniforme: são entrevistas individuais, em vídeo, posteriormente transcritas. Ademais, dadas as limitações para coleta e análises das informações, levando em conta o tempo disponível para o projeto e a qualidade dos exames, definimos uma *saturação* para que pudéssemos dar sequência aos procedimentos.

Na amostra, temos seis homens e nove mulheres, com faixa de idade entre 19 e 39 anos (a média é de 27 anos, se somados todos os participantes). Sete têm registros ligados às cidades e sete às viagens, enquanto uma das interlocutoras tem

uma tatuagem que mescla ambos os temas — tatuou um *skyline*¹⁴ com elementos de Petrópolis (onde nasceu), Rio de Janeiro (onde mora) e Santiago, no Chile (onde fez uma viagem de intercâmbio). Todas as entrevistas foram gravadas em formato audiovisual, no Rio de Janeiro - RJ e em Juiz de Fora - MG, devido à minha possibilidade de acesso às pessoas, pois são os municípios em que moro (Juiz de Fora) e estudo (Rio de Janeiro).

Com relação ao painel das representações que exibem, a maioria dos participantes com tatuagens relacionadas às cidades tem marcados locais turísticos e emblemáticos da capital fluminense. Cristo Redentor, Pedra da Gávea, Morro Dois Irmãos e Arcos da Lapa são exemplos. Uma das interlocutoras tem desenhos conectados a Juiz de Fora e uma outra traz, além do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, capital de Minas Gerais e sua cidade natal. Sem falar do caso ligado aos dois temas, com a mescla de Santiago, Rio de Janeiro e Petrópolis.

Já em alusão às viagens, as ilustrações são diversificadas, ora diretamente ligadas ao destino a que fazem referência, ora mais gerais, ligadas ao grande mote dos deslocamentos. Assim, temos desde figuras mais comumente associadas, como âncora e rosa dos ventos, até elementos da gastronomia da localidade e traduções de nomes para a língua falada no destino. Três dos participantes têm mais de uma tatuagem sobre viagens. Um deles fez os registros em um mesmo roteiro por países da Europa. A ideia era fazer uma tatuagem em cada cidade pela qual passasse, mas acabou sendo possível realizar somente três.

As falas sobre as tatuagens são diversificadas. Levamos em consideração, no olhar distanciado que lançamos sobre elas, o que é tratado por Ferreira (2014) a respeito dessa “situação social de exceção”. Exceção porque as entrevistas diferem de outras interações verbais do cotidiano. Embora também ocorram trocas, há uma estruturação mais rígida e assimétrica — “(...) uma troca social desigual, em que a iniciativa e controle da situação é, em grande medida, da responsabilidade do pesquisador” (FERREIRA, 2014, p. 983).

O encontro é formalizado, pretendido e solicitado pelo pesquisador. Algo que dá clareza para a situação de excepcionalidade, a qual suscita expectativas acerca de como se desenvolverá o processo. Isso fica marcado quando os interlocutores dizem não saber o que esperar, estarem tensos ou ansiosos e não saberem o que

¹⁴ A tradução do termo seria “linha do horizonte”. Assim, as tatuagens de *skylines* urbanos trazem elementos da(s) cidade(s) representada(s) postos lado a lado, em uma linha horizontal.

falar. Daí, há uma reafirmação da desigualdade entre os envolvidos, pois do outro lado está o pesquisador, com domínio do tema sobre o qual falarão e com um encaminhamento para a realização das perguntas. De alguma maneira, o outro sujeito está vulnerável.

Nomeadamente quanto às técnicas da entrevista compreensiva, o sociólogo português ajuíza:

O afrouxamento desse modelo pode transfigurar a entrevista em conversa, reduzindo a assimetria própria dos estatutos de participação na entrevista, mas nunca reformulando os termos da relação entre os participantes. Mesmo quando o entrevistador é levado a abandonar o seu guião ou a improvisar a sequência da entrevista em função das respostas que vai recebendo, a *assimetria* da relação original continua a ser conservada através da manutenção da sequência pergunta-resposta (FERREIRA, 2014, p. 983).

Em alguns dos casos vivenciados, os participantes chegavam dizendo não saber o que falar e, ao final da entrevista, se diziam surpresos por terem exposto tanto — Como disse C. M. (30 anos): “Acho que eu falei até demais, falei além da conta. Até da tatuagem que eu não fiz eu contei, né?” [*risos*]. Como, na maioria dos casos, nós não nos conhecíamos, foi preciso tentar estabelecer elos, justamente para que as pessoas se dispusessem a contar suas histórias. A ideia era, de fato, tentar se aproximar de uma conversa. Como a citação trazida acima fala em um domínio da situação por parte do pesquisador, é preciso revelar que também existem expectativas quanto a nossa própria performance. Há preocupação de que as perguntas sejam bem-feitas, de modo a gerar uma interação positiva e, em consequência, respostas “boas”.

Ferreira (2014) ainda define que os dados obtidos por meio das entrevistas não podem ser reconhecidos como “informativos”, mas sim enquanto “narrativos”. Entende a existência de “fatores perturbadores”, os quais interferem na neutralidade do que é dito. Considera que deva ser levado em conta: (1) os “efeitos de expectativa”, oriundos do que esperam os entrevistados e das motivações que os levam a falar com um desconhecido, cedendo tempo e opiniões; (2) os “efeitos de inquirição”, decorrentes da forma como a entrevista é conduzida; e (3) os “efeitos de interação”, consequentes dos sinais sociais que externam entrevistado e entrevistador (FERREIRA, 2014, p. 984). Em suma, não há objetividade, pois transcorrem outros sentidos nessa oportunidade de contato.

O informante não se limita a dar informações sobre si próprio, mas implica-se num trabalho de fabricação identitária ao tentar ensaiar perante o entrevistador posições de unidade e coerência biográfica ou, pelo contrário, tentando dar conta da sua incoerência e contradição. Os resultados das entrevistas são, portanto, dados discursivos que não refletem objetivamente uma realidade, mas que resultam de uma *com-posição* discursiva e intersubjetiva, muitas vezes improvisada por parte de ambos os intervenientes no decorrer da situação, configurando uma espécie de *situação experimental*, como lhe chama Kauffman (1996). De facto, o discurso narrativo que é (co)produzido no seu decorrer é, não raras vezes, um encadeamento de ações e interpretações que talvez nunca tivesse sido formulado pelo entrevistado antes deste ser interpelado (FERREIRA, 2014, p. 984).

No percurso dos diálogos, aquele que é ouvido, tem, muitas das vezes, a preocupação em ponderar o que será dito, e o faz porque sabe que, posteriormente, haverá algum julgamento ou análise do que disser. Há o acionamento das visões de mundo que carrega, contrastados com o que acredita que se espere dele — novamente, um “efeito de expectativa”. Reiteramos que a entrevista não é uma conjuntura de neutralidade e que muito importa a interação entre os envolvidos. O interessado (pesquisador) deve exercer sua presença de maneira ativa, estimulando reflexividade e narratividade (FERREIRA, 2014). Como lembrar envolve esquecer, é preciso fazer com que o entrevistado, de fato, busque interpretar as situações que está encarando, ou seja, que esteja realmente interessado em compor e coproduzir os dados narrativos.

Por essas razões, ao final das entrevistas perguntamos se havia algo que a pessoa esperava falar e que havia sido esquecido ou que não havia sido abordado. Com a provocação, muitos reagiam ponderando suas expectativas, evidenciando alguma surpresa ou mesmo contando como havia sido a preparação para o encontro.

Pra ser muito sincera, eu procurei não pensar em nada [*risos*] (...). “Ele quer que apareça o sentimento realmente sem reflexão”, vamos dizer assim, né, que seja natural. Então, a minha mãe até me perguntou assim: “A. L., você já pensou o que você vai responder?”. Eu falei: “Mãe, eu não sei nem o que ele vai perguntar, mas eu também não vou pensar”, porque eu queria que, na verdade, o meu processo servisse de espelho pra você da maneira mais clara, mais pura possível. Então eu nem pensei em nada. Falei assim: “Ele vai chegar lá, vai me perguntar e eu vou responder”, como foi o que aconteceu (A. L., 26 anos).

A fala de A. L. revela sua preocupação em participar da pesquisa da maneira mais espontânea possível. Diz ter procurado não criar expectativas e não pensar no que seria abordado na conversa. No entanto, o fato de trazer essas meditações (e o diálogo com a mãe), mostra que o momento foi aguardado, evidenciando como as entrevistas são situações sociais de exceção e escapam do vivido cotidianamente.

Ainda é comum que os interlocutores digam nunca ter pensado naquilo que lhes foi perguntado. Isso talvez seja positivo para nossos interesses, haja vista que suas formulações serão articuladas de pronto, improvisadas a partir daquele estímulo. Nesse sentido, Ferreira (2014) medita sobre as responsabilidades do pesquisador, porque entende que realismo e cuidado no acompanhamento dos retornos sejam até mais importantes que as preocupações com imparcialidade e impessoalidade. Desenvolve-se uma relação de confiança e, assim sendo, é preciso ter cautela com esse poder de arbítrio com relação às histórias contadas.

Com base na noção de “interação”, ainda colocamos em relevo a necessidade de criar pontes intersubjetivas entre os envolvidos. É preciso que possa haver contrastes de ideias. Como delimita Ferreira (2014), se a preocupação em fazer perguntas for apenas obter informações, não haverá confronto entre os universos de pesquisador e pesquisado, não será gerado o verdadeiro “encontro etnográfico”, do qual fala Cardoso de Oliveira (2000).

Versando sobre as artes e manhas da entrevista do tipo compreensiva, Ferreira (2014) defende que o pesquisador tenha uma postura epistemológica própria, que o conduza na busca de novos conhecimentos. O intuito é agir enquanto um “artesão intelectual”, a fim de obter comunicação. Não é interessante partir para a verificação de determinado modelo prefixado. A conduta deve ser orientada pela problematização dos temas estudados e requer dinamismo.

(...) implica um contínuo movimento de ir e vir por parte do pesquisador, criativo, interativo e recíproco, entre a escuta atenta do entrevistado que tem pela frente, a compreensão do seu esquema narrativo, categorial e valorativo, a produção de instrumentos conceituais adequados à interpretação e explicação da evidência específica e, por fim, a análise reflexiva sobre a sua própria intervenção, voluntária e/ou involuntária, ao longo de todo o seu processo de produção de conhecimento. Um trabalho sempre a duas (ou mais) vozes, polifonia em que a voz do pesquisador não deve esganiçar-se ao ponto de tornar inaudível as vozes que com ele cantam e que, em última análise, dão vida às suas composições conceituais (FERREIRA, 2014, p. 990-991).

Com isso, tornamos explícito o intuito de deixar os interlocutores falarem. Dar movimento acertado para o arranjo das trocas e conseguir construir divisões para as análises nas quais seja contemplada essa noção de composição. A partir do meu envolvimento com os interlocutores e das impressões registradas em caderno de campo, posso falar em uma abertura às ideias, por parte daqueles com quem

dialoguei, mas também na minha assimilação de uma narrativa construída. Logo, faz-se necessária a prudência no estabelecimento do olhar para esses dados.

Quanto aos processos de contato com os interlocutores e ao roteiro para a realização das entrevistas (Apêndice A), importa tratarmos sobre aprendizado e abertura. O ordenamento estruturado funcionou como guia para que os tópicos não fossem deixados de lado. Foi necessário ter sensibilidade para dar sequência ao diálogo e deixar vir à tona as elaborações provocadas por outras associações feitas pelos entrevistados. Por outro lado, pontos abarcados não fariam sentido para alguns deles e, então, foram deixados de lado. Decerto, um aprendizado em curso — ou uma aquisição de manhas, como trataria Ferreira (2014).

O tempo de duração das entrevistas pode ser expressivo, também. A mais breve tem pouco mais de sete minutos (7'29"), enquanto a maior tem quase quarenta e cinco (44'57"). A de mais longa duração foi a primeira delas. Isso talvez seja resultado da abordagem sobre dois assuntos, as experiências pessoais de Julia enquanto portadora de tatuagens do Rio de Janeiro, e relacionadas ao projeto *Rio, eu tatuo*. Todavia, certamente incorrem reflexos da minha iniciação nesse campo.

Último aspecto a ser explicitado nessa apresentação dos métodos e técnicas envolvidos nas entrevistas com os tatuados é o seu local de realização. Onze delas foram gravadas no estúdio de TV do Departamento de Comunicação da PUC-Rio, com o suporte dos estagiários do Centro Técnico Audiovisual (CTAv). Duas foram realizadas nas residências das entrevistadas, no Rio de Janeiro, com o suporte de uma amiga graduada em Cinema. Outra, no local de trabalho da interlocutora, em Juiz de Fora, e a última delas também em Juiz de Fora, na Universidade Federal de Juiz de Fora, instituição em que a participante estuda.

Essas duas últimas entrevistas foram gravadas com meu *smartphone*, sem apoio de outras pessoas. Nas oportunidades em que outros sujeitos deram suporte, a intenção era de que não interviessem, mas sabemos que somente as presenças já podem causar efeitos. De todo modo, isso não foi apontado como problema por nenhum dos interlocutores e todos pareciam confortáveis em suas colaborações. Em nenhuma das entrevistas houve interrupções ou questões não respondidas.

Com base no que foi exposto, ainda é importante ponderar e justificar o registro das entrevistas em vídeo. Certamente, o contexto e a presença da câmera promovem interferências. Nas entrevistas realizadas em estúdio, havia iluminação específica, inserção do microfone junto ao corpo e a presença de uma TV que

mostrava ao interlocutor o que estava sendo filmado. Todavia, entendemos que esse formato permite observar roupas, acessórios, expressões e gestos (algo registrado nas transcrições), além de possibilitar capturar diferentes ângulos dos corpos e das tatuagens. Muitas das figuras apresentadas nas análises do capítulo 4, por exemplo, são provenientes deste material de pesquisa. Novamente, embora a possibilidade de ruídos seja reconhecida, entendemos que os ganhos são significativos e a forma adotada é pertinente aos objetivos do trabalho. Ademais, como foi destacado ao longo da caracterização do trajeto em campo, não foram registrados impeditivos ou desconfortos por parte de nenhum dos entrevistados.

Os sentidos aqui caracterizados com os fundamentos teóricos e os percursos metodológicos ancoram a elaboração de nossos *conjuntos* e *categorias* de análise, especialmente desenvolvidos ao longo do capítulo 4. Projetamos três divisões, oriundas dos principais temas debatidos na tese: (I) *tatuagens e experiências*, com as categorias *procedimentos*, *dor* e *permanência*; (II) *tatuagens e afetos*, conjunto dividido em *trajetos*, *símbolos* e *emoções*; e (III) *tatuagens e comunicações*, com as categorias *mensagens*, *(auto)imagem* e *interações*.

Evidenciamos a elaboração desses conjuntos e categorias a partir dos temas contemplados em nossas revisões teóricas e no roteiro de entrevistas, além das inferências proporcionadas pelas narrativas dos informantes. Em cada um dos *conjuntos*, elaboramos uma nuvem de palavras a eles relacionadas. Isto feito, unimos aquelas com afinidades e elegemos os termos para abranger os exames a serem tratados na *categoria*.

3. Corpo, representações e potências de sentido

O objetivo central deste capítulo é abarcar concepções sobre o corpo ao longo dos tempos, privilegiando os conceitos relacionados ao universo da cultura. Assim, trazemos realces para noções da Idade Antiga, com os egípcios, e chegamos ao período contemporâneo, com o enfoque para as influências da mídia. Em um estudo que propõe observar os sentidos das tatuagens como registro de experiências de viagens e de afetos sobre as cidades, importa melhor compreender esse suporte primeiro. Desse modo, discorreremos a respeito das mentalidades de sociedades remotas e do tempo presente, em busca de levantar questões e bases de pensamento.

O corpo, nos diferentes tipos de exames a que é submetido, seja pela medicina, pelas ciências em geral ou pelo senso comum, é comumente visto por um viés biológico. Dessa forma, são privilegiadas visões que o tomam como algo naturalizado e sobre o qual não temos agência, senão a de tentativa de controle e/ou medicação. A partir de outras perspectivas, porém, emergem ponderações sobre o corpo como organismo vivo — para fazer analogia com essa ênfase ao natural — que carrega distintas potências, caso das artes, das ciências sociais, da comunicação, da filosofia, da psicologia e de outras áreas do conhecimento.

Nosso trabalho dialoga proximamente com esses interesses: buscamos compreender o corpo como meio de comunicação e, portanto, como revelador de sentidos e representações. Além disso, importa-nos examinar suas dinâmicas de transformação em diferentes direções, sobretudo em meio às influências da intensa cultura midiática na qual vivemos. Por fim, procuramos interpretar os contextos e contornos desse corpo portador de mensagens, mais especificamente através das modificações a que é submetido — com foco nas tatuagens.

Para a construção desses caminhos, falaremos sobre como os rumos e as mentalidades foram se transformando para que a perspectiva atual fosse elaborada. Dessa forma, na primeira subseção desse capítulo, versaremos sobre os contrastes entre o viés natural e o viés cultural para os sentidos do corpo. Ao mesmo tempo, abordaremos os entendimentos e as representações projetadas ao longo de períodos anteriores, desde o Egito Antigo, na Antiguidade, até o início do século XX. São observadas as mentalidades, práticas e representações, evocando os sentidos a elas atribuídos.

No segundo subcapítulo, seguiremos com os olhares voltados para as realidades e costumes dos séculos XX e XXI, na contemporaneidade. Falaremos sobre os rumos das representações e sensibilidades em torno do corpo, levando em conta os entendimentos da antropologia e da sociologia do corpo, além das implicações das (novas) mobilidades, sobretudo em relação às experiências que proporcionam. Sendo assim, serão observadas compreensões mais recentes, especialmente considerando as modificações corporais empreendidas, em seus diferentes formatos, como com a musculação, as cirurgias plásticas, os *piercings*, as tatuagens etc. Como será possível observar, predomina uma perspectiva do individualismo e do narcisismo, envolta por uma potente cultura da mídia.

Por último, trabalhamos os contornos da tatuagem, construindo um breve apanhado de sua história e trazendo à tona visões mais recentes. Com base nos intentos de nosso estudo, é basilar compreendermos as mudanças de perspectivas ao longo dos tempos. À prática social de tatuar-se podem ser associadas diferentes interpretações.

Santaella (2004, p. 24) aponta para “(...) explorar um território cuja geografia ainda não está reconhecida”. Pois pode parecer estranho fazer essa alusão pensando sobre o corpo. No entanto, embora seja pauta e objeto de nossas rotinas, de nossas vivências primeiras, há muitos sentidos ainda a serem observados, sobremaneira quando consideramos o complexo sistema cultural do qual somos parte e em seus diferentes efeitos sociais.

3.1. Os sentidos do corpo

Nas discussões teóricas sobre o corpo, durante longo período permanece uma centralidade em temáticas aliadas às ciências naturais. No entanto, como aborda Santaella (2004), até mesmo as áreas da biologia e da medicina — tidas como redutos primeiros de exames sobre o tema — passaram a trazer outras problematizações, seja por questões éticas, legais ou mesmo antropológicas. Isto posto, “(...) os conceitos sobre a experiência do corpo e sua relação com o mundo começam a extrapolar sua suposta dimensão exclusivamente natural até então mantida sob a tutela da fisiologia e da anatomia” (SANTAELLA, 2004, p. 27).

Destarte, é estruturado um espaço fecundo para que distintos olhares sejam lançados, considerando as relações com a política, a economia, a moral, os desejos

e outras forças de ressonância. Falamos sobre diferentes questões emergindo de um corpo que é importante — e assim o é, nas diferentes sociedades, desde os tempos mais remotos — para se pensar a cultura. Por essas razões, buscamos melhor compreendê-lo como potência para os debates em torno de questões presentes, de maneira especial no campo da comunicação.

Dessa maneira, essa noção, central para nossas reflexões, merece ampliação: o entendimento desse corpo num atravessar de suas particularidades biológicas, certamente ricas, para a reflexão quanto às suas complexas dimensões culturais. Conforme apresentam Rocha e Rodrigues (2012), sem as intervenções da cultura, o corpo rapidamente encontraria a morte. Ao nascermos, nos diferentes contextos, o choro é compreendido e há oferta de acolhimento e cuidados. Essa é uma boa comprovação da ideia dos autores. Há uma gênese biológica e também cultural.

Do mesmo modo, como caracterizam Kury, Hargreaves e Valença (2000), os paradigmas culturais nos diferenciam dos animais com quem coabitamos o mundo e essas configurações aparecem de formas distintas, variando de acordo com os tempos, os lugares e as crenças em questão.

Desde os tempos mais remotos da história e da pré-história, o ser humano faz de seu corpo um objeto cultural. Os homens e mulheres nunca estão inteiramente nus, como ocorre com os animais. Mesmo que os seios e os órgãos genitais não estejam cobertos, há sempre um adereço, uma pintura ou um penteado que demonstram o cuidado em se diferenciar da simples natureza (KURY; HARGREAVES; VALENÇA, 2000, p. 9).

Portanto, há uma forte relação entre o biológico/natural e o social/cultural. Seja em uma apreciação sobre sociedades tradicionais ou recentes, conseguimos enxergar as influências dos contatos — entre as pessoas, as instituições, as diferentes normas e códigos vigentes. A essência do natural ou uma pureza do corpo, se assim pudermos dizer, é sempre perpassada pelos efeitos da cultura.

Para ilustrar de outra forma, podemos tomar o desenvolvimento das relações com os mortos, na Idade Média. Rodrigues (1999) expõe como cadáveres não eram apenas cadáveres, vez que não havia separação entre espírito e matéria e entre corpo e alma. As torturas — que costumam dar fama a esse período nas diversas narrativas, como dos livros e filmes — envolviam atos, inclusive, para os mortos sobre quem teriam sido descobertos crimes sujeitos a tais punições. Não havia distinção, pois, para o pensamento da época, a morte não fazia com que o corpo perdesse aquilo que o animava.

Igualmente, “abrir” um corpo para realizar exames seria profaná-lo e isso era tido como inaceitável. Então, experiências com a anatomia envolveriam que se molestasse o espírito; e daí surge um entrave para o desenvolvimento de estudos na área da saúde, por exemplo, o que configura noutra mostra da forte presença da cultura, mesmo em um domínio da ciência, supostamente desassociado. Foi somente após os séculos XVI e XVII, já na Idade Moderna, que as dissecações oficiais se tornaram banalizadas, revelando as alterações nas intelectualidades no curso dos anos (RODRIGUES, 1999).

Com esse olhar cruzando outros tempos, vale ressaltar essa perspectiva, pois a moralidade cristã ainda rege fortemente a ciência ocidental nos dias atuais. São barreiras, na maioria das vezes invisíveis, porém condicionantes das mentalidades, especialmente no que concerne aos corpos. Se aplicarmos algumas questões nos dois polos, da fé e do conhecimento científico, por certo obteremos respostas diferentes, e isso se dá justamente por diferenças culturais.

Esses retratos deixam ver que estamos diante de uma série de práticas e que suas operações simbólicas constroem os cruzamentos dos quais procuramos tratar. Por isso, mesmo os estudos nas áreas biológicas não podem desconsiderar os efeitos da cultura, conforme apresenta Santaella (2004). Outro exemplo que poderia ser vastamente discutido na atualidade, nesse domínio, seria o da ética e seus limites em um contexto de largos incrementos nas possibilidades de intervenções corporais, sejam genéticas, cirúrgicas ou estéticas. O que ainda não é aceitável e o que caminha para tornar-se? Certamente, a cultura faz acelerar alguns desses entendimentos, mas também impõe freios e barreiras¹⁵. Marzano-Parisoli (2004), com quem dialogamos na elaboração desse trabalho, é uma das pesquisadoras que se debruça sobre esses debates, especialmente à luz da filosofia.

A partir de uma perspectiva histórica, podemos colocar em relevo outras ponderações de Rodrigues (1999), as quais dialogam com essa noção de um olhar para o corpo como agente, objeto e reflexo da cultura em que se insere.

¹⁵ Uma pauta ainda incipiente e rodeada por diversos tabus e dogmas da ciência e das religiões é o aborto. No domínio da pauta, permanecem os padrões masculinos dominantes, ainda que estes não sejam biologicamente capazes de conceber uma gestação. Uma questão sobre domínio dos corpos que revela perspectivas religiosas, científicas, políticas etc. Ou seja, marcada pelos domínios da cultura.

(...) uma sociedade só encontra existência nos corpos pulsantes dos seres humanos que a constituem: ela é vísceras, nervos, sentidos, neurônios... A história, desta maneira, não se concretiza apenas em guerras, decretos, tratados, obras, monumentos ou entronizações: materializa-se também — e talvez até primordialmente — em perfumes, sons, miragens, memórias, carícias, distâncias, ascos, evitações, esquecimentos... Não há outra concretude social: uma sociedade estará nos corpos de seus membros ou não residirá em parte alguma (RODRIGUES, 1999, p. 177).

“Uma sociedade estará nos corpos de seus membros ou não residirá em parte alguma” é uma citação emblemática para refletirmos acerca dessa complexidade. Ainda segundo seu autor, se concebermos as sociedades dessa maneira, a história será, de algum modo, a história do sensível. Isso porque “(...) a sensibilidade que temos hoje — seja auditiva, tátil, gustativa, olfativa, visual — tem uma história e, especialmente, uma significação” (RODRIGUES, 1999, p. 16). E é também nesse entendimento que podemos ponderar a evidência e a centralidade dos corpos, não como algo naturalizado, sobre o qual temos agência ou posse desde o nascimento, mas como algo que muito tem a dizer sobre os povos, os períodos históricos, as políticas, as tecnologias e tantas outras dimensões de nossa vida em comunidade.

Pires (2005) estuda o corpo como suporte da arte e, para isso, realiza um levantamento sobre as representações do que denomina como receptáculo e propagador do que acontece na alma e na mente. Como caracteriza, “a relação de mão dupla entre corpo e cultura sempre existiu. As formas como ambos refletem e espelham um ao outro mudam conforme as normas e os interesses da sociedade à qual pertencem” (PIRES, 2005, p. 26). A afirmação instiga avançarmos na observação das influências dessa correspondência ao longo dos tempos.

Com esse foco na arte, Pires (2005) inicia a sua abordagem descrevendo os trabalhos desenvolvidos pelos egípcios, os quais eram voltados para a garantia de imortalidade da alma dos reis, que seria assegurada pela representação, conservação e recomendação do corpo. Com isso, houve avanço nas técnicas artísticas (pintura e escultura), nos métodos científicos de conservação (embalsamação e mumificação) e nas formas de encantamento, pois todos esses procedimentos estavam fundamentados pela magia em que se apoiavam.

Como é difundido ainda hoje, tratava-se de uma arquitetura da perpetuidade, com suntuosas pirâmides e esculturas trabalhadas com cuidado, com o objetivo de conseguir “vencer” a morte — algo que dá notoriedade à região e às tradições mesmo presentemente, inclusive com exploração turística. Nesse momento, então,

a representação do corpo humano era importantíssima e essa centralidade inquestionável.

Outro aspecto importante sobre o Egito Antigo e suas corporeidades se liga às distinções sociais, também refletidas nos modos de vestir e adornar. Enquanto os faraós eram os únicos a usar coroas, além de perucas e barbas postiças, os escravos andavam nus ou usavam somente uma faixa em torno da cintura e adereços de cabeça (KURY; HARGREAVES; VALENÇA, 2000).

Em seguida, na Grécia Antiga, temos mais um exemplo de sociedade com uma cultura centrada nos corpos. Masculinidades, feminilidades e divindades têm esse enfoque evidente, além da arquitetura e do urbanismo, desenvolvidos com vistas a conceber ambientes próprios à preservação da capacidade de percepção dos cidadãos. “Para aquela sociedade, que valorizava o corpo como um todo, como uma unidade indivisível, não fragmentada, a liberdade era assegurada pelo privilégio de expor-se inteiramente” (PIRES, 2005, p. 30). Como também descrevem Kury, Hargreaves e Valença (2000), o corpo não era escondido e muitas vezes a nudez se revelava no uso das leves túnicas, comumente sem costuras, com uso compartilhado entre os diferentes grupos sociais. Sendo assim, não havia grandes distinções quanto à aparência, como acontecia na época antecedente, com os egípcios.

Nesse período, havia foco em representar os corpos através das esculturas. Em um primeiro momento, os trabalhos seguiam os modelos anteriores, avançando em busca de uma fidelidade da figura humana. Já em seguida, os artistas gregos começam a ponderar as diferenças entre os corpos, levando em conta suas potencialidades de postura e expressão. Desse movimento também surge o esforço pela criação do corpo perfeito, com esculturas que eram capazes de trazer o que Sócrates chama por “atividades da alma”, em referência ao fato de que “os sentimentos afetam o corpo em ação” (PIRES, 2005, p. 33).

Com essas construções mencionadas por Pires (2005), passa a existir forte associação entre o humano e o divino, a qual também corrobora para a elaboração do ideário de beleza presente ainda nos dias atuais, embora com outras mais variáveis como interferência. Exemplo disso é que, quando diante de alguém que consideramos muito bonito, usamos a expressão “deus/deusa grega”, em alusão a essas imagens idealizadas.

Como é influente, permanece em proeminência contemporaneamente e aparecerá em outras de nossas discussões, esse padrão grego de beleza merece ser

melhor tratado. Kury, Hargreaves e Valença (2000, p. 17) escrevem sobre a perfeição do deus (da luz, das artes e da poesia) da mitologia, Apolo, a qual ilustrava a estima pela harmonia, pela proporção das formas e pelo equilíbrio ideal. Essa imagem apolínea, segundo descrevem as autoras, “(...) passa a ideia de simetria, de moderação, de ordem e de perfeição”. Os excessos são prejudiciais, inclusive para a saúde, e o equilíbrio deve existir em todas as esferas, nos comportamentos e na relação entre corpo e mente, desenvolvida por meio de conhecimentos filosóficos, nas artes e com a prática de exercícios físicos.

Essa é uma das bases das reflexões do poeta romano Juvenal, em sua Sátira X, na qual afirma: “*orandum est ut sit mens sana in corpore sano*” (“deve-se pedir que a mente seja sã em um corpo são”) (VITORINO, 2003, p. 88). Uma mentalidade que ainda povoa os imaginários, notadamente os ocidentais, contando com um importante reforço das mídias para isso. Ainda que por vezes não se conheça sua origem e autoria, a frase de Juvenal tornou-se emblemática e é usada cotidianamente¹⁶. Mais uma evidência do domínio da cultura em relação aos entendimentos sobre os corpos e a perpetuação desses valores ao longo dos tempos.

Seguindo esse traço cronológico, ainda na Antiguidade Clássica, falamos do período no qual os romanos tomam o poder e passam a ditar as regras, chamado Império Romano. Ocorre o advento do cristianismo e, com isso, o corpo tem visão e funções modificadas. Se anteriormente era tido como um todo indivisível, com os sentidos valorados, agora possui a responsabilidade pelo espírito, o que inclui o sacrifício da carne, a dor física e a renúncia ao prazer. Ações que fazem parte da busca pela evolução do indivíduo e constroem seu merecimento a Deus. O corpo não possui um papel no que tange à identidade, pois todos são iguais perante a Deus, e o que discerne o homem é seu espírito (PIRES, 2005).

Em relação às representações do corpo, interrompe-se o culto à beleza física e à libido. Sinal disso é que as esculturas deixam de trazer o nu — naturalizado e admirado pelos gregos — e passam a ser ainda mais realistas, sem retoques para embelezamento. No entanto, ainda conforme Pires (2005, p. 34-35), “(...) ao mesmo

¹⁶ Até mesmo nos discursos vinculados à saúde são feitas menções à ideia, a qual distingue corpo e mente. Edição da revista *Saúde* (Ed. Abril), traz no texto de capa: “Mais do que tratar a doença, a medicina busca agora cuidar da mente e do corpo do paciente — e os resultados são impressionantes”. *Saúde*. A vida vence o câncer. São Paulo, Editora Abril, edição 444, 1º jul. 2019. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/edicoes/444-os-cuidados-com-o-cancer>. Acesso em: 10 mai. 2020.

tempo em que o cristianismo prega a negação da matéria e a igualdade entre os corpos, enfatiza o corpo como gerador e receptor de lembranças”. Com relação a isso, a autora chama atenção para os ritos da comunhão e para a descrição da vida dos santos, em que ficam expressos traços da doutrina, com destaque para a dor, as marcas corporais e a dominação dos sentidos. Certamente, esses traços igualmente perduram nos dias atuais, até em outras religiões, levando em conta que sofrimentos e penitências são correntemente enaltecidos e ainda há pudor com a nudez — sexualizada e transformada em tabu.

Logo em seguida, abordamos a Idade Média. Como pondera Rodrigues (1999), embora carregue um imaginário estereotipado, esse é um período bastante complexo, até mesmo porque abarca mil anos de realizações e mudanças, entre os séculos V e XV. Tendo em vista os interesses de nossas reflexões, é uma época rica em nuances e sentidos que permitem diferentes associações com as construções sociais do presente. Isso já foi apontado quando falamos sobre o tratamento dos cadáveres à época, por exemplo, mas ainda merece maior atenção.

De acordo com Pires (2005), no início desse período os preceitos religiosos do cristianismo seguem com forte influência e, com isso, “o corpo é tratado apenas como instrumento capaz de transmitir ao indivíduo ensinamentos que o deixarão mais próximos de Deus” (PIRES, 2005, p. 37). A pesquisadora ainda relata alterações nas formas de representação dos corpos através das artes, por duas razões principais: a primeira advém do fato de a maioria das pessoas não saber ler e, sendo assim, as formas de expressão, como a pintura, ganham caráter pedagógico, acima de tudo no que tange aos ensinamentos religiosos. Ademais, por conta da associação feita entre corpo e pecado, os artistas deixam de se preocupar em exprimir o real e passam a apresentar figuras disformes e desproporcionais, também com apelos narrativos ligados à moral cristã e seus antagônicos, como a magia, a bruxaria e o diabo.

Mais dois pontos apontados por Pires (2005) são importantes: na ciência, ganha força a ideia dos fluidos corporais apresentada por Galeno (médico grego do século II), a qual apresentava o corpo sendo “(...) formado por cérebro, coração, fígado e testículos (a genitália feminina era composta por testículos invertidos) e possuía quatro tipos de fluidos: sangue, muco, bile amarela e bile preta” (PIRES, 2005, p. 36). Com essa mentalidade em ascendência, associada à teoria do calor

corporal¹⁷ (também originada na Grécia Antiga), há uma visão da importância do organismo, o que vai de encontro à visão cristã de dignidade ligada ao estado da alma e à superação dos sofrimentos e dores físicas.

A outra questão salientada pela pesquisadora é de um início da moda de forma estruturada, em sentido à indústria que logo se formaria. Como descreve, os trajes passam a ser projetados com vistas a marcar as dissemelhanças entre os corpos masculinos e femininos, além de dar espaço para a sexualidade e a sedução. Mais uma conjunção que desagrade os preceitos da religião, obrigando-a a dar trégua na caçada à beleza (especialmente a feminina) e aos sinais corporais (de nascença ou não), os quais eram tidos como marcas de devoção ao diabo e julgados pela Inquisição. Por fim, o cenário abre passagem para outros juízos que perduram até o tempo presente: primeiramente, o indivíduo retoma seu corpo, com a beleza e a diferença sendo novamente bem aceitas. Ao mesmo tempo, insurge em meio à aristocracia, mormente por conta das leis da ciência vigente, um ideário de valorização da juventude e de entusiasmo ao prazer, a fim de que a transitoriedade da vida, da qual agora têm informação, pudesse ser gozada (PIRES, 2005).

Esse último juízo mencionado por Pires (2005) também é bastante presente em nossas sociedades ocidentais recentes, inclusive com comparações aos estilos de vida orientais, especialmente asiáticos. Somam-se a isso os padrões de beleza almejados e o forte hedonismo, muito pautado por essa ideia de uma aceleração cada vez mais acentuada do tempo — “é preciso viver o hoje, pois não se sabe o dia de amanhã”, dizemos com frequência¹⁸. Comum que essa também seja uma realidade de pensamento das elites econômicas, levando em conta que têm maiores liberdades, enquanto outras classes, notadamente as mais desfavorecidas, muitas vezes têm uma vivência mais ligada à garantia da sobrevivência.

Outrossim, na introdução ao enfoque sobre a Idade Média, destacamos a atenção ao período solicitada por Rodrigues (1999), levando em conta sua diversidade de sentidos. Já fizemos menção às análises do autor em outros

¹⁷ Conforme Pires (2005, p. 29), o conceito de calor corporal elaborava a diferenciação entre os sexos masculino e feminino. A ideia já teria sido utilizada no Egito e, mais desenvolvida nessa época, esclarecia não só o processo de determinação do sexo do feto, pois “(...) acreditava-se que as mulheres que mantinham seus úteros aquecidos durante o período de gestação davam à luz a crianças do sexo masculino”, como também versava sobre as atribuições e comportamentos de cada identidade sexual.

¹⁸ A expressão do poeta romano Homero, *carpe diem*, é um chavão dessa mentalidade e também uma tatuagem frequentemente vista, inclusive no Brasil.

momentos deste texto e o faremos mais vezes, tendo em vista que a obra *O Corpo na História* traz um estudo abrangente sobre a época, no qual podemos observar questões pertinentes para compreender aspectos ligados ao cotidiano do tempo presente, tantos séculos depois. Em suas análises, o pesquisador tem interesse principal em elucidar o fenômeno da “subjetividade”, entendendo as razões para a elaboração desse conceito e o atravessamento dos corpos medievos nesse contexto.

(...) precisamos ter em mente que o corpo medieval não era absolutamente o corpo-ferramenta que o capitalismo inventaria séculos mais tarde. Não era esse corpo definido pelos músculos, pela força, pela resistência, pela disciplina e pela rentabilidade. Muito ao contrário, era comparativamente preguiçoso, sem grandes preocupações com o tempo ou com o trabalho, mais voltado para as festas e para a espera que para os empreendimentos e investimentos. O corpo medieval também não era o corpo-propriedade-privada. Não se tinha transformado ainda neste primeiro e mais fundamental ‘bem de produção’, do qual o burguês, antes de qualquer outra coisa, deveria tornar-se o proprietário exclusivo. O corpo não representava ainda esta ferramenta essencial e paradigmática de que o capitalista teria que tomar posse para, valendo-se dela, fazer-se proprietário das demais ferramentas e dos corpos-ferramentas alheios. Tal apropriação será ao mesmo tempo garantia e materialização de sua hegemonia no sistema que se instaura. Com mais razão ainda, o medieval não constituía o corpo-consumidor da sociedade industrial avançada, este que abriga o fundamental de nossa sensibilidade contemporânea (RODRIGUES, 1999, p. 83).

“Corpo-ferramenta”, “corpo-propriedade-privada” e “corpo-consumidor”: estes corpos que o autor aponta como destoantes da realidade medieval são os que ele delineará como elaborações seguintes à época, principalmente porque emergem da mudança do paradigma sistêmico; surgem com o desenvolvimento da sociedade capitalista e industrial, cujas forças foram trazendo modificações em muitas das estruturas de pensamento. Como relata, a corporeidade da Idade Média tem relações elaboradas e também se distingue quando abordada a aristocracia e as classes populares — embora em alguns momentos não existam divisões tão manifestas.

Para demarcar esses contrastes, igualmente pensando em períodos mais próximos, coloca: “(...) nos tempos medievais nada se conhecia desta censura à informação e à comunicação entre os corpos. Tudo era público ou publicável: o comer, o excretar, o copular, o dormir, o parir, o vestir, o banhar, o morrer...” (RODRIGUES, 1999, p. 84). O corpo não está centrado na individualidade, mas se revela no coletivo. Nesse sentido, o pesquisador discorre sobre as características ligadas ao cotidiano do período, as quais podemos colocar em destaque para sustentar a noção de “coexistência de insuportáveis”, que elabora em razão das comparações que empreende com a mentalidade da idade contemporânea.

Muito embora o cristianismo fosse a fé dominante, havia sincretismo, baseado em um pensamento mágico que tudo permitia: adivinhações, astrologia, feitiçaria, profecias, duendes etc. Existiam muitos rituais de festa e carnavalização, fosse no campo, na cidade, entre os pobres, nos castelos ou nas igrejas. A morte, conforme já tratamos, era vista de outra maneira, com ideia de continuidade. O entendimento sobre o lixo era distinto, vez que ainda não havia sido objetificado, além de negado, evitado, rejeitado, como hoje. A cidade se ligava ao campo, as ruas abrigavam todas essas ações e eram do mesmo modo movimentadas por outras, como dos ofícios, das brincadeiras e da sociabilidade em geral.

A cidade era espaço nada exclusivo de homens: cães, cordeiros, cabras, vacas, cavalos, porcos eram simultaneamente companhias, produtores e eliminadores de resíduos. Com os homens, em ruas e casas, conviviam os ratos, mas obviamente também os gatos; os alimentos, mas também os excrementos. (...) Não é à-toa, de modo algum, que a cidade medieval é muito mais irregular e sinuosa do que planejada e linear. Há nela uma espécie de improvisação que simplesmente reproduz este princípio de integração do urbano com o ambiente em que se estabelece. No entanto, esta integração, em vez de destruir o contexto físico em que se dá, procura incluí-lo em si, aceitando-o como é (RODRIGUES, 1999, p. 102).

Com essas ilustrações, é possível observar a máxima sobre a coexistência de insuportáveis. A dinâmica parece mais aproximada de um fluxo instintivo, em vez de algo conduzido ou engessado, cujo destino é a esquiva ou a recusa — inclusive porque muito do que é descrito acima passa a ser considerado repugnante mais adiante. Em contraste com a mentalidade atual, vemos como os medievos eram capazes de conviver com o “natural”, como aspectos físicos da localidade, animais, excrementos, secreções, odores, toques, olhares etc. Historiadores costumam usar o termo “amontoamento” para se referir ao período e, de fato, essa é a imagem propagada e por nós absorvida quando esse tempo é abordado. Contudo, como ajuíza Rodrigues (1999), não quer dizer que essa seja uma visão de pobreza, mas sim de um modo de ser da época. Os corpos de ricos e pobres se esbarravam na mesma ambiência das ruas e, nas casas, em princípio, não havia a distinção de cômodos com funções estabelecidas.

Também por conta de tudo isso é concebida uma imagem caricaturada para esse tempo e, vale destacar, muitos desses hábitos ou modos de conviver ainda podem ser observados presentemente e seguem servindo às ilustrações (em sua maior parte distorcidas) elaboradas sobre os mais pobres. São traços que, do mesmo modo, ajudam a explicar o porquê de ainda pensarmos que as nações consideradas

como subdesenvolvidas — caso do Brasil — são, por vezes, chamadas de medievais. Se nessa época havia maior liberdade em relação aos gestos, com “(...) um corpo expansivo, indisciplinado, transbordante” (RODRIGUES, 1999, p. 84), isso também é usualmente acionado nas representações de brasileiros, latino-americanos e outros povos menos abastados, inclusive como valores positivos, por vezes. Ainda em relação ao Brasil, podemos remeter aos cortiços e às favelas, ilustrações típicas (e estereotipadas) de carência, aglomeração e impureza.

Em suma, “do ponto de vista da nossa sensibilidade, o medieval seria antes de tudo um corpo ‘indecente’” (RODRIGUES, 1999, p. 85) — outro adjetivo frequentemente associado aos “pobres”, nas contraposições que apresentamos. Mas essa indecência se dá por diferentes razões: porque por vezes compartilhava de uma mesma cama com outros, porque havia menos tabus e pudores, e porque tinha suas partes baixas valorizadas. Não quer dizer que não houvesse apelo estético para as porções superiores, como o rosto, mas o foco de atração se concentrava mais abaixo do que acima.

Enquanto isso, “a ênfase que hoje emprestamos à face intensificou-se apenas depois da emergência do moderno individualismo” (RODRIGUES, 1999, p. 86). Um exemplo é que somente após o fim da Idade Média as camas começam a ter cabeceiras mais trabalhadas que o extremo oposto. Além disso, houve mudança no cuidado com os cabelos, a face, os olhos, o nariz e a boca, justamente por conta de demarcarem traços de individualidade, o que anteriormente não merecia atenção.

Como apresentamos, ocorreu uma mudança significativa de paradigma econômico, a qual se refletiu expressivamente nas esferas sociais. Nessa sequência temporal, sai de cena a produção feudal, predominante na Europa, e, com a Modernidade e o modo de produção capitalista, o caráter das ideias e ações precisam ser igualmente modificados. Sendo assim, “(...) as mentalidades e as sensibilidades medievais são aquilo *contra* o que a cultura capitalista e, mais adiante, a cultura industrial se definem” (RODRIGUES, 1999, p. 17). Por isso as alcunhas de idade das trevas, período sombrio, da escuridão etc. Há uma negação dos padrões anteriores, notadamente porque não atendem ao que passa a vigorar.

O interesse que passa a prevalecer é o de apurar o “corpo-ferramenta”, a fim de que ele sirva primordialmente ao trabalho. E ainda como ditam as engrenagens do sistema, corpos que produzem necessitam de controle e também passam a ter necessidades (notadamente de consumo). Tudo isso se organiza em um emaranhado

de forças que provocam ou tonificam pudores, disciplinas, anseios etc. Com pujança, emerge o conceito de individualidade, expressa pelos rostos agora estimados, pelos quartos particulares que garantem privacidade para a nudez e o sexo, pelos maquinismos dos relógios, os quais sincronizam os gestos das massas que operam as outras máquinas, pelos túmulos novamente ostensivos (para quem poderia tê-los, decerto) e por outras tantas mudanças, que gradualmente vão se estabelecendo.

Michel Foucault (1987) é outro intelectual que trata essa passagem do corpo coletivo para o individual e como a pulsão da individualidade surge envolta ao incremento das moralidades; as quais já buscavam reger posturas e hábitos, como a higiene, o uso de roupas e trajes, a apresentação dos cabelos, e as interações sexuais. Essas alterações também se encaminharam por conta de mudanças nas experiências de contato entre as pessoas. A solidão individual era atípica, pois a maioria das vivências se dava junto à família ou em grupos. Contudo, nos últimos séculos medievais (já com as influências da economia), emerge um desejo de autonomia que vai se estabelecendo. Essa “invenção do sujeito” é delineada por uma maior elaboração da vida privada, com a escrita de autobiografias, diários e romances, pelos retratos pintados, pela difusão dos espelhos, pelo uso da correspondência privada, pelos arquivos conservados etc. — maiormente desde o século XIV, é possível observar a afirmação de si por indivíduos preocupados em perpetuar suas imagens e memórias (DUBY, 2009; BRAUNSTEIN, 2009).

Outro registro que vale ser feito é o de que, nesse curso de transformações, certamente passa a haver distância entre as práticas da burguesia e das classes populares. Algumas delas são paulatinamente difundidas entre as camadas sociais, “de cima para baixo”, enquanto outras têm uma absorção lenta ou nunca acontecem. São estratégias atreladas ao que Rodrigues (1999) considera, baseando-se no sociólogo Norbert Elias, como parte do processo civilizador e como forma de marcar diferenças. Como abaliza, pensando os diferentes espaços e as diferentes relações que agora são a norma, constroem-se muralhas. Divisórias sensíveis e vigiadas, também internas, que demarcam medo — em relação ao outro, ao toque, aos desejos. Um medo de ver, ser visto e afetado. Nas reflexões de Tucherman (2004), já pensando a passagem para essa nova condição de homem moderno, há uma setorização entre o domínio público e o privado, com um conjunto de normas

delimitadas, as quais definem o que cabe para ocorrer em frente às pessoas sem que haja coibição e o que deve ficar encerrado à privacidade.

A constituição da individualidade representou (...) uma mudança radical na conduta, nos modos de pensar e nos sentimentos humanos. Essas transformações se deram fundamentalmente em uma direção muito específica, conveniente a um determinado sistema social e político. Em medida bastante considerável, a reorganização dos relacionamentos humanos que permitiu o surgimento disto que chamamos de indivíduo não aconteceu de repente, nem com facilidade. Ao contrário, fez-se acompanhar da estruturação antropológica de um tipo muito particular de homem, do esculpir, em rocha muito resistente e duríssima, de um ser humano dificilmente encontrável alhures. (...) Como a história nos ensinou, uma das marcas fundamentais da construção desse conceito do ser humano que somos reside no autocontrole corporal, afetivo e cognitivo, assim como no crescimento correlativo do espaço privado (RODRIGUES, 1999, p. 178).

As análises dos efeitos da transição do corpo medieval para o moderno são instigantes e sugestivas para pensarmos os tempos mais recentes. A continuidade da caracterização dos sentidos do corpo nos diferentes períodos da história seguirá nos mostrando isso. Contudo, importa-nos manter em relevo a diversidade de acontecimentos da Idade Média, marcada pelos domínios da fé cristã, mas que também abarca liberdades e outras sensibilidades. Isso para evidenciar como o período é expressivo para o desdobramento das novas mentalidades ligadas ao modelo capitalista e industrial, centradas na individualidade.

O ciclo seguinte, a Idade Moderna, se inicia com o Renascimento — alcunha que faz referência a uma superação do período anterior e ao retorno de ideias da Antiguidade. Segundo Gombrich (2000) e Pires (2005), no referente à arte, a busca pela perfeição greco-romana é retomada e vemos marcada uma dualidade entre as formas de exposição do corpo e a moralidade cristã. Leonardo da Vinci (1452-1519) e Michelangelo (1475-1564) são artistas notórios, justamente por conta dos trabalhos de representação dos corpos que realizam¹⁹. Da Vinci, que se debruçou sobre diferentes áreas do conhecimento, atuou de maneira intensa nos estudos anatômicos, realizando não só desenhos de modelos vivos e observações, como também uma série de dissecações de cadáveres, a fim de que pudesse se apropriar das formas com perfeição. Já Michelangelo, que se concentra apenas nas obras com foco no corpo, na forma de pinturas, esculturas e desenhos, inova ao trazer ângulos

¹⁹ *O Homem Vitruviano*, desenho de Da Vinci, e a escultura de David, criada por Michelangelo, são exemplos emblemáticos dos trabalhos que ambos os artistas conceberam para representar o corpo.

e movimentos nunca vistos e, com isso, faz “(...) com que ele deixe de ser um objeto distante e diferente do observador e ganhe ‘vida’” (PIRES, 2005, p. 41).

A respeito das representações do período renascentista, Gombrich (2000) e Pires (2005) abordam a obra de outro artista, Hieronymus (ou Jerônimo) Bosch, a quem dão destaque por conta de sua contravenção. Pouco se sabe sobre a vida do pintor, tanto que não conseguem precisar a data de seu nascimento (sabe-se apenas que faleceu em 1516). Ambos os pesquisadores põem em relevo a obra de Bosch, pois enquanto predominava a busca pela perfeição dos contornos anatômicos, ele retrata seres cujos corpos eram compostos pela afluência de diferentes elementos, com aspectos irrealistas. Embora fosse cristão e seus trabalhos fizessem referência aos conceitos seculares da doutrina, a caricatura das formas, assim como a alusão ao inferno e ao diabo o fizeram ser perseguido pela Inquisição. Chama atenção essa ampliação do físico e palpável que retrata, especialmente ao fazer emergir “(...) impressões psíquicas que tornam visíveis emoções, sentimentos, pensamentos e crenças inconfessáveis que certamente atormentavam os cidadãos daquela sociedade” (PIRES, 2005, p. 41)²⁰.

Sequencialmente, como acontecimento marcante para os sentidos do corpo e nossas mentalidades, temos as descobertas científicas de William Harvey, no século XVII. De acordo com Sennett (2016), o médico britânico fez revolução ao trazer à tona a circulação de sangue pelo corpo, também transformando o entendimento sobre sua estrutura, a relação com a alma e o estado de saúde. Essa descoberta, que faz cair por terra as teorias do calor e dos fluidos corporais, ainda coincide com os primeiros passos do capitalismo, o que corrobora para uma alteração da imagem do sujeito, que passa a ser centrada no individualismo.

Logo os efeitos desse novo conhecimento seriam refletidos em outras esferas da vida em sociedade. A noção de circulação passa a ser uma metáfora importante, com efeitos que vão para além da saúde, com usos na economia e no urbanismo, especialmente quando pensadas as estruturações e as reformas urbanas, mas também no surgimento do higienismo.

A revolução de Harvey favoreceu mudanças de expectativas e planos urbanísticos em todo o mundo. Suas descobertas sobre a circulação do sangue e a respiração levaram a novas ideias a respeito da saúde pública. No Iluminismo do século XVIII,

²⁰ Um quadro representativo do que falam os pesquisadores é *O Jardim das Delícias*, criado entre 1480 e 1505, disponível no Museu do Prado, em Madri - Espanha.

elas começaram a ser aplicadas aos centros urbanos. Construtores e reformadores passaram a dar maior ênfase a tudo que facilitasse a liberdade do trânsito das pessoas e seu consumo de oxigênio, imaginando uma cidade de artérias e veias contínuas, por meios das quais os habitantes pudessem se transportar tais quais hemácias e leucócitos no sistema saudável. A revolução médica parecia ter operado a troca de moralidade por saúde; e os engenheiros sociais, estabelecido a identidade entre saúde e locomoção/circulação. Estava criado o novo arquétipo da felicidade humana (SENNETT, 2016, p. 262-263).

Para os economistas, a saúde econômica passa a ser atrelada à circulação de bens e dinheiro, assim como à divisão do trabalho. O *homo economicus* poderia transitar por toda a sociedade e explorar as possibilidades do mercado, ainda que esse “exercício do capital” juntamente trouxesse a diminuição das experiências sensoriais despertadas por lugares e pessoas — outros sintomas da cultura individualista (SENNETT, 2016). Uma visão contrastante com a organicidade medieval, revelando, mais uma vez, a mudança nas mentalidades dominantes.

Nas preocupações com o corpo que logo se ligam às relativas ao ambiente urbano, observamos o zelo com a pele. Para que a epiderme pudesse respirar melhor, passa a haver maior asseio. Então, nosso órgão mais exposto, assim como as ruas, deve estar sempre limpo, a fim de que possibilite a circulação desimpedida. Voltam à moda os banhos, assim como os trajes passam a ser mais leves, com menos volume e menos ajustados — “livre para respirar, o corpo era mais saudável, pois dispersava com facilidade os vapores nocivos” (SENNETT, 2016, p. 269). Retomando alguns dos traços já superados, eliminando práticas recorrentes e adicionando as informações adquiridas pelas descobertas da ciência, surge uma nova moralidade que, também através dos corpos, invade todas as esferas da vida.

Outra ruptura significativa para as mentalidades da época, também oriunda dessas descobertas científicas, foi a desvinculação dos domínios da alma em relação ao corpo. De acordo com Pires (2005), o médico Thomas Willis, ao realizar pesquisas com animais e humanos que haviam acabado de falecer, dissocia a percepção sensorial do espírito, o que significa que, sob a perspectiva da ciência, novamente, a alma não é a responsável pela energia vital. Com isso, o homem passa a estar a cargo da saúde, higiene e bem-estar do corpo; é o responsável pela manutenção de sua vida. Decerto, impasses sobre qual seria a localização da alma emergem, sobretudo entre os médicos cristãos, e isso permanece até o século XVIII.

Sobre a representação do corpo por meio da arte, Pires (2005) descreve, na ocasião do período barroco (que vai do final do século XVI até meados do século

XVIII), um humano carregado de energia, movimento e com forte expressividade nos gestos, a qual traz o espectador como complemento da obra. Isso proporcionado pelos excessos, uso de cores fortes e a dramaticidade das cenas, movimentos e expressões. Uma ampliação de possibilidades que também importa ser notada para pensarmos as ideias da época.

No que concerne à moda, a pesquisadora aborda uma evolução em ritmo acelerado a partir do século XVIII, a qual envolvia mudanças constantes em acessórios, materiais, cores, padronagens e modelagens dos componentes dos trajes: “(...) as mudanças no gosto pessoal, na forma de se identificar e ser identificado como membro de uma comunidade são constantes” (PIRES, 2005, p. 50). Esse caminho já indica para o que ela considera como duas das funções centrais da moda: a diferenciação e o reconhecimento por conta de alguma característica pessoal e intransferível, além do desejo de ser inserido e estar em um contexto de semelhantes. Com a mecanização vindoura, essa dinâmica se tornará mais próxima do que podemos observar hoje, com mais elementos que complexificam esse universo do vestir-se.

Retomando os efeitos das metáforas em torno da circulação, Sennett (2016) descreve o contexto que antecedia a Revolução Francesa, já no século XVIII, especialmente em Paris. Enquanto os avanços do mercado produziam cada vez mais diferenças, os conceitos do Iluminismo valorizavam as viagens e os movimentos. Como consequência desse trânsito dos corpos da massa em meio aos contrastes entre a abundância e a carência das ruas, surge a revolta. E do grupo de indivíduos, origina-se a ideia de “movimento”, com um significado coletivo. A Revolta do Pão, que originou a revolução, ficou marcada pelos corpos individuais deixando a contemplação e a individualidade anônima para tornar-se multidão.

No entanto, embora a Revolução tenha ocorrido e causado transformações, Sennett (2016) considera que a necessidade coletiva e vital que foi escancarada pela rebelião do pão não foi completamente suprida. Talvez porque tenham permanecido em vigor as ideias de lideranças individuais, as quais novamente entram em embate com o anseio de um poder coletivo e com a superação de desigualdades.

Em sequência, conforme marca o sociólogo estadunidense, a noção dominante apontava para a necessidade de ajustar os espaços da rua de modo a garantir que as virtudes da Revolução — liberdade, igualdade e fraternidade — pudessem ser expressas. No entanto, essas transformações também revelaram

contradições e, então, “o espaço da liberdade pacificou o corpo revolucionário” (SENNETT, 2016, p. 301). Tucherman (2004, p. 66) baliza o prenúncio do que passaria a predominar: “(...) torna-se presente, visível e ameaçadora a presença de um novo tipo de corpo, o da multidão em movimento, que contrasta com a passividade individual, ao mesmo tempo que a complementa”.

As mentalidades seguem em mudança. Com o uso da guilhotina, se altera a tecnologia da morte — agora rápida, indolor e espetáculo público. Para Tucherman (2004, p. 67), uma manifestação de passividade coletiva: “a morte se torna um não evento, morte em um corpo passivo, produção em série da morte, morte no vazio”. As festividades revolucionárias já não entretêm a massa e “à medida que os espaços destinados à maior liberdade começaram a domar o corpo, tal sociabilidade converteu-se em um ideal abstrato, objeto da mesma reverência que o homem comum presta aos monumentos públicos no caminho para o trabalho” (SENNETT, 2016, p. 315).

Passa a dominar um isolamento dos corpos da multidão na perspectiva do encontro com o outro e com o espaço que perpassa o cotidiano, o qual se torna negligenciado, se assim pudermos dizer. Tucherman (2004) fala sobre o nascente humanismo, o qual, oriundo do movimento iluminista, distingue o homem por sua capacidade de pensar, ter consciência de si, construir cultura e, portanto, história — ele é autossuficiente, racional e tem livre-arbítrio. O sujeito assim se constitui com base na sua diferenciação em relação aos objetos do mundo (ainda que os objetos sempre tenham tanta notoriedade e presença, como vimos e seguiremos debatendo).

Com o avançar do século XVIII, os indivíduos estão livres para circular, mas vão se tornando cada vez mais centrados no individualismo, o qual “(...) fundará uma nova noção de solidão, como sentimento do corpo próprio: um novo e curioso isolamento que não é protegido pelo espaço privado mas posto à prova no meio da multidão em movimento” (TUCHERMAN, 2004. p. 67-68). Sennett (2016), caracterizando as alterações empreendidas em Paris, pelo barão Haussmann, e em Londres, com a construção de parques, ruas e do metrô, analisa como, no século XIX, os desenhos urbanos seguem evidenciando essa solidão em meio à multidão e como organizam uma pedagogia do movimento²¹.

²¹ Como ilustração literária dos contrastes entre a multidão e o distanciamento, podemos mencionar o conto *O homem da multidão*, de Edgar Allan Poe (1840). POE, Edgar Allan. **Contos Escolhidos**. Porto, Portugal: Livraria Lello, 2018.

Importa-nos observar essas dinâmicas com atenção, pois, nas reflexões deste trabalho, buscamos pensar os efeitos dos diversos deslocamentos e das relações que os sujeitos elaboram com os espaços, especialmente os das cidades. Observamos como os vínculos podem se dar de outras maneiras, reverberando em diferentes práticas, ações de comunicação e registros emocionais. O corpo em movimento está aberto às sensibilidades.

Em relação ao contexto da solidão e aos deslocamentos das viagens, que também nos são caras neste trabalho, Sennett (2016) descreve outra transformação interessante: a dos veículos, principalmente os voltados para o transporte público, e suas cadeiras. Os rituais do sentar-se variam ao longo dos tempos, não só falando dos meios de transporte, e, em relação aos trajetos feitos por meio deles, é sintomático o que ocorre nos vagões ferroviários europeus. Como nos coches puxados por cavalos, entre seis e oito passageiros, utilizando a mesma cabine, precisavam permanecer frente a frente, o que causava embaraço. Por outro lado, com o conforto proporcionado, agora poderiam ler durante os percursos.

Nos carros lotados, cujos ocupantes liam ou olhavam pela janela, deu-se uma grande mudança social: o silêncio passou a resguardar a privacidade. Mesmo nas ruas, os transeuntes tornaram-se cientes do direito de não sofrer a interpelação de estranhos; a conversa de um desconhecido foi encarada como uma violação. (...). Desenvolvidos por volta de 1840, os vagões norte-americanos sem cabine asseguravam solidão e silêncio. Todas as poltronas eram viradas em um único sentido, de forma que cada passageiro pudesse manter o olhar fixo nas costas do que ia à frente. Atravessando distâncias imensas — pelos padrões europeus — e não obstante a existência de barreiras físicas, os visitantes do Velho Mundo sentiam-se intrigados com o fato de que era possível cruzar todo o continente norte-americano sem dirigir palavra a quem quer que fosse (SENNETT, 2016, p. 342-343).

As estruturas descritas foram se desenvolvendo e, certamente, são reflexo das mentalidades oriundas do sistema que à época se fortalecia e no qual ainda vivemos. É relevante observar como pouco se alterou até agora, no início da terceira década dos anos 2000. Os fones de ouvido talvez sejam os guardiões dos silêncios e distanciamentos, atualmente. No entanto, é possível ressalvar, como trazem as pesquisas de Caiafa (2007), que os transportes coletivos também possibilitam variadas experiências de contato entre as pessoas, igualmente influenciadas pelo largo povoamento das urbes e pelos meios de comunicação. São aventuras das cidades, para aludir aos conceitos defendidos pela antropóloga.

Diante desse contexto, os pensadores abordam o período como marcado por um individualismo exemplar — ou a Idade do Individualismo, para Alexis de

Tocqueville (SENNETT, 2016). A observação dessas vivências no espaço urbano, principalmente nos cafés e *pubs* franceses e ingleses vai inspirar Walter Benjamin — especialmente baseando-se em suas leituras da poesia de Charles Baudelaire — a falar sobre a figura do *flâneur*, um indivíduo imbuído de maior sensibilidade que busca a errância na cidade, dela obtendo experiências e se inspirando (WHITE, 2001); e George Simmel a caracterizar o “homem blasé”. Blasé porque, agora, precisa responder a tantos estímulos nervosos da metrópole, que não consegue corresponder à altura. E isso também é influenciado pelos valores do sistema, com a proeminência do dinheiro (SIMMEL, 2005).

Como mais uma ilustração dessa alteração nas dinâmicas de convivência da época, os autores (SENNETT, 2016; TUCHERMAN, 2004) mencionam os cafés. Se antes eram ambientes propícios às interações e palcos políticos, agora convidavam à introspecção e contemplação dos movimentos na rua — e as mesas postas a céu aberto são sinal desse indivíduo que, em público, se encerra e prefere a observação. “A cadeira e o café forneciam uma acomodação que unia o passivo e o individual. Quando a arquitetura urbana incorporou meios mecânicos de isolamento, o café permaneceu imensamente urbano e polido, um lugar conveniente à interioridade” (SENNETT, 2016, p. 346).

Em nossas leituras, retomando a discussão sobre a relevância da mudança de paradigma econômico, com a ascensão do capitalismo, podemos fazer outros dois destaques. Primeiramente, em relação às experiências do indivíduo no mundo, é alterada de maneira expressiva a concepção do “ter um corpo”, a qual se pauta na racionalidade. Ele carrega história e se estabelece de forma consciente — marcas da elaboração da individualidade. Ao mesmo tempo, há uma aceleração importante nas “mobilidades” — a economia impõe agilidade, o desenvolvimento dos meios de transporte permite esse rápido fluxo e as percepções de tempo e espaço vão tomando outras formas. Certamente, isso é influência ainda no tempo hodierno.

Para encerrarmos o exame sobre os ricos significados atrelados ao corpo, nessa trajetória de sentidos que buscamos registrar, falta ainda mencionar alguns fatos do século XIX. Conforme descreve Pires (2005), nas áreas da medicina e da biologia dois deles chamam atenção: a descoberta e difusão das vacinas e a disseminação e aprimoramento das técnicas cirúrgicas. Ambos os processos são importantes, pois se relacionam com as mentalidades da época — um faz com que o organismo produza imunidade para doenças (externas), enquanto o outro envolve

abertura e manipulação interna dos corpos, usando instrumentos que lhes são estranhos.

São processos naturalizados em nossa cultura ocidental, porém, em vista dos trajetos que abordamos, dados a serem postos em relevo. Primeiramente, porque há uma quebra da visão imaculada do corpo que não deveria ser “profanado”, um resquício com o qual a adoção de medidas “invasivas” se choca. Ademais, vemos o anúncio do corpo sobre o qual se exerce trabalho; uma gestão que intenta garantir seu máximo e melhor desempenho — volta a dualidade, agora com nosso envoltório tido por objeto, um “corpo-máquina” a ser cuidado com atenção. Debates erguidos por Le Breton (2016) e Marzano-Parisoli (2004).

Quanto aos caminhos da arte, ainda no século XIX, é interessante sublinhar o movimento artístico do modernismo. Resultante dos novos modos de vida, traz duas mudanças centrais. A primeira delas diz respeito às liberdades do artista, que passa a ter autonomia progressista e intelectual para definir o que seria representado pela arte e como isso seria feito. A segunda, que se relaciona imediatamente com a primeira, diz respeito às inovações tecnológicas, como a impressão gráfica e a fotografia. Com essas alternativas, não é mais necessário apresentar as pessoas e/ou objetos de forma realista, além de ser possível reproduzir e fazer circular os trabalhos elaborados (PIRES, 2005).

Já em relação à moda, com a mecanização ampliada, é possível observar uma aproximação da realidade contemporânea. A produção, doravante realizada em série, está concatenada com as transformações econômicas, sociais, políticas, científicas e tecnológicas. Além disso, essa nova dinâmica também está associada ao fato do corpo ter se tornado um instrumento de trabalho, o qual deve ter instintos dominados, educados e disciplinados (PIRES, 2005). Ainda hoje esse raciocínio prepondera e se desdobra em diferentes ações, como quando notamos a publicidade de roupas e acessórios, a qual traz as promessas de maior agilidade e conforto, ou que anunciam evitar o suor e seus desagradáveis odores ou até mesmo camuflar “imperfeições”, como da gordura corporal. São sintomas da importância dada à performance do corpo, que se torna um objeto utilitário, se assim pudermos ajuizar.

De acordo com Tucherman (2004), para o pensamento moderno, ainda que seja natural, o corpo humano está ligado à razão e à cultura, ele “(...) existe no presente e é o suporte de sua experiência de sujeito, assim como de objeto” (TUCHERMAN, 2004, p. 67). É esse entendimento do corpo que se elabora pelos

moldes da cultura que estamos evidenciando. No entanto, essa centralidade da razão e a pujança do sistema capitalista alteram significativamente essas noções aliadas ao existir e coabitar, mormente através de diferentes tipos de controle.

Com esses paradigmas em relevo, podemos trazer para os debates o contexto retratado nas análises de Foucault (1987) sobre as “disciplinas” e a “mecânica do poder”, conceitos refletidos nomeadamente nos corpos por ele apresentados como dóceis. Conforme caracteriza, “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1987, p. 118). Trata-se de refletir sobre o aprimoramento das estratégias de governo dos corpos, para garantia de um comando imperativo, acima de tudo na esfera da economia e da política. O filósofo francês começa a observar esse poderio com maior atenção a partir do século XVII, especialmente por meio da figura do soldado modelo, aquele capaz de ter sua “retórica corporal da honra” reconhecida mesmo de longe, visto que seu corpo funciona como um brasão de sua força e valentia.

Em seguida, no século XVIII, Foucault (1987) faz ver em proeminência um poder infinitesimal sobre o corpo ativo, em uma coerção constante, com esse intento de controlá-lo. Para ele, essas formas que permitem o domínio das operações do corpo e estabelecem uma relação de “docilidade-utilidade” são chamadas “disciplinas” — as quais podem ser testemunhadas em instituições como as prisões, os quartéis, as escolas e os hospitais, principalmente por conta do detalhado comando que exercem sobre as pessoas envolvidas em suas estruturas físicas (também arquitetadas para bem gerir os controles).

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter o domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada (FOUCAULT, 1987, p. 119).

Se o corpo é meio de comunicação com o mundo que nos cerca, é significativo que suas esferas precisem ser monitoradas de maneira eficiente, como garantia para

aqueles que detêm os poderes. Como ainda baliza Foucault (1987), essas estratégias de controle das quais trata não são novas, mas sim atualizadas e melhor adaptadas ao contexto dos tempos em que emergem. Nesse sentido, não há uma atuação nos moldes da escravidão ou da vassalagem, com uma forma abrupta. O que impera para a elaboração da docilidade é feito, por vezes, mediante ações distintas e esparsas, às vezes mínimas, mas que se tornam concatenadas e acabam por formar um método universal. Em suma, “a disciplina é uma anatomia política do detalhe” (FOUCAULT, 1987, p. 120), a qual define uma nova microfísica do poder e tende a cobrir o corpo social por inteiro.

Pequenas atitudes dotadas de um grande poder de difusão, arranjos sutis, de aparência inocente, mas profundamente suspeitos, dispositivos que obedecem a economias inconfessáveis, ou que procuram coerções sem grandeza, são eles entretanto que levaram à mutação do regime punitivo, no limiar da época contemporânea (FOUCAULT, 1987, p. 120).

As técnicas do corpo — fazendo alusão aos conceitos de Marcel Mauss (2003) — são apuradas, nas diferentes esferas, de forma a garantir controle, disciplina e a manutenção dos poderes. Assim como discutimos, isso pôde ser visto em diferentes contextos e formas ao longo dos tempos, mas há um incremento dessa regulação excessiva, a qual vai tornar-se mais complexa ao longo dos séculos XIX e XX — para alguns, até, pelo menos, a Segunda Guerra Mundial (TUCHERMAN, 2004). Um domínio que registra o indivíduo em meio à massa, acrescenta à sua identidade contornos fixos, totalizados e totalizantes.

Para Tucherman (2004, p. 71), “os corpos dóceis, produzidos pelas disciplinas são construções que marcam e destacam a diferença do corpo selvagem e do corpo civilizado”. Uma vez mais, esse juízo do processo civilizador é o norte das ações, tendo por objetivo engendrar uma sociedade racional, obediente e, sobretudo, produtiva. Com esses valores, torna-se manifesta uma separação entre o corpo e o sujeito. Ainda que seja o ponto de interface com o mundo social e o lugar do limite individual, esse corpo é ausente e raramente experienciado, exceto quando padece na dor ou doença. Há, novamente, uma espécie de partição entre carne e espírito, agora mais atrelada à ideia de posse do corpo — no império do capitalismo, ele é mais um objeto que o sujeito detém.

O corpo não individual, mas da espécie humana, preocupado com a sobrevivência, com o prolongamento da vida, com a proteção da higiene pública e com uma incipiente preocupação com a preservação do meio ambiente. Este bio-poder, que não se confunde mas não se opõe ao poder disciplinar, dirige-se ao ser vivo, à massa, à população e os seus esquemas de intervenção são globais, atuando em questões como natalidade, fecundidade, endemias, velhice, sempre no sentido do prolongamento e preservação da vida. O ideal, neste poder, é “fazer viver e deixar morrer” (TUCHERMAN, 2004, p. 72).

Esse bio-poder é também regulado por uma ética que atribui ao sujeito responsabilidades sobre esse corpo-propriedade que possui. As disciplinas — e suas instituições exemplares — também atuam nesse mesmo sentido, garantindo que as noções de higiene e boa alimentação, por exemplo, sejam seguidas. O corpo deve ser saudável e isso outra vez é indicado pela boa aparência — o que faz ressurgir e/ou ganharem força os padrões de beleza e “juventude eterna”, valores sempre conservados nos imaginários sociais. É nesse sentido que os corpos marcados por modificações como a tatuagem são considerados inadequados e marginalizados.

A fim de retratar o corpo controlado, tido como propriedade e especialmente como instrumento disciplinado de trabalho, vale mencionar mais um acontecimento do século XIX, no já importante estado-nação, os Estados Unidos. Como descreve Pires (2005), a década de 1870 foi marcada por uma depressão econômica severa e por uma miscigenação cultural ocasionada pelo aumento do fluxo migratório. Com o contexto de crise, era preciso que o objeto gerador de renda — o corpo — do norte-americano fosse diferenciado dos demais. Assim, inicia-se a prática de exercícios físicos voltados para o aumento de massa muscular, em princípio somente realizados pelos homens, de forma a garantir a particularização almejada, mas também de readquirir a imagem de força e virilidade.

No século XX, as rotinas se especializam, o levantamento de peso recebe status de esporte olímpico, em 1920, e fica sacramentada a prática do culto ao corpo (PIRES, 2005), a qual se ampliará significativamente nos anos seguintes, conforme discutiremos na próxima seção, especialmente considerando os efeitos da mídia sobre esses domínios. Esse corpo apto sempre está na ordem do dia. Ele é perfeito (ou busca ao máximo se aproximar da perfeição) e pode tudo, grande parte por ser jovem, forte e belo.

Os caminhos percorridos e os debates empreendidos até aqui trazem à tona uma crise da Modernidade e uma crise do corpo, visto estar desaparecendo “(...) por motivos que se relacionam com a crise do sujeito moderno, perplexo diante das

simulações e dos duplos que põem em questão a sua principal noção de realidade, tradicionalmente associada à presença tangível e ao suporte material” (TUCHERMAN, 2004, p. 73). Esses proeminentes conflitos são uma das tônicas centrais de nossos debates: De que corpo falamos contemporaneamente? Permanece essa centralidade da posse disciplinada em vez de uma fruição representativa da subjetividade? Se falamos de um “corpo que foi inventado mas também imposto, propondo uma ‘vontade de forma’ totalizada, singularizada e reconhecível” (TUCHERMAN, 2004, p. 73), quais questionamentos se manifestam quando pensamos as modificações corporais realizáveis e, mais especificamente, essas possibilidades aliadas às experiências, às emoções e às memórias?

Nessa trajetória, então, projetamos análises alinhadas com duas noções eminentes. A primeira delas, a de realizar o tratamento dos assuntos estudados com base em pressupostos da antropologia, conforme aponta Rodrigues (1999, p. 16): “(...) comparar e contrastar, tentar entender como o mesmo pode ser outro, como o familiar pode vestir a roupa do estranho, como o semelhante pode ser diferente e vice-versa”. Ademais, temos como um dos nortes teóricos a visão não-essencialista, dos estudos culturais, com a qual podemos observar essa(s) corporeidade(s) como algo em permanente processo de elaboração. Dessa maneira, há potência de ação; manifestação de vontades dos sujeitos, reveladas em seus modos de expressão.

Em diálogo com essa perspectiva não-essencialista e com a ampliação de olhares sobre o corpo, Santaella faz reflexões sobre a construção que chama por “fantasma do sujeito”. Para ela, assistimos, nas últimas décadas, ao que as ciências humanas têm definido como “crise do eu” ou “crise do sujeito” — uma crítica ou recusa ao ideário de “(...) um sujeito universal, estável, unificado, totalizado e totalizante, interiorizado e individualizado” (SANTAELLA, 2004, p. 15). Em outras palavras, um sujeito que não pode ser essencializado, justamente por não estar inerte ou estático e, de tal modo, que é livre para modificar-se conforme os eventos de sua existência.

Essa crise e a ampliação dos debates sobre o assunto revelam, em sua análise, que se trata de questão em suspeição, para a qual ainda não existem respostas definitivas. Como enfatiza, diferentes áreas do pensamento, como dos estudos culturais, feministas e pós-colonialistas, têm colocado em relevo as discussões sobre o sujeito. Essas diferentes visões, por sua vez, confluem no entendimento de

que não há subjetividade se não forem consideradas as relações de poder, a história, a cultura e a linguagem.

Não é apenas o pressuposto de que existe um sujeito universal, unitário e centrado que está em questão, mas, sobretudo, como porventura o sujeito poderia ser situado, corporificado, fragmentado, descentrado, des-construído ou destruído. Por isso, no lugar dos antigos “sujeito” e “eu”, proliferam novas imagens de subjetividade. Fala-se de subjetividade distribuída, socialmente construída, dialógica, descentrada, múltipla, nômade, situada, fala-se subjetividade inscrita na superfície do corpo, produzida pela linguagem etc. (SANTAELLA, 2004, p. 17).

Sobretudo considerando a questão das corporeidades, não haveria mais espaço para a imagem de sujeito elaborada no molde cartesiano, marcado pela célebre postulação “penso, logo existo”, de Descartes. Especialmente porque, nessa concepção, os corpos seriam justamente o que Santaella chama de fantasma, pois servem somente como meio de individuação, “(...) envelopados pela pele e carimbados pelos rostos. Em suma, um fantasma cuja força advém do recalque do corpo” (SANTAELLA, 2004, p. 15).

Enxergamos a formação do sujeito de modo mais complexo. Não se trata somente de um confronto entre o interior e o exterior — dualidade cartesiana que aponta para uma oposição entre a interioridade da coisa pensante (o sujeito) e exterioridade do corpo (o objeto) (CARDIM, 2009). Dessa forma, pensamos essa formação para além da separação entre o corpo e a alma, como abalizou Platão e redefiniu Descartes. Ainda que esse último ponderasse o corpo como sinônimo de extensão e, assim, permitisse uma união entre o sujeito e o objeto, tinha o corpo apenas por uma máquina, a qual estaria isolada da subjetividade.

Interessa-nos considerar o sujeito que constantemente se elabora, sobretudo por meio da linguagem (em suas variadas formas) ou de um complexo “sistema representacional”, justamente em referência a esses significados compartilhados que nos permitem codificar o mundo (HALL, 2016). De maneira especial, o sujeito projeta essas elaborações também através de seu corpo. Ao realizar leituras acerca do contexto linguístico e cultural, Santaella (2004) ressalta essa morte do sujeito cartesiano através de uma dita propriedade fundamental da linguagem: a subjetividade. Sendo assim, haveria uma urgência em expressá-la, notadamente através dos pronomes pessoais.

O eu como sujeito da enunciação forma um *locus* de subjetivação, criando uma “posição de sujeito”, um lugar no interior do qual um sujeito deve surgir. É através da linguagem que os humanos se constituem a si próprios como sujeitos, porque é apenas a linguagem que pode estabelecer a capacidade de a pessoa se colocar como sujeito, como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências reais que ela reúne, produzindo a permanência da consciência (SANTAELLA, 2004, p. 18).

Imediatamente, com essas ponderações, poderíamos nos lembrar de uma frase que circulou e ainda circula nas marchas feministas e nos discursos de empoderamento, mormente nos últimos anos: “meu corpo, minhas regras”²². Resguardas as distinções temáticas entre nossa pesquisa e os debates voltados às questões de gênero, nomeadamente no que concerne às políticas de resistência das mulheres e das pessoas LGBTQ+²³, é oportuno salientar como, mais recentemente, parece haver maior preocupação com essa reafirmação da posse, contudo agora projetada por um viés identitário. Não mais falamos sobre o corpo apenas como um invólucro ou máscara, mas como um revelador dessa experiência do existir, a qual igualmente se caracteriza pelo transitório e em fruição.

Em mais uma leitura, poderíamos reflexionar: este corpo é meu, revela quem sou e, portanto, estarei no comando no que diz respeito aos seus usos e construções. Conforme dissemos, a frase é germinada em meio aos discursos de empoderamento e, portanto, também envolve uma desconstrução cuja elaboração busca envolver libertação de amarras sociais múltiplas, tolhimentos do sistema capitalista, da sociedade patriarcal e de controle. Movimentos gerados como respostas a tantos controles, dos quais tratamos com base nas análises de Foucault (1987).

No entanto, Santaella (2004) concorda com a insuficiência da abordagem linguística e junta às suas reflexões o que Deleuze e Guattari — acompanhando postulações de Foucault — chamam de “agenciamento de enunciação”. Sob essa perspectiva, há uma junção de forças nessa continuada reformulação do sujeito. Com a interpretação das reflexões de Foucault, a pesquisadora indica: “Para ele, o corpo não só recebe sentido pelo discurso, mas é inteiramente construído pelo

²² No Brasil, a frase surge em meio aos protestos da *Marcha das Vadias*. A manifestação, que tem origem no Canadá, aborda o direito das mulheres de usarem seus corpos da forma como quiserem. Em princípio, estava alinhada aos desejos de legalização do aborto, por parte das feministas, mas, com o passar do tempo, vai ganhando outras dimensões. Cf.: MORAIS, 2015 e PEREIRA, 2018.

²³ A sigla se refere a lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e transexuais, *queer* e o sinal + indica tudo no espectro de gênero e sexualidade que as letras não descrevem. Informações na revista do Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/580340-sigla-lgbtq-cresce-para-ecoar-amplidao-do-espectro-de-genero-e-sexo>. Acesso em: 16 mar. 2019.

discurso”. Sendo assim, “(...) o corpo termina por desaparecer como entidade biológica, tornando-se um produto socialmente construído que é infinitamente maleável e altamente instável” (SANTAELLA, 2004, p. 19-20).

Esse entendimento do corpo ligado à expressão das identidades, como elaboração permanentemente aberta e em processo é importante para as reflexões que buscamos promover. Ainda conforme a autora, Deleuze articula as noções de *perceptos* e *afectos* justamente para melhor articular essas novas imagens de subjetividade. Com novas maneiras de ver, escutar (*perceptos*) e sentir (*afectos*), o filósofo amplia as possibilidades de sua cartografia conceitual, como denomina.

Coreografando seu pensamento com conceitos como hecceidade, corpo sem órgãos, nômade, agenciamento, devir, máquina abstrata, espaço liso, rostdade, território, rizoma, dobra, linhas molares, linhas moleculares, linhas de fuga, conceitos estes que servem para combater a primazia do verbo ser, Deleuze remete nossa atenção para circunstâncias: em que caso?, onde e quando?, como?, e nunca para essências. Com isso, ele desenha subjetividades em movimento e continuamente produzidas (SANTAELLA, 2004, p. 20-21).

Não nos aprofundaremos em todos esses conceitos de Deleuze apontados por Santaella (2004), porém nos importa a ideia extensiva de um ser que, por conta dos diversos contatos, elabora suas subjetividades continuamente e, assim, as mantém em processo. Com os “rizomas” deleuzianos, observamos potencialidades de aprendizado, diversificação e metamorfose precisamente criadas pelas conexões que elaboramos ao longo do curso da existência. Nessa perspectiva, trabalhamos os sujeitos como “agenciamentos” cambiantes, pois mudam segundo as conexões com as quais são associados. Ao final, “mesmo aceitando que a corporeidade não dá qualquer forma essencial ou estável à subjetividade, não é possível negar a asserção dessas análises de que é sobre esse material ‘bruto’ do corpo que a cultura trabalha sua constituição da subjetividade” (SANTAELLA, 2004, p. 23).

Considerando o argumento central de Santaella (2004) e o atualizando, com base nas leituras traçadas até aqui, não observamos o corpo enquanto instância definitiva para a concepção das subjetividades, mas sim como produto em processo, em diálogo com as realidades em que se inserem. Em outras palavras, resultado das culturas com as quais dialoga. E o é por reverberar o ambiente que nos cerca e suas constantes influências, especialmente em tempos recentes. Estamos no século XXI, muito caracterizado pelo bombardeio de estímulos, com uma dinâmica mais acelerada e de aparelhos conectados aos corpos, principalmente os *smartphones*,

proeminentes em vários dos contextos sociais dos quais estivermos tratando, especialmente nos anos 2010. As reflexões de McLuhan (2005) sobre os meios de comunicação como extensões do homem presentes e, certamente, atualizadas.

Rodrigues (1999) faz reflexões sobre a nossa subjetividade ao abordar o corpo ao longo dos tempos, sobretudo a partir do que chama de “história da sensibilidade” e do olhar voltado para o passado, particularmente para a Idade Média, como apresentamos em páginas anteriores. Para o autor, ainda temos traços medievais na sociedade ocidental (e nas tradições brasileiras, como com o destaque dado para as nádegas ou das condições socioambientais em periferias, comunidades ou mesmo em cidades inteiras), embora exista uma forte negativa proveniente da cultura capitalista e industrial, em relação a isso. O pesquisador aborda a importância do pretérito para a constituição de gostos e sensibilidades do presente, como nossos medos, nossos cuidados com a saúde e a higiene, nossas referências estéticas, nossas orientações sexuais e amorosas. São expressões do que comumente também associamos à subjetividade, contemporaneamente.

Em relação à mencionada dualidade cartesiana, Rodrigues (1999) traz uma significativa distinção das noções medievais, importante para as compreensões que aqui buscamos permitir. Conforme expõe, nesse período a corporalidade era valorizada, vez que não era distinguida do que hoje entendemos como pertencente ao campo do “espiritual” e porque corpo e alma não eram separados.

Não se imaginava, nos tempos medievais, que os seres humanos possuíssem, por um lado um espírito — indestrutível, transcendente e sublime — que se contrapusesse, por outro, a uma matéria fadada à degradação e decomposição, por ser portadora de dignidade menor (RODRIGUES, 1999, p. 55).

Nas sensibilidades da Idade Média, os simbolismos do corpo eram bastante importantes. Através dele, constituía-se a condição humana e não, meramente, via-se a alma revelada. Com isso, é possível compreender uma valorização da carne nos rituais de dor, torturas e mesmo no pós-morte (RODRIGUES, 1999). Com destaque para o fim do século XIX e início do XX, podemos colocar os sacrifícios do corpo de forma muito próxima ao seu culto e também à elaboração de identidades. Abordamos a eclosão dos exercícios de musculação em 1870, nos Estados Unidos, e ainda poderíamos mencionar o uso de adornos, as cirurgias plásticas, as tatuagens, as escarificações e outras alternativas para marcar esse encontro — corpo e dor — com a elaboração de individualidades, mormente em períodos mais recentes.

Essas são bases para reflexões sobre uma subjetividade em constante movimento. Daí nossa afinidade com a corrente não-essencialista que trata a(s) identidade(s) de maneira oposta ao que afirmam aqueles que a veem como algo inato, fixo e imutável, os não-essencialistas. Acerca dessas elaborações, podemos nos guiar pelos exames de Hall (2006), para quem os reflexos da modernidade tardia fazem emergir justamente essa concepção provisória do sujeito: “(...) à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar” (HALL, 2006, p. 13).

Em seus estudos sobre o tema, Woodward (2007) escreve sobre o aspecto relacional da identidade, a qual seria marcada pelas diferenças. Essa ideia também define os contornos de um conceito abalizado pelas esferas da cultura e que, portanto, tem forte relação com o meio no qual estamos inseridos e com as trocas que realizamos. Ainda para a autora, “(...) a construção da identidade é *tanto* simbólica *quanto* social” (WOODWARD, 2007, p. 10, grifos da autora) e essa relação revela a importância de nossas projeções comunicativas.

Uma vez mais, essas reflexões permitem aproximarmo-nos do “circuito da cultura” (DU GAY *et al.*, 1997) e do “sistema representacional” dos quais trata Hall (2016). Nesse circuito da cultura há relações multidirecionais entre regulação, consumo, produção, identidade e representação. Essas noções, por sua vez, só produzem sentido e se apresentam de maneira circular, causando efeitos mútuos, por estarem envoltas em um compartilhamento de significados.

A linguagem — e aqui consideramos as variadas formas de expressão — “(...) nada mais é do que o meio privilegiado pelo qual ‘damos sentido’ às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado” (HALL, 2016, p. 17). E para que essas potências de comunicação/diálogo/trocas sejam possíveis e haja construção de valores e acepções, é necessária a partilha dessa linguagem.

Propriamente para tratarmos as potências de sentido dos corpos é que abordamos as questões ligadas às identidades e ao circuito da cultura. Ao apresentar “o corpo inacabado”, Le Breton destaca que, em nossas sociedades, ele se tornou matéria-prima adaptável ao tempo e ao ambiente em que estamos inseridos. Sendo assim, “o corpo já não é uma versão irreduzível de si mas uma construção pessoal,

um objecto transitório e manipulável susceptível de variadas metamorfoses segundo os desejos do indivíduo”²⁴ (LE BRETON, 2004, p. 7).

A partir do que foi debatido, podemos dar ênfase para as propostas teóricas de Hall (2006) acerca da identidade do sujeito com a alcunha de pós-moderno. Levando-se em conta as ilustrações apresentadas, das mentalidades em relação aos corpos em diferentes tempos anteriores, foi possível observar o caminho dessas elaborações: vimos a concepção do Iluminismo, na qual o sujeito tinha uma identidade fixa e estável; e a concepção do “sujeito sociológico”, para quem importariam as relações entre o mundo público (exterior) e o pessoal (interior) na formação da identidade — “A identidade, então, costura (...) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (HALL, 2006, p. 12).

Baseando-nos nessas considerações, abordaremos complexidades dos tempos mais recentes, da modernidade tardia, em que o caráter de mudança provoca uma “celebração móvel” na formação das identidades, fragmentadas e em constante processo de elaboração. Elas têm caráter problemático, provisório e variável (HALL, 2006). Nesse entendimento, mais uma vez salientamos os domínios da cultura, que nos interpela com seu *continuum* de sentidos e transformações. Nos séculos XX e XXI, para os quais voltaremos nossos olhares, pulsam outras questões sobre o corpo, marcado pelo paradigma das novas mobilidades, outras e ressignificadas possibilidades de alteração e, sobremaneira, pelos reflexos de uma influente cultura da mídia.

3.2. O corpo modificado, as mobilidades e a comunicação

Percorremos uma significativa trajetória a fim de observar os sentidos do corpo em distintos momentos da história, com foco em narrativas do Ocidente. Essa caminhada, então, nos traz até os séculos XX e XXI, nos quais encontramos uma profusão de significados igualmente numerosos, porém talvez mais notáveis. E por que há essa percepção de mudança? Certamente, as dinâmicas do cotidiano, com consideráveis transformações nas mobilidades e nas formas de comunicação, são importantes para isso. Assim sendo, buscamos examinar esse cenário em que pessoas e informações circulam de forma acelerada, criando padrões (e rupturas)

²⁴ A obra foi publicada em Portugal e por isso algumas palavras apresentam diferenças de grafia.

com importantes reflexos em nosso sistema da cultura. É sobre esse complexo cenário que nos debruçaremos nesta seção.

Importa-nos refletir sobre esse contexto, pois observamos corpos que circulam com mais facilidade e, muitas vezes, a partir desses trânsitos, registram as experiências de diferentes modos, como por meio de modificações corporais. Para fazer essas observações, consideramos a ampliação das capacidades de movimento, os sistemas político-econômicos vigentes e a difusão das trocas, com uma ampliação vultosa da comunicação e seus meios. Sendo assim, três conceitos são centrais para os entendimentos que aqui buscamos elaborar: os da antropologia e sociologia do corpo, o de cultura da mídia e do paradigma das (novas) mobilidades.

Inicialmente, seguindo com os exames sobre os contornos do tempo nas experiências corporais, devemos tratar o contexto do século XX. Conforme Pires (2005), ocorre dilatação populacional, desenvolvimento das cidades e avanço nas descobertas científicas e tecnológicas. Tudo isso altera de forma expressiva o comportamento de homens e mulheres. E essas noções são centrais para nós, vez que se relacionam diretamente com os contornos da pesquisa, considerando nossas discussões em torno das territorialidades, dos deslocamentos e dos afetos.

Vale avaliar mais de perto o primeiro e o segundo pontos mencionados: o alargamento do número de pessoas e o incremento urbano. Isso traz efeitos diretos máxime para dois dos sentidos: o tato e a visão. O que enxergamos e o que por nós é verdadeiramente visto? As imagens se multiplicam, ganham notoriedade e ampla circulação. Talvez esse seja o sentido mais explorado nos últimos tempos — e muitos pesquisadores se preocupam com os efeitos disso. E como vivenciamos as experiências agora proporcionadas? Em muitos casos em que pensamos, o ver é insuficiente e entra em contexto o toque. Por fim, se nessa conjuntura alargam-se as possibilidades de encontro, também se engrandecem os desejos de individuação, a fim de obter destaque em meio ao número cada vez maior de pessoas que dividem os espaços.

Dissemos que desde o século XIV já são postos em relevo os anseios de autonomia do indivíduo, muito expressos por meio da escrita de relatos, dos retratos e das lembranças diversas, destacadas pelo propósito de registrar a existência. Com a ampliação das possibilidades para cultivar esses arquivos, isso ecoa nos períodos imediatos e segue no presente. Por esse mesmo ângulo, podemos mencionar ilustrações do contexto da Atualidade, de nossa sociedade de consumo, largamente

mediatizada, para a qual os sujeitos se expõem de maneira espontânea (embora nem sempre natural), inclusive com a (dilatada) exibição de seus corpos.

Bruno (2004; 2005), pensando a ascensão da comunicação de massa e a larga penetração da internet em nosso dia-a-dia, aborda a visibilidade do sujeito comum, para quem distintos e vastos olhares — com as margens entre o público e o privado bastante borradas — são lançados. À época das análises mencionadas, a pesquisadora versava sobre *weblogs*, *fotologs* e *reality shows*, os quais poderíamos chamar de versões atualizadas — ainda em uso — dos recursos acionados na Modernidade, na urgência da autonomia e da individualidade.

Especialmente na segunda década do século XXI, por meio de outros aparelhos, sobretudo os *smartphones*, essas subjetividades são expostas de maneiras ainda mais diversas. O corpo — que se exercita nas academias de ginástica, dança os *hits* do momento, circula por aeroportos de todo o globo e se alimenta em restaurantes famosos, por exemplo — é amplamente apresentado e notado, por uma audiência às vezes numerosa e desconhecida por parte dos criadores desses conteúdos tão pessoais.

Muito desse material é produzido pelos chamados “influenciadores digitais”. Pessoas que têm uma forte audiência *on-line* (e por conta dela, às vezes, ganham outros espaços, como na TV e no cinema) e que inspiram, motivam e instigam a comprar, mudar hábitos, usar determinada roupa ou acessório e, claro, a modificar o corpo. É comum que *piercings* e tatuagens sejam componentes da unicidade e diferenciação que constroem e um assunto evidenciado em suas postagens.

Retomando o contexto descrito por Pires (2005), ainda no início do século XX, são ressaltadas as contribuições do trabalho de Sigmund Freud em relação a essa convivência potencializada pelo grande número de pessoas, a massa. Essas noções têm impacto sobre a forma como tentamos entender a sociedade contemporânea, sobremaneira em relação aos contornos das subjetividades e das alteridades.

Voltando-nos para as elaborações e concepções sobre o corpo, Le Breton (2007) argumenta a respeito da importância do olhar psicanalítico. Como ajuízo em relação à sociologia, “Freud revela a maleabilidade do corpo, o jogo sutil do inconsciente na pele do homem; faz do corpo uma linguagem na qual, de modo secreto, são expressas as relações individuais e sociais, os protestos e os desejos”

(LE BRETON, 2007, p. 18). Aspectos importantes, quando estamos em busca de melhor compreender os elementos pertencentes ao complexo sistema da cultura.

Os raciocínios de Stuart Hall em relação aos trabalhos de Freud avigoram o entendimento sobre os efeitos dos “descentramentos” no pensamento ocidental do século XX. Fundamentam as noções contrastantes com as visões “(...) do sujeito cognoscente e racional, provido de uma identidade fixa e unificada — o ‘penso, logo existo’ do sujeito de Descartes” (HALL, 2006, p. 36). Assim, reforçam os conceitos que tratam a identidade como algo formado ao longo do tempo, por processos inconscientes.

Retomando o olhar acerca das corporeidades ao longo do tempo e falando em uma nova configuração da presença em meio à multidão, o que prevalece, em linhas gerais, é mesmo o culto ao corpo do qual começamos a falar na seção anterior. Na década de 1920, o vigor muscular já está consolidado como status desejável e torna-se esporte olímpico, com o levantamento de peso. E os efeitos seguintes caminham com esse mesmo propósito: marcar e diferenciar-se perante o grupo. Um fenômeno que se vê muito próximo também dessa consciência de existência da massa, que parece fazer desaparecer quando se é apenas mais um. São outras muitas pessoas, outros muitos territórios, outras muitas representações.

Nesse trajeto, seguimos em comunhão com os conceitos que definem o corpo enquanto construção simbólica e cultural. Observando os tempos mais recentes, isso parece ficar ainda mais evidente, mormente em razão de uma atualização do dualismo que o envolve, conforme reflete Le Breton (2004; 2016). Para o sociólogo, não há mais a divisão entre a carne e o espírito, mas sim entre o homem e seu corpo, cada vez mais tido como objeto manipulável e transitório, uma matéria-prima a se modelar conforme o ambiente e o momento, um lugar de encenação de si e um acessório de presença (LE BRETON, 2004).

Na trajetória temporal aqui desenhada, podemos voltar nossos olhares para o contexto da Segunda Guerra Mundial e remarcar a importância do corpo enquanto objeto da cultura e do poder — em alusão aos debates de Foucault (1987). Como é sabido, este período da Guerra (1939-1945) também é sublinhado pelas ações extremistas da ideologia nazista, originada na Alemanha, com a qual grupos considerados impuros ou inferiores — como judeus, negros e homossexuais — foram perseguidos, torturados e mortos. As condutas de dominação e terror tinham no corpo sua principal canalização. Isso destaca sua importância, mais uma vez.

Ao chegar aos campos de concentração, após ser despojado de tudo que ainda lhe permitisse manter sua identidade, o sujeito era marcado por um número tatuado em seu antebraço. A real função dessa tatuagem não era identificar o sujeito dentro do campo, mas sim identifica-lo a si próprio e aos outros como pertencentes à escória social. A partir daí o corpo deixava de ser uma estrutura física para constituir matéria-prima destinada a vários “experimentos” nazistas (PIRES, 2005, p. 63).

A descrição desse cenário do Holocausto evidencia a modificação corporal, nesse caso com a tatuagem, como alternativa para construção de identificações. No entanto, nesse caso falamos de algo sumariamente imposto; de uma diferenciação que, em verdade, discrimina, agrupa e anula o sujeito de sua dignidade humana.

Concomitantemente a esse período de experiências ligadas aos mais diferentes e horríveis tipos de torturas e mortes, a partir de 1943, com as pesquisas de Erwin Schrödinger e outros cientistas, avançam as descobertas acerca da estrutura do DNA (ácido desoxirribonucleico) e de seus efeitos sobre a hereditariedade. A evidenciação, já em 1953, por Watson e Crick, é marco para a ciência e segue sofisticando a relação com os desejos de alteração das estruturas do organismo humano (PIRES, 2005). Como noticia a mídia, os avanços são contínuos, não só em busca de curas para doenças, como norteados pelas aspirações de poder selecionar características para o indivíduo antes mesmo de sua concepção.

Sendo assim, não só em razão dessas descobertas sobre o DNA, como por muitas outras já feitas pelos pesquisadores, os trabalhos sobre os corpos encontram, notadamente no presente, outros limites, sobretudo éticos. Conforme Marzano-Parisoli (2004, p. 65), “(...) o corpo se tornou um verdadeiro objeto de administração, de programação, de decomposição e de recomposição”. A filósofa apresenta essa definição justamente pensando como as fragilidades, as vulnerabilidades às doenças e os efeitos do envelhecimento não são bem vistos pela sociedade ocidental, a qual busca diferentes tipos de práticas (sobretudo médicas), para que possa alinhar o corpo aos padrões dominantes — imagens ativadas (ou reativadas) que passam a imperar com os conceitos narcísicos do século XX até o presente (LE BRETON, 2016)²⁵.

²⁵ No fim de 2018, o episódio de um cientista chinês que afirmava ter alterado genes de bebês gêmeas para que fossem imunes à infecção por HIV foi amplamente debatido, sobretudo quanto aos limites éticos. He Jiankui foi condenado a três anos de prisão e a pagar multa por “ter realizado ilegalmente a manipulação genética de embriões com fins reprodutivos”. CIENTISTA chinês que criou bebês geneticamente modificados é condenado a três anos de prisão. *GI*, 30 dez. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/12/30/cientista-chines-que-criou-bebes-geneticamente-modificados-condenado-a-tres-anos-de-prisao.ghtml>. Acesso em: 14 mai. 2020.

De acordo com Le Breton (2016), desde o fim dos anos 1960 e com força crescente de continuidade, um novo imaginário do corpo se desenvolveu e conquistou domínios até então inéditos. Além de tema eleito nos discursos sociais, de “território a explorar” e “lugar geométrico da reconquista de si”, é “lugar do combate desejado com o ambiente graças ao esforço (maratona, *jogging* etc.) ou à habilidade (patinação); lugar privilegiado do bem-estar (a forma) ou do bem parecer (as formas, fisiculturismo, cosmética, dietética etc.) (LE BRETON, 2016, p. 185).

Nesse dualismo contemporâneo abordado por Le Breton (2016), a súbita paixão pelo corpo também se constrói por meio das diferentes sensações que ele pode (ou deve) proporcionar. Como ainda diz o autor, não se trata de um cenário em que vemos uma *ensomatose* (a queda no corpo, grifo do autor), mas sim o corpo como via de salvação. Se ele é parte inapreensível do homem, ganha cada vez mais sentido como alter ego. Ademais, esse dualismo contemporâneo distingue o homem do seu corpo, pois marca que:

O corpo é a morada do homem, seu rosto. Momentos de dualidade em uma vertente desagradável (doença, precariedade, deficiência, fadiga, velhice etc.) ou em uma vertente agradável (prazer, ternura, sensualidade etc.), dão ao ator o sentimento de que seu corpo lhe escapa, de que excede tudo aquilo que ele é. O dualismo é outra coisa; ele fragmenta a unidade da pessoa, amiúde implicitamente, resulta em um discurso social que faz desses episódios de dualidade um destino; ele transforma o excesso em natureza, faz do homem uma realidade contraditória, onde a parte do corpo está isolada e afetada por um sentido positivo ou negativo, segundo as circunstâncias. O dualismo moderno não esquarteja a alma (ou o espírito) e o corpo, ele é mais insólito, mais indeterminado; ele avança mascarado, temperado, sob diversas formas, mas todas repousam sobre uma visão dual do homem. Lugar de jubilação ou de desprezo, o corpo é, nessa visão do mundo, percebido como outro que não o homem. O dualismo contemporâneo distingue o homem do seu corpo (LE BRETON, 2016, p. 186).

Para o antropólogo francês, esses conceitos reforçam um forte “estetismo” associado ao corpo, máxime como marca do individualismo. Isso especialmente a partir do fim da década de 1960, de forma acelerada, com “(...) investimento da esfera privada, preocupação com o eu, multiplicação dos modos de vida, atomização dos atores, obsolescência rápida das referências e dos valores, indeterminação” (LE BRETON, 2016, p. 187). Essa fotografia sacada pelo autor se relaciona ao que as teorias multiculturais abordam como sendo parte das construções dominantes, elaboradas pelas representações.

Ainda para Le Breton, “(...) o individualismo inventa o corpo e o indivíduo ao mesmo tempo” (2016, p. 187) e, também por isso, o investigador entende o corpo

como lugar e tempo de distinção, um “fator de individuação”, baseando-se em Durkheim. Decerto, existe um tom crítico atrelado às análises do pesquisador, por apreender que há uma ascendência de relações compulsórias ou que, embora falem sobre a busca de novas sensações e do bem-estar, o façam de forma controlada.

Podem ser retomadas, aqui, as considerações de Santaella (2004) acerca da crise do sujeito, a qual também perpassa essa pressão por elaborar uma imagem saudável, em forma e conforme os padrões vigentes. Porque “o corpo torna-se uma espécie de parceiro a quem pedimos a melhor apresentação, as sensações mais originais, a ostentação dos sinais mais eficazes” (LE BRETON, 2016, p. 189). De maneira sintética: enquanto acessório de presença e lugar de encenação de si (LE BRETON, 2004), como destacamos, “o corpo torna-se um duplo, clone perfeito, um *alter ego*” (LE BRETON, 2016, p. 192).

Goldenberg (2007) também aborda, com destaque para o painel da segunda metade do século XX, a dominação do culto ao corpo nas sociedades ocidentais. Se vimos em períodos anteriores uma notoriedade anuída às partes baixas do corpo e, posteriormente, um destaque ao rosto, como reflexo aos anseios do individualismo moderno, agora vemos uma combinação dessas duas vistas. Conforme a autora, com a industrialização, a mercantilização e a larga proliferação de normas e imagens, vemos prosperar um poderoso mercado atrelado ao universo da moda e da beleza, especialmente a feminina. Le Breton (2016) também faz relações com esse mercado dos tratamentos estéticos e dos cosméticos, inclusive com atenção para as novas masculinidades que passam a ser permitidas a partir desses processos de uma atenta gestão do corpo.

Em ambas as análises, e ainda acrescentando as preocupações éticas abordadas por Marzano-Parisoli (2004) em relação aos excessos da medicalização, vemos os efeitos do cuidado com esse corpo-máquina ou corpo-ferramenta que se projeta. Se com o desenvolvimento do sistema capitalista ganha força o pensamento do corpo voltado ao trabalho, agora temos um corpo cada vez mais “trabalhado” também. Sobre ele, recai o encargo racional, preocupado com os detalhes da dietética, da atividade física, da aparência.

O paradigma do corpo confiável e pleno de vitalidade é aqui curiosamente aquele da máquina bem-ajustada, amorosamente supervisionada. Belo objeto cujos melhores efeitos é preciso saber tirar. (...) O corpo torna-se uma propriedade de primeira ordem, objeto (ou, antes, sujeito) de todas as atenções, de todos os cuidados, de todos os investimentos (com efeito, também aí é preciso preparar o porvir), cuidar bem de

seu “capital” saúde, fazer “prosperar” seu “capital” corporal sob a forma simbólica da sedução. Devemos merecer nossa juventude, sua forma, seu *look*. É preciso lutar contra o tempo que deixa seus traços na pele, a fadiga, os “quilos a mais”, é preciso “se cuidar”, não se “deixar levar”. (...) É preciso domesticar esse parceiro reticente, para fazer dele uma espécie de companheiro de viagem agradável (LE BRETON, 2016, p. 196-197).

São contrastes desse dualismo contemporâneo discutido por Le Breton. O sujeito é indissociável de seu corpo, por meio dele se apresenta para o mundo e, no entanto, ainda prevalece um descolamento, uma separação. Emerge o corpo como objeto autônomo, apesar de intrínseco. Como pontua Goldenberg (2007), esse corpo descolado também se torna capital, contornado por uma série de investimentos, como de tempo e dinheiro. É preciso dedicação ao projeto de um corpo perfeito. Sobretudo porque, se predomina a dimensão visual, as aparências têm grande apelo e importância nos discursos identitários. Nessa partição engendrada, é preciso haver uma relação harmoniosa entre o sujeito e seu inseparável par.

Em meio às discussões sobre o caminhar das mentalidades, parece ser um contrassenso que ainda seja preciso lidar com tantos tabus e pressões relativos aos corpos. Contudo, em verdade, isso se mostra alinhado às construções que foram sendo edificadas a partir da vigência do sistema capitalista e de uma contundente cultura das mídias, a qual tem poder para criar, promulgar e sustentar ideologias e padrões dominantes. Goldenberg ajuíza essa realidade, questionando as razões de ser desse momento e o império do que denomina por uma “cultura do narcisismo”.

Se é bem verdade que o corpo se emancipou de muitas de suas antigas prisões sexuais, procriadoras ou indumentárias, atualmente encontra-se submetido a coerções estéticas mais imperativas e geradoras de ansiedade do que antigamente. A obsessão com a magreza, a multiplicação dos regimes e das atividades de modelagem do corpo, a disseminação da lipoaspiração, dos implantes de próteses de silicone nos seios, de botox para atenuar as marcas de expressão na face e da modelagem de nariz testemunham o poder normalizador dos modelos, um desejo maior de conformidade estética que se choca com o ideal individualista e sua exigência de singularização dos sujeitos (GOLDENBERG, 2007, p. 9).

Podemos unir, nesse cenário, as preocupações de Goldenberg e Ramos (2007) e de Marzano-Parisoli (2004). Por que algumas das intervenções utilizadas para se atingir a “boa forma” ou outras maneiras de se distinguir são tidas como “exóticas” enquanto outras são normalizadas, sobretudo se associadas às práticas da medicina? Nessas circunstâncias, da cultura elaborando o corpo como um modelo a ser erigido conforme os cânones e as regras estéticas, sociais e morais, a filósofa italiana se

preocupa com o distanciamento das noções de uma experiência pessoal em lugar de uma retórica clínica que transforma o corpo apenas em um “objeto de cuidados” (MARZANO-PARISOLI, 2004). Os antropólogos brasileiros, no mesmo sentido, se inquietam com os efeitos desse império das aparências, o qual afasta os sujeitos de viverem experiências para além dos padrões impostos e os aproximam de uma série de ansiedades cotidianas (GOLDENBERG; RAMOS, 2007).

Acerca das contrariedades entre as liberdades e as coações pelas quais passam os sujeitos, principalmente no envoltório da cultura da mídia, com seus influentes produtos, podemos mencionar os corpos femininos e masculinos amplamente expostos nos veículos de comunicação, sobretudo nas capas das revistas ligadas à saúde, bem-estar e estilo de vida. Recorrentemente, são empreendidos estudos, a partir de diferentes perspectivas, e a maioria deles revela uma cobrança por corpos perfeitos: saudáveis, belos e jovens.

As mulheres são cobradas pela forma física ideal, a qual podem atingir notadamente por meio de dietas, exercícios físicos e procedimentos cirúrgicos ou estéticos (ANDRADE, 2002; CASTRO, 2007; GOLDENBERG e RAMOS, 2007; GOETZ *et al.*, 2008; SIQUEIRA e FARIA, 2008; DUARTE, 2011). Já os homens precisam reafirmar a masculinidade alegórica e, sendo assim, o que mais se exalta é a construção de um corpo forte, resultado do trabalho a ele dedicado — e, muitas vezes, também dos adicionais empregados ao processo, como o uso de esteroides e anabolizantes. Essa moral da virilidade e da robustez, de modo semelhante, passa a ser projetada às mulheres. Em suma, o Apolo²⁶ dos tempos recentes deve frequentar as academias de ginástica com regularidade e, igualmente, os centros de estética. Nesse caso, quando as aproximações ao “universo feminino” a eles são permitidas, isso também se faz em vista de um melhoramento da aparência, a fim de se alcançar o padrão almejado (MONTEIRO, 2001; SABINO, 2007; EUFRÁSIO, 2013; LE BRETON, 2016).

Até mesmo os homens gays ou transgêneros, que poderiam ter seus corpos sociais mais livres e à margem dos padrões, são pressionados a construir suas formas físicas com base nesses mesmos códigos de uma virilidade estampada, afetada por resquícios de uma cultura machista. Tais imposições acabam por atravessar a elaboração de suas identidades e sociabilidades, como forma de

²⁶ Em alusão ao Deus da mitologia grega, Apolo, já apresentando como modelo ideal de beleza.

garantir chance de pertença aos grupos e circulação entre eles. Esse cenário também está associado ao consumo, norteando quais produtos e serviços ajudam a compor a figura desse sujeito (SILVA, 2007; REIS, 2013; JESUS, 2018).

Decerto, essas buscas envolvem dores e sacrifícios. Então, nessa lógica, os bem-sucedidos são assinalados como vitoriosos e virtuosos, enquanto os que estão associados a valores opostos — “feios”, “gordos”, “velhos” ou “afeminados” — são taxados como perdedores, incapazes e permanecem rejeitados. Em todo esse trajeto, falamos sobre valores associados ao consumo e a uma promessa hedonista de bem-estar.

A questão dos corpos negros também é central nas discussões. Já vivemos momentos nos quais os pretos foram tratados como mercadorias. Com a escravidão, talvez tenhamos o ápice da ideia do corpo tratado como instrumento (sobretudo para o trabalho). Embora não tenhamos mais regimes escravocratas (ao menos não legalmente), a objetificação destes corpos ainda é presente, notadamente na esfera sexual, e os diferentes tipos de preconceitos ainda circundam nossas sociedades. Novamente, ideologias preconizadas e fortalecidas por valores da cultura da mídia, sobre os quais devemos refletir de maneira crítica (KELLNER, 2001).

Para tentar encerrar, ainda que de modo provisório, as apreensões sobre o corpo através dos anos de nossa formação social, vale trazermos anotações acerca das décadas posteriores aos anos 1960. Pires (2005) volta seus olhares também para esse período mais próximo temporalmente, dando ênfase aos contornos da arte e da moda, chegando ao cenário em que estão imbricados os poderes relativos aos domínios das tecnologias e seus reflexos em relação às modificações corporais.

Se não houve um grande número de transformações ao longo das primeiras décadas dos anos 1900, Pires (2005) descreve como o contexto foi se alterando. Com relação à arte, a pesquisadora aborda a valorização do corpo, nos anos 1960, com a sua consideração enquanto território ou espaço de reterritorialização (PIRES, 2005, p. 69). Junto disso, temos o rompimento com as formas tradicionais de representação, pintura, escultura e desenho. Há ascensão do movimento *hippie*, da contracultura, da revolução sexual e do ideário de uma sociedade alternativa.

Outras observações importantes são o início da moda unissex e a invenção do conceito de “estilo”. Para indicar mais acertadamente os artigos e costumes dos adolescentes (*teenagers*) e contemplar uma fatia de mercado em expansão, é dada forma para a ideia, a qual se desenvolve, com rapidez, no ditar de “tendências”.

Além disso, rompem-se algumas fronteiras em relação ao uso de peças do vestuário e as diferenças entre os gêneros é diminuída. Todo esse painel, uma vez mais, bastante atrelada ao amplo universo do consumo.

Nos anos 1970, ressurgiu e emergiu a descrença absoluta em tudo, chamada de niilismo. Há, ainda, uma ênfase para o individual e conceitual. Nas artes e na moda, valoriza-se a linguagem da performance. Nos desfiles de moda, por exemplo, modelos não devem somente vestir as roupas, mas mostrar atitude. É o período em que também explodem distúrbios relacionados aos padrões dos corpos magros, como a anorexia e a bulimia. Em contraste com a década anterior, vemos massificação, notadamente por meio do uso do *jeans* e da camiseta (PIRES, 2005).

São períodos com uma profusão de sentidos significativa. Mas a maioria dos movimentos dominantes sofre resistências, decerto. É o que vemos com o *punk*, ainda nos anos 1970. Em uma estética de subcultura, com o uso de moicanos, coturnos e correntes, além de releituras do *kitsch*²⁷, os jovens trabalhadores, em meio à crise econômica pós-guerra, buscam questionar e criticar o *mainstream* (PEREIRA; BOESCHENSTEIN, 2016). No entanto, sua marginalidade acaba sendo adotada pela moda, com a integração de suas roupas, penteados e acessórios — o que inclusive prepara para a disseminação do uso de *piercings* e implantes. Ainda nessa década, a tatuagem deixa de ser tida como *underground* e é incorporada pela moda, passando a ser objeto de desejo (PIRES, 2005).

Nos anos 1980, já se fala em pós-modernidade, com forte associação aos fenômenos da globalização. A ideia de pluralidade ganha força, sendo associada aos desenvolvimentos da medicina, da ciência e da tecnologia. O cenário incentiva o indivíduo a alterar seu corpo em busca de uma perfeição baseada no consenso do grupo social a que está vinculado ou deseja participar. Há uma força de valores estéticos nesse caminhar, certamente. A tatuagem ganha mais força de penetração e é acompanhada pelo *piercing*. Existe um movimento da moda e da mídia para que as singularidades sejam predominantes, com distância dos padrões e uma busca por elementos capazes de surpreender (PIRES, 2005).

²⁷ O termo, comumente, faz menção a produção de baixa qualidade ou mau gosto. Para os críticos, como Theodor Adorno e Clement Greenberg, situa-se no cerne da indústria cultural e da produção de massa, caracterizando-se por uma estética da cópia e por sensações falsas. Também é associado ao tido por “brega”. KITSCH. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3798/kitsch>. Acesso em: 20 de mai. 2019.

De acordo com Villaça e Góes (1998), nos anos 1990 temos uma aceleração da moda, possibilitada pela mídia e seus meios. A televisão, com canais abertos e fechados, permite ampla difusão de valores. Personalidades de novelas, filmes e campanhas publicitárias já são adeptas de modificações corporais, por exemplo (PIRES, 2005). Há uma certa normalização dessas práticas, juntamente de outras. Ganham força as noções de pluralidade e transitoriedade, com as intervenções nos corpos — além da *body art*, também com as cirurgias, os procedimentos estéticos, as dietas e a malhação — ocupando espaço central na elaboração dos papéis sociais.

Nas décadas mais recentes, já nos anos 2000 e 2010, no século XXI, o cenário não sofre tantas alterações. Não obstante, pulsam diversas questões. A “cultura do narcisismo” segue presente e agora tem outros meios para dispersão de suas imagens emblemáticas — como quando debatemos os usos dos *smartphones* e das redes sociais virtuais. Mote igualmente discutido com frequência é o do incremento das tecnologias e as possibilidades de uma biocibernética. Como funciona(ria)m esses corpos-ciborgues? Quais suas relações com a arte, a mídia e, em especial, com a ética? Quais os limites para essas conexões digitais? (SANTAELLA, 2004; 2010).

Em suas reflexões sobre esses temas, Pires (2005) traz a obra do artista performático australiano, Stelarc (Figura 5). Em seu trabalho, o artista coloca à prova as capacidades do corpo humano, realizando contrastes com as tecnologias vigentes.

Através da indagação: “É hora de se perguntar se um corpo bípede, que respira, com visão binocular e um cérebro de 1.400 cm³, é uma forma biológica adequada, Stelarc retira o potencial do humano e apresenta o corpo como obsoleto, como uma estrutura ultrapassada. Segundo ele, a vulnerabilidade e a limitação física e mental do corpo — que adoece, morre, sente a mudança das estações, se cansa, necessita de cuidados contínuos, como alimentação, hidratação e repouso, e não consegue assimilar e armazenar a quantidade e variedade de informações produzidas — são incompatíveis com as constantes inovações científicas e tecnológicas desenvolvidas e criadas pela sociedade contemporânea. Seu interesse atual consiste em explorar novas extensões corporais que sirvam para ampliar e intensificar, por meio da alta tecnologia e da robótica, as capacidades sensoriais, operacionais, funcionais, perceptivas e motoras do ser humano. Para Stelarc, a potencialidade está na tecnologia, e é através dela que o corpo deverá ser reprojetoado e o conceito de humano, redefinido (PIRES, 2005, p. 95-96).



Figura 5: Stelarc e o projeto *Third Hand*, criado nos anos 1980.

Controlado por sua mão direita e por músculos abdominais e das pernas, o membro cibernético tem movimentos independentes. Disponível em: <http://stelarc.org/?catID=20265>. Acesso em: 06 jun. 2020.

A dualidade contemporânea tratada por Le Breton (2016) tem outros fatores de complexidade, então. Se pensamos em corpos obsoletos em relação às potências das máquinas e em uma possibilidade de superar suas limitações, também estamos falando em criar distâncias ainda maiores ou mesmo em um descolamento total entre o sujeito e seu par, o seu corpo. Onde ficam as dimensões humanas? Como se dariam os contatos com o mundo exterior? Sem falar nos já mencionados limites éticos, sem dúvida importantes quando se pensam as chances de intervenção. São questões pertinentes e instigantes, decerto. No entanto, deixaremos-nas em suspenso, pois originam outros problemas de pesquisa. Além disso, optamos por concordar que são possíveis outras relações entre o corpo e as tecnologias e, ademais, que são justamente as ditas “imperfeições” que elaboram as questões sobre as quais estamos refletindo.

Trazemos para os debates a imbricação entre os corpos contemporâneos, as tecnologias e as mobilidades. Em contraposição ao ideário da boa forma, nunca fomos tão acusados por sedentarismo. Novamente, as tecnologias têm impacto sobre isso, uma vez que dispomos de suporte e artefatos para realizar tarefas para

as quais, antes, seriam necessários maiores desgastes. Longas distâncias são superadas em tempos cada vez menores, por exemplo.

Le Breton (2016) faz reflexões sobre um “atrofiamento” de nossa motilidade, justamente por conta das estruturas e dos artefatos de que dispomos. Entretanto, conforme ponderam Kaufmann, Bergman e Joye (2004), o debate acerca das mobilidades e imobilidades é atravessado por forças econômico-sociais. Quem tem facilidades de trânsito? Na visão dos pesquisadores, a motilidade é um capital.

Nesse trajeto, mas circulando em outras vias, segundo Santaella (2010), comumente são feitas previsões negativas acerca do mergulho no ciberespaço, por um “(...) esquecimento e atrofia do corpo físico, plugado e inerte enquanto a mente viaja pelos espaços abstratos da informação” (SANTAELLA, 2010, p. 200). Para ela, nessa oposição entre o real e o virtual, o estatuto do corpo se torna ambíguo. Uma construção também oriunda do dualismo entre corpo e mente. Sendo assim, a pesquisadora busca desconstruir essa ambivalência, utilizando dos conceitos de corpo carnal e corpo alternativo, dentre outros raciocínios.

Primeiramente, importa considerar as experiências virtuais também enquanto reais e/ou físicas. Em sua elaboração fenomenológica, Santaella argumenta que não há razão para dissociar esses universos, sobretudo com o cotidiano que vivenciamos contemporaneamente, de uma conectividade onipresente. Ainda que em caso de construções simuladas, com os sentidos do corpo alternativo (cujas representações são virtuais), acontecimentos motores ou táteis trarão à tona o corpo “carnal” como centro de ação. Dessa forma, argumenta que “(...) o sujeito humano é uma realidade indecomponível e presente inteira em cada uma de suas manifestações, seja esta bater um prego na parede ou navegar, por meio de conexões, de um ponto a outro em espaços informacionais” (SANTAELLA, 2010, p. 204).

Nesse sentido, a pesquisadora entende haver um espaço aberto para diferentes performances do corpo móvel (e conectado), e não o que por vezes é renunciado, de modo pessimista, como chance de anulação. Em sua leitura, não há oposição entre o que chama por espaços de fluxos (digitais) e espaços de lugar (físicos), mas sim uma intensificação entre eles. Mesmo levando em conta a noção negativa de uma antropomorfia dos dispositivos móveis, Santaella (2010) compreende uma ressignificação das experiências, com outras percepções ativadas a partir dessa ubiquidade das conexões. Para ela, “(...) o crescimento dos espaços eletrônicos nunca caminhou na direção de uma dissolução das cidades, dos corpos, do mundo

físico, mas sim para a interseção do mundo físico com o ciberespacial” (SANTAELLA, 2010, p. 207).

Agora, cabe-nos refletir, também à luz do paradigma das novas mobilidades (SHELLER e URRY, 2006), sobre “mobilidades corporificadas” (JENSEN, 2013), as quais levam em conta não somente os efeitos de artefatos materiais e das tecnologias disponíveis na atualidade, como também, e de modo especial, as relações simbólicas, privilegiando as percepções e os afetos/emoções. Que vínculos estabelecemos com os espaços em uma perspectiva de aceleração tão eminente? Afinal, temos alta velocidade nas conexões, nos transportes, nas transformações culturais, políticas e econômicas. Um regime de intensidades.

Em relação aos vínculos entre tecnologias, os espaços urbanos e os trânsitos, podemos associar o surgimento de desejos por presença (física) acarretados por diferentes imagens às quais somos expostos em vivências virtuais. A partir do que vemos por meio de telas, nos vemos instigados a experimentar uma estada. Uma forma de arquitetar o sonho de consumo em que as viagens se tornaram.

Além disso, nos últimos anos os dispositivos são protagonistas das mediações com os lugares: *smartphones* são usados para localização e busca de informações, para a escolha de um restaurante e para a captura de fotografias. E essas ações ocorrem sem a necessidade de que os movimentos sejam interrompidos. Os diferentes *gadgets*, conectados à internet ou não, tornam-se importantes elementos nas experiências de deslocamento. Podemos pensar como o Instagram, uma das redes sociais virtuais mais utilizadas no Brasil e no mundo, recorrentemente traz registros de vivências cotidianas, balizadas pelos trânsitos.

No opulento reino de imagens de nossas sociedades contemporâneas, como se dá a apresentação do eu em contato com essas (novas) experiências móveis, sobretudo urbanas? Quais os resultados das interações entre sujeitos, espaços e o universo material? O universo de nossa pesquisa traz as tatuagens como reflexos dos movimentos. Observamos corpos que, em uma influente cultura da mídia, se permitem mudar e comunicam seus valores cada vez mais por meio de diferentes tipos de expressão. Nesse sentido, a *body art* é apenas uma delas.

Esses registros urbanos, seja com essa possibilidade material de fotografias e vídeos capturados ou com os fluxos da memória, revelam sentimentos envolvidos, trazem inspirações. Essas marcas tornam-se referências para a criação das artes na pele, como descrevem nossos informantes. Esses conteúdos compõem um acervo

de imagens e imaginários dos lugares e são acionados quando se busca retratar o vivido.

Nesse sentido, cabe enfatizar a partilha com as visões de Kellner (2001) sobre o que chama por pedagogia cultural da mídia. Os meios têm força de penetração — às vezes não percebida — muito intensa e “(...) contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar — e o que não” (KELLNER, 2001, p. 10). Desse modo, é fundamental compreender a cultura da mídia da qual trata o autor, justamente para que possamos elaborar reflexões críticas e aliadas às realidades que nos cercam, considerando seus significados na elaboração das identidades — outro aspecto ressaltado por Kellner e importante para nós.

Em nossas fundamentações, já trouxemos a diferenciação entre as correntes de pensamentos essencialistas e não-essencialistas. O intuito é marcar a filiação aos estudos culturais, entendidos por seu caráter de exame da cultura popular e de massa. Desse modo, novamente amparados pelo que defende Kellner (2001), buscamos empreender nossos estudos de maneira crítica, multicultural e a partir de diferentes perspectivas. Os objetos para os quais olhamos com maior atenção — os corpos tatuados do tempo presente, no século XXI — são uma ilustração para analisarmos os contornos da cultura e dos efeitos midiáticos, não de modo opressor ou engessado, mas como influência e fluxo, em constante movimento. Na sequência dessas observações, o intento é examinar como os sujeitos elaboram experiências, representações, afetos... comunicações.

De modo sintético, esta seção buscou abordar as diferentes concepções sobre o corpo, em uma perspectiva impregnada pelos domínios ocidentais, ao longo dos tempos. Em paralelo aos olhares que o tomam como elemento da natureza, voltamos a observações para considerá-lo como elemento central da cultura; de nossos modos de ser. Iniciamos as reflexões com os antigos egípcios, até chegarmos aos tempos hodiernos, influenciados por novos paradigmas das mobilidades e das comunicações. São corpos, em sua maioria, modificados, sobre os quais pousam cobranças e preocupações pautadas pela cultura da mídia e seus imperativos. Dentre essas pressões, está a valorização da individuação — ser único ou distinto. A tatuagem é um dos artifícios acionados para a elaboração das diferenças e será sobre suas complexidades que iremos tratar a seguir.

3.3. Os contornos da tatuagem

As pesquisas sobre tatuagens têm expressividade no campo das ciências sociais. Contudo, não são tão numerosas as obras que se propõe a traçar um histórico a respeito da modificação corporal, especialmente no Brasil. Os estudiosos, em sua maioria, realizam recortes temáticos, considerando as especificidades dos tempos e dos grupos com os quais lidam em seus trabalhos.

Balizamos que não é um objetivo desse texto reconstruir a história da tatuagem no mundo, ou mesmo no Brasil. Traçar uma linha do tempo específica, contemplando todas as informações, certamente rende uma ou mais publicações em particular. Objetivamos voltar os olhares para questões mais contemporâneas, a fim de melhor compreender os registros em que viagens e cidades são o mote central. Isto posto, adotamos algumas referências brasileiras, as quais articulam propósitos diversos, em busca de construir um breve apanhado diacrônico sobre o assunto.

Do mesmo modo, em razão dos interesses da pesquisa, elegemos ênfases estratégicas, em relação aos tempos e aos espaços. Inclusive, ao pensar a realidade de nosso país, com seus povos primeiros, é necessário apontar essas eleições e exclusões. Conforme Jeha (2019, p. 13), “a tatuagem indígena merece um livro à parte, com a participação dos que ainda se tatuam”. Então, com recortes, amparamo-nos em investigações já empreendidas para sustentar a explanação sobre os usos que predominam no tempo presente.

Araujo (2005) apresenta que há mais de 5200 anos viveu o primeiro homem tatuado de quem se tem notícias, Ötzi. Ele foi encontrado entre a Itália e a Áustria, nos Alpes, e tinha cinquenta marcas de tatuagens, todas nas costas e atrás dos joelhos. A autora ainda perpassa a tatuagem como marcador de fertilidade, com a história da múmia egípcia Amunet, uma sacerdotisa de Hathor (deusa do amor), que teria vivido há mais de 4000 anos e foi encontrada na antiga cidade de Tebas. E aborda os Pictos, povo europeu que vivia na região em que hoje fica a Escócia. Segundo Heródoto (490-425/20 a.C.), reconhecido historiador da Antiguidade, essas pessoas adornavam todo o corpo com tatuagens. Na Figura 6, temos uma ilustração, com a tela *A jovem filha dos Pictos*, de Jacques Le Moyne de Morgues (datada dos anos 1580)²⁸.

²⁸ Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:A_Young_Daughter_of_the_Picts.jpg. Acesso em: 22 fev. 2020.



Figura 6: Jacques Le Moyne de Morgues, *A jovem filha dos Pictos*, c. 1585-88, aquarela e guache com ouro em pergaminho, 26 x 19,1 cm, Yale Center for British Art - Yale University, New Haven, Connecticut (EUA).

São imagens de tempos que, embora longínquos, não desapareceram completamente em relação às tradições contemporâneas. As tradições foram se transformando e sendo incorporadas em diferentes contextos sociais. Nos dias atuais, é possível ver pessoas com o corpo totalmente coberto por tatuagens. Apesar de ainda chamarem atenção por onde passam e poderem ser considerados atrações em determinadas ocasiões ou eventos, esses indivíduos já conseguem se misturar aos sujeitos “comuns” sem grandes estranhamentos.

É importante compreender os porquês de essas pessoas ainda chamarem atenção. Para isso, seguimos com o que os autores entendem como principais marcos para a tatuagem no Ocidente. Uma primeira figura central é o capitão inglês James Cook (1728-1779), que em 1769 aportou no Taiti e ouviu o termo “*tattoo*” (tatau) — palavra usada pelos nativos para designar a pintura do corpo que não saía mais da pele. “‘Tatau’ repetia o som do cabo de madeira batendo num ancinho de dentes afiados, usado para picar a pele e introduzir-lhe a tinta. Conforme a madeira

batia no ancinho vinha o som *tac tac ta tau...*” (ARAÚJO, 2005, p. 37). Do contato entre os habitantes do Pacífico Sul e os marinheiros europeus, a técnica foi traduzida pelo termo em inglês “*tattoo*” e começou a ser disseminada entre os portos.

Entretanto, essa origem de dispersão da tatuagem em meio à cultura ocidental não é unanimidade entre os pesquisadores. Jeha (2019, p. 14) afirma que o encontro ocorrido entre os nativos do Pacífico Sul e os marinheiros europeus, no século XVIII, apesar de ser um evento importante, não introduziu nem reintroduziu a tatuagem na Europa: “Por algum acaso a palavra taitiana passou, ao longo do século XIX, a nomear uma prática de marcar a pele que já existia com outros nomes no Ocidente e em vários lugares do mundo”. Marques (1997) é mais um autor que traça um histórico sobre os diferentes usos da tatuagem ao longo do tempo, dispersando a proeminência do episódio ocorrido no fim dos anos 1760.

Osório (2006) trata a existência da tatuagem desde a pré-história, mas destaca sua adoção e dispersão pelo mundo a partir dos contatos da tripulação de Cook com os nativos taitianos, o que criou uma espécie de moda entre os navegadores a partir do século XVIII. Inclusive, muitos profissionais, ao se aposentarem, tornavam-se tatuadores profissionais nos portos em que decidiam se estabelecer. Como fundamenta a antropóloga, assim se inicia a popularidade da tatuagem no Ocidente. Em relação aos temas sobre os quais nos debruçamos nesta tese, é interessante pensar o caráter itinerante dessas pessoas e como algumas marcas eram espécies de souvenirs das localidades e portos por onde os marinheiros passavam. Com nossas explorações em campo, podemos dizer que os espaços em destaque, eleitos para as tatuagens, foram ampliados — não somente os portos, como outras marcas das localidades, ganham a pele para registrarem as experiências vividas.

Outras observações importantes são feitas por Osório (2006). Em relação ao desacordo com esse *renascimento da tatuagem* (grifo da autora) no século XVIII, a autora afirma que fontes históricas indicam usos populares anteriores, na Europa, sobretudo de ordem religiosa e profissional. Ademais, Osório (2006) questiona como os encontros entre europeus e ameríndios, em períodos precedentes, não geraram a importação das técnicas da tatuagem e visibilidade a esses nativos como espécies a serem estudadas e expostas em um acervo de História Natural. Para a pesquisadora, de forma a concluir o ponto e seguir com a demarcação apontada pela “*tattoo*”, os britânicos inauguraram uma mudança de mentalidade com relação às

marcas corporais, ainda que isso não explique porque a incorporação da tradição não aconteceu em momentos pregressos.

Como foi pontuado anteriormente, o fato com o qual a maioria dos estudiosos do tema concordam é que a fonte da atual visão ocidental da tatuagem é datada do século XVIII. Os marinheiros retiraram a tatuagem da esfera religiosa cristã e a tornaram “(...) um costume profano *popular*, no sentido de camadas populares e no sentido de ter sido disseminado”, reitera Osório (2006, p. 20).

O trajeto dessa história segue com as tatuagens como atrações circenses, na Europa e na América, durante o século XIX. Alguns personagens são célebres não só por conta dos desenhos que ostentavam em suas peles, mas também em razão das narrativas arquitetadas para atrair. Osório (2006) traz o inglês John Rutherford como um pioneiro, em 1828. Contava ter sido capturado pelos *Maori*²⁹, mantido preso durante dez anos e, logo após a sua captura, tatuado à força. O caso, embora desmentido pelos historiadores posteriormente, foi copiado e repetido por muitos artistas que o sucederam.

O grego Constantino (chamado de Capitão, Príncipe e outras derivações) é outra figura célebre, que dizia ter sido marcado por uma tribo chinesa de mongóis (ARAUJO, 2005). Surgido nos anos 1870, também expunha ser um ladrão e receber a admiração das mulheres — somando-se o fato de ser necessário estar seminu, já pode ser observada uma atenção do olhar, atração sexual e a composição de imaginários sobre o corpo tatuado (OSÓRIO, 2006). De acordo com Marques (1997), depois de Constantino a tatuagem circense se tornou um mercado com grande oferta e procura. Conforme Jeha (2019), George Costentenus esteve no Brasil entre os anos de 1890 e 1891, e, ao que parece, aqui encerrou sua carreira, já com quase 60 anos de idade, pois, posteriormente, pouco se falou sobre ele.

Depois, ainda nos anos 1890, as mulheres ganharam fama nos circos, em especial na Europa (porque no circo americano já estavam presentes anteriormente). Seguiam a lógica das histórias fantásticas contadas pelos homens, mas outros dois pontos merecem realce, demarcando diferenças entre os gêneros: (I) eram filhas e esposas de outros artistas do circo ou de tatuadores, servindo como propaganda para o trabalho que desempenhavam; e (II) trouxeram uma ideia de beleza aos shows, se

²⁹ Os *Maori* são um povo da Nova Zelândia, também revelados para a Europa pelo capitão inglês James Cook (ARAUJO, 2005). São reconhecidos por suas tatuagens, que são recriadas até os dias atuais, figurando como um estilo notório, inclusive no Brasil.

opondo às aclamadas “aberrações” masculinas. Embora houvesse maior cuidado com as porções do corpo expostas (seios, barriga e nádegas eram cobertas), isso não era bem visto pelas sociedades. Há uma adição de erotismo nessas apresentações e muitas dessas artistas acabaram se prostituindo. Até 1960, quando os circos ainda mantinham os tatuados, a exibição do corpo feminino se tornou maior e muitas das apresentações tornaram-se próximas de espetáculos eróticos (ARAÚJO, 2005; OSÓRIO, 2006). No Brasil, Jeha (2019) relata que os tatuados profissionais não foram muito noticiados e que é difícil encontrar informações sobre eles. Porém, ressalta os estrangeiros circenses, que permanecerem no imaginário popular.

O ponto em evidência logo após, no século XX, trata sobre grupos colocados à margem da sociedade: marinheiros, prostitutas e prisioneiros, principalmente. Discorremos sobre o papel basilar exercido pelos mareantes, pois não somente adotaram as tatuagens, como aprenderam a técnica e passaram a viver dela. As marcas no corpo passaram a ser parte da cultura dos homens vinculados ao mar, quaisquer fossem as posições por eles ocupadas — funcionava para demarcar masculinidades e como uma espécie de rito de passagem, fosse para a iniciação sexual ou antes mesmo de irem para as primeiras embarcações (OSÓRIO, 2006).

A inserção da tatuagem em meio às meretrizes não tem origem bem definida. Osório (2006) entende que a prostituição se aproxima do universo naval e essa pode ser uma das explicações. Para a antropóloga, há uma força do imaginário marginal presente junto ao grupo, o que o coloca nesse conjunto à parte. De acordo com Jeha (2019, p. 15), “as mulheres que se tatuavam eram malvistas, e a prática estava totalmente relacionada a uma sexualidade que não deveria se manifestar”. Muitas vezes acabavam presas por crime de vadiagem e aí está a conexão ao terceiro grupo tratado nessa fase. Sobre essas mulheres, a historiadora conclui: “Nas ruas, nas prisões, nos prostíbulos. Seus corpos, já estigmatizados, não teriam nada a perder com a tatuagem” (JEHA, 2019, p. 16).

Os criminosos e aprisionados muito comumente carregam uma imagem estigmatizada em relação a tatuagem. Jeha (2019) e Osório (2006) relacionam esse rótulo ao italiano Cesare Lombroso, importante teórico da política criminal para quem a tatuagem era identificada como sinal de delinquência. Embora tenha sido descoberto que a maioria dos criminosos se tatuavam somente nas prisões, a associação perdurou ao longo dos tempos, com resquícios ainda atualmente. As “tatuagens de cadeia” figuram como um estilo apreciado pelos tatuados,

mundialmente. Um de nossos interlocutores diz se identificar com a temática e por isso fez sua primeira tatuagem vinculada a essa estética, que considera tradicional e interessante, justamente pelo exotismo, o encantamento que gera, e os códigos e rituais associados.

Na Grécia, usavam-se palavras de raiz *stig*, que quer dizer picar. Em Roma, virou *stigma*. Aparentemente, os gregos não se tatuavam, mas seus textos descrevem outros povos que o faziam por motivos religiosos ou ornamentais. Eles usaram tatuagens quase exclusivamente para punir e degradar prisioneiros e escravos fugidos. Assim também fizeram os romanos, que aplicavam tatuagens na face e nas mãos dos escravos ou de pessoas punidas. Ao longo do tempo, a palavra “estigma” tornou-se marca da infâmia e foi deixando de significar marca no corpo. (...) O tatuado e a tatuada, até pouco tempo atrás, eram estigmatizados, discriminados como marginais, considerados suspeitos, pessoas potencialmente criminosas (JEHA, 2019, p. 15).

Talvez, algumas pessoas ainda façam associações semelhantes, de tom negativo. Muitos dos entrevistados comentam que pessoas mais velhas com quem convivem, como pais e avós, não gostam da ideia de terem feito tatuagens e pedem que não façam outras. Alguns escondem as marcas dessas pessoas, para não gerar conflitos. Certamente, ainda circulam tabus e preconceitos. À prática junto a esses grupos dos quais estamos tratando, se associa um caráter coletivo e marginal:

Haveria, então, dois planos em ação nestes grupos tatuados: o primeiro diz respeito a uma forma de resistência; o segundo, a um processo de *incorporação* (ALMEIDA, 1996), que não separa corpo e mente, no qual a experiência simbólica da tatuagem como elemento que está dentro e fora do corpo ao mesmo tempo traduz ou simboliza a experiência do tatuado, que está dentro e fora da sociedade ao mesmo tempo (OSÓRIO, 2006, p. 26).

À parte, os indivíduos buscavam formas de pertencer e resistir. São grupos sobre os quais se exercem forças de poder regulatório e coercitivo, como trata Foucault (1987), e a tatuagem funciona como alternativa para expressar suas vontades e individualidades. Corpos controlados e punidos, que desejam, de alguma maneira, extravasar esses domínios. Ainda de acordo com Osório (2006, p. 24), marcar-se opcionalmente “(...) é uma forma de expressar o que Benson (2000) chamou de *posse de si*: o corpo se torna a única propriedade do sujeito e seu bem mais precioso, estreitamente vinculado à própria noção de individualidade, ou à noção de Eu”.

Nessa breve trajetória da tatuagem que destacamos, mais duas situações são postas em relevo. Osório (2006, p. 27) traz a influência da nobreza europeia, nos

séculos XIX e XX, em um ganho de estima para a tatuagem: “Observa-se que o papel da nobreza foi elaborar a tatuagem como um sinal de bom gosto, elegância e distinção. Uma ideia de gosto que utilizava o elemento exótico em tatuagens elaboradas pelos tatuadores mais famosos da época”. Havia, nessa dinâmica, uma outra característica, cara aos debates de nossa investigação: essa aristocracia viajava para ir ao encontro dos profissionais renomados e, assim como os marinheiros, levavam as tatuagens como recordações das localidades. Um cenário próximo ao universo retratado na pesquisa, inclusive com relação ao status desses viajantes e suas “insígnias” conquistadas.

E a intenção de se diferenciar também é o principal ponto do qual falam os pesquisadores, a respeito do último período para o qual damos ênfase, nessa trajetória temporal. A referência apontada são os anos 1960, nos quais são iniciadas uma série de revoluções. Jeha (2019) aborda uma maior exposição de partes do corpo antes ocultas. As relações também são feitas com os movimentos de contracultura. Araujo apresenta tribos e estilos:

Passa o selvagem da motocicleta, o hippie com flores pintadas no rosto, anunciando a era de Aquarius, o punk moicano com alfinetes na bochecha, profeta do novo caos, o rapper mensageiro das periferias. São tantas as tribos que olham para o mundo construído pelo branco e não gostam nada do que veem! Enfeitados de tinta, metal e aço cirúrgico, fazem verdadeiros manifestos corporais. Sonhos de liberdade, de resistência e de salvação (ARAUJO, 2005, p. 65).

De acordo com as leituras de Osório (2006), quando da proeminência da contracultura, temos o momento de um segundo “renascimento da tatuagem”. Jeha (2019, p. 18) abaliza a concordância dos estadunidenses com relação a essa ideia, marcando que a tatuagem estourou em todas as classes sociais e em quase todos os cantos do mundo, talvez provocada por um desejo de transgressão, o qual perpassa os sujeitos — “Tatuar-se passou a ser uma solução coletiva, uma fresta para aderir à transgressão sem ser punido. Marginalizar-se, tornar-se sexy, viril, guardando o privilégio de não ser criminalizado”. Osório (2006) esboça um quadro comparativo, pautando Brasil, Estados Unidos e Europa em relação à mudança no perfil socioeconômico dos tatuados durante o século XX. Em síntese, evidencia a origem nas camadas baixas e a chegada às classes médias universitárias urbanas e demais estratos sociais.

A associação com as camadas populares e a marginalidade perdurou entre as décadas de 1960 e 1980, variando conforme as localidades (JEHA, 2019), porém

deixou resquícios no imaginário coletivo. Marques (1997) cita exemplos vinculados à cultura *pop* e aos produtos culturais, com destaque para o Brasil. Atletas, cantores, atores e atrizes e muitos outros começaram a ser tatuados — e tudo bem. A canção *Menino do Rio*³⁰, composta por Caetano Veloso e interpretada por Baby Consuelo, a qual alcançou grande sucesso, é um exemplo disso, pois fez a popularidade da tatuagem crescer e o movimento para a criação de lojas e estúdios se fortalecer, na década de 1980.

São bases para iniciarmos as reflexões a partir do conceito de “imitação prestigiosa”, trabalhado por Mauss (2003, p. 405). Para ele, “a criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela”. Embora o antropólogo envolva a dimensão biológica nesse conceito, é forte o composto social. Para nós, isso dá sustentação à ideia de determinados padrões serem absorvidos pelos indivíduos e se tornarem referências, algo a ser copiado. É o que passa a haver com a tatuagem.

As práticas de estetização de si, em sua ampla diversidade, estão cada vez mais inseridas em meio aos diferentes grupos, como trata Almeida (2006). A tatuagem, especificamente, é chamada *body art* (arte do corpo, em tradução livre), em especial a partir dos anos 2000 — “A pele é a tela do artista. E os motivos e estilos tão infinitos, que só mesmo daqui a muito tempo serão decifrados, como vestígios dessa civilização” (ARAÚJO, 2005, p. 65). Estamos nos debruçando sobre esse trabalho, justamente a fim de compreender alguns dos sentidos atrelados às tatuagens contemporaneamente. A dimensão artística fica evidente com os processos de escolha dos tatuadores, como é relatado pelos interlocutores. Já são muitos os profissionais com reconhecimento internacional e agendas disputadas.

Le Breton (2004), baseando-se nas leituras de Georg Simmel, considera a experiência da cidade como essencialmente visual, o que amplia a importância das informações que advêm das aparências. Sendo assim, analisa o indivíduo enquanto produtor de sua própria identidade, preocupado em se destacar na indiferença e em escapar do anonimato. As tatuagens são “meios de sobrevalorizar o corpo e afirmar

³⁰ O verso de abertura da música traz a menção a um dragão tatuado no braço, compondo a figura do personagem praiano retratado: “Menino do Rio // Calor que provoca arrepio // Dragão tatuado no braço // Calção, corpo aberto no espaço // Coração de eterno flerte // Adoro ver-te”. Muitos, então, quiseram se aproximar do imaginário de juventude e sexualidade que a canção desenhava. Comumente, a tradição trazia a beleza feminina como destaque nas músicas com o Rio de Janeiro como pano de fundo. Caetano Veloso rompeu esse padrão ao, nos anos 1980, retratar de modo contemplativo o outro gênero da mocidade carioca.

a sua presença para si e para os outros”, “sinais para não se passar despercebido” e “fruto da necessidade interior de dar sentido e relevo à existência” (LE BRETON, 2004, p. 19-20). Lipovetsky e Serroy, em suas reflexões acerca da estetização do mundo, concordam que a tatuagem faz parte desse processo:

(...) a tatuagem se torna um sinal estético, uma maneira de fazer de seu corpo uma obra de arte com finalidades estritamente pessoais. Valorização da individualidade, a tatuagem expressa um desejo de *mise-en-scène* personalizada de si, uma vontade de estilização da imagem de si e do corpo a fim de não passar despercebido e construir uma identidade visual singular (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 370).

Os autores concordam com as colocações de Le Breton (2004), exaltando o valor estético da dinâmica contemporânea ou *hipermoderna* — o corpo como obra de arte. Dessa forma, projetamos novas arquiteturas de sujeitos, como trata Almeida (2006), considerando, nessa complexa dinâmica de constituição, os reflexos da cultura da mídia na qual vivemos e a importância dada às emoções. É sobre esse campo que buscamos nos aprofundar, entendendo que também há um processo de angulação e arranjo dos sentimentos, quando dessa existência envolta por tantos olhares — e a *mise-en-scène* da qual falam Lipovetsky e Serroy (2015), ainda que inconscientemente, é influenciada por esses fatores (SIQUEIRA, 2015).

Nessa seção, traçamos uma breve trajetória da tatuagem no Ocidente a fim de melhor compreender as práticas contemporâneas. Os sentidos atribuídos ao corpo e as possibilidades de modificação corporal sempre tiveram e têm, cada vez mais, contornos heterogêneos e complexos. Com base em dois motivos centrais para a feitura de uma *body art*, as viagens e as cidades, descobrimos associações e diálogos possíveis, sobre os quais trataremos no próximo capítulo.

4. O que dizem os traços no corpo

Neste último capítulo, articularemos nossas análises, arquitetadas a partir dos contrastes entre as bases teóricas e as reflexões inspiradas pelo campo, no contato com os interlocutores da pesquisa. Para tanto, arquitetamos uma análise interpretativa do conteúdo, a qual será estruturada pelo que definimos como *conjuntos* e *categorias*. Em *conjuntos*, reunimos questões centrais da tese — experiências, afetos e comunicações — em relação com as tatuagens. Para compor os exames, trazemos à trona as *categorias*, palavras que acionam e qualificam os sentidos com os quais relacionamos as narrativas de nossos informantes.

Assim sendo, projetamos três conjuntos: (I) *tatuagens e experiências*, no qual observamos os discursos sobre os atos da modificação corporal, a partir das seguintes categorias: *procedimentos*, *dor* e *permanência*. Em (II) *tatuagens e afetos*, subdividido entre as relações com as cidades e as viagens, temos por objetivo caracterizar os efeitos dos deslocamentos, sobretudo no tocante às representações e sentimentos envolvidos. Três categorias são propostas: *trajetos*, *símbolos* e *emoções*. E (III) *tatuagens e comunicações*, com a intenção de envolver o que falam as marcas na pele, o que expressam sobre e para si, e para a sociedade, dada a “publicização” do corpo, especialmente nos anos mais recentes, com a ampla difusão das mídias sociais digitais. As categorias articuladas são: *mensagens*, *(auto)imagem* e *interações*.

4.1. Tatuagens e experiências

Nesta seção, trabalhamos com os sentidos em torno da tatuagem enquanto experiência. A perspectiva não se vincula a uma possível fenomenologia associada. A eleição do termo se dá de forma a pensarmos os caminhos e vivências da feitura da *tattoo*. Comumente, a palavra “ritual” é acionada para descrever as modificações corporais. Alguns de nossos interlocutores utilizam o termo em suas explanações. Entretanto, quando houver essa menção, articularemos o ritual como categoria nativa e não em uma discussão a partir da antropologia. Ademais, essa projeção dos rituais está relacionada a existirem diferentes padrões e técnicas para a tatuagem, de serem vinculadas a momentos específicos na vida de quem as faz e por conta do processo em si, por exemplo. Transpomos esses cenários relativos à realização da tatuagem com as categorias *procedimentos* e *dores*.

(...) tem sempre um significado porque eu acho que sempre que você faz uma tatuagem você tá passando por alguma coisa e o ritual da tatuagem mesmo é um momento de, sei lá, concentração. Você tá lá, é um negócio que é um pouco dolorido, é uma decisão, porque é um negócio que você sabe que vai ficar muito tempo, então você nunca faz uma tatuagem totalmente inconsciente do que você tá fazendo, sabe, é um momento que você para pra refletir um pouco, sei lá, pra mim funciona muito assim tatuagem. (...) Marca o momento que eu tava fazendo aquilo ali (F. S. S., 29 anos).

A perspectiva de F. S. S., que também é tatuadora, traz dimensões sobre o que apresentamos na subseção e com as categorias em questão, especialmente quando fala em concentração, dor e consciência. Se as tatuagens já foram imposição ou punição, hoje passaram a ser escolha, sobre a qual, inclusive, há possibilidade de arrependimento, com as técnicas de remoção. As colocações expõem uma seriedade do procedimento. Por outro lado, é uma realidade que as pessoas fazem tatuagens por impulsos — uma explosão de vontade, como trata Almeida (2006) — ou sem a necessidade de tantos significados estarem atrelados.

Um exemplo disso é a recorrência do chamado “*flash tattoo day*”³¹, evento no qual os tatuadores exibem desenhos disponíveis e os interessados tatuam de imediato, sem chance de realizar alterações nas propostas. São comuns no exterior e no Brasil, especialmente nos últimos anos. A dimensão estética costuma ser o fator preponderante na decisão e assim também o é para alguns dos interlocutores, quando tratam outras marcas que possuem em seus corpos, diversas das temáticas por nós investigadas.

Passamos, então, a abordar a primeira categoria trabalhada nesta seção: *procedimentos*. Em linhas gerais, realizar uma tatuagem, atualmente, não é algo complicado. São numerosos os profissionais e as lojas físicas que oferecem o serviço, levando em conta os diferentes interesses dos consumidores³². Já se trata de um mercado expressivo em diferentes lugares ao redor do mundo, e também no Brasil. Prova disso é que os informantes relatam terem feito todas as suas tatuagens ligadas às cidades e às viagens com profissionais. Mesmo quando já havia algum vínculo entre os atores, este se dava por conta de experiências anteriores.

³¹ No episódio 5, *Tatuagens*, da primeira temporada da série documental *Explicando* (Netflix, 2018), há uma menção que traz pista de uma possível origem dos “*flashes*”. No período em que a tatuagem era febre entre os marinheiros, sobretudo nos Estados Unidos, as opções eram apresentadas em folhas chamadas de “*flash*”, expostas na parede. Dali eram tiradas e feitas, na hora. Dinâmica semelhante à dos eventos que acontecem atualmente.

³² Já é presente a dimensão da tatuagem no universo do consumo, vista como um serviço ofertado a clientes (MACHADO, 2018).

Destacaremos particularidades sobre a feitura de algumas tatuagens. Quanto ao contraste entre as significativas ponderações, com escolhas repletas de sentidos atrelados, e a eleição por impulso, não há equilíbrio. Alguns interlocutores, por exemplo, dizem ter feito tatuagens a partir das duas realidades. Muitas vezes, as primeiras marcas são mais planejadas, enquanto as demais vão acontecendo de maneira espontânea — comumente se aciona a ideia de um vício, com o qual se torna difícil lutar a partir da primeira ou da segunda tatuagem feita.

P. I., quando perguntado se há alguma temática em comum que norteia suas marcas corporais, fala sobre como se desenvolveu o processo de curadoria em sua pele:

Algumas são aleatórias, outras eu fiz porque... Sei lá... Eu tenho um Mickey porque eu sou viciado na *Disney*, aí eu botei um Mickey no pé... (...) Um dia eu acordei e falei “cara, eu quero tatuar um sol” [*risos*]. Aí eu botei um sol aqui [*levanta o braço e mostra a tatuagem, na porção interna do braço, região do bíceps*]. E são aleatórias... Ah, tem a do meu signo aqui, de aquário, tenho também uma frase do Walt Disney aqui [*aponta para a área do lado esquerdo da costela*] na costela, que eu gosto. Porque eu sou viciado na *Disney*, então a maior parte é aleatória (P. I., 23 anos).

Como expõe, não há um padrão em suas tatuagens e algumas vezes não há razão específica, baseada em um planejamento delongado ou em uma decisão influenciada por algum acontecimento marcante (embora exista uma recorrência conectada ao universo *Disney*). Em outro momento da entrevista, P. I. diz já ter feito tatuagens como “cobaia” de uma amiga que estava começando a atuar na área. Isso revela outro aspecto importante quanto aos procedimentos: a relação com o tatuador. Muitos descrevem como se deu o processo de escolha do profissional, abordando a necessidade de sentir confiança e desejarem ter uma marca daquela pessoa específica, por conta do reconhecimento do trabalho que desenvolvem. Le Breton (2004) trata os caminhos dessa escolha, considerando como pode ser algo influente para as associações posteriores do tatuado com a marca que carrega — “A qualidade do contacto faz pegar de algum modo a tatuagem, investe-a de valor redobrado, o sentimento não só de ter na pele um belo desenho, mas também de ter vivido um momento forte de cumplicidade” (LE BRETON, 2004, p. 106-107). Conforme descreve, alguns têm uma espécie de trauma quando, por outro lado, a relação não acontece de uma forma positiva.

F. S. S., descrevendo a tatuagem que contempla três cidades importantes em sua trajetória, revela ter feito, ela mesma, o desenho que tatuou — “Aí eu fiz o desenho, e aí fiz a tatuagem. Nessa época eu ainda não tatuava, eu não sabia que era irritante pedir pro tatuador fazer um desenho que você fez”. Me interesse e peço para saber mais sobre. Ela diz que, embora não tenha problemas com isso enquanto tatuadora, é comum que os tatuadores não gostem de realizar tatuagens desenhadas por outras pessoas. Todavia, pondera a situação, questionando esse posicionamento de alguns colegas, em razão do possível impasse em que os candidatos a tatuados podem se encontrar: “Assim, uma coisa que a pessoa fez e que ela quer. Porque é isso, né, se você não sabe tatuar e você quer ter uma tatuagem de uma coisa específica, pô, como é que você vai fazer se ninguém puder tatuar isso em você?!”.

Outro interlocutor, P. F., revela em seu processo de “fechar”³³ a perna direita com tatuagens referentes a viagens, que já pensa no registro que quer fazer em seu próximo destino, o Japão:

Aí essa, inclusive, eu pesquisei um pouco mais sobre tatuadores pra poder encontrar um que tenha um estilo que me agrada mais e tudo mais. Mas tá meio difícil eu encontrar algum que eu goste bastante, então eu tô pensando em desenhar minha própria tatuagem e só levar pra eles tatuarem (P. F., 24 anos).

Chama atenção a pesquisa e o planejamento para a próxima tatuagem, ainda que a vivência no local ainda não tenha se concretizado. O contraponto é: se a ideia é marcar algo experimentado, a previsibilidade da ação não eliminaria o caráter da unicidade do momento? Nesse sentido, enxergamos o valor da viagem antes mesmo da partida — antecipadamente, há garantia de que será algo a ser registrado.

Ao mesmo tempo, observamos a força das representações elaboradas pelos gestores dos destinos turísticos, uma vez que as imagens promovidas — normalmente baseadas em aspectos proeminentes (e estereótipos) das localidades — são presentes nas idealizações das pessoas antes mesmo de os contatos serem estabelecidos. Santana (2009) afirma que a experiência turística é composta pelo conjunto de vivências que se inicia com as motivações, se desenvolve na viagem e é finalizado quando do retorno à normalidade. E isso configura a lembrança, a comunicação e o compartilhamento com os semelhantes (o que chama de imagem

³³ Usa-se o termo “fechar” para quando uma parte do corpo será totalmente coberta por tatuagens.

compartilhada). É verdade que P. F. ainda fala em uma intenção. Contudo, vale marcar essa concepção da recordação antes mesmo da viagem ocorrer.

Ainda podemos realçar a possibilidade de ocorrer um impasse, em razão do que mencionou F. S. S. a respeito dos tatuadores não gostarem de tatuar algo que não seja autoral. Além disso, o contexto do país é distinto, e isso pode ser ainda mais contrastante em relação à cultura da tatuagem, que é expressiva no Japão³⁴.

Essas situações nos levam aos processos de concepção da tatuagem. Machado (2018) analisa a noção de cocriação entre tatuadores e tatuados, enfatizando que essa dinâmica pode variar de acordo com o status do profissional no mercado. Como já destacamos, alguns tatuadores têm um reconhecimento significativo e circulam pelo mundo para atender os admiradores de seus trabalhos. Oliveira e Ayrosa (2016) trabalham o conceito de “coleccionador de tatuagens”, justamente pensando as pessoas que fazem curadorias no próprio corpo, escolhendo os artistas de quem terão marcas. Nenhuma das pessoas com quem conversamos tem tatuagens apenas de um profissional, porém a relevância dos artistas foi indicada por mais de um interlocutor.

T. J. foi um dos entrevistados que mais falou sobre a escolha do profissional, quando da viagem em que realizou três tatuagens, em três localidades diferentes, na Europa. Para ele, o traço do tatuador é algo importante e que levou em conta nos processos de decisão. E ele ainda destaca a dimensão criativa: “(...) acho que tem a ver, também, com respeito à arte de quem tá fazendo, de fato, né, de não querer impor algo que seria meu próprio e valorizar, também, a autoria”. Há um protagonismo para o tatuador. Em algumas circunstâncias, T. J. coloca o valor da obra do profissional acima do seu desejo por uma marca específica.

J. V. descreve o processo de elaboração de sua tatuagem, um farol presente na cidade de Cabo Polonio, no Uruguai, vinculando as noções de cocriação, das quais trata Machado (2018). O resultado da *body art* é fruto das trocas entre o rapaz e o profissional que o tatuou.

³⁴ Conforme Araujo (2005, p. 58): “Até hoje, no Ocidente, a arte japonesa é vista entre os tatuadores como a mais refinada e a mais rica — por se manter artesanal”. No Japão e no mundo, perduram imaginários associados a criminalidade, especialmente sobre a máfia Yakuza. A tatuagem de estilo japonês é uma referência em todo o mundo. Há uma apresentação interessante no episódio *Tatuagens*, já mencionado, da primeira temporada da série documental *Explicando* (Netflix, 2018).

Lucas: Como é que foi essa escolha, quem fez o desenho?

J. V.: Então, eu fiz na *Kiko*, aqui da Gávea. (...) Eu queria fazer o farol de lá, então esse é o farol mesmo, é o desenho do farol. E o farol, ele ficava, tipo assim, quando você olha pra ele, você vê a cidade, só que logo atrás tem... ele fica meio que numa... tipo num quebra marzinho, assim. Ele fica bem na ponta, então é cheio de pedra e tal. E aí o desenho foi ficando mais elaborado, assim, conversando com o tatuador. Até porque o negócio vai ficar pra sempre, então tem que ser um negócio que fique direito. E aí como ele tem experiência, o desenho ficou assim por causa disso.
(...)

Lucas: E aí não foi de uma foto que você mostrou pra ele, alguma coisa assim?

J. V.: Foi. Eu mostrei a foto do farol e aí em seguida a gente começou a pesquisar algumas tatuagens de... de... Não fotos, mas tatuagens de farol, faróis... que as pessoas fazem, e a gente foi montando o desenho aos poucos.

Juntos, tatuador e tatuado compuseram o que seria impresso na pele. Nas trocas, há espaço para outras referências, especialmente tatuagens encontradas em outros contextos. Assim, esse processo de criação da *tattoo* tem diferentes variáveis condicionantes. Nesse caso, há uma dimensão do local/atrativo a ser representado, mas também circunda, como algo limitante, o que pode ser elaborado, tendo em vista as técnicas dominadas pelo profissional e o local do corpo escolhido.



Figura 7: J. V. mostra a tatuagem em seu antebraço, o farol que o encantou em Cabo Polonio, no Uruguai.

Outro fator que pesa na criação de uma tatuagem, para muitas pessoas, é a sua exclusividade. No caso dos procedimentos da tatuagem de I. M., verificamos tanto a importância do atrativo representado, quanto o destaque para o fato de a arte marcada na pele ser única (I. M. fala, em outros momentos, sobre o receio de que alguém a copie e que, por isso, chega a não expor sua tatuagem nas redes sociais e para seus vizinhos). A jovem relata como concebeu a *tattoo*, de forma decidida:

(...) Aí teve um dia que eu tirei uma foto, assim... Assim que eu acordo — a minha cama é de frente pra janela, então eu sempre vejo a Pedra da Gávea. Aí eu tirei uma foto e levei no tatuador e falei “ah, queria tatuar só a silhueta, assim, dessa pedra, mas nessa posição, que é a posição que eu sempre vejo”. Porque de onde você tá, do local que você tá na Rocinha, você vê a Pedra de uma forma diferente, de um tamanho diferente e esse [*aponta para a perna, local da sua tatuagem*] é do jeito que eu vejo da minha janela (I. M., 21 anos).

Como ela fala sobre a intenção de marcar suas origens, é importante que o contorno revele o atrativo cultural a partir de sua perspectiva. Essa, por sua vez, é única. Ninguém mais terá (é um desejo que ninguém a copie) uma tatuagem como a de I. M., visto que ela fala sobre suas raízes, seu olhar, seu cotidiano. O papel do profissional, nesse caso, fica em segundo plano. A concepção foi traçada pela jovem antes mesmo de chegar ao estúdio e coube a ele apenas operacionalizar o desejo dela.



Figura 8: Fotografia de I. M. com destaque para a tatuagem do contorno da Pedra da Gávea (registro compartilhado pela informante).

Outra interlocutora, A. L., dá ênfase à participação fundamental da tatuadora no processo de constituição de sua tatuagem em homenagem à cidade de Juiz de Fora. Ela relata ter apresentado uma ideia inicial do que queria e, a partir dela, a profissional (com quem já tinha feito outros trabalhos anteriormente) apresentou uma proposta mais elaborada do que havia previsto. A interlocutora fala sobre seu processo decisório mais alongado, concordando com as noções de F. S. S. acerca da tatuagem como algo importante, que requer consciência.

As tatuagens, eu pensei bastante nelas antes de fazer, não foi uma decisão rápida. Eu fiquei mais de um ano... Cada uma delas eu fiquei mais de um ano refletindo se era isso mesmo que eu queria, justamente pra evitar um arrependimento, vamos dizer assim. (...) Todo mundo já sabia que eu ia fazer, só que ninguém colocou muita fé, eu acho [*risos*]. Então, por exemplo, a minha prima falou assim: “Nossa, quando você falou o que era, eu falei nossa, nem vai ficar tão bom assim, eu nem sei se vai ficar tão bacana”. E aí, quando eu mostrei pras pessoas, as pessoas ficaram, assim, acho que surpresas com o resultado mesmo porque a Lígia conseguiu... Isso é um mérito totalmente dela... O traço ficou tão fino, ficou tão delicado, né, porque, querendo ou não, é uma tatuagem grande, né, porque ela ocupa uma parte do meu braço, assim. E eu não queria que ficasse uma coisa pesada também. Então quando todo mundo viu como a minha ideia casou com o traço da Lígia e ficou tudo tão harmônico, vamos dizer assim, todo mundo gostou (A. L., 26 anos).

A. L. destaca a importância da decisão, a fim de que não gere remorsos. Como falamos sobre os tabus que ainda giram em torno da tatuagem, a interlocutora revela preocupação não apenas com pessoas de sua família de quem omite ter se tatuado, para evitar conflitos, como também por receios ligados à sua profissão. Formada em Direito, diz que os ambientes jurídicos ainda são formais e que alguns colegas da área com tatuagens recebem olhares de estranhamento. A decisão, portanto, leva em conta outros fatores que não só o desejo de marcar determinados traços da personalidade ou experiências.

Além disso, A. L. enfatiza a harmonia do processo e do resultado final de sua tatuagem vinculada à cidade mineira, marcando os limites da cocriação. Em outros momentos da entrevista, enfatiza o trabalho da tatuadora, falando de como a postura da profissional a fez ter mais confiança e como toda a experiência incentivou até mesmo sua mãe a fazer tatuagens. As considerações de Le Breton (2004) se acertam ao que é tratado: “O contacto com o tatuador é forte, porque é raro entregar-se assim o corpo desnudado para receber uma marca indelével, e é por vezes demorado segundo a extensão do desenho” (LE BRETON, 2004, p. 107).

Em questão, não somente o valor pago por um determinado trabalho ou a duração do processo, algo importante quando refletimos sobre a dinâmica em si, especialmente considerando a dor que pode causar. A marca se torna dupla. O responsável pela tatuagem a ela está associado e, muitas vezes, faz parte do que é narrado pelo tatuado. A. L. credita a visibilidade e boa aceitação de sua tatuagem à profissional responsável por sua concepção.

Outras interlocutoras, como C. M. e J. A., dizem ter tatuagens que hoje não consideram ter sido bem-feitas. Mesmo quando a ideia de apagar ou cobrir é vista como opção, há uma espécie de aceitação do “problema”, o que gera um melhor

convívio. Quando perguntei para C. M. se apagaria alguma de suas tatuagens, ela responde: “Só essa aqui [*aponta para a tatuagem do antebraço esquerdo*] que todo mundo entende errado, né? Então essa eu realmente já pensei. Ou então ajustá-la, né? Eu falei: ‘Ah, que se dane’. Já é parte de mim e eu nem ligo mais”.

Resultados negativos são frequentes, como caracteriza Le Breton:

O seu insucesso provoca efectivamente um rancor sem fim, o sentimento de uma oportunidade irremediavelmente perdida. Porque o mau trabalho persiste, é necessário doravante viver com, explicar mil vezes aos outros a razão do mau trabalho, pagar a cara supressão com laser, ou recobrir o desenho precedente mas sem mais poder realmente escolher o motivo. A maior parte está de acordo com o carácter <<excitante>> da experiência apesar das apreensões iniciais. E se a relação com o tatuador é boa, lembram-se então de ter vivido com ele um momento forte de intimidade (LE BRETON, 2004, p. 95).

Os processos envolvidos na experiência de tatuar-se, então, sejam positivos ou negativos, passam a compor as narrativas daquilo que foi marcado. Em suas falas sobre as tatuagens, a maioria dos interlocutores revela alguma etapa ou situação atípica das tatuagens que fizeram.

Com o que conta T. C., vemos a importância das técnicas para a tomada de decisão por realizar a tatuagem, especialmente em uma vivência de deslocamento. Ela esteve na Tailândia e se decidiu após ter tomado conhecimento, por meio de outra turista, de uma prática local.

E aí ela foi e falou que ela fez a tatuagem numa técnica muito comum de tatuar lá, que era a técnica do bambu. Que essa técnica era interessante (...) você podia pegar sol já no dia seguinte, ir pra praia, não tinha problemas, né. Porque se for uma tatuagem mais tradicional, não dá pra fazer isso. E aí eu falei assim: “Cara, pera aí, (...) já penso em fazer uma tatuagem há um tempo. Por que não fazer uma tatuagem aqui, num lugar que eu tô amando estar, tem tudo a ver comigo, numa técnica aí diferente, maneirinha? Pô, vou aproveitar essa oportunidade. Aí, beleza, fiquei com aquilo na cabeça. Aí, fui, dei uma procurada, tem vários, tem vários lugares pra se tatuar lá, assim, desse jeito. Realmente, é muito comum [*risos*] (T. C., 33 anos).

O procedimento descrito tem alguns diferenciais que fizeram com que T. C. se decidisse: primeiramente, é algo característico do local e, portanto, incomum. O exotismo de uma experiência, mormente quando associado a uma viagem, é socialmente valorizado, confere status. Além disso, existem benefícios em comparação com as técnicas consideradas tradicionais (ou mais comuns no Brasil, especificamente), sobretudo no que concerne à segurança: mesmo na praia, em contato com o sol e a água do mar, seria possível não se preocupar com riscos de

infecção. A escolha do profissional já não foi algo tão relevante, uma vez que todas as opções eram semelhantes.

De alguma maneira, o percurso relatado por T. C. revela o poder de influência de um outro sujeito tatuado, que pode ativar a vontade de também carregar consigo uma marca corporal. Le Breton (2004) trata como é paradoxal que, muitas vezes envoltas por um desejo de afirmação da identidade pessoal, as modificações corporais tenham muito do social.

O gosto pelas modificações corporais vem a maior parte das vezes do facto de as ter visto em outros e de ter sido atraído pela sua experiência. A influência é tangível na maior parte dos testemunhos. O conhecimento de um(a) amigo(a) ou de um membro da sua família já marcado incita a dar o passo. É o ter visto uma tatuagem ou *piercing* noutra pessoa, e o ter sentido então a sua originalidade e beleza, que leva à decisão de por sua vez recorrer a essas marcas (LE BRETON, 2004, p. 98).

A tatuagem da turista que conheceu fez com que T. C. se motivasse. Outros interlocutores falam sobre influências. J. A. “copiou” tatuagens de artistas, por exemplo. C. M., D. C. e P. F. acompanharam amigos e fizeram tatuagens iguais ou semelhantes para registrarem as experiências de viagem que compartilharam. Um cenário diretamente vinculado à “imitação prestigiosa”, de Mauss (2003). A respeito desse ponto, ainda na categoria *procedimentos*, é interessante abranger como outros fatores são pesados na decisão. C. M. e P. F. relatam como os valores das tatuagens quase foram uma barreira para que fizessem as marcas nos destinos turísticos que estavam visitando. De forma bem-humorada, relatam:

Cara, foi muito louca essa tatuagem! A gente não tinha dinheiro pra comer, não tinha nada. Eu era a única pessoa com cartão de crédito com limite. E a gente falou: “Vamos fazer uma tatuagem pra selar essa viagem, fechar com chave de ouro”. Eu falei: “Vamos tentar passar meu cartão, se passar a gente faz a tatuagem”. E aí meu cartão passou. A gente pagou antes de fazer a tatuagem. Aí pagou o meu e de mais dois amigos e o restante fez no Brasil (C. M., 30 anos).

Porque, na verdade, a ideia foi quando todo mundo se encontrou, na Europa, que foi em Budapeste, mas ficou meio em cima pra gente fazer em Budapeste. Aí a gente não ia encontrar nenhum estúdio que aceitasse o número de pessoas no tempo que a gente tinha em Budapeste ainda. Aí de Budapeste foi pra Viena, mas só que Viena tava muito caro fazer lá. Aí a gente acabou desistindo de fazer em Viena. Aí depois a gente foi pra Praga, porque Praga era o mais em conta (P. F., 24 anos).

De forma especial no caso das viagens, parece quase obrigatório que as tatuagens sejam feitas no local, como uma espécie de chancela e/ou marcador da presença. No entanto, como mostram os interlocutores, alguns percalços podem surgir quando distantes do lar. D. C. também abordou o receio de não ter dinheiro

suficiente para poder fazer uma tatuagem no exterior, vivendo o intercâmbio. E ainda falou sobre o receio de se tatuar em um país diferente, sendo tão nova.

Finalizando a observação sobre as influências, cabe lembrar que D. C. e eu fizemos nossas tatuagens juntos, seguindo outros dois amigos de intercâmbio em Budapeste que já haviam registrado a mesma palavra (*Egészségedre*). Sobre esse estar junto no momento de feitura das modificações corporais, Le Breton (2004) diz que, por meio das relações afetivas, há um desejo de minimizar a incerteza do que está por vir. Ainda afirma que muitos se sentem mais tranquilos com uma presença amiga e que “os laços de amizade reforçam-se mesmo na ocasião de uma experiência partilhada” (LE BRETON, 2004, p. 102). Expondo minha experiência, concordo com o antropólogo francês e reafirmo o valor da comunhão do momento. Se tratava da minha primeira tatuagem (e única, até hoje), e em alusão a uma experiência bastante afetiva para nós. Como não foi feita em Budapeste, local que buscamos rememorar, foi importante poder dividir o momento com uma amiga com quem compartilhei grande parte da vivência.

O registro na rede social virtual — um diário dos tempos contemporâneos — mostra a relevância do compartilhamento dessa experiência, não só para D. C., como também para mim, que interajo com a publicação dizendo “lindo!” (Figura 9). Ainda discutiremos melhor a exposição das tatuagens na internet (subcapítulo 4.3), mas podemos incluir esse exibicionismo como um processo complementar para muitos dos tatuados. Não se trata de uma unanimidade entre todos os entrevistados, porém é algo recorrente para muitos deles.

Esse uso da internet e das redes sociais virtuais também se mostra muito proeminente para a escolha dos profissionais. Em suas análises, Le Breton (2004) aponta para a preocupação com a segurança dos instrumentos e equipamentos e a qualidade dos trabalhos anteriores, o que leva os interessados a visitarem os espaços de *piercers* e tatuadores. Contudo, em sua caracterização dos procedimentos, nossos interlocutores revelam a importância das ferramentas de busca, quando em locais desconhecidos, e dos perfis nas redes sociais virtuais, sobretudo o Instagram. O universo da internet é capaz de promover o trabalho dos tatuadores e garantir-lhes autoridade. É o caso de alguns profissionais célebres nacional e internacionalmente, conforme pontuamos anteriormente.



Figura 9: Publicação em perfil do Instagram, marcando a feitura da tatuagem e a companhia durante o processo. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/cIIGesBWYI>. Acesso em: 07 mar. 2020.

A fim de encerrar as considerações sobre a primeira categoria, *procedimentos*, evidenciamos a composição da tatuagem de L. O. Quando tratada a cocriação entre tatuados e profissionais, falamos de impasses entre os envolvidos quando não há espaço para a autoria e predomina a reprodução. Entretanto, a situação de uma das tatuagens de L. O., para a qual olhamos com maior atenção, escapa dessas opções. O desenho que tem em seu corpo era feito pelo pai e figurava junto à assinatura dele em bilhetes e cartões que deixava para os entes queridos, especialmente os filhos. Após o seu falecimento, como forma de homenagem, a jovem registrou essa marca do pai. A figura traz o Pão de Açúcar, símbolo icônico do Rio de Janeiro, porém o sentido central do registro não é celebrar a cidade, mas sim a memória do pai.

Por outra perspectiva, podemos pensar a tatuagem como outra forma de materializar uma memória; uma forma de exteriorizar os sentimentos da perda. Com essa modificação corporal de L. O., refletimos sobre contornos da emoção. De acordo com Didi-Huberman (2016), há coragem no ato de revelá-las. Isso porque, assim como fazemos com o corpo em muitas das circunstâncias, tratamos de escondê-las ou anulá-las. A tatuagem é uma forma de comunicação. Seu sentido não é *ipsis litteris*. Os olhares que a atravessam podem enxergar diferentes traços, os quais nem sempre condizem com a realidade concebida por seu portador. Os

interlocutores tocam esse ponto em algumas vezes, quando perguntados sobre as reações das pessoas quanto às tatuagens que possuem. Mais de um entrevistado disse que os sujeitos inferem significados conforme as próprias conveniências.

F. S. S.: Não, até porque as pessoas inferem os próprios significados, né? Tipo, eu fiz um caranguejo aqui na minha perna [*aponta para a coxa esquerda*], que na verdade era mais porque eu vi uma tatuadora que o trabalho dela é legal, eu fiquei com vontade de conhecer e eu falei: “Pô, esse desenho é superlegal”. Não foi por nada de significado, eu só falei: “Ah, vou fazer com ela”. Aí eu fiz.

Lucas: Pela estética.

F. S. S.: Pela estética. (...) Um tempo depois, eu tava de short, sei lá, porque é bem aqui, assim [*aponta para a coxa esquerda*], e não dá pra ver muito. Aí minha avó olhou e falou: “Você fez um caranguejo?”. Eu falei: “Ah, fiz”. “É em minha homenagem, por causa do meu signo?”. Eu falei: “É, sim, vó, claro!” [*risos*].

Fechando o exemplo dos *procedimentos* da tatuagem de L. O., reforçamos a complexidade de sentidos acionados nos fazeres dessa modificação corporal. Em dado momento da entrevista, a interlocutora se dá conta que não havia mencionado a morte do pai (essa informação já era do meu conhecimento antes da entrevista, na ocasião de nossos primeiros contatos) e diz que comumente não o faz porque não gosta que as pessoas sintam pena dela — o que diz ser habitual quando se alude ao falecimento de uma pessoa próxima. Se ela prefere não abordar o tópico de forma explícita, a tatuagem, de algum modo, parece dar conta de tratar o assunto e registrar os sentimentos envolvidos. Algo que evidencia o poder de comunicação que a *body art* possui. São temas que retornarão a ser pensados ao longo de nossas análises.

(Co)criações, reproduções, apropriações, diferentes estilos, técnicas exóticas, medos, amizades, emoções. Palavras que, no universo da tatuagem, nos permitem elaborar um percurso no qual a *dor* está transpassada, inclusive enquanto sentimento a ser expresso, como no caso da tatuagem de L. O.. Essa, então, é a próxima categoria com a qual lidamos, considerando o que dizem os interlocutores. Quando tratadas as modificações corporais, a dor costuma ser uma questão constante, sobretudo para aqueles que nunca fizeram algum tipo delas. Os *piercings*, implantes, escarificações e suspensões costumam causar maior espanto em quem acompanha os processos — e podem ocasionar mais dor em quem os faz, uma vez que envolvem cortes e perfurações³⁵. Especificamente com relação à

³⁵ De forma a elucidar o leitor sobre os tipos de modificação corporal citados, buscamos explanações contidas na obra de Pires (2005). Primeiramente, acerca dos implantes: “O implante faz com que o corpo contenha um objeto estranho a ele sem que a pele tenha sua coloração alterada; diferencia-se

tatuagem, é comum que as pessoas tenham medos de agulhas, entretanto se dizem dispostas a enfrentar as aversões por um ganho maior.

Osório (2006) aciona leituras de Le Breton para marcar as diferenças entre os gêneros, no que concerne à dor. Conforme explana, aos homens não é permitido expressar esse sofrimento com reclamações, lágrimas ou pedidos de interrupção, enquanto há mais condescendência com as mulheres. A partir de suas pesquisas de campo em estúdios de tatuagem, a antropóloga expõe que para muitos tatuados a dor nem mesmo poderia ser considerada dor.

Decorre disto que a postura esperada no estúdio, seja de homens ou de mulheres, é o silêncio. Dá-se às mulheres, contudo, o privilégio de uma demonstração pública da sensação de dor, enquanto esta é negada aos homens. É possível observar que este silêncio é, muitas vezes, acompanhado de posturas corporais, indicando algum grau de tensão em função do desconforto do procedimento. Entre a dor e a não-dor teríamos, portanto, o silêncio (OSÓRIO, 2006, p. 189).

A autora traz outras menções ao que chama de “não-dor”, com o uso de expressões como “choque”, “ardência”, “queimação” e “cosquinha”, por parte de seus informantes. Para ela, não há uma insensibilidade ou indiferença frente aos aparatos e agulhas, mas formas de minimizar as sensações desagradáveis ao ser tatuado. A partir das práticas observadas nos estúdios, ainda se aprofunda nos contrastes entre comportamentos de homens e mulheres, no uso de anestésicos para o tatuar (observando as diferentes performances dos gêneros) e no acionamento de valores como “coragem” e “resistência” (OSÓRIO, 2006) — algo vinculado ao universo da distinção, o que muitas vezes se ativa, nesse contexto.

Le Breton (2004) descreve como a tatuagem era tida como prova de virilidade e de firmeza de caráter frente à dor em tempos pregressos e como isso se alterou com a sua popularização. Ademais, avalia como a valorização desse sofrimento já não é concebida, pois a dor em nossas sociedades é tida como uma experiência

da tatuagem — que se utiliza de substâncias que alteram a coloração da epiderme —, do *piercing* — em que a joia que transpassa o corpo pode ser substituída — e da escarificação — na qual a própria pele, após sofrer ferimentos, forma um relevo. Há duas formas de implante. Na primeira, o objeto é implantado subcutaneamente, e só identificamos o seu contorno tendo a impressão de que o indivíduo nasceu com aquela forma. Na segunda, somente a parte do objeto necessária para sua fixação é implantada, e podemos vê-lo quase totalmente; nesse caso, parece-nos que o objeto está crescendo, está brotando do corpo” (p. 97-98). Como mencionado no trecho, as escarificações são feitas a partir de cortes na pele, mas também podem ser feitas por meio de queimaduras (*branding*). Já nas suspensões, ganchos ou anzóis são inseridos na pele e por meio deles o indivíduo é mantido pendurado. São comuns em rituais e performances artísticas — “O indivíduo pode ser suspenso na horizontal, na vertical, sentado, e com quantidades variáveis de ganchos, dependendo do seu peso e do modo como deseja ser elevado” (p. 123).

negativa³⁶. De fato, embora seja associada no senso comum, não parece ser um ponto importante para os nossos interlocutores. Dos quinze entrevistados, somente três disseram que a dor ou as agulhas eram um problema. Todavia, mesmo estes conseguem superar a dificuldade em prol da marcação corporal.

T. J. afirma que sempre gostou e achou bonito, mas que, junto a outros receios de ordem social (a profissão de professor, o vínculo com o ambiente acadêmico e as relações mais protocolares do universo social da ex-esposa), o “problema com agulha” o impedia. Todavia, já não considera ter alguma questão difícil quanto aos procedimentos envolvidos. A. L. diz que é comum as pessoas perguntarem sobre a dor e, por ter mencionado o ponto, indaguei como foi esse processo para ela.

Lucas: E você sentiu dor ou não? Muita dor?

A. L.: Não, não senti, não. Mas eu... É porque eu sou uma pessoa um pouco sensível, vou te confessar [*risos*]. Porque, por exemplo, pra fazer exame de sangue eu já... Já tenho que ficar sentada, já tenho que dar uma respirada. Foi um dos motivos que eu até demorei a fazer uma tatuagem, a primeira, porque eu não tinha segurança de conseguir fazer até o final. Eu pensei assim: “Nossa, ele vai dar o primeiro traço e vai ter que parar. Vai ter que ficar aquele traço no meu corpo porque eu não vou conseguir dar continuidade”. Mas, assim, a Lígia também me passou muita confiança. Eu já tinha feito o girassol com ela, foi relativamente tranquilo. Eu senti, porque você tem a sensação, né, como se fosse um arranhado. Digo pras pessoas que sempre parece, assim, a sensação que estão te arranhando. Mas ela fez com muita calma também. Eu achei que foi muito rápido! Entre... Demora mais o decalque, né, o desenho, o posicionamento, tudo, do que o tatuar em si, né, fazer o traço. Então eu acho que foi questão de meia hora, muito tranquilo (A. L., 26 anos).

A resposta abarca questões já articuladas. Inicialmente, as inferências de Osório (2006) para uma suavização da dor — para A. L., a sensação lembra a de ser arranhada, algo próximo do que elencou a antropóloga com as impressões de choque ou ardência. Em sequência, o medo que também a impedia de realizar o desejo de se tatuar. Dentre os motivos para superar o receio, a confiança na profissional que conduzia o registro, com quem já tinha tido outras experiências. Nesse sentido, Le Breton (2004) defende que a troca entre profissional e cliente se torna parte da memória do acontecimento e amplia a relação firmada entre ambos. Ao final de sua experiência, a tatuagem é tomada por algo “tranquilo” e outros procedimentos são apontados como mais morosos, durante o processo.

T. C., por ter feito sua tatuagem por meio de uma técnica oriental, disse ter tido medo de infecções, pela possibilidade de não haver higiene adequada no local.

³⁶ Um sintoma disto é a grande variedade de anestésicos disponíveis nas farmácias. Ao menor sinal de dor, muitas pessoas logo buscam um medicamento que a interrompa ou diminua.

Entretanto, também consegue valorizar a vivência diferenciada em relação ao que conhece do Brasil e atenuar as sensações desagradáveis:

(...) aí teve o lance do próprio estilo de tatuagem que é o negócio lá do bambu. É uma técnica chinesa, se não me engano. E aí, parece assim muito doida, muito doido o negócio, assim... Se botar umas imagens no Google, você vai ver um negócio assim, tipo, desse tamanho [*estende os braços com os dedos indicadores em riste*] que tem uma agulhinha na ponta. Aí eu ficava com o pescoço assim [*inclina o pescoço para a esquerda*] e o cara lá, tipo, só na ponta do negócio, só assim: pá, pá, pá, pá [*bate o dedo indicador na extremidade mais alta do que seria uma haste*]. Aí doeu um pouquinho, mas nada demais. E foi bem rápido também, porque foi pequenininha, né, também não queria fazer algo grandão, primeira tatuagem (T. C., 33 anos).

Na maioria das vezes, a dor é superável e não se torna um impedimento para fazer a tatuagem, mas pode ser para que a pessoa vá além. No caso de T. C., essa ainda é a única tatuagem que possui (embora a dor não tenha sido apontada como impedimento para fazer outras). F. A., apesar de ter feito dez, diz que possivelmente não aguentaria algo muito grande, justamente em razão da dor. Ela também brinca com os gastos elevados, mas explica a causa de ir devagar com as marcações e que se adapta com tatuagens menores:

(...) Falta dinheiro também, mas isso aí a gente... [*risos*]. Mas eu quero muito, sabe, fazer mais, assim. É porque eu gosto delas mais espalhadas. Eu tinha muita vontade de fechar o braço, mas eu já sei que é uma coisa que de repente eu não vou conseguir fazer porque eu tenho esse problema com dor. Mas eu vou fazendo as pequeninhas (F. A., 39 anos).

Almeida articula essa superação da dor ao hedonismo, na medida em que seus pesquisados revelam uma “angústia prazerosa ou agradável” com as tatuagens. Conforme analisa, as experiências de dor e medo no imaginário dos sujeitos que vivenciam a tatuagem, especialmente pela primeira vez, são “(...) um tipo de extração de emoção que não se faz acompanhar, necessariamente, de sentimentos tidos como convencionalmente prazerosos” (ALMEIDA, 2006, p. 150-151).

As reações de seus pesquisados são extremadas e falam em dificuldades de aguentar, em sofrimento e em dor “incrível” e “insuportável”. Para ela, isso é parte de uma “arquitetura da performance e da estetização” (ALMEIDA, 2006, p. 153). Em outras palavras, uma construção para exaltar a experiência da tatuagem e situar-se de maneira diferenciada perante os grupos sociais. Há, para alguns, uma espécie de prazer envolvido. Muitos falam da satisfação causada pelo barulho da máquina elétrica penetrando a pele. A dor, nesse sentido, ganha outro status, não apenas de

diferenciação para aquele que a sofre, mas também de deleite com a experiência³⁷. De acordo com Berger (2009), a partir dos contatos com tatuados e das vivências nos estúdios, a dor para tatuar-se “faz sentido”.

Contrastando os contextos refletidos por Le Breton (2004), Osório (2006), Almeida (2006), Berger (2009) e Ferreira (2010) com nosso trabalho de campo, enxergamos que embora ainda seja algo presente quando a temática da tatuagem é tratada, a dor já não é algo tão significativa. Poucos de nossos entrevistados fizeram menção a ela, o que pode denotar não ser algo acentuado em suas experiências. Isso possivelmente também se dá por conta das razões descritas por Le Breton (2004) e outros pesquisadores: a mudança dos métodos, sobretudo com o uso da máquina elétrica, o cuidado com segurança, higiene e a qualidade do serviço prestado.

Os pânicos abordados por Ferreira (2010) — o moral, o qual já envolvia as práticas em outros tempos e as associava a comportamentos desviantes; e um social, higienista, relativo aos receios de contrair doenças infectocontagiosas ou não reagir bem aos materiais e substâncias introduzidas na derme — parecem ter perdido força. Tudo isso gira em torno da popularização da tatuagem e da não-valorização da dor em nossas sociedades, como já pontuamos.

Projetando a tônica da relação com os lugares, outra situação conectada à dor e aos procedimentos é a atmosfera do ato de tatuar-se. Pereira, Siciliano e Rocha (2015) se debruçam em diferenciar as noções de “experiência de consumo” e “consumo de experiência”. Enquanto no primeiro caso estão relacionadas práticas habituais, o segundo conceito trata o deslocar de subjetividades e a promoção de uma integração sensível, a qual concebe imersão em uma dada realidade (ainda que simulada). Nesse sentido, a dor é generalista e faz parte da experiência de consumo da tatuagem, já popularizada com lojas e estúdios disponíveis em muitas cidades. É uma vivência, muitas vezes, indesejada.

Por outro lado, há ainda mais destaque quando a marcação é feita na própria localidade, com técnicas específicas e por um tatuador nativo ou ligado ao território de algum modo. Esses balizadores compõem uma aura especial à tatuagem. Caso da experiência de T. C. Nesse sentido, até mesmo a (diminuída ou silenciada) dor

³⁷ Osório (2006) pondera que, em análise da literatura da área, não são encontradas menções a masoquistas ou adeptos de sadomasoquismo valorizando a dor da tatuagem, como alguns poderiam pensar. Isso porque não há interação sexual ou erótica com o tatuador. Portanto, caso manifestem satisfação, o fazem como os demais indivíduos.

passa a ser parte do consumo de experiência, como definem os pesquisadores Pereira, Siciliano e Rocha (2015). As variáveis trazem sentidos que complexificam o ato e geram comoção.

Em outro apontamento sobre a relação com os locais e os deslocamentos — seja por conta das viagens ou das cidades de origem, de onde se está distante — um dos sentimentos mencionados pelos interlocutores é a saudade. Uma emoção que “dói”. Isto posto, a tatuagem pode ser uma forma de amenizar ou ressignificar esse desprazer. Transformar, com os *procedimentos* da modificação corporal, uma sensação desagradável em uma lembrança positiva.

Ainda acerca dos contornos da experiência de se tatuar, outra pauta junto aos interlocutores com quem dialogamos foi a *permanência*. Abordamos o ponto em quase todas as entrevistas. Assim, essa será a última categoria articulada na seção. A questão é igualmente importante por refletirmos sobre as emoções e a memória, temas de nossos exames. Com adaptações, de acordo com os rumos das conversas, indagamos: “Como enxerga a ‘eternidade’ da tatuagem? Já pensou em apagar alguma das marcas que possui? Se sim, qual e por quê?”. De nossos quinze interlocutores, apenas uma pessoa disse já ter sentido vontade de apagar ou cobrir uma de suas tatuagens. C. M. disse já ter pensado em apagar ou “corrigir” uma das que fez, por não ter gostado do resultado. Porém, afirma que se acostumou e, hoje, a modificação já faz parte de quem é (o caso foi mencionado no início do capítulo).

A permanência da tatuagem é debatida especialmente por vivermos um tempo chamado de líquido, como com as metáforas baumanianas. Nossos desejos e ações são consideradas aceleradas ou efêmeras, dados, entre outros fatores, os moldes do sistema capitalista. Bauman (2018) faz análises aproximadas de Lipovetsky e Serroy (2015) quando trata a fixidez da tatuagem. Para os pesquisadores franceses há uma relação imbricada entre os contornos da identidade social e da moda. Nesse sentido, Bauman traz à tona a ideia de que os processos de “identificação do eu”, uma complexa operação de “reprodução criativa”, tornam-se tarefas obrigatórias nos tempos recentes.

Os símbolos de decisões identitárias gravados no próprio corpo sugerem, ao contrário, que a identidade que eles implicam é — para o sujeito portador — um compromisso mais sério e duradouro, e não somente um capricho momentâneo. A tatuagem, milagre dos milagres, assinala ao mesmo tempo a intencional estabilidade (talvez até a irreversibilidade) do compromisso e a liberdade de escolha que

caracteriza a ideia de direito à autodefinição e ao seu exercício (BAUMAN; LEONCINI, 2018, p. 20).

No trajeto de suas reflexões, os autores apontam para a noção voluntária envolvida nos processos contemporâneos das modificações corporais, apesar de sugerirem um debate em torno da força dos efeitos da estetização do mundo. É *preciso* “ser” por vivermos em comunidade e sermos vistos. Com isso, deriva a necessidade de sermos notados, de alguma maneira. Se as identidades são fluidas, essa construção, também com as tatuagens, se dá como um trabalho constante. Um labor levado à sério, nas definições de Bauman (2018).

Reside nesse cenário uma situação compreendida como paradoxal. Se os trajetos da subjetividade se mostram em trânsito acelerado, a marcação permanente indica uma direção oposta.

Se a razão de fundo da promoção social da tatuagem está na exacerbação do individualismo liberal, outros fatores ligados à moda merecem ser ressaltados. A tatuagem hoje aparece sob uma luz paradoxal. De um lado, ela se apresenta a um fenômeno de moda que envolve o corpo. Mas, de outro, inscreve-se às vezes nos antípodas da moda por seu caráter indelével, permanente, “para toda a vida”. Enquanto na sociedade-moda produzida pelo capitalismo artista tudo muda sem parar, cresce a necessidade de sinais intangíveis que escapem à obsolescência de todas as coisas e que permitam exibir ostensivamente a singularidade do sujeito. Ao optar por enfeitar meu corpo com este ou aquele motivo indelével, afirmo uma “verdadeira” singularidade, uma diferença mais acentuada, mais “autêntica”, mais “engajada” do que aquela que a roupa da moda possibilita (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 370-371).

Lipovetsky e Serroy (2015) trazem para essa seara a noção de um *branding*³⁸ de si na pele, arquitetado e viabilizado com a tatuagem. No tempo *hipermoderno*³⁹, convergem as necessidades de *hiperdiferenciação* e *hiperpersonalização*, as quais já não podem ser satisfeitas somente por meio da moda vestimentária. A modificação corporal se torna instrumento de singularização e de extrema personalização da aparência — no processo de formação identitária, o corpo é meio para afirmação de uma composição única. Outrossim, na lógica-moda, a qual os pesquisadores compreendem como lúdica, versátil e personalizada, inaugura-se

³⁸ O vocábulo *branding* se vincula ao universo do marketing e faz referência à gestão de marcas, abarcando nome, logotipo e demais imagens associadas. Em relação às modificações corporais, designa queimaduras feitas na pele, as quais resultam em marcas em alto relevo, na pele. Assim, um jogo de palavras é possível, dadas as duas possíveis aplicações.

³⁹ O termo é uma marca teórica de Lipovetsky para tratar o período contemporâneo (pós-moderno ou ainda moderno, para outros). Em acordo com a ideia, utiliza os prefixos *hiper* em suas caracterizações, de forma a marcar a exacerbação dos valores criados.

uma estetização hipermoderna que transforma a *tattoo* em prática de massa — desenhos efêmeros com fins decorativos e sedutores. Se os autores fazem menção às marcações feitas com hena, nós incluímos as tatuagens feitas nos *flashes* e/ou sem alguma significação mais específica, atrelada a um evento biográfico. Vários de nossos interlocutores disseram ter feito ao menos uma tatuagem apenas por estética e isso já parece algo habitual.

Com essas visões, verificamos a dualidade da tatuagem contemporânea. Se por um lado ela é reflexo da pressão social por estetização e individuação do corpo, do mesmo modo é alternativa a uma possível padronização imposta por essas influências mais preponderantes. Para Rodriguez e Carreteiro (2014, p. 747), se configura uma espécie de resistência: na atualidade, “(...) as subjetivações privilegiam as mudanças rápidas, a fluidez, e efemeridade, enquanto a tatuagem evoca a permanência”. As autoras corroboram o entendimento de que em tempos nos quais há desestruturação de laços sociais, perda de valores e significados coletivos, a *tattoo* se vincula a uma ideia de recuperar o vivido por meio do corpo — uma procura pela realidade corpórea dos acontecimentos.

Certamente, há complexidade nas abordagens a respeito das tatuagens. Vale considerar que as diferentes perspectivas coexistem. Daí a necessidade de voltar os olhares para as realidades encarnadas, a fim de melhor compreender os sentidos envolvidos (RODRIGUEZ; CARRETEIRO, 2014). É o que buscamos com nosso estudo.

Se o corpo fosse apenas suporte para esse tipo de produção e reprodução, é possível que, num futuro não muito distante, a valorização depositada no corpo talvez enfatizasse a ausência de manipulações sobre ele, um corpo “como veio ao mundo”. Assim, ele pode também fazer frente à efemeridade na atualidade, buscando pontos de ancoragem através de marcas permanentes e semipermanentes. Neste último caso, a efemeridade e a instantaneidade não são reforçadas, a durabilidade e a permanência é que são evocadas. É possível verificar o desejo pela diferenciação, dentro dessa mesma valorização do corpo através de marcas corporais. A pele funciona como registro de experiências biográficas, marcas com sentido pessoal e singular. A procura por estúdios de tatuagem tem valorizado os trabalhos de caráter mais personalizados, que envolvem a exclusividade do desenho, por exemplo. Nesse sentido, o corpo toma um caráter de emancipação e resistência aos processos serializadores. Seriam sinalizadores de um corpo singularizado, com histórias e marcas particulares a cada um (RODRIGUEZ; CARRETEIRO, 2014, p. 750).

Enquanto ilustrações do contemporâneo afirmam a aceleração dos costumes, com substituições e descartes rápidos (inclusive pensando as modas), as pessoas que fazem tatuagens parecem seguir na contramão, por conta da possibilidade de

imprimir certa permanência ao que é efêmero (ALMEIDA, 2006). Por esse prisma, é destaque a importância dada à construção de um corpo singular e as diversas modificações possíveis são vistas como maneiras do indivíduo destacar sua presença, marcando subjetividades para além da estetização de si (LE BRETON, 2004; ALMEIDA, 2006).

Algumas pessoas já se dizem diferentes por não terem tatuagens. Em muitos contextos, especialmente com pessoas mais jovens, podem mesmo ser os únicos a ter uma pele “em branco”. Por muitas vezes, essas pessoas precisam se “defender” e justificar a razão de não terem se entregado às opções da *body art*. Um retrato da popularização da tatuagem, de sua penetrabilidade nas diferentes camadas sociais e de *hiperpressões* decorrentes da *sociedade-moda* e da cultura da mídia.

Em relação à *permanência* da tatuagem, dos dez interlocutores com quem tratamos o tema, nove responderam não sentir vontade de suprimir as marcas e que possivelmente jamais o farão, por apontarem que os registros fazem parte de suas trajetórias. Já mencionamos a exceção de C. M., por ter sentido vontade de apagar ou corrigir uma de suas *tattoos*, mas agora sentir-se bem com ela. Além dela, temos os casos de F. S. M. S. e F. A., que cobriram desenhos feitos na adolescência por razões pontuais (especialmente deformação ou degradação, pelo passar do tempo), as quais não indicam que repetiriam a ação.

Na verdade, eu cobri uma tatuagem. Foi a minha primeira tatuagem, eu tinha dezesseis anos. Sabe aquelas tatuagens de presídio? Brincadeira! Mas é daquelas tatuagens todas tortas, todas esquisitas. Então, eu tinha uma tatuagem daquela, que eu fiz eu tinha dezesseis anos, com um amigo que tava aprendendo a tatuar, então você imagina que bomba que foi. E eu fiquei muitos anos com ela, muitos anos, até um dia que eu falei: “Ah, agora eu posso pagar pra cobrir minha tatuagem”. E aí eu fiz uma tatuagem em cima, em homenagem a minha avó. Que é um lírio, que é a flor que a minha avó mais gosta. Então todas as tatuagens têm um porquê (F. A., 39 anos).

São comuns os arrependimentos por tatuagens feitas na adolescência. Essa é uma das razões da obrigatoriedade do candidato a tatuado ter atingido a maioridade (dezoito anos, no Brasil) ou ter autorização dos responsáveis para a feitura. No caso de F. A. o que dá lugar ao desenho malfeito da adolescência é algo com significado maior, uma homenagem a uma familiar, sua avó. Tatuagem que dificilmente se tornará alvo de arrependimento, por ter sido amadurecida por tempo maior e se relacionar a alguém com quem ela possui um vínculo, de algum modo, eterno.

Quanto à adolescência, Osório (2006) observou as ressalvas de alguns de seus pesquisados, na inserção em campo (pesquisa realizada em estúdios de *piercing* e tatuagem no Rio de Janeiro). Ajuizando as diferentes fases da vida, a antropóloga reflete como o período pode gerar remorsos no futuro. Para ela, o adolescente “(...) não pensa em seu ingresso no mercado de trabalho, e por isso pode se arrepender de se tatuar em locais visíveis, ou mesmo de se tatuar; sua mentalidade e interesses podem mudar, pois é um ser incompleto e inexperiente, que viveu poucos anos” (OSÓRIO, 2006, p. 107).

Porque eu acho que a primeira coisa quando você fala que quer fazer tatuagem é alguém falando, tipo: “Ai, mas aí você vai ficar velho... Ai, mas o negócio é pra sempre (...)”. E, tipo, com o tempo, né, depois, assim... Eu fiz uma tatuagem que eu cobri, mas não é porque eu não gostava do fato de ser uma borboleta, é porque eu tinha medo de ser uma coisa muito grande, que fosse ficar feia e fiz uma borboleta desse tamanho [*mostra com os dedos um tamanho pequeno*], que foi ficando horrorosa com o tempo. Se eu tivesse feito, talvez, uma borboleta grande, eu nem ia ter cobrido (*sic*), sabe? Porque não é muito sobre o desenho; se ele vai ter a ver comigo ou não depois que eu ficar velha, mas sobre uma memória, então é, tipo, sei lá, ler um diário. Pô, não tem nada a ver comigo, a F. S. S. de dez anos atrás, mas é legal ler a memória lá de quando eu tava passando por aquilo, sabe? Eu acho que é meio sobre isso, pra mim. (...) Nunca vou me arrepender de uma tatuagem porque não é sobre o resultado final, é sobre todo o processo, né? (F. S. S., 29 anos).

Com a explanação, vemos como receios ligados a tatuagem na adolescência podem gerar a vontade de eliminação ou cobertura. Por medo (e talvez por pressões dos pais ou responsáveis e dos profissionais envolvidos), F. S. S. fez um desenho pequeno, o qual se tornou distorcido e gerou o desejo de alteração. Se não fosse por isso, disse que não teria optado por cobrir. É expressivo observar como compreende a passagem do tempo e a permanência de suas tatuagens: atrai a ideia de ter as memórias registradas e poder sempre contemplar o “diário” escrito ao longo da vida. Acredita que jamais se arrependerá porque o resultado final não é o mais importante, mas sim o processo. Isso está evidenciado com os percursos por nós caracterizados, nos contrastes das falas dos entrevistados e das acepções teóricas.

Além dos mais jovens, Osório (2006; 2007) analisa as “tatuagens de amor” como outro alvo recorrente de tensão quanto à permanência. Ao examinar os relacionamentos heterossexuais com os quais se deparou em campo, a autora mostra disparidades em relação aos gêneros, nesse tipo de “homenagem” dos amantes. Como constata, por muitas vezes as mulheres são “obrigadas” por seus maridos, namorados ou parceiros a registrarem seus nomes ou iniciais, enquanto eles não

estão dispostos a fazer o mesmo. Em linhas gerais, os atos são um presente ou uma surpresa e fazem menção a eternidade do amor — um amor romântico, apontado como único e verdadeiro. Porém, por diferentes motivos, é sabido que as uniões terminam. E por vezes não terminam bem, o que faz com que algumas pessoas pensem em apagar ou cobrir os registros feitos quando apaixonados. São um tipo de tatuagem que movimentam o mercado relacionado.

Apagar uma tatuagem, visto aqui como um ato de esquecimento ou silenciamento, faz emergir a reflexão sobre a permanência da tatuagem no corpo. Embora os procedimentos a *laser* sejam caros e demorados, nem sempre alcançando bons resultados, há um mercado para se apagar tatuagens. As *cover-ups*, por outro lado, formam parte do contingente de clientes dos tatuadores, demonstrando que a permanência de um desenho na pele, mesmo tatuado, é questão de opção, seguindo os ritmos de mudança dos sujeitos em questão (OSÓRIO, 2006, p. 235).

As tecnologias para remoção avançam e as técnicas de cobertura são constantemente aperfeiçoadas, com profissionais especialistas. Isso evidencia a pujança do mercado, apesar dos que dizem não desejar fazer parte das estatísticas dissidentes. São frequentes os relatos de pessoas que dizem preferir não apagar essas marcas, mesmo que os relacionamentos tenham sido interrompidos. Para elas, as histórias marcadas fazem parte de suas trajetórias e, portanto, devem permanecer no corpo (OSÓRIO, 2006). Por outro lado, a chance de apagar ou cobrir deixa em relevo a continuidade do trabalho, sempre aberto.

Entre nossas interlocutoras, duas mencionam as tatuagens de amor como exemplo de algo que não fariam. Articulam as responsabilidades que acompanham a decisão de se tatuar e os possíveis desdobramentos.

Apagar?! Não! Olha só, nunca vou escrever nome de namorado, isso aí é uma coisa. Nome de namorado, de marido, de mulher, enfim. Aliás, o que eu penso é o seguinte: se você quiser escrever, escreve, porque foi história, um dia. Eu acho que se um dia eu escrever o nome de alguém e, se terminar, eu vou riscar, sabe? Aquele negócio de riscar... [*aponta para o braço, como se estivesse fazendo riscos, e ri*] (F. A., 39 anos).

Embora descarte gravar um amor, F. A. aventa uma alternativa de adaptação que não anule por completo a tatuagem, mas deixe-a à mostra e evidencie o que foi vivido, apesar da ruptura. Um discurso que se alinha à noção de a tatuagem marcar algo importante por ter feito parte da história de vida do sujeito e, por isso, não dever ser apagada ou totalmente coberta.

Cara, mas, sei lá, todas as decisões que a gente faz na vida são pra sempre, sabe? Por isso que eu acho que se a gente registra uma coisa que foi boa pra você, não tem porquê ser ruim depois, entendeu? Acho que você tem que ter certeza do que você tá registrando porque é pra sempre, então, por exemplo, eu não faria tatuagem de namoro. Porque a gente sabe que namoros terminam, por mais que tudo seja bom na vida, né? Você pode estar no melhor momento da sua vida, mas isso pode acabar. Então, assim, eu quando quero registrar coisas, eu registro coisas que eu sei que elas me fazem bem, entendeu? Tipo, o Rio, pode estar o país inteiro num momento difícil, mas o Rio de Janeiro é a minha cidade, onde eu nasci, é a cidade que eu amo, então eu não acho que eu vou me arrepender, por exemplo, entendeu? Então, se eu fiz uma tatuagem com uma frase específica de uma música que me agrada, eu não vejo porque daqui a trinta anos isso vá me fazer mal, entendeu? Eu acho que eu tô sempre registrando uma coisa positiva (J. A., 30 anos).

Para J. A., o “para sempre” da tatuagem é evidenciado, em contrapartida com o dos relacionamentos. Para ela, registros que falem sobre si, mesmo com o passar do tempo, continuarão a fazer sentido, inclusive e especialmente os tributos conferidos ao Rio de Janeiro — sua cidade apesar de quaisquer infelicidades. Nas comparações que elabora, se um relacionamento amoroso não se tornaria tatuagem, visto que namoros terminam, apesar de serem bons, a paixão pela urbe é imperativa. Os vínculos da origem, do amor e dos sentimentos positivos que evocam falam mais alto para que as *tattoos* em questão não sejam alvo de um futuro arrependimento.

Em contraste com as análises de Osório (2006), se o curso do tempo foi visto como provável problema para os adolescentes, nossos informantes não condenam essa transição, afirmando ser algo bom. Quando perguntei para F. A. o que achava do “para sempre” da tatuagem, ela respondeu: “Acho maravilhoso! Vou ser aquela senhorinha, velhinha, toda enrugada, tatuada. Porque eu vou me tatuar toda!”.

Quanto ao passar do tempo e em ser uma senhora tatuada, C. M. responde que isso a perturbava, porém que também deixou de preocupar-se com o futuro, até mesmo por ser incerto. Um outro valor, que nos remete aos debates sobre o peso da decisão de se tatuar, é acionado por ela: “só se vive uma vez”. Sendo assim, já que se trata de uma experiência única, vale realizar a vontade do momento — fazer tatuagens, ainda que sejam permanentes e te acompanhem até a maturidade, a qual traz efeitos tidos como negativos para o corpo (como a pele enrugada) e para a tatuagem (que pode ficar desbotada e deformada).

Então, eu imaginava assim: “Ah, vou ficar velhinha, com a pele enrugada e a tatuagem enrugada”. Aí eu falo: “Quer saber? Que se dane! Só se vive uma vez. Aí eu tô preocupada com o futuro e vai que eu nem chegue nesse futuro”. Então qual é o meu sentimento no momento? Eu penso muito nisso (C. M., 30 anos).

I. M. e P. F. valorizam os momentos e fortalecem a ideia de que os registros fazem parte das trajetórias de vida, sendo razão suficiente para que uma *tattoo* não seja apagada. Momentos especiais, marcados na pele ou não, estarão presentes na memória e é esse o aspecto central para P. F. não pensar em apagar uma tatuagem: “Ah, eu acho que todos os momentos que eu vivi vão ser eternos. Então, eu tendo um desenho representando ele, ou não, não vai mudar muita coisa. Os momentos que eu vivi vão ser eternos” (P. F., 24 anos).

Eu nunca pensei em apagar, eu pensei só em complementar, de completar, botar mais coisa, mas apagar não. Eu acho que cada tatuagem foi feita num momento e eu não queria nunca apagar nenhum momento. Eu acho que tudo é lição, tudo é aprendizado, então precisa estar ali pra você lembrar de tudo (I. M., 21 anos).

De acordo com Ferreira (2017, p. 215), “num constante jogo dialético entre permanência e mudança, cada ato de modificação corporal através da encarnação de uma nova tatuagem, é um gesto de confirmação e celebração da coerência e continuidade de <<si próprio>> na sua <<diferença>>”. A *permanência* não é apontada como um problema. Faz parte do processo de composição de si, o qual se dá em continuidade. É o espaço para escrita de uma sequência narrativa autobiográfica; um diário ou álbum de memórias. Com as visões de aceleração dos tempos, a busca por somar, em uma tatuar extensivo, pode se conectar aos debates de Nora (1993) e Huyssen (2000) acerca de um *boom* da memória com o qual convivemos. É preciso lembrar para nunca esquecer. E por que recordar momentos? Em nossas leituras, há uma intenção de estender as experiências, tanto do que foi vivido, como do processo de marcação corporal em si, sobre o qual compreendemos as atrações e distinções atreladas.

D. C., quando reflete sobre a eternidade do registro corporal, corrobora com a importância da decisão e descreve os valores que atribui para suas tatuagens.

Hoje, a gente, acho, já tem até tecnologia pra não ser pra sempre, né, mas eu acho que... Pra mim, a tatuagem, ela significa muito uma marca mesmo, né?! Como tem pessoas que às vezes fazem uma cirurgia, alguma coisa que deixa aquela marca, e veem aquilo como uma forma positiva, por exemplo de uma vida que começou, nova, ou algo nesse sentido. Eu vejo a tatuagem com esse peso emocional também, de ser uma marca, uma superação, um desafio que você ganhou, que você conseguiu, que você conquistou. Então, pra mim, a tatuagem... Eu acho que ela só reforça aquilo que eu gosto, que me fez feliz em algum momento, então eu acho que é válido ela ser, né, pra sempre, eu não tenho problema com isso. (...) Então eu sempre penso muito bem em fazer as minhas tatuagens. Tem pessoas que são mais livres, né, elas já fazem a tatuagem assim “ah, bonitinho” e aí faz uma tatuagem aqui. Eu não, eu gosto mesmo de fazer coisas que tenham uma carga aí, um significado grande pra

mim. Então por isso que eu escolho com calma, penso bem o que eu vou fazer, pra quando fizer também não me arrepender. E não me arrependo nem um pouco de nenhuma das duas que eu fiz (D. C., 28 anos).

A fala de D. C. traz um contraste a respeito de pessoas que fazem tatuagens apenas por apelos estéticos. Em suas considerações, seriam sujeitos mais “livres”. Esse sentido da liberdade, talvez, envolva tabus e estigmas com os quais alguns ainda lidam de maneira problemática. Em outra possibilidade, a qual concorda com o entendimento do peso da decisão para a feitura de uma modificação corporal, podemos pensar que essas pessoas não sacralizam seus corpos ou veem o ato com menor rigor. Por último, novamente podemos nos lembrar dos “colecionadores de tatuagem”, para quem há uma performance atrelada a essa soma de registros na pele. Na descrição de D. C., ainda há um discurso de realce, o qual promove a tatuagem como marca de conquista, reminiscência de um ocorrido positivo. Sendo assim, não gera pesar e não deve ser eliminada.

T. J. confirma as demais posições sobre o peso da decisão de se tatuar e enfatiza as responsabilidades oriundas do ato, comparadas a demais movimentos da vida.

(...) Acho bom porque, sei lá, pensar aí é coisa meio filosófica da vida de que a gente é responsável pelo que faz, né?! [*risos*]. Então acho que se assumir responsável pela escolha do que você quis escolher é algo que também tá relacionado com a questão da tatuagem. Acho meio, sei lá, existencialista, assim, de... Bom, eu fiz e agora vou ter que conviver com isso (T. J., 37 anos).

Também descarta a possibilidade de apagar as tatuagens feitas, ainda que o procedimento fosse simples.

Não passa pela cabeça. Nem se fosse fácil. Nem se fosse, tipo: “Ah, bota o braço aqui e tirou, acabou”. Eu acho que tem a ver com isso que eu vivi. Tem a ver com quem eu sou, tem a ver com quem eu me enxergo. E vai ter a ver daqui anos na frente, tanto tempo, trinta, quarenta, sei lá, vinte anos na frente, eu vou olhar e vou falar: “Eu era assim”. (...) É como se fosse essa coisa da memória mesmo, né, uma memória de um momento em que eu passei a me redefinir, reconfigurar a minha identidade, passar a me enxergar como o T. J. num outro momento e da mesma maneira que as fotos ficam na gaveta, né, e ficam no celular ou nos arquivos, eu acho que eu virei o arquivo de mim mesmo, no final das contas. (...) Então eu acho que as tatuagens são arquivo de mim mesmo. (...) Uma hora que eu vou referenciar isso, falar “pô, isso aqui eu fiz na viagem tal...”. Mesmo que eu não conte pra pessoa, isso tá o tempo todo voltando como reminiscência, como uma história que vai ser recontada, que eu vou recontar a mim mesmo, né? (T. J., 37 anos).

Relaciona as marcas com a construção de sua identidade e os contornos de sua memória. A esse respeito, cria um paralelo com outras materialidades que carregam registros de viagens e da história de vida: como fotografias impressas ou gravadas nos celulares, o corpo é um *arquivo de si* e a permanência da tatuagem é o que dá potência a isso. Permanece o entendimento (que confirmamos ser coletivo) de que as modificações corporais fazem parte das biografias e narram as trajetórias. Isso é razão para que não sejam apagadas.

A caracterização de T. C. sobre a eternidade da tatuagem é mais uma anotação no mesmo sentido: a permanência é vista como algo positivo e a ideia de poder rememorar um momento significativo caminha em mesmas vias. A inscrição traz à tona algo positivo, que sempre será uma boa recordação.

Eu acho ótimo que seja eterno, até tenho medo de não ser, porque tem umas que ficam meio esverdeadas, fica esquisito, né? Até agora ela não tá, não, mas eu acho ótimo que fique realmente eternamente. E é aquilo, né: eu não sei se vai ter um momento que eu não vou gostar, eu acho difícil. Porque não é questão de gostar ou não gostar, no meu caso não é um desenho, não é uma coisa que seja assim: “ah, ficou feio, ficou bonito”. É... tipo, são só letras. Não tem essa de não gostar, é um momento que ficou marcado aqui, faz parte da minha história que ficou registrado no meu corpo, mas não é uma coisa, tipo: “ah, não vou mais gostar, eu vou apagar esse momento, assim”. Não, acho que vai ser sempre legal ver (T. C., 33 anos).

Quanto à *permanência* e os *procedimentos* que estamos abordando, T. C. traz outro aspecto a ser notado: com a passagem do tempo, algumas tatuagens demandam manutenção, para que se mantenham “vivas”. Com os desgastes, podem sumir e deixar de fazer o mesmo sentido, inclusive como registro de memória. Por outro lado, a deterioração revela a passagem do tempo e, para alguns, isso se torna algo valorado.

Por último, trazemos outra descrição de J. V.. Adicionando mais sentidos, o jovem também pondera o peso da decisão e dos significados daquilo que é marcado em sua pele:

Eu penso muito nas tatuagens que eu vou fazer, assim. Têm que ser coisas muito importantes pra mim, de verdade. Até porque apagar eu acho que fica cicatriz e eu não gosto ainda do método que fazem. E isso de ficar pra sempre eu acho que você tá externalizando um... sua personalidade, de certa forma. Ou não a personalidade, mas as coisas que te fizeram ser quem você é (J. V., 23 anos).

As afirmações sintetizam as visões de nossos interlocutores acerca da permanência das marcas. J. V. é mais uma pessoa que não tem intenção de extinguir

suas tatuagens (até porque não gosta da ideia de ganhar uma cicatriz no lugar) e que dá destaque para o processo decisório e para os significados atribuídos aos registros. Uma vez mais há ênfase para a trajetória de vida e para as tatuagens como designações do que foi experimentado, de lembranças que não devem ser apagadas. Ele ainda constrói relações com a moda, de forma similar a Lipovetsky e Serroy (2015), pensando a tatuagem como forma de marcar os contornos da identidade. E ao falar em identidade, traz identificação e comunicação — com as marcas, o corpo emite mensagens e dá pistas sobre quem se apresenta. Essa vitrine pode gerar atração ou repulsa, como caracteriza. Na sequência, com o conjunto *tatuagens e comunicações*, buscaremos explorar esses sentidos, tentando compreender o que as marcas comunicam, como o fazem e como são recebidas; que reações geram.

No trajeto até aqui, intentamos compreender as experiências vinculadas à tatuagem, observando aspectos imediatamente relacionados, *procedimentos, dor e permanência*. No espectro das análises, é possível verificar a diversidade e a complexidade de sentidos, sobremaneira no que concerne ao trabalho constante para elaboração das identidades. Tratamos os debates e menções sobre a tatuagem como ritual, articulando-o enquanto categoria nativa. Para encerrar as observações desta etapa, evocamos as considerações de Ferreira:

(...) ainda que frequentemente evocado enquanto *rito de passagem* (Van Gennep, 1981 [1909]), a dimensão ritualística que recobre atualmente o ato de tatuar o corpo não detém as mesmas funções e significados do passado. Já não enquadrada em situações coletivas sinalizadoras de determinados *momentos de passagem* previamente institucionalizados no corpo social, a ritualidade atual da tatuagem ancora-se na biografia do portador. Ela é hoje convocada a celebrar pontos de viragem na trajetória pessoal, a conquista do indivíduo sobre *momentos de impasse* que remetem para opções e vivências da sua existência particular, recordados e celebrados *a posteriori*. Um recurso estético utilizado já não para legitimar coletivamente as trajetórias típicas de um dado corpo social, portanto, mais para *marcar e demarcar* corporalmente um percurso e um mundo de vida sinuoso e singular (FERREIRA, 2017, p. 214).

Por meio do paralelo entre as referências teóricas e nossas amostras do campo, reforçamos a perspectiva de mudança nos olhares para a tatuagem, com destaque para os contornos do eu. Conforme enfatizou Ferreira (2017) e também tratou Leitão (2002), as praxes da *body art* atualmente convergem para uma ritualização das aparências e para falar sobre as histórias de vida daqueles que as carregam. Nesse trajeto, o fazer segue em evidência, apesar das transformações nos procedimentos. Ao fim, perseveram as dimensões do *habitus*, como trata Mauss

(2003). As sociedades reverberam seus traços de acordo com predomínios e modas, e isso norteia o curso de nossas experiências. As compreensões da tatuagem como mensagem de/em um corpo-mídia, agora, serão o foco de nossas reflexões.

4.2. Tatuagens e afetos

Neste conjunto, analisamos o que dizem as tatuagens de nossos interlocutores em relação a seus significados simbólicos, esmiuçando os relatos afetivos. Para elaborar as categorias com as quais trabalharemos, consideramos as nuances das falas e os destaques dos conceitos que fundamentam nossas reflexões. Sendo assim, observaremos *trajetos*, *símbolos* e *emoções*. Quanto ao primeiro grupo, pensamos as histórias atreladas às marcas corporais: Por que fizeram as tatuagens? Como as escolheram e quais são as narrativas atreladas a esses sinais? Em seguida, em *símbolos*, refletimos sobre os significantes eleitos e os significados atrelados, a partir de uma perspectiva representacional. Por último, trazemos à tona os sentimentos mencionados em relação a essas experiências, com proeminência para os contornos da memória.

As viagens e as cidades estão diretamente associadas, pois grande parte dos deslocamentos, atualmente, ocorrem nos espaços citadinos. No caso de uma de nossas informantes, como primeira ilustração, a tatuagem se vincula a ambos os temas: na *body art* de F. S. S. estão ilustradas as cidades de nascimento, residência e deslocamento ou residência temporária, destino de um intercâmbio acadêmico, durante o período em que cursava a graduação (Figura 10).

E tem essa coisa da cidade, também, né?! Tipo, acho que foi a primeira tatuagem mais importante, assim. (...) a segunda que eu fiz foi esse *skyline* [*aponta para a costela, do lado direito do corpo*], que eu fiz quando eu voltei do intercâmbio. (...) aí eu fiz Petrópolis, Santa Teresa, que é o bairro que eu morava, e Santiago. Eu fiz edifícios icônicos, assim, de cidades que eu gostava. (...) Começa com Santiago. (...) É tipo a Casa dos Sete Erros, em Petrópolis, aí depois tem o castelinho de Santa Teresa e aqui tem o Cerro Santa Lucía e a torre de telefone, lá de Santiago [*mostrando a tatuagem e apontando para o que explica*] (F. S. S., 29 anos).



Figura 10: F. S. S. mostra sua tatuagem e apresenta os monumentos representados.

Com essa primeira fala, vemos diferentes possibilidades de relacionamento com as cidades, as quais têm importância significativa a ponto de serem registradas no corpo, por razões um pouco diferentes, mas próximas. Chama atenção a formação da interlocutora, que é arquiteta, e por isso ela salienta a atração pelas cidades e seus elementos. Também por essa bagagem, o diálogo com a urbe se dá de modo mais detalhista. Nesse caso, Petrópolis, Rio de Janeiro e Santiago (Chile) são destaques. No entanto, nem todos os elementos representados são alegóricos (ou marcas amplamente difundidas destas cidades). Há uma forte presença das vivências e lembranças de F. S. S. Isso nos permite elaborar uma associação com o conceito de Pierre Nora (1993), tratando o corpo como um lugar de memória e as tatuagens como marcadores da “aura” a ele inferida.

Outro conceito que norteia nossas reflexões nas análises das categorias desse conjunto é o de imaginário urbano, conforme articula Silva (2011). Para o autor, elaboramos nossas concepções da cidade a partir dos desejos e dos modos coletivos de vê-las, vivê-las, habitá-las e desabitá-las. O urbano está naquilo que nos afeta e nos concebe enquanto cidadãos do mundo — nesse sentido, a arte, a ciência, a mídia e as tecnologias. É dessas cidades que estamos tratando aqui; aquelas concebidas por esses sujeitos, afetados por distintas razões, envolvidos pelas singularidades que enxergam e compõem.

Nas reflexões sobre a *dor*, apresentamos parte da história de L. O., com a tatuagem em homenagem ao pai. Embora haja uma apresentação icônica do Rio de

Janeiro, o que está expresso, para ela, são lembranças do progenitor. O cenário da cidade representado em sua pele tem dois principais fundamentos, como descreve:

É o Pão de Açúcar e esse desenho é um desenho especial, ninguém nunca vai ter igual, porque é um desenho que meu pai sempre fazia, assim. O meu pai, ele sempre gostou muito do Pão de Açúcar e tal e, desde que a gente era pequeno, a gente... Todo domingo ele levava a gente pra fazer aquela trilha que tem na Urca. Então ele sempre foi muito apaixonado e tal. E quando ele escrevia, assim, meu pai gostava muito de escrever, e aí ele escrevia muito pra gente cartão de aniversário, de natal e ele sempre desenhava, embaixo, o Pão de Açúcar. Aí eu peguei um desses desenhos e fiz. E foi num lugar discreto também porque meu pai era um cara muito discreto, e tímido e tal (L. O., 20 anos).

Em outra passagem, a jovem conta que o Pão de Açúcar era um espaço para onde o pai a levava para passeios, muitas vezes em companhia do irmão. Assim, além da marca registrada nos cartões que deixava aos filhos, o local foi cenário de vivências significativas para eles. A representação imediata alude a um dos ícones naturais da capital fluminense, porém a tatuagem aciona outros registros afetivos. Ainda poderíamos apontar para a unicidade do desenho, valorada por L. O., e para as territorialidades da cidade. As lembranças são cartografadas, figuram em um mapa afetivo.



Figura 11: L. O. mostra a tatuagem com os traços do Pão de Açúcar.

A partir dos relatos e apropriando-nos das reflexões de Huyssen (2015), projetamos a tatuagem de L. O. como uma “miniatura metropolitana”. O teórico alemão cria o conceito para falar de um gênero literário específico da modernidade, no qual textos curtos narram as transformações do espaço urbano e em que há centralidade na percepção visual. Dessa maneira, a correlação por nós construída

fala em um signo exposto no corpo com o qual o indivíduo expõe suas afetividades no mundo, notadamente o urbano.

No episódio, verificamos uma dimensão oculta. De imediato, é possível que o observador associe uma homenagem ao Rio de Janeiro. E pode ser que L. O. assim deixe pensar a pessoa que a interpele. Ou, sem entrar em maiores detalhes, diz: “Ah, é um desenho do meu pai porque ele gosta muito”. Fica expressa a noção do corpo como um diário íntimo. Sua abertura, embora haja um caráter de exposição da pele, notadamente em uma cidade de clima quente como o Rio de Janeiro, é uma opção do indivíduo que “possui” essas páginas escritas.

As motivações de quatro de nossos interlocutores se aproximam. Trazem em seus corpos tatuagens que remetem ao Rio de Janeiro. São tributos e, especialmente, marcadores de pertença. Como discute Woodward (2007), observamos a construção das identidades por meio do contraste e das diferenças. As pessoas evidenciam uma proeminência da cidade e como a ela estar conectado é algo a ser valorizado.

Então, eu tenho um Cristo Redentor aqui na nuca. Na nuca não, um pouco abaixo da nuca. Eu simplesmente fiz porque eu sempre gostei do Rio. Sempre, sempre... Mesmo morando a vida inteira em Angra, eu sempre quis estar aqui no Rio. Porque a minha família toda é daqui, né? Só os meus pais foram transferidos pra lá. E sempre quando eu vinha pro Rio era uma coisa completamente diferente do que eu vivia, porque eu morava numa cidade pequena, tudo mais... E quando eu pude vir morar... Vir pra cá de fato, parece que a cidade me abraçou, eu fiz muita amizade (...). Sei lá, consegui uma rede de contatos muito melhor do que eu tinha em Angra e falei “cara, essa cidade é a minha cara”, então eu falei “não, vou ter que tatuar o Cristo, que é o símbolo maior do Rio”. Foi por isso (P. I., 23 anos).



Figura 12: Detalhe do Cristo Redentor tatuado nas costas de P. I..

A capital fluminense é globalmente reconhecida. Por variadas razões, mas sobretudo por suas belezas naturais, seus atrativos construídos, sua cultura e seu povo. Igualmente, é comum serem conferidos sentidos especiais ao carioca. A

cantora gaúcha Adriana Calcanhotto, na música *Cariocas*, fala sobre serem bonitos, bacanas, sacanas, dourados, modernos, espertos, diretos, bambas e tantos outros adjetivos. Há também a garota de Ipanema que o tijucano⁴⁰ Tom Jobim divulgou ao mundo, com o corpo dourado e um balançado que é mais que um poema. São traços comuns, esquemas retroalimentados por nossas falas, pelas diferentes produções culturais e fixados em nosso acervo de referências.

São encantos com os quais as pessoas desejam se vincular, ainda que à sua maneira. Além disso, se a cidade é uma metrópole com atributos especiais e onde coisas boas acontecem — amizades e ampliação da rede de contatos, nos exemplos de P. I. — jazem mais motivos para a ela se ligar. Os contrastes são evidentes: as experiências no Rio de Janeiro são diferentes — “sempre quando eu vinha pro Rio era uma coisa completamente diferente do que eu vivia”. Seguramente, os estranhamentos de quem tem outra origem podem ser maiores e as diferenças se tornarem mais evidentes; entretanto, são impressões e falas comuns quando se trata da capital fluminense. Há uma espécie de encantamento coletivo pelo município e esses sentidos são repercutidos.

P. I. ainda diz que a cidade o abraçou. Dado o seu caráter extraordinário, é comum que aconteça essa personificação. Em discursos publicitários e em outros tipos de narrativas, lhe são atribuídas outras ações: a urbe sorri, amedronta, acolhe, repele etc. Augustine (1991) examina essas recorrências, de modo especial em produções ficcionais, nas quais o urbano se torna um personagem com características humanas:

(...) A cidade como personagem também é uma cidade que é um fato na ‘vida real’, uma grande cidade realmente existente neste planeta — Paris, Nova York, Londres. Tal cidade não só é grande em tamanho, mas rica em história e estilo idiossincrático — rica porque evoca das vidas individuais de moradores da cidade elementos imprevisíveis que arbitrariamente, inexplicavelmente, moldam esse estilo e o aumentam, da mesma forma que as qualidades pessoais dos indivíduos provocam decisões que moldam o seu estilo pessoal — um processo que se reflete no romance [tradução nossa⁴¹] (AUGUSTINE, 1991, p. 74).

⁴⁰ Referência ao bairro Tijuca, localizado na zona norte do município do Rio de Janeiro.

⁴¹ (...) the city as character is also a city which is a fact in 'real life', a great city actually existing on this planet — Paris, New York, London. Such a city is not only large in size but rich in history and idiosyncratic style — rich because it calls forth from individual citydwellers' lives unpredictable elements which arbitrarily, inexplicably, shape that style and augment it, in the same way that individuals' personal qualities provoke decisions which shape their personal style — a process which is mirrored in the novel (AUGUSTINE, 1991, p. 74).

O Rio de Janeiro é uma metrópole que se configura como fato, segundo as ideias propostas por Augustine (1991), e por isso tem força de representação. Pelas construções simbólicas que o constituem, reforça e reinventa suas identidades. E se há identidade, reconhecimentos são suscitados. É o que aparece nas marcações corporais expostas por nossos interlocutores: um desejo de associação e pertença.

Ademais, a cidade se impõe enquanto marca, em um *branding* urbano. Mencionamos o termo anteriormente, falando sobre o conceito ligado ao marketing e sobre a técnica de modificação corporal. Nesse caso, articulamos o que trata Freitas (2017) acerca da atuação de gestores públicos e empresários para alçar (ou manter) a capital fluminense como uma marca; um produto a ser comercializado — cidade-espetáculo e cidade-mercadoria. “(...) uma marca forte, apesar dos atributos negativos que também a habitam como a desigualdade social, a miséria e a violência urbana” (FREITAS, 2017, p. 53).

Nessa contraposição de aspectos da cidade, mesmo os negativos podem ser relativizados, em razão da carga afetiva que a associa aos interlocutores. J. A. falou sobre isso em relação a não se arrepender das tatuagens que falam sobre o Rio. Em outra passagem de sua entrevista, ela afirma:

(...) é porque eu sempre amei muito o Rio. Apesar de todas as questões, principalmente agora, eu ainda acho que o Rio é uma cidade muito incrível (...). O carioca é muito simpático, é muito receptivo, é um povo muito caloroso, então eu acho que a gente tem potencial [*risos*], tem como melhorar, e eu sempre acreditei muito no Rio. E era uma coisa que eu queria sempre deixar bem claro... Deixar bem claro que eu era carioca, entendeu? Então eu queria meio que sentir que eu tava carregando ele comigo, pra onde eu fosse, se eu fosse pra fora daqui (J. A., 30 anos).

Outros atributos são acionados, especialmente características das pessoas que habitam o Rio. Por isso e por “sempre acreditar” na cidade é que a informante deseja deixar claro que é carioca. E ainda carregar esses sentidos para qualquer lugar para onde vá. Ao todo, até a data em que conversamos, eram três os registros ligados à capital fluminense. Como conta, o primeiro deles foi feito a partir da decisão de viver em outro município para trabalhar: “(...) eu sempre fui muito, muito carioca, apaixonada pelo Rio, fui morar em São Paulo por causa de trabalho e resolvi fazer uma *tattoo* do Rio, a primeira que eu fiz, antes de ir pra lá, pra meio que carregar o Rio comigo pra lá”. Os sentimentos exacerbados são comuns nas menções às tatuagens para/sobre as cidades; elas são uma forma de expressá-los. J. A. se diz muito apaixonada e desejosa de mostrar isso para as pessoas de outras localidades,

também carregando uma lembrança de sua origem. Em seguida, no retorno ao Rio de Janeiro, faz mais uma *tattoo*, como celebração:

E aí eu fiquei morando mais ou menos um ano, um pouquinho mais de um ano em São Paulo, e eu sentia muita saudade do Rio, voltava sempre pra cá, nunca passava mais de um mês direto em São Paulo. E aí eu decidi voltar pra cá de vez e aí eu fiz mais uma *tattoo* do Rio pra comemorar que eu tinha voltado a morar no Rio (J. A., 30 anos).

Novamente, sentimentos acionam a feitura da tatuagem. A saudade causada pela distância e a felicidade do retorno. Dessa vez, a marca traz os Arcos da Lapa, na região central. A primeira é o traçado do Morro Dois Irmãos, na zona sul carioca, e a última delas é a palavra “amor” grafada em um estilo peculiar, com traços do Profeta Gentileza, pregador urbano que se tornou bastante reconhecido na capital fluminense e até mesmo em todo o país. Em linhas gerais, Gentileza fazia inscrições com mensagens positivas nas pilastras do Viaduto do Gasômetro, também na região central da cidade. J. A. explica a marca corporal:

E a terceira que eu tenho, ela é do Gentileza. Que o Gentileza escreve amor com três erres. Então eu sempre achei isso legal e ele tem essa coisa do “gentileza gera gentileza” e ele tem essa setinha de volta, assim, então eu tatuei o amor com três erres e o símbolo de volta, assim (J. A., 30 anos).



Figura 13: Na entrevista, J. A. mostra a terceira tatuagem sobre o Rio de Janeiro, com traços inspirados no trabalho do Profeta Gentileza: AMORRRR em meio a setas indicando retorno.

Embora Gentileza tenha nascido e morrido no estado de São Paulo, viveu por muitos anos e tornou-se um símbolo do Rio de Janeiro⁴². Seus escritos nas pilastras das ruas são inspiração para criação de souvenirs e outros produtos conectados com a cidade, os quais costumam ressaltar sua mensagem mais célebre: “gentileza gera gentileza”⁴³. Nesse sentido, delineamos uma analogia do corpo de J. A. com as ruas da urbe. Trata-se de uma continuidade ou um desdobramento da produção do artista, em outro suporte.

Silva (2011) fala no grafite como a tatuagem urbana. Associa as inscrições feitas nas paredes e muros com possibilidades de fazer arte, política e crítica social. Há subversão da ordem, de algum modo. A produção de Gentileza trouxe isso às ruas do Rio de Janeiro e a tatuagem, ao longo dos tempos, também o faz. Se já não é tão significativo o peso da modificação corporal enquanto signo marginal e de rebeldia, prepondera a potência da arte, a *body art*. O grafite caminha em direções similares, como defende o autor, apesar de manter um caráter contestador, mormente na América Latina. Em última medida, em uma metáfora do corpo-cidade, muros e peles são inscritos, registram afetos, em um fazer contínuo, um projeto inacabado e aberto para alterações. Se Silva (2011) ajuíza que o grafite o ajuda a definir o que chama de “imagem como registro visual”, na comunicação urbana, entendemos que a tatuagem faz o mesmo.

T. A. é outro interlocutor que descreve sua tatuagem como uma celebração à cidade do Rio de Janeiro, destacando sua paisagem natural e construída. Essa fusão dos aspectos é mais uma característica amplamente celebrada, marcada pelo imaginário coletivo. Sua *tattoo* traz um contorno da Pedra da Gávea e do Morro Dois Irmãos, na zona sul.

(...) Bom, porque eu acho que é uma paisagem marcante do Rio, de um lugar que eu gosto muito de apreciar a paisagem, que é do Arpoador. Que é, tipo, da perspectiva de lá, são o Dois Irmãos e a Pedra da Gávea no fundo, onde é muito tradicional de ver o pôr do sol e tudo mais. Eu também tenho uma conexão muito forte com a própria Pedra da Gávea que eu gosto muito de fazer trilha lá, e a primeira vez que eu fiz mudou totalmente a minha relação com a cidade, assim, a forma como eu enxergava os fluxos e tudo mais. Então decidi ter a Pedra da Gávea, até mais que o Dois Irmãos, mas como compunha bem, eu fiz essa silhueta a partir do Arpoador, assim (T. A., 24 anos).

⁴² CONHEÇA o criador da frase “gentileza gera gentileza”. *Terra*, 9 jul. 2014. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/conheca-o-criador-da-frase-gentileza-gera-gentileza,65bd0e89ee217410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 24 mar. 2020.

⁴³ Os produtos são diversos: camisetas, chinelos, bolsas, canecas, quadro, pôsteres, tapetes etc.



Figura 14: T. A. mostra sua tatuagem com o contorno do Morro Dois Irmãos.

A caracterização de T. A. expressa sentidos importantes: primeiramente, a evidência para a relação com a cidade. A urbe, entendida como organismo vivo, repercute nos sujeitos; afeta. Em sequência, a valorização do contraste entre os elementos da natureza e dos fluxos de urbanização. Nas palavras de Freitas:

As cidades pulsam. Sensíveis, as cidades comunicam afetos, sentimentos e emoções que delas nascem. Também são palcos para conflitos, negociações e infinitos processos de comunicação. Elas são ambientes de consumo e para consumo. As cidades são, por excelência, campos de análise da comunicação por serem espaços permanentes de expressões de todas as ordens. São mídias, personagens, roteiros e cenários, além de centros produtores de cultura (FREITAS, 2017, p. 50).

A partir destas potências é que compreendemos as conexões dos atores com o urbano. Não se trata de apenas um espaço de convivência, um pano de fundo para as ações cotidianas, mas um composto das dinâmicas identitárias. Diferenças e similaridades estruturam a constituição dos sentimentos. O poema de Carlos Drummond de Andrade, *Elegia Carioca*⁴⁴ evoca a complexidade dessas relações: “Nesta cidade vivo há 40 anos / há 40 anos vivo esta cidade / a cidade me vive há 40 anos”. A cidade se move, é formadora e constantemente (re)formada. Seu resultado permanece em curso. E o Rio de Janeiro, no imaginário coletivo, parece ter uma força de representação e repercussão ainda maior.

Ainda sobre as razões de ter feito a silhueta do Morro Dois Irmãos, embora o apreço central fosse pela Pedra da Gávea, T. A. ajuíza:

⁴⁴ Poema completo em: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Discurso de primavera e algumas sombras**. Rio de Janeiro: Record, 1978.

Ah, porque eu percebi, tipo... Isso também, se eu não me engano, acho que foi logo antes de eu ir pra Los Angeles, ou enquanto eu tava lá já, que eu fiz a trilha. E eu percebi o quão maravilhoso era o Rio de Janeiro em termos naturais, assim. Eu já sabia disso, mas eu passei a dar muito mais valor por ter essas trilhas na cidade, por ter a Floresta da Tijuca, que, assim, é um privilégio você ter uma floresta tão densa dentro de uma cidade que é a segunda maior cidade do país, assim. Então... E, além disso, foi isso que eu falei, dava pra ver os fluxos muito bem, assim. Você vai de madrugada, aí você não vê quase nenhum carro passando, aí o dia começa a nascer e você começa a ver a Barra engarrafando, helicóptero passando pra lá e pra cá, de um lugar meio... De uma outra perspectiva, você vê a cidade mais afastada, assim. Você vê a cidade de outra forma (T. A., 24 anos).

Uma composição estética, neste caso, preponderou para que T. A. tatuasse o Morro Dois Irmãos. Não só pelo contorno do atrativo ter uma melhor possibilidade de ser pintado e reconhecido, mas pela composição dos dois atrativos naturais juntos. Além disso, possivelmente porque o rapaz tem outras tatuagens, algumas delas frutos de amizades com tatuadores, e por acompanhar os trabalhos de profissionais, algo que revela o cuidado com a “curadoria” das marcas gravadas na pele. Outro aspecto que domina a fala e as motivações de T. A. é a referida multiplicidade de sentidos da capital fluminense. Ilustração semelhante ao que versa o refrão da música de Fernanda Abreu, muito usada para retratar o Rio de Janeiro: “Rio 40 graus / Cidade maravilha / Purgatório da beleza / E do caos”.

Ver a cidade “de outra forma”, ou por outros ângulos, fala sobre sensibilidade. A vivência e a contemplação afetam; geram reflexos nos indivíduos. O conjunto urbano do Rio encanta e reverbera na multiplicação das acepções acerca da urbe. Em outras palavras: T. A. tatua o Morro Dois Irmãos e a Pedra da Gávea porque os elementos naturais o afetam e são ícones emblemáticos do Rio de Janeiro. Além disso, os símbolos evocam imagens positivas e o associam à cidade. Por sua vez, seu corpo marcado passa a compor a camada de sentidos da urbe e essas construções seguem em fluxo. Como forma de linguagem, a tatuagem se situa no complexo sistema representacional do qual fala Hall (2016).

Muitas das noções das quais falamos até aqui também bebem da fonte da alcunha de “Cidade Maravilhosa”, que o Rio possui. Segundo caracteriza Gomes (2008), à luz das análises literárias que empreende, o epíteto foi criado pela poetisa francesa Jeanne Catulle Mendès, em 1912, e tem força de permanência.

A nomeação veio emblematicamente fixar a imagem da cidade inventada pelo projeto oficial da República recém-inaugurada, abrindo os tempos eufóricos de uma *Belle Époque* em edição brasileira. O emblema de conotações positivas indica beleza paradisíaca e revisita simbolicamente o mito da terra exaltada desde os primeiros

textos do século XVI que a ela se referem. Esse epíteto não remete apenas à criação divina da natureza. A mão do homem a completa e a urbaniza. Vinda de uma estrangeira e poetisa, este nomear ganha força legitimadora e corrige a ótica negativa com que o Rio era desclassificado, face a outras cidades modernas. O emblema gradou-se à cidade e ao imaginário oficial e popular, que a marchinha de André Filho para o carnaval de 1935 fixou para sempre. Esta que era descartável, virou hino, símbolo da cidade. Guardando o poder de exaltar e de celebrar um ideal, não tem, por outro lado, o tom marcial e solene dos hinos em geral. É a sacralização descontraída da alegria. Alegria que reveste a imagem do mito da cidade, que hoje vem sendo esgarçada no bojo da crise da metrópole. Permanece, porém, entre desencanto e esperança, a tentativa de resgate dessa perdida Cidade Maravilhosa, sob o signo da nostalgia (GOMES, 2008, p. 112-113).

Como é cantado na marchinha mencionada por Gomes (2008), o Rio de Janeiro é a cidade maravilhosa, cheia de encantos mil e o coração do Brasil. Esses destaques compõem o imaginário coletivo da urbe, que é consolidado nacional e internacionalmente. Embora exista uma carga negativa sobre o município, que fala notadamente sobre violência e desigualdade, os recursos fantásticos diminuem a pressão acerca do que é ruim. Decerto, estampar os atributos cariocas na própria pele pode ser apontado como um dos movimentos relativos a essa ideação positiva sobre o Rio e o carioca.

I. M. revela alguns desses contrastes sobre o Rio de Janeiro, suas diferentes territorialidades e as características comuns (ou estereotipadas) de seus cidadãos. Conforme caracterizamos na primeira categoria, sua tatuagem traz o contorno da Pedra da Gávea a partir da visão de sua casa, na Rocinha. Assim, a contraposição entre a favela e o ícone da zona sul revelado pela *tattoo* de I. M. traz à tona outros confrontos sobre sua constituição identitária enquanto habitante da complexa urbe e os espaços por onde circula — negra, periférica e estudante de graduação em uma instituição localizada em um bairro de classe média/alta, a qual é famosa por ter outros alunos com alto poder aquisitivo.

I. M.: É, então, eu acho que tem muito isso. Eu amo a Gávea, sempre estudei aqui, eu gosto muito daqui, mas eu vivo muito nos dois mundos, sabe? Quando eu entro aqui é uma realidade totalmente diferente da realidade que eu tenho na minha casa e eu queria carregar essa realidade comigo pra que eu nunca esquecesse, sabe? Eu vim de uma família simples, de um lugar simples, e por mais que eu viva sempre aqui, na PUC, e com esse deslumbre todo, eu sou de um lugar que não é tudo isso e que eu não quero esquecer nunca essa raiz.

Lucas: Sim. E você acha que a gente pode dizer que essa sua tatuagem é um símbolo de você ser carioca?

I. M.: Sim, eu acho que é um símbolo de eu ser carioca, de eu saber de onde eu vim, de saber... De manter o meu pé no chão, sabe? Eu gosto muito... E a Pedra da Gávea é um símbolo tão carioca, eu vejo muito. Quando eu tô no Leblon eu consigo ver a

Pedra da Gávea, quando eu tô no Leme eu vejo a Pedra da Gávea... De vários cantos do Rio eu vejo a Pedra da Gávea, então eu acho que sou muito carioca, sim [*risos*].

Em meio a multiplicidade de lugares e valores a eles atribuídos, a identidade marcada pela diferença, nos termos de Woodward (2007), e também pela pertença. Os *trajetos* e as narrativas de I. M., não apenas com o que comunica a tatuagem em si, mas com as caracterizações sobre ela, trazem esse desejo de vinculação aos retratos emblemáticos do Rio. Assim, o contorno de um atrativo natural revela afeto sobre a cidade, e, sobretudo, falam sobre aquela que a porta. Ainda que a arte tenha sido criada a partir do ponto de vista da periferia, o relato da jovem dá evidência para a zona sul carioca. Os bairros de onde I. M. vê a Pedra da Gávea são célebres, têm atrativos famosos e frequentados por turistas, além de serem majoritariamente habitados por pessoas que não têm vulnerabilidades socioeconômicas.

Outra interlocutora, F. A., também traz o Rio de Janeiro em sua pele. No braço esquerdo, uma arte que une o Corcovado e a estátua do Cristo Redentor, com um coração. Já no braço direito, uma homenagem à sua cidade-natal, Belo Horizonte, com a Igreja de São Francisco de Assis da Pampulha e um coração, novamente. Ambas as tatuagens posicionadas na mesma área dos braços, acima dos cotovelos.

Quando eu fiz dez anos de Rio, eu quis me dar de presente... Porque, assim, eu já sou apaixonada pelo Rio, né? Eu brinco que eu sou carioca de alma. Então eu sou mineira de nascimento, mas eu sou carioca de alma. E aí eu quis me dar de presente essa tatuagem, que é o Cristo... Enfim, é um símbolo, porém tem o coraçãozinho aqui, você pode ver que é do Fluminense porque eu sou tricolor apaixonada (...). E aí eu resolvi fazer, mas eu ainda vou fazer outras coisas em cima, eu quero mudar, assim. (...) E aí, ao mesmo tempo, eu falei: “Eu não posso esquecer daonde eu vim”, eu acho que é muito importante isso, né? E aí eu fiz a igrejainha da Pampulha, lá de BH, que é pra eu nunca esquecer daonde eu vim, porque eu também amo BH. Mas é porque eu me sinto muito carioca. O Rio de Janeiro é o lugar que me acolheu em todos os sentidos e foi aonde eu escolhi criar raízes, entendeu? Eu me sinto cidadã mesmo do Rio, assim, mas eu não esqueço daonde eu vim, eu não esqueço as minhas raízes de Minas (F. A., 39 anos).

Primeiramente, chama atenção a ideia da tatuagem como um presente. Nessa medida, a associamos como prática de consumo. Em outros momentos, falamos sobre a preocupação dos interlocutores com os preços a serem pagos pelas *tattoos* e acerca da curadoria projetada para a pele (OLIVEIRA; AYROSA, 2016). Como lembrança dada a si mesma, como registro de uma data especial, há um reforço do planejamento envolvido no ato de se tatuar, notadamente para tratar as relações com

duas cidades importantes em sua trajetória de vida: a de nascimento e a eleita para viver.

Além disso, mais reforços com relação ao pertencimento ao Rio de Janeiro — a tatuagem marca que F. A. é uma “carioca de alma”, apaixonada pela cidade, encantada com alguns de seus símbolos mais significativos, como o Corcovado e a estátua do Cristo Redentor, e torcedora de um dos seus clubes de futebol mais tradicionais. A capital fluminense a acolheu (mais uma vez, a personificação da urbe) e foi sua escolha para estabelecer raízes. Ao mesmo tempo, tem grande importância a cidade de nascimento, Belo Horizonte. Ambas são marcadas de forma igual.



Figura 15: F. A. mostra e descreve a tatuagem em homenagem ao Rio de Janeiro.

Se a tatuagem do Rio marca a comemoração aos dez anos vividos na cidade, a de Belo Horizonte reafirma uma lembrança sobre suas origens, vez que também são importantes. Ao longo da entrevista, F. A. reitera o valor da capital mineira, por todas as vivências pregressas e por conta das pessoas queridas que ainda vivem lá. Assim, enxergamos como as urbanidades marcadas na pele fazem referência a diferentes tipos de afetos — experiências de origem, de deslocamento e do habitar. No caso de F. A., expressam a cidadania carioca e as raízes mineiras.

A última informante ligada especialmente a uma cidade é A. L. A jovem tem quatro monumentos significativos de Juiz de Fora e narra o sentido de cada um deles em sua trajetória:

E, no final, cada monumento acaba representando um pouco da minha vida, da minha história dentro de Juiz de Fora também. Porque os monumentos são *[mostrando a*

tatuagem e indicado as referências mencionadas: o Museu [Museu Mariano Procópio, comumente chamado apenas de Museu pelos habitantes da cidade], primeiro, e aí representa basicamente a minha infância porque eu morava na rua do Museu, então quando eu era criança eu saía e era o quintal da minha casa. Eu ia, pegava o meu cachorro e ia. Eu era bem pequena ainda, não tinha nem sete anos, eu acho. Então um passeio de dia... Igual as pessoas vão na pracinha do bairro, eu ia no Museu pra passear. Então tem toda essa questão. Depois, ela fez a Câmara [Paço Municipal], e aí eu acho que tem tudo a ver com a região central, que, assim, várias coisas que eu fiz ao longo da vida, estágio, estudei, tem aquela questão ali do Parque Halfeld. Também é o coração de Juiz de Fora, né? E aí, pra representar um pouco isso, ela colocou esse monumento, que eu gostei também. O Morro do Cristo [estátua do Cristo Redentor], que acho que dá uma dimensão da vista da cidade, de tudo. E representa também um pouco do que a gente vê assim em Minas, aquelas montanhas, toda a paisagem. E, por fim, o menino da pipa [estátua “Menino empinando pipa”, de Serafim e Daniel Gonzalez], né? O Bernardo Mascarenhas, que é ali na Independência [antiga Av. Independência, hoje Av. Presidente Itamar Franco], que acaba tendo também muita relação com o desenvolvimento da minha vida escolar, assim. Porque eu estudei no Stella [Colégio Stella Matutina] e depois eu vim pra faculdade [a entrevista foi gravada na Universidade Federal de Juiz de Fora, onde A. L. concluiu sua graduação e cursa mestrado]... Então, acho que um pouco isso. Ela conseguiu reunir, com a ideia dela de quais monumentos assim, né, tudo que eu queria representar mesmo, um sentimento de um pouco homenagem e um pouco de representar as coisas que eu tinha vivido aqui (A. L., 26 anos).

A. L. fala que “ela fez...” porque fez o pedido e um resumo de sua proposta para a tatuadora, que ficou responsável por conceber a *tattoo* (falamos sobre isso na categoria *procedimentos*). A jovem caracteriza que a ideia da profissional ornou com seus objetivos e justifica, a partir de suas vivências em diferentes momentos da história de vida, cada um dos atrativos representados. Os pontos marcados não falam somente sobre sua importância na urbe — como a menção ao Parque Halfeld enquanto “o coração da cidade”. Eles também narram os percursos percorridos, etapas da infância, da adolescência e da fase adulta. Adiante, exploraremos mais os significados desses símbolos. Por ora, enfatizamos o olhar de A. L. sobre as representações evocadas com sua tatuagem: “(...) um pouco homenagem e um pouco de representar as coisas que eu tinha vivido aqui” (A. L., 26 anos).

Após tratarmos as narrativas relacionadas às cidades, passamos a abordar as tatuagens com o grande tema das viagens. Como apresentamos na abertura da seção, a *tattoo* de F. S. S. reúne não somente as cidades onde nasceu e mora, como também aquela onde vivenciou um intercâmbio. Assim, podemos apontar a importância da experiência de deslocamento, pois o destino é posto em pé de igualdade com outras duas localidades significativas em sua trajetória.

Após fazer suas primeiras tatuagens, marcando um período de transição em sua vida, T. J. decidiu por explorar a *body art* em uma viagem à Europa. Resolveu

que se marcaria em cada um dos destinos visitados, na Alemanha e na Polônia. Acabou deixando de se tatuar em um deles, Cracóvia, mas assim relata a decisão:

E eu coloquei na cabeça que eu ia aproveitar essas viagens pra conhecer o universo da tatuagem nesses lugares. Então eu não pesquisei muito, cheguei na cidade e pedi, pras pessoas que eu conhecia, indicação. (...) As tatuagens foram sem nenhum planejamento. Eu não fui com desenho pronto, não fui com ideia nenhuma... Eu queria tatuar alguma coisa que fosse característico dos lugares onde eu tava. E a primeira foi essa aqui, no antebraço direito [*mostra a tatuagem no antebraço*], que foi um pretzel, que é uma comida típica de Munique, né? (...) A ideia era que fosse alguma coisa representativa de cada lugar desse (T. J., 37 anos).



Figura 16: Detalhe do pretzel feito por T. J. para marcar sua estada em Munique (Alemanha).

Como T. J. explica, não houve um planejamento inicial sobre quais seriam as suas eleições, porém a ideia era tatuar algo característico das localidades visitadas. Por essa razão, a primeira delas, feita em Munique (Alemanha), foi um pretzel — um tipo de pão popular entre os povos germânicos, como austríacos, suíços e alemães. No entanto, no destino seguinte, Berlim (Alemanha), T. J. já não marcou algo imediatamente associado à cidade.

Depois eu fui pra Berlim encontrar com mais amigos (...). E aí esse eu tava pensando em fazer aquele ursinho que é o símbolo da cidade ou então aquele do sinal de trânsito, que é o da Alemanha Oriental, que era um sujeitinho de chapéu com a mão aberta no pare e um sujeitinho verde andando, assim. Tem um símbolo, também, bastante característico da cidade, só que nesse estúdio de tatuagem eu me apaixonei pelos desenhos de um cara específico. Eu tava olhando a parede e aí falei: “Nossa, que coisa bonita!”. E aí fez esse aqui do antebraço direito [*mostra a tatuagem no antebraço direito*], que esse acabou sendo fora, até, da minha proposta. Eu gostei do desenho dele, gostei da ideia de fazer alguma coisa mais autoral, e aí ele topou também (T. J., 37 anos).

Existiam possibilidades consideradas com base no que conheceu; referências diretamente relacionadas com Berlim⁴⁵. No entanto, o que encontrou no contato com o estúdio escolhido e com o trabalho do profissional em questão, o fez mudar de ideia. Como descreve, havia algumas artes dispostas na parede, em um *flash*, e ele se interessou. Embora o turno do profissional já tivesse terminado, acabou aceitando tatuar T. J. por conta da história que contou: ser brasileiro e ter o objetivo de deixar um registro na própria pele, para se lembrar da viagem.

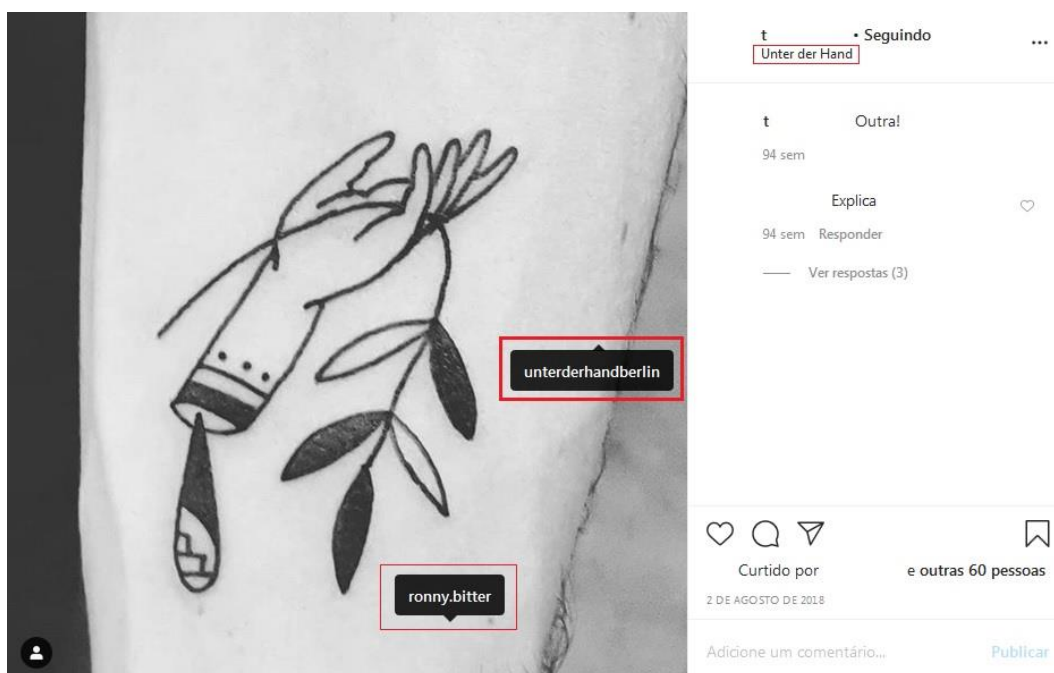


Figura 17: Em publicação no Instagram, T. J. mostra a tatuagem aos seus seguidores, deixando expostas diferentes marcações, as quais chamam atenção: a localização do estúdio em que se tatuou, e os perfis do estúdio e do tatuador.

Ainda podemos ver uma interação com alguém que pede uma “explicação” para a tatuagem. T. J. desconversa e diz que poderia contar pessoalmente. Em outros momentos da entrevista, diz não gostar de expor os significados reais para as pessoas.

Depois, T. J. ainda descobriu que o tatuador é reconhecido e essa tatuagem, então, foi um “belo investimento” (apesar de ter sido uma das opções mais baratas, dentre as disponíveis), em suas palavras. Também porque disse ser caro, sobretudo para um brasileiro, se tatuar no exterior.

⁴⁵ O urso é comum em razão da proximidade da palavra (em alemão) com o termo “berlinense”. Além disso, o animal é destaque central na bandeira da capital alemã. Existem muitas derivações de incorporação do animal como símbolo de Berlim — a pesquisa pelos termos “*Berliner Bär*” mostra resultados interessantes. Já o *Ampelmann* é um personagem que figura nos semáforos de Berlim, especialmente na antiga porção Oriental, e hoje também é um símbolo da cidade. Cf.: AMPELMANN, a figura mais querida de Berlim. *Deutsche Welle*, 4 nov. 2014. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/ampelmann-a-figura-mais-querida-de-berlim/av-18038636>. Acesso em: 29 mar. 2020

No destino final de seu roteiro, Varsóvia, na Polônia, fez a última tatuagem da viagem, também vinculada com a localidade. Explicou ter passado por Cracóvia (também na Polônia), mas ter mudado de planos: “A intenção era tatuar na Cracóvia também, mas eu acabei ficando dois dias a mais em Varsóvia e acabei indo pra Cracóvia só pra pegar o avião. Passei uma tarde na Cracóvia e não tive tempo de tatuar lá” (T. J., 37 anos). Sobre a *tattoo* feita capital polonesa, conta:

E na Polônia eu fiz essa do pescoço, do lado direito [*se vira para o lado esquerdo e mostra a tatuagem*], que é bastante característico, também, da Polônia porque cereja tem alguma coisa a ver com essa coisa da lavoura e de ser um tipo de fruta que é produzida e plantada lá. (...) E eu acabei perguntando: “Pô, eu não sei muito o seu estilo”... E ele trabalhava com coisa mais cartunesca. Então eu falei: “Pô, o que você acha de tatuar uma cereja no pescoço?”. Porque foi o que faltou nos dedos, né?! Eu tatuei um monte de coisa aleatória no dedo, imagenzinhas, sei lá, bem... Sem pouco significado e eu queria ter tatuado uma cereja. Eu tava com ideia de tatuar aqui [*aponta para o rosto, próximo da orelha, na altura da costeleta*] perto da orelha, mas nessa de estar ali, já, e o cara gostou da ideia... Aí eu acabei tatuando no pescoço (T. J., 37 anos).



Figura 18: Detalhe da tatuagem feita em Varsóvia (Polônia), durante a entrevista. Vale a evidência para o tamanho e a localização da tattoo (pescoço), pois foi algo enfatizado por T. J.

Difícilmente, alguém que não conheça de perto a realidade da agricultura polonesa ou não conheça T. J. conseguirá remeter as cerejas à cidade e/ou ao país. A caracterização do informante, ao acionar esses dados é que estrutura a narrativa. No entanto, relata que o desenho parece mais aproximá-lo de outras imagens, como a de criminoso. Um taxista, em Varsóvia mesmo, chamou a atenção dizendo isso

— “*very criminal*”⁴⁶, em suas palavras. Nos acervos de significados das pessoas, nem sempre as representações projetadas são coerentes com seus sentidos originais, pois há que se considerar a “(...) relação complexa e mediada entre as coisas no mundo, os conceitos em nosso pensamento e a linguagem”, conforme define a visão construtivista de Hall (2016, p. 65).

Como apresentamos anteriormente, J. V. registrou um farol de Cabo Polonio, um pequeno povoado uruguaio, em seu braço esquerdo. O rapaz diz não conseguir explicar a razão da viagem ter sido tão marcante, pois sequer tinha expectativas antes da partida. Além disso, não tinha intenção de se tatuar, foi algo que surgiu a partir da experiência: “Foi pra registrar o lugar, assim, o momento. Pra mim foi... Ah, tem um apego sentimental muito grande pelo lugar” (J. V., 23 anos).

Esse farol é de uma cidade lá no Uruguai, que é Cabo Polonio. Que é uma vilazinha assim de sessenta pessoas, mais ou menos, e fica dentro de uma reserva de lá. E, assim, pouca gente vai, é uma cidadezinha muito *roots*, mal tem energia elétrica. Tipo, a luz lá é luz *led*. Tem uma luz *led* no quarto, assim, do *hostel*. E aí foi um lugar, assim, que eu me encantei. Muito! Muito, muito, muito... E tinha esse farol, que é a parte mais marcante da cidade (J. V., 23 anos).

O elemento escolhido foi aquele considerado mais marcante por J. V. Em uma rápida pesquisa na internet sobre a localidade, o farol figura, realmente, como algo emblemático. Interessante apreender como o distanciamento da urbanidade parece chamar a atenção e marcar a experiência vivida em Cabo Polonio. Isso também aparece nos discursos promocionais do destino. Ao mesmo tempo, assim como os interlocutores que fizeram tatuagens sobre/para as cidades, há eleição de um ícone significativo. T. J. e J. V. são os únicos informantes (viajantes) que o fizeram. Os demais representam suas viagens com símbolos mais generalistas.

Amparando-nos nos conceitos de Hall (2016), podemos dizer que estas alegorias têm maior “tradutibilidade”, ou seja, têm sentidos mais facilmente compreendidos em nossos sistemas de representação. Todavia, observamos como nossos esquemas mentais são capazes de ressignificar os elementos e transmitir mensagens diferentes das que seriam imediatamente entendidas. Algumas palavras e ícones, por exemplo, ganham mais sentidos quando vinculados às viagens.

Como nos casos de C. M. e F. S. M. Ambos têm símbolos que embora não digam respeito imediatamente a viagens, por conta de nosso compartilhamento de

⁴⁶ “Muito criminoso”, em uma tradução livre.

códigos, acabam sendo vinculados. C. M. tem tatuados um avião de papel e uma âncora, enquanto F. S. M. traz uma rosa dos ventos em seu braço direito. São elementos que se conectam ao tema, de forma mais ampla, e acabam por dialogar com os sentidos atribuídos às tatuagens, por essas pessoas.

As tatuagens de C. M. também têm relação com sua formação acadêmica e sua atuação profissional. Por ser graduada em turismo, os símbolos estão atrelados ao universo das viagens. Especificamente sobre o avião de papel que carrega no ombro esquerdo, ela diz: “(...) eu botei um avião de papel porque é meu sonho de infância trabalhar com aviação, aí por isso que eu fiz”. Presentemente, C. M. atua em um aeroporto do Rio de Janeiro. Esse sonho se concretizou. Por não ser atrelada a uma história de viagem específica, essa tatuagem não é muito explorada em nossa conversa. Voltamos a falar sobre ela quando tratarmos as interações com as pessoas. C. M. aponta que essas marcas são comuns em outras pessoas e geram reações aproximadas.

A âncora que traz na costela, do lado direito do corpo, foi feita com um grupo de amigos em Split, na Croácia. Embora estivesse em um momento de lazer, a tatuagem também tem conexão com o trabalho. A viagem foi conquistada por toda a equipe do mesmo departamento, quando atuava em um porto do Rio de Janeiro.

(...) E aí a minha gerente conseguiu essa viagem e falou: “Ah, consegui pro departamento uma viagem de iate pela Croácia. Então a gente vai pra Itália e depois pra Croácia. E viajar nesse iate por sete dias. Todo mundo do departamento e mais dois amigos nossos”. (...) nós éramos melhores amigos trabalhando juntos. Aí a gente: “Caramba, não sei o quê!”. A gente já trabalhava com navio. E aí quando a gente foi pra esse iate, a gente não imaginava que a gente fosse gastar tanto, porque tava quase tudo pago, mas não tudo. Tinha algumas taxas e tal. Então todo mundo levou pouco dinheiro. Eu tinha acabado de voltar de Miami, né, então tava falida. E aí quando a gente foi pra essa viagem, a gente não tinha dinheiro pra nada. A gente era o mais pobre do evento todo do iate. Então a gente passou por alguns perrengues, tipo: faltando dois dias da viagem a gente não tinha o que comer. A gente comprou melancia na rua com um dólar que a gente achava na bolsa, sabe? Coisas desse tipo [risos]. Aí a gente falou: “Ah, cara, a gente passou tanto perrengue nessa viagem, vamos fazer algo pra gente lembrar, algo que marque a gente”. E aí foi a âncora, né? Então a gente entrou em qualquer beco e fez (C. M., 30 anos).

Em sequência, C. M. relata que todos os amigos fizeram a âncora, porém cada um à sua maneira. Primeiramente, porque se vinculava ao conjunto profissional em que atuavam, mas também pela experiência da viagem e do meio de transporte usado. Por último, porque levaram em conta a amizade do grupo e o significado da âncora quanto à confiança e estabilidade. Exploraremos melhor esses sentidos

adiante. Por ora, importa marcar que a tatuagem se refere não somente a um sentido positivo, com uma viagem idealizada. Há intenção de gravar os “perrengues” como componentes da experiência vivida.

Entretanto, na maioria das vezes, os *trajetos* descritos pelas *tattoos* de viagem com as quais lidamos (e também nos conteúdos midiáticos e de senso comum) abalizam vivências prósperas. Como falamos em idealização, é indicativo afirmar que, em geral, há um ideário hedonista e valorativo associado aos deslocamentos, mormente quando se tratam de viagens de turismo ou como as de um intercâmbio (caso das interlocutoras D. C. e F. S. S.).

Esse enaltecimento da viagem ocorre com F. S. M.. A rosa dos ventos que marcou em seu braço direito não se refere a uma viagem específica, mas fala sobre seu desejo de percorrer diferentes destinos, no Brasil e no mundo. Ele conta:

Essa daqui foi a minha primeira tatuagem [*aponta para a rosa dos ventos no antebraço direito*], foi um sonho que eu sempre tive, que é viajar o mundo de maneira bem econômica, tipo mochilão. No meu quarto até fiz uma parede⁴⁷ que eu pudesse desenhar, eu desenhei o mapa do Brasil e fiz todo o meu trajeto. E isso aqui representa um pouco do meu sonho que é viajar (F. S. M., 19 anos).

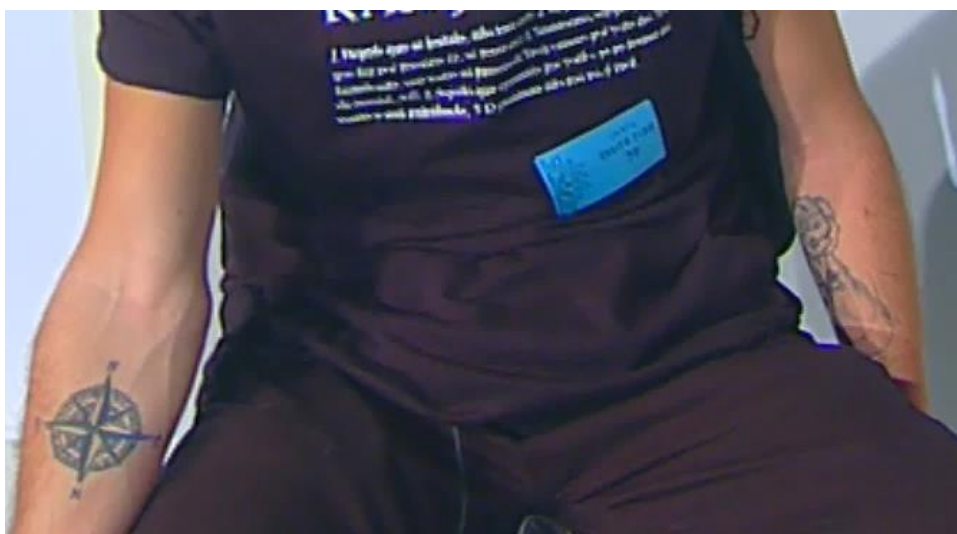


Figura 19: F. S. M. fala sobre a rosa dos ventos que carrega em seu braço direito.

É importante apontar que a tatuagem, nesse caso, se refere a algo que ainda não aconteceu. Em todos os demais, os registros falam de histórias vividas pelas pessoas; são uma forma de eternizar a lembrança. Assim, a escolha de F. S. M. por representar um sonho se aproxima das leituras do filósofo Alain de Botton quanto

⁴⁷ Pavan (2019) estuda como os símbolos tatuados ganham os ambientes da casa e do cotidiano, revelando as relações de afeto dos jovens com produtos simbólicos da indústria cultural.

às expectativas da viagem e aos desejos de status. É significativo associarmos como deslocar-se, no mundo contemporâneo, é um anseio comum, notadamente em uma sociedade que viu superados desafios como os atrelados à saúde e às grandes distâncias, dadas as descobertas científicas e as tecnologias vigentes. Embora não possamos ignorar as desigualdades econômicas e sociais, as quais ainda são grandes limitadores, atualmente existem mais alternativas para que um sujeito transite pelos territórios.

A viagem, vista enquanto experiência significativa, se constrói com bases no hedonismo. Segundo Trigo (2013), prazeres mitigados, como a arte, a gastronomia, a cultura e as viagens podem ser experiências válidas e profundas, porém acabam banalizadas ou falseadas. E isso ocorre, muitas vezes, porque há uma cobiça (ou necessidade) por se ocupar uma posição de destaque em sociedade; ter um status (DE BOTTON, 2017). A viagem figura como um elemento da cultura da busca pelo prazer e por diferenciação. Revela nosso anseio por felicidade e “(...) expressa um entendimento de como a vida poderia ser fora das limitações do trabalho e da luta pela sobrevivência (DE BOTTON, 2012, p. 17).

Às viagens são associadas ideias de ritos transformadores, por permitirem aos indivíduos que se lancem ao que a inquietude pode proporcionar. No cenário por nós caracterizado, esse é outro mote que chama a atenção. Se, embora não permita uma exclusão total, ela é capaz de fazer com que o corpo social que cada indivíduo carrega torne-se fluido e os movimentos se deem de forma mais emotiva, surgem alegorias frutíferas para análises de sua expressividade. O pensamento de Octávio Ianni é pertinente ao contexto e reforça a concepção da mudança: “No curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa” (IANNI, 2003, p. 31).

De Botton (2012, p. 17) reflete que “se nossas vidas são dominadas pela busca da felicidade, talvez poucas atividades revelem tanto a respeito da dinâmica desse anseio — com toda a sua empolgação e seus paradoxos — quanto o ato de viajar”. A partir desse arquivo de uma experiência em que a tatuagem se torna, talvez possamos encontrar a melancolia no relato da qual Benjamin (2004) tratou. Isso porque, ao vivenciar a viagem, algo se perde imediatamente e essa nostalgia aponta justamente para uma consciência da falta, para esse vazio que se forma.

As considerações de Alain De Botton (2012) sobre uma contínua procura por contentamento e sua ligação com as viagens reafirma o ideário hedonista vinculado

aos deslocamentos. Nesse sentido, vale pôr em relevo a modalidade específica com a qual F. S. M. deseja se vincular em sua sonhada viagem. Em um “mochilão”, estaria ainda mais livre de amarras estruturais do cotidiano e mais próximo da viagem concebida como experiência — e assim ligada ao (auto)conhecimento, à superação de medos e angústias e, decerto, ao prazer. No acionar de representações, o interlocutor evoca a imagem de um viajante diferente, que prioriza a liberdade e busca aventuras.

Quanto aos mochileiros, Walsh e Tucker (2009) observam uma performance incorporada, dando ênfase para o artefato material na construção do *backpacker*⁴⁸. O corpo traduz os comportamentos. A mochila varia de acordo com o indivíduo que a carrega (ajuda ou atrapalha o desempenho) e ambos, artefato e corpo, corroboram com a concepção das identidades e com as vinculações possíveis. Como associação, podemos dizer que as tatuagens funcionam de modo semelhante, compondo a figura desse sujeito que transita entre localidades de maneira diferenciada.

Concebendo as viagens em sentidos próximos, caracterizando-as como aventuras e possibilitadoras de descobrir e conhecer lugares maravilhosos, P. F. tem duas tatuagens com o tema. A primeira delas é um floco de neve, feito na Europa, junto a amigos, e a segunda traz detalhes de um *skate*, ornamentado com folhas. As duas *tattoos* ficam na perna direita e próximas.

Essa primeira, que é o floco de neve, eu fiz na Europa em... no início do ano passado [2017]. Que foi quando eu fiz uma viagem com uns amigos meus. Foi a primeira viagem que eu acabei fazendo sem meus pais e com amigos. Teve um intercâmbio, mas eu não tô contando ele [risos]. Mas aí teve essa primeira viagem com amigos, e tal, e eu sempre gostei bastante de tatuagem. Eu sempre procurei encontrar alguma desculpa pra poder fazer tatuagem e pra mim era, tipo, perfeito eu tá lá na Europa com meus amigos e tudo mais (P. F., 24 anos).

Em sua exposição, a aventura com mais emoções (e mais histórias a contar) perpassa a vivência sem os familiares e apenas com amigos. Elas são diferentes das experiências anteriores, ainda que os destinos sejam os mesmos. Nesse caso, como relatamos na seção anterior, a marca corporal foi feita em conjunto, destacando a importância do compartilhamento; do estar junto para a prática da tatuagem. Como ainda relata, essa foi uma das razões do símbolo escolhido ter sido um floco de neve, algo mais genérico para que todos pudessem fazer artes semelhantes. Assim,

⁴⁸ Termo em inglês para designar o viajante mochileiro.

nenhum destino específico está em evidência, e sim a vivência da neve, possível na Europa, e pouco provável na origem, o Brasil.

Já a segunda tatuagem com o tema se conecta a localidades em particular, especialmente por um esporte habitualmente nelas praticado. Trata-se de um tipo de *skate*, um *longboard*, em referência às memórias no estado da Califórnia, nos Estados Unidos. Como mencionou no relato anterior, P. F. fez um intercâmbio e também esteve no lugar em outras duas oportunidades, uma delas com a família.

O desenho é porque todas as minhas viagens pra Califórnia acabaram envolvendo muito *skate*. Então, a primeira vez que eu fui, foi quando eu montei o *skate* que eu tenho hoje que eu mais gosto. (...) A minha primeira viagem foi pra São Francisco, aí eu desci até Los Angeles. Então em São Francisco eu ficava andando direto de *longboard* por lá. No intercâmbio eu também andava um pouco. E nessa terceira viagem eu também andei bastante de *skate*. Inclusive eu levei esse *skate* da primeira viagem pra lá. (...) Eu ficava andando bastante por San Diego, bastante por Los Angeles também (P. F., 24 anos).



Figura 20: Em destaque, na perna direita, as duas tatuagens de P. F. sobre viagens.

A *tattoo* foi feita em San Diego e retoma as lembranças dos destinos. O *skate*, enquanto prática de lazer, reforça a concepção da viagem, em especial os deslocamentos turísticos, enquanto tempo oposto ao trabalho e à rotina; e como abertura para o desenvolvimento de atividades satisfatórias. Conforme argumenta Marcelino (1996, p. 74), “assim como as demais atividades de lazer, o turismo pode

ser uma simples ocasião de consumo conformista ou de desenvolvimento pessoal e social crítico e criativo”.

Nesse sentido e em relação aos trajetos de P. F. e outros informantes, ainda poderíamos envolver as três dimensões acionadas pelo sociólogo para tratar o turismo: imaginação, ação e recordação. Anteriormente ao deslocamento, prevalece o sonho, a antecipação do trânsito planejado. Em seguida, na concretização, ocorre a ruptura com o cotidiano. E, por fim, a dilatação da viagem, que não termina no retorno — “Quanto maior for o envolvimento, maior será o prolongamento em termos de recordações de imagens e sensações que, inclusive, extrapolam o nível individual do turista, e se ‘socializam’ no círculo dos amigos e familiares, pelas narrativas” (MARCELINO, 1996, p. 74). Assim como os vídeos, fotos e souvenirs, as tatuagens são extensões da viagem, outras maneiras de registrá-las e contá-las.

T. C. igualmente tem uma tatuagem diretamente associada com a localidade visitada. Conforme relatamos na seção anterior, a ligação não está apenas na *body art*, mas também na técnica usada para realizá-la. É a única tatuagem que possui até então, a qual permite que conte histórias sobre a viagem com humor:

E aí eu cheguei lá, já decidida a fazer a tatuagem. Era barato o preço. Só que aí também tinha outra questão, né: o que tatuar? E aí eu fiquei assim: “Cara, sei lá o que eu vou tatuar. Eu vou tatuar o meu nome [*risos*]. Porque também teve um outro... é uma coisa que eu sou zoada até hoje, sempre serei zoada, mas, enfim. Coisas da vida. Enfim, aí eu... a única coisa que passou na cabeça no momento foi tatuar o meu nome porque eu também, nessa época, eu ficava brincando muito, postava no Facebook as fotos da Tailândia, e ficava brincando que, assim: é “Thaislândia”, tipo, “é o país da Thais”, né? Estou na minha terra, me encontrei, né? [*risos*]. Aí eu falei assim: “Cara, eu vou tatuar Thaís, eu tô na Thaislândia e eu vou tatuar Thaís. Só que, aí, como é que faz isso em tailandês, né? Eu lembro que na época, no dia eu dei uma olhada no Google pra ver se tava mais ou menos a mesma coisa que o cara fez lá, o cara que escreveu. Eu falei: “Escreve isso aqui, é em tailandês” [*risos*]. Aí ele botou lá. Mas fica aquela dúvida, né, tipo: se está certo mesmo ou não. Aí por isso eu sou sempre zoada [*risos*] (T. C., 33 anos).

Embora haja uma significativa conexão com o destino, sobretudo em relação às técnicas da tatuagem, a principal relação é formada por uma história criada pela própria interlocutora. Como pode ser visto na Figura 21, a inscrição em sua nuca traz seu nome transliterado para o alfabeto tailandês. Sendo assim, por conta dessa possível barreira linguística, só é possível conhecer o significado da tatuagem a partir da narração. Inclusive, nessa adaptação reside uma circunstância tratada de maneira cômica, uma vez que T. C. não tem certeza da fidedignidade da tradução realizada no momento em que se tatuou, com auxílio da internet. Quem conhece o

contexto, debocha da dúvida, mas isso não parece ser algo importante para a interlocutora. Em oposto, parece ser mais uma camada da história, o que a torna mais interessante, enquanto recordação.



Figura 21: Imagem da tatuagem de T. C., em registro disponibilizado pela própria informante.

Por último nesta etapa, abordamos a tatuagem de D. C., a qual também se vincula a uma cidade em especial, embora não exponha um atrativo ou símbolo emblemático sobre ela. Para tratar o intercâmbio em Budapeste, a escolha foi por uma palavra no idioma do local: *Egészségedre*. Como narra a informante, a experiência foi significativa em sua trajetória de vida, sobretudo porque era muito jovem, por ter sido sua primeira viagem para a Europa, por permanecer tanto tempo fora de casa, dentre outras vivências inaugurais. Considera como algo que mudou sua vida e a fez identificar aspirações pessoais e profissionais. Além disso, vê a vivência como um ato de coragem e uma surpresa — “(...) Foi realmente uma superação de expectativas porque eu tinha um pouco de receio, por ser uma língua diferente, uma cultura diferente, muito diferente da nossa, né?” (D. C., 28 anos).

Fizemos muitas coisas, muitos amigos, muitas histórias. Perrengues que a gente passou, também. Então eu acho que foi um momento de mudança, assim, na minha vida. Foi uma época que confirmou o que eu sempre soube, que eu gostava de viajar, que eu gostava dessa experiência de ver o novo, de sentir o novo, de sentir o novo mesmo, na pele, em todo lugar pra onde você olha. E mudou minha vida, assim. Eu realmente confirmei isso e dali pra frente meu objetivo sempre foi continuar, né, de forma mais direcionada mesmo, a arrumar uma coisa que eu consiga um dia, na minha vida, fazer pra trabalhar, pra viajar o mundo, pra morar fora etc. Então como me marcou tanto, né, tinha essa... A gente queria, desde lá a gente já falava sobre isso, e tinha... A gente queria marcar isso de uma forma. Hoje, também, a tatuagem é muito utilizada pra isso, né?! Como uma forma de marcar uma memória que é muito especial pra pessoa, né? Tem pessoas que marcam, que escrevem o nome da mãe, dos filhos... No meu caso, né, eu fiz com os meus irmãos, foi antes dessa viagem, foi a minha primeira tatuagem, então, realmente, é uma coisa que é muito

importante pra mim. E aí a minha segunda tatuagem foi justamente o *egészségedre*, que significa “*cheers*”, né, “saúde”, quando você vai brindar, celebrar alguma coisa da vida, então eu achei que tinha tudo a ver a gente fazer essa tatuagem como uma forma de marcar esse momento especial, essa virada da chave que mudou, realmente, a minha vida. Por isso eu acabei fazendo (D. C., 28 anos).

Importante ressaltar, como ocorre em outras falas de D. C., o valor atribuído a essa tatuagem, uma vez que se iguala a sua única outra marca, feita com os irmãos. Além disso, destacamos a inclusão dos “perrengues” como parte relevante para a construção da experiência da viagem, os sentidos dos eventos compartilhados com os amigos e a estima pelas novas sensações possibilitadas, a todo tempo, quando em deslocamento. A isso, podemos relacionar as noções do “olhar do turista”, conforme aborda Urry (2001). Embora possamos pensar no intercambista como uma figura entre o imigrante e o turista, ele costuma carregar traços mais fortes deste último. Sendo assim, associamos as fundamentações do sociólogo britânico sobre a questão:

Não existe um único olhar do turista enquanto tal. Ele varia de acordo com a sociedade, o grupo social e o período histórico. Tais olhares são construídos por meio da diferença. Com isso quero dizer que não existe apenas uma experiência universal verdadeira para todos os turistas, em todas as épocas. Na verdade, o olhar do turista, em qualquer período histórico, é construído em relacionamento com seu oposto, com formas não turísticas de experiência e de consciência social: o que faz com que um determinado olhar do turista dependa daquilo com que ele contrasta; quais são as formas de uma experiência não-turística. Esse olhar pressupõe, portanto, um sistema de atividades e signos sociais que localizam determinadas práticas turísticas, não em termos de algumas características intrínsecas, mas através dos contrastes implicados com práticas sociais não-turísticas, sobretudo aquelas baseadas no lar e no trabalho remunerado (URRY, 2001, p. 16).

Quando nossa base teórica e analítica é alicerçada pelos fundamentos da representação social, conforme entende Hall (2016), é fundamental considerarmos a hibridização cultural e a fluidez das identidades (HALL, 2006). O olhar do viajante é formatado a partir dessas variantes; está atrelado às origens, aos contextos formadores. Outra ênfase importante está em ponderar as dimensões do trabalho, levando em conta os paralelos entre o cotidiano e o escape proporcionado pelo deslocamento. Mesmo em muitos intercâmbios envolvendo experiências de labor, ainda prevalece uma licença derivada da distância do lar. Isso pode ser uma causa central para a viagem ser apontada como uma “virada de chave”, uma experiência transformadora a ser celebrada e marcada para sempre.

É necessário avaliar a recorrente “romantização” das viagens. São desejo de status, busca por felicidade, aventuras especiais e experiências significativas. As falas de nossos informantes reforçam essas associações. Contudo, como reflete Trigo (2013, p. 147), utilizando-se do dito popular “não é porque um asno viaja que ele volta um corcel”, não há garantia de que todas as viagens são/serão experiências marcantes, transformadoras e inesquecíveis. Apesar de as ilustrações analisadas ratificarem esse imaginário, é necessário ter cuidado com o possível reducionismo de uma ideia assim tão ampla.

Nessa categoria, optamos por descrever as tatuagens de todos os interlocutores com quem dialogamos, como forma de expor os dados em análise na pesquisa. Embora haja referências a diversas delas no subcapítulo anterior, nem todas as marcas haviam sido expostas. Consideramos fundamental caracterizar as narrativas dos quinze interlocutores, de modo que as inferências construídas possam estar bem localizadas. Mais do que caracterizar, cruzamos a apresentação com as análises teóricas que suscitam, trazendo à tona as complexidades envolvidas. Nas próximas seções, seguiremos com esses olhares, porém abordando tópicos mais específicos. Ainda nesse subcapítulo, em continuidade, damos ênfase para os *símbolos* e para as *emoções*. Adiante, nosso foco gira em torno das comunicações, e as categorias em apreciação serão *mensagens*, *(auto)imagem* e *interações*.

Por que o destaque para o que tratamos aqui enquanto *símbolos*? Dada a diversidade das inscrições marcadas nos corpos, todas suscitam algum tipo de reação ou interpretação. Essas imagens fazem sentido por estarem inseridas em um “sistema de representação”, como define Hall (2016). Esse sistema “(...) consiste não em conceitos individuais, mas em diferentes maneiras de organizar, agrupar e classificá-los, bem como em formas de estabelecer relações complexas entre eles” (HALL, 2016, p. 35). Isso define a forma como atribuímos sentido às “coisas” — arquitetamos, de modo contínuo, nosso mapa mental, justamente com base nas relações entre os elementos presentes no mundo. O compartilhamento de mesmas representações, então, se dá por pertencermos às mesmas culturas.

Nesse sentido, é preciso que os conceitos compartilhados sejam expressos de alguma maneira. Isso é feito por meio da linguagem — “Nosso mapa precisa ser traduzido em uma linguagem comum, para que assim correlacionemos nossos conceitos e ideias com certas palavras escritas, sons pronunciados ou imagens visuais” (HALL, 2016, p. 37). O termo que utilizamos para tratar esses elementos

que carregam sentido é “signo”. Ainda segundo o teórico, são eles que constroem os sistemas de significação em nossas culturas.

Não obstante, se os signos se organizam em linguagens, “a existência de linguagens comuns nos possibilita traduzir nossos pensamentos (conceitos) em palavras, sons ou imagens, e depois usá-los, enquanto linguagem, para expressar sentidos e comunicar pensamentos a outras pessoas” (HALL, 2016, p. 37). Já fundamentamos que é desse modo que concebemos as tatuagens enquanto linguagem. Para que sejam compreendidas, no entanto, precisam evocar sentidos (compartilhados). Para Hall (2016), assim como as pessoas que pertencem às mesmas culturas compartilham de mapas conceituais próximos, também devem comungar de modos semelhantes de interpretar os signos de linguagem, de forma que os sentidos sejam intercambiados entre os indivíduos.

Entretanto, residem mais complexidades nessa dinâmica de compreensão. A noção do “real” se coloca como paradigma importante no tocante às representações. “Imagens e signos visuais, mesmo quando carregam uma semelhança próxima às coisas a que fazem referência, continuam sendo signos; eles carregam sentido e, então, têm que ser interpretados” (HALL, 2016, p. 39). O que queremos enfatizar com essas meditações é que nem sempre há uma correspondência imediata entre os signos e os sentidos que lhes podem ser atribuídos. Os signos visuais são chamados de “signos icônicos”, vistos que suas formas carregam maior semelhança com aquilo que representam. Já os signos falados e escritos são denominados “indexicais”, pois não carregam nenhuma relação óbvia com aquilo que dizem respeito — “nesses sistemas de representação, a relação entre o signo, o conceito e objeto ao qual fazem referência é completamente *arbitrária* (HALL, 2016, p. 41, grifo do autor). Por fim, ainda podemos acrescentar que alguns signos têm seus sentidos deslocados — ou seja, podem não acionar os mapas mentais compartilhados ou alterar os significados que lhes seriam atribuídos de imediato.

Com base nessas noções, organizamos os símbolos em exame em três grupos: (I) *signos icônicos*, aqueles que carregam correspondências imediatas, notadamente quando pensadas as localidades representadas com as *tattoos*; (II) *signos indutivos*, com os quais conseguimos compor correlações com as ideias e lugares a que se conectam, ainda que sejam mais generalistas e demandem mais informações ou um acervo cultural mais específico; e (III) *signos deslocados*, os quais trazem rupturas

com as acepções que lhes seriam conferidas e exigem uma narrativa adicional para que cumpram com o compartilhamento da mensagem projetada.

A seguir, organizamos uma tabela com as vinte e seis entradas (descartadas as repetições), de acordo com suas possíveis alocações. Não somente justificaremos as atribuições feitas, como também refletiremos sobre os sentidos revelados com as eleições dos interlocutores. Conforme apresentamos no parágrafo anterior, grande parte dos signos relatados dialogam com uma localidade em particular, porém abordamos conexões com o grande tema das viagens, entendendo que alguns dos tatuados falam de forma mais genérica sobre esse ideário descrito, e não delimitam um destino específico.

Tabela 01: Signos e agrupamentos	
Grupo	Signos (organizados por localidade/tema)
<i>Signos icônicos</i>	Belo Horizonte (MG): Igreja de São Francisco de Assis (Igreja da Pampulha). // Cabo Polonio (Uruguai): Farol - Monumento Histórico do Uruguai. // Juiz de Fora (MG): Cristo Redentor, Estátua “Menino Empinando Pipa”, Museu Mariano Procópio e Paço Municipal. // Petrópolis (RJ): Casa da Ipiranga (Casa dos Sete Erros). // Rio de Janeiro (RJ): Arcos da Lapa (antigo Aqueduto da Carioca), Castelinho do Valentim (Castelinho de Santa Teresa), Cristo Redentor (2), Morro Dois Irmãos (2), Pão de Açúcar (2) e Pedra da Gávea (2). // Santiago (Chile): Cerro Santa Lucia e Torre Telefônica.
<i>Signos indutivos</i>	Munique (Alemanha): Pretzel. // Viagens: âncora, avião de papel, floco de neve e rosa dos ventos.
<i>Signos deslocados</i>	Berlim (Alemanha): arte autoral. // Budapeste (Hungria): <i>Egészségedre</i> . // Califórnia (Estados Unidos): <i>truck (skate longboard)</i> . // Ilha PhiPhi (Tailândia): Nome próprio transliterado para o tailandês. // Rio de Janeiro (RJ): Amorr. // Varsóvia (Polônia): cacho de cerejas.

Nas três linhas da Tabela 01, encontram-se os elementos apresentados por nossos interlocutores em suas tatuagens. Excluímos as repetições e marcamos o número de ocorrências repetidas, caso do Cristo Redentor, do Morro Dois Irmãos,

do Pão de Açúcar e da Pedra da Gávea, no Rio de Janeiro. Ainda acrescentamos informações oficiais acerca do que está retratado, dadas as descrições fornecidas pelos informantes (A. L., F. A. e F. S. S. usaram nomes populares para se referirem aos atrativos das *tattoos*, por isso a necessidade de acrescentar dados). As menções foram organizadas por ordem alfabética, levando em conta as localidades e as temáticas a que dizem respeito.

Primeiramente, temos os signos definidos como *icônicos*. Tratam-se dos símbolos com grande capacidade de associação às localidades que retratam. Estruturamos a ideia com base nas noções de Hall (2016), acerca de uma maior chance de assertividade relacionada à linguagem visual. Não por acaso, as apresentações gráficas de todos os elementos naturais e urbanos em questão são feitas de modo próximo do “real”. Por isso a denominação “icônicos”, por serem emblemas dos lugares que apresentam e terem uma melhor legibilidade. Há uma familiaridade no contato com essas imagens.

Além disso, são icônicos por figurarem como representações emblemáticas das localidades. Comumente, são cartões postais ou atrativos turísticos, no caso das cidades que têm um fluxo de visitantes intenso, como o Rio de Janeiro. A capital fluminense, em especial, tem um imaginário coletivo bastante proeminente, tanto quando se considera a visão nacional, quanto a perspectiva internacional. Os símbolos expostos nesse grupo têm poder de invocar elementos pertencentes ao mapa mental de um grande número de sujeitos. Assim sendo, utilizando-se da linguagem visual com esses formatos, há facilitação do processo de comunicação.

Podemos relativizar alguns casos, visto não ser tão expressivo o número de pessoas que reconhecem monumentos de Juiz de Fora, em Minas Gerais, ou de Cabo Polonio, no Uruguai. Essas tatuagens também exigem mais informações por parte dos envolvidos nas trocas. Contudo, não se trata de algo completamente incognoscível — é possível ter noção do que tratam, notadamente para aqueles que comungam de referências culturais similares. Pensando um dos casos mencionados como ilustração: nascidos ou residentes em Juiz de Fora de pronto reconhecem os

elementos marcados no braço de A. L.⁴⁹. Mesmo que alguns universos tenham certas restrições, destacamos a expressividade e a capacidade de reconhecimento dos signos em questão. Sobretudo, são exclusivos dos lugares a que dizem respeito.

Outro aspecto observado é o poder de representação dos monumentos, por serem incorporados às histórias de vida dos interlocutores. Muitos deles figuram como ícones da narrativa oficial das localidades e, portanto, poderiam ser vistos de forma mais impessoal. Todavia, por meio da identificação provocada, os elementos naturais e urbanos são apropriados e tornam-se vinculados às suas trajetórias pessoais. Isso feito não somente pela marcação das tatuagens, mas por seus relatos.

Essas leituras das cidades, com espaço para as sensibilidades na interação, nos remetem às noções de Paola Jacques, quando fala em “corpografias”: “A *corpografia* é uma cartografia corporal (ou corpo-cartografia, daí *corpografia*), ou seja, parte da hipótese de que a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta” (JACQUES, 2008, s/p.). Tomamos o conceito para pensar as tatuagens como expressão outra dessa reverberação. As vivências urbanas permanecem marcadas, mesmo que tenham se dado em outros períodos. Em verdade, nos apropriamos dos conceitos justamente pensando em uma sobreposição; um acúmulo de histórias que se revela por meio das modificações corporais.

F. S. S. fala sobre a Casa da Ipiranga, conhecida como Casa dos Sete Erros⁵⁰, em Petrópolis - RJ. Diz que a edificação ficava próxima de sua escola e, quando criança, gostava de tentar identificar as diferenças na construção (os “erros”). Além disso, a fama de ser mal-assombrada era outro atrativo, para ela. Por ser arquiteta, diz que a forma da casa é outro componente que chama sua atenção. Por isso a escolha para a tatuagem (e também por sua casa, em suas concepções, não ter muita

⁴⁹ Como ilustração da expressão dos ícones, podemos mencionar campanhas institucionais criadas pela gestão municipal. Em dois dos vídeos disponíveis no canal da Prefeitura de Juiz de Fora no YouTube, um de apresentação e o outro em comemoração ao aniversário de 169 anos da cidade, três dos monumentos são destaque, o Museu Mariano Procópio, o Paço Municipal e o Cristo Redentor. Apenas a estátua, possivelmente por ter proporções menores, não é enfatizada. Disponíveis em: <https://youtu.be/yIF6ymfSKJw> e <https://youtu.be/h765tZpNmXU>. Acesso em: 08 abr. 2020.

⁵⁰ Conforme informações do portal do Mapa de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, a Casa da Ipiranga também é chamada por Mansão Tavares Guerra, é datada do período imperial e protegida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Assim sendo, tem notoriedade como atrativo cultural do município. Disponível em: <http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/casa-da-ipiranga>. Acesso em 08 abr. 2020.

expressividade). O Castelinho do Valentim⁵¹, no Rio de Janeiro, foi incorporado à *body art* por estar localizado em frente à casa de seu pai, onde morou por um tempo significativo. Embora seja uma construção antiga e importante para o bairro carioca, foi selecionada por essa razão especial.

O Cerro Santa Lucía⁵², em Santiago, no Chile, é outro local que embora tenha expressividade na cidade foi escolhido por ser próximo à casa da tatuadora e um local que gostava de frequentar. Entretanto, o último componente de seu *skyline*, a Torre Telefônica⁵³, foge ao padrão dos demais destaques, como descreve: “E a torre de telefone é uma coisa mais icônica da cidade, assim, essa coisa da modernidade, e eu achava bem feio, na verdade, um prédio que parece um telefone, mas tudo bem” [risos] (F. S. S., 29 anos).



Figura 22: Durante a entrevista, A. L. aponta e descreve cada um dos monumentos contemplados em sua tatuagem.

⁵¹ O espaço situado no alto do bairro Santa Teresa foi construído em 1879 pelo comendador português Antônio Valentim e lapidado pelo arquiteto Fernando Valentim, nos anos 1930. Apresenta imponência de fortaleza e uma mistura de estilos, tendo sido tombado pelo patrimônio municipal na década de 1990. Atualmente, o espaço é mais conhecido por ser uma alternativa de hospedagem doméstica. Informações extraídas de: PALÁCIOS abrigam de condomínio a escola. *O Globo*, Rio de Janeiro, 05 jan. 2014. Coluna Design Rio. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/palacios-abrigam-de-condominio-escola-11212547>. Acesso em: 08 abr. 2020.

⁵² A maioria das informações acerca do Cerro de Santa Lucia é encontrada nos sites ligados ao turismo. Fala-se sobre o espaço ser originado de restos de vulcão e ter centralidade na formação de Santiago — de onde Pedro de Valdivia fundou a cidade, em 1541. Posteriormente, em 1872, o governador Benjamin Vickuna Mackenna decidiu transformar a colina em um parque para comemorar seu significado na história do município. Disponível em: <https://santiagodochile.com/cerro-santa-lucia-santiago>. Acesso em: 08 abr. 2020.

⁵³ O edifício, encomendado para ser sede da companhia telefônica *Movistar*, foi projetado pelo arquiteto Mario Paredes e construído em 1993. Por seguir o formato de um aparelho celular dos anos 1990, a edificação chama atenção e é um importante ícone de Santiago. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/torre-telefonica-in-santiago-chile-looks-like-a-90s-cell-phone-2016-7>. Acesso em: 08 abr. 2020.

Outra ilustração que podemos acionar está em uma das falas de A. L., na qual relaciona cada um dos monumentos representados na *tattoo* a alguma fase de sua vida (Figura 22): os passeios de infância pelo Museu Mariano Procópio⁵⁴, as proximidades e caminhos para as instituições onde estudou, do ensino fundamental ao superior e as atividades profissionais desempenhadas na região central do município. Ocorre um cruzamento entre a biografia dos informantes e os monumentos citadinos. A história oficial cede espaço para histórias mínimas, histórias de vida. E essas narrativas seguem compondo os imaginários urbanos continuamente.

Como reafirmamos, os símbolos desse grupo trazem emblemas dos lugares que retratam. Entretanto, nas narrativas dos entrevistados, isso fica em segundo plano. Em destaque, permanecem suas vivências pessoais, as quais os afetaram de forma a realizar a marcação na pele. Na tatuagem de I. M., está em realce a célebre Pedra da Gávea, porém a partir da perspectiva de seu quarto, da visão que tem em todas as manhãs. Na *tattoo* de T. A., a mesma Pedra da Gávea e o Morro Dois Irmãos em relevo, porém a importância advém da conexão com a cidade que proporcionam. Para J. A., os Arcos da Lapa e o Morro Dois Irmãos são representações de bairros onde viveu e para onde gosta de ir para se divertir; territórios de onde carrega lembranças positivas. Para J. V., o registro de um lugar que despertou sentimentos para os quais não consegue dar explicação.

Ainda importa reafirmar que estes elementos também são signos icônicos por contarem com reforços midiáticos. Figuram em peças de divulgação turística, em campanhas institucionais e outros materiais nos quais há algum tipo de mensagem sobre as localidades. Comumente, têm grande valor arquitetônico e funcionam como alegorias. A Igreja de São Francisco de Assis, conhecida como Igrejinha da Pampulha, em Belo Horizonte, foi projetada por Oscar Niemeyer, por exemplo. São características que dão força aos elementos como componentes dos imaginários coletivos. Assim sendo, também são possíveis razões para que fossem escolhidos pelos interlocutores para serem marcados nas tatuagens.

⁵⁴ O museu é um dos principais atrativos culturais de Juiz de Fora. Seu acervo contempla itens de importância nacional e internacional, com destaque para o período do Império brasileiro. Foi aberto à visitação em 1915 como museu particular e oficialmente inaugurado em junho de 1921. Disponível em: https://www.pjf.mg.gov.br/administracao_indireta/mapro. Acesso em: 08 abr. 2020.

Em sequência, nos signos *indutivos*, estão representados símbolos com os quais, em geral, fazemos associações mais amplas. Receptores com conhecimentos mais aprofundados acerca das realidades em questão talvez consigam fazer as correlações projetadas de imediato, mas, em regra geral, esses elementos não seriam compartilhados por um grande grupo, especialmente em nosso país.

É o caso do pretzel que T. J. traz em seu braço direito. O desenho foi feito em Munique, como forma de marcar a estada e as vivências no lugar. Entretanto, é necessário relativizar: embora seja um tipo de pão popular na Alemanha, não é exclusivo do país. Além disso, essa informação não é de amplo conhecimento internacionalmente, mormente no Brasil, referência central de onde miramos nossas reflexões. Muito possivelmente os habitantes de algumas regiões da Europa ou aqueles que tiveram algum contato com as localidades nas quais o prato é típico reconheceriam e fariam as associações pretendidas, uma vez tratar-se de elemento pertencente às suas culturas. Contudo, a associação especificamente com Munique dificilmente seria feita.

Ainda nos *signos indutivos*, especificamente quanto aos reunidos em viagens, temos mais ligações generalistas. Os símbolos não são conexos a lugares específicos, mas figuram como elementos que agrupam aqueles que os possuem ao universo das mobilidades. Em outros trabalhos, analisamos como meios de transporte, bússolas, globos terrestres, coordenadas geográficas, mapas e placas são comuns em viajantes tatuados (e que se expõem midiaticamente, sobretudo nas redes sociais digitais). Palavras e expressões também são frequentes, especialmente grafadas em inglês (no exterior e mesmo no Brasil) — como *travel*, *freedom* e *adventure*. São recorrências que acabam por formar uma unidade de grupo. Um conjunto que, em linhas gerais, deseja se distinguir e se vincular a um ideário de liberdade, aventura e coragem (ALMEIDA; SIQUEIRA, 2018; ALMEIDA; REIS, 2019).

A partir das falas de nossos entrevistados, observamos intenções semelhantes, notadamente porque alguns projetam as viagens enquanto experiências memoráveis ou sonhos — realizados e a serem realizados, como no caso de F. S. M, que tatuou a rosa dos ventos. A escolha do grupo de amigos de P. F. por marcar o floco de neve não foi pensada para que remetessem a uma destinação específica, mas para retratar uma vivência diferente. Em nosso país, não temos um inverno tão rigoroso, com neve. Foi algo que os marcou no período em que visitaram alguns países europeus.

A âncora de C. M., ainda que tenha sido feita em Split, na Croácia, uma cidade de costa reconhecida pelo turismo, não tem uma relação direta com a viagem, mas sim com o encantamento maior com os deslocamentos — também há uma relação profissional, como apresentamos, tanto sobre a âncora quanto ao avião de papel.

Por fim, observamos os *signos deslocados*. Assim os definimos, pois exigem informações para que tenham seus sentidos compreendidos ou porque têm a referência imediata alterada. Para que fique mais claro, examinamos a tatuagem de P. F. alocada nesse grupo: trata-se de um *truck* de um *skate longboard*. Por ser uma representação visual correspondente com o objeto real, pode suscitar a ideia de o rapaz ser um praticante da modalidade. E essa associação imediata se confirma. No entanto, não é possível correlacionar — ao menos não de imediato — a modificação corporal ao estado da Califórnia, nos Estados Unidos. Mesmo que haja um imaginário de práticas esportivas ligado ao estado norte-americano, não há uma exclusividade e, nesse sentido, o *truck* poderia estar vinculado a diversos outros lugares.

O mesmo vale para o cacho de cerejas feito por T. J. em Varsóvia, na Polônia. O rapaz explicou ter relação com as lavouras da região, por ser uma fruta cultivada lá. No entanto, como é possível verificar na Figura 18, o desenho é genérico e poderia não ter relação com lugar algum. T. J. fala sobre ser uma arte cartunesca. É possível que essa seja a associação mais comum daqueles que veem a tatuagem.

Em relação às três tatuagens com textos, existem outras questões. De acordo com Hall (2016), esses são *signos indexicais*, ou seja, cujos sentidos não se reduzem somente à relação arbitrária de significante e significado, mas sobretudo se produz na relação entre o signo e o contexto em que é mobilizado — como com relação à língua. Sendo assim, levando em conta a perspectiva de onde costuramos nossas análises, existe a barreira do idioma. *Egészségedre* e o nome transliterado para o tailandês são registros de vivências em outras localidades e afastam uma compreensão primeira justamente porque os receptores das mensagens não compartilham da “mesma cultura” de origem. Para além do idioma, o nome de T. C., de início, já afasta pelo alfabeto (Figura 21). Com a expressão em húngaro (e argumento por ter a mesma palavra tatuada), o excesso de consoantes e acentos gráficos chama atenção. São diferenças expressivas para a maioria daqueles com quem se dialoga, dominantes da língua portuguesa do Brasil e habituados, quando

em idiomas estrangeiros, com termos comuns em inglês, até mesmo como pontuamos quando tratamos os *signos indutivos*.

Em relação à inscrição “Amorrrr” (Figura 13), que segue o estilo do artista urbano Profeta Gentileza, igualmente precisamos de informações pregressas para que possamos “compreendê-la” (entre aspas porque não há uma necessidade de compreensão, mas estamos tratando justamente da intencionalidade de representar valores para determinados lugares). Temos uma inscrição escrita, logo, é necessário ter conhecimentos do idioma em questão. Ademais, existe algo específico das ruas e avenidas do Rio de Janeiro, e aqueles que desconhecem o personagem e suas marcas dificilmente saberão sobre o que versa a tatuagem.

Por último, a tatuagem de T. J. feita em Berlim (Alemanha). Como explica, a principal característica da marcação é ser uma arte autoral. Assim sendo, é preciso sinalizar o não-compromisso com o real. A arte intenta afetar, de algum modo: emocionar, encantar, engajar, fazer refletir. Há uma abertura no que tange ao significado, ainda que ele seja solicitado pelos públicos. Na Figura 17, mostrando a publicação da *tattoo* na rede social Instagram, uma seguidora de T. J. pede que ele explique o sentido, mas o rapaz opta por mudar o rumo da conversa. Em nossa entrevista, diz entendê-la como próxima do surrealismo e que constantemente tem outras ideias sobre possíveis leituras. No que concerne à representação, há esse deslocamento da arte. E a partir do tema que orienta nossos olhares, apontamos o desvio porque não há indicação alguma que faça com que o sinal corporal seja associado ao local no qual foi feita (Berlim).

Ao observar os símbolos a partir de uma perspectiva da semiótica, podemos apontar que, notadamente no caso dos *signos indutivos* e com as *tattoos* feitas por T. J. em Berlim e por P. F. na Europa e nos Estados Unidos (*signos deslocados*), a relação com os objetos (os destinos) e os possíveis significados (as experiências de viagem) perdem espaço para os significantes. A relevância do ícone é absoluta em si mesma, não dependendo outras bases para que tenha significados especiais.

Ao final dessas análises relacionadas aos símbolos, é importante ressaltar que não é “necessário” que as marcas corporais remetam imediatamente aos lugares ou emoções a que fazem referência. Em verdade, muitos dos tatuados preferem que isso não ocorra. Buscam, de alguma forma, deixar uma parcela da história oculta, ainda que a marca esteja à mostra no corpo. Quando se tratam de *signos indutivos* ou *deslocados* isso é mais fácil, porém, quando se tratam dos *icônicos*, é comum

que as narrativas acionadas busquem trazer um distanciamento do lugar comum em que podem ser imediatamente postos, a partir da “fácil identificação” da mensagem.

Tomando de empréstimo as perspectivas de Urry (2001) em relação ao turismo e ampliando-as para analisar o contexto dos deslocamentos e das cidades, é preciso enfatizar o peso — sobretudo midiático — que determinados elementos possuem. O movimento, ainda que involuntário, leva aos símbolos mais proeminentes. Isso se dá de forma especial com os *signos icônicos*, decerto, porém pode ser influência para as outras eleições.

Os lugares são escolhidos para serem contemplados porque existe uma expectativa, sobretudo através dos devaneios e da fantasia, em relação a prazeres intensos, seja em escala diferente, seja envolvendo sentidos diferentes daqueles com que habitualmente nos deparamos. Tal expectativa é construída e mantida por uma variedade de práticas não-turísticas, tais como o cinema, a televisão, a literatura, as revistas, os discos e os vídeos, que constroem e reforçam o olhar (URRY, 2001, p. 18).

Ainda conforme o pesquisador, o viajante vai em busca das experiências de contato com essa coleção de signos que o turismo abrange. Urry está tratando da cultura midiática, a qual induz uma série de outras atividades, especialmente os deslocamentos contemporâneos. Por isso se trata de um fenômeno do desejo — “Não ‘viajar’ é como não possuir um carro ou uma bela casa. É algo que confere *status*, nas sociedades modernas, e julga-se também que seja necessário à saúde” (URRY, 2001, p. 19).

Ainda no curso dessas observações, podemos acionar as discussões sobre as linguagens, promovidas por Pires (2005), especialmente com sua explanação em relação aos “símbolos pessoais”.

O símbolo pessoal surge da associação, geralmente inconsciente, que o indivíduo estabelece entre um desenho, uma forma, e o sentimento, a sensação que determinado fato lhe despertou. Como essa associação se dá de forma absolutamente particular, o real significado de qualquer uma das marcas corporais só é totalmente compreendido pelo indivíduo que a possui (PIRES, 2005, p. 166).

Nossos informantes falam em significados que se alteram no curso do tempo, mas, nesse olhar para as experiências individuais, projetamos uma ampliação das relações semióticas mais imediatas: comumente, os sentidos podem ser alcançados com a leitura de imagens e textos, sobretudo se há compartilhamento de um mesmo referencial cultural. Todavia, podem restar acepções embutidas nas emoções

vivenciadas em determinados episódios, para as quais o indivíduo remete — ainda que inconscientemente — e pode guardar somente para si.

Assim, perpassando os exames elaborados acerca dos *símbolos*, agora tratamos a última unidade deste subcapítulo: *emoções*. Em especial, duas perguntas — feitas em sequência ou adaptadas ao contexto das conversas — sustentam a construção desses exames: “Que emoções você relaciona às suas tatuagens? Quais afetos e memórias elas ativam?”. Ao longo de nossas meditações, abordamos que os debates movidos aqui, sobre as cidades e as viagens, falam sobre marcas positivas. Ou mesmo que são enfatizadas e promovidas como tal, levando em conta as conjunturas sociais.

De todo modo, como refletem Didi-Huberman (2016) e outros autores, existe certa resistência em expressar emoções. O filósofo francês ainda fala em coragem. Assim, considerando a modificação corporal da tatuagem, a qual envolve a dor e a permanência, corroboramos com a ideia. É preciso alguma valentia para aceitar esses e outros termos — como dos estigmas ainda existentes, por exemplo — e registrar afetos. Muitas vezes, em diferentes contextos, se expressar é algo difícil. Ainda são comuns os questionamentos sobre a autenticidade dos movimentos e o imperativo por controle dos sentimentos. São alguns dos debates promovidos por Rezende e Coelho (2010).

Segundo as pesquisadoras, trabalhando com a perspectiva da etnopsicologia ocidental moderna, a expressão dos sentimentos está condicionada e é regida por regras sociais, as quais determinam quando, como e para quem manifestar emoções. O sentimento em si seria de ordem natural e diferente das normas sociais — “Seria, portanto, um fenômeno ao mesmo tempo individual, no sentido de particular a cada um, e comum a todos os seres humanos” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 99). Assim, haveria uma separação entre a dimensão interna e privada e o que se expõe publicamente; entre o que se sente e o que se expressa. Em outras palavras, diz-se que o que é sentido na intimidade, internamente, seria verdadeiro, enquanto aquilo que é aberto publicamente poderia ser falseado.

Esse entendimento aciona uma tensão importante para nosso estudo. Articulamos as tatuagens enquanto expressões de afetos relacionados às cidades e às viagens. Considerando-as como forma de expressão e seu caráter público, é necessário refletir sobre as observações elaboradas. Como apresentamos nas análises expostas no subcapítulo anterior, os procedimentos das tatuagens têm um

mínimo de planejamento e ponderação. Assim, podemos concordar com essa ideia de termos algo, ainda que não falseado, moldado conforme regulamentos sociais.

Trabalhamos com as respostas dadas a partir dos questionamentos sobre os rastros dessas tatuagens — o que ativam e o que fazem pensar, levando em conta a passagem do tempo desde que as fizeram. Surge daí uma ênfase para os contornos da memória. Desse modo, a fim de marcar os caminhos das respostas ouvidas, trazemos a máxima sobre o oposto da lembrança: o esquecimento. Trata-se de um composto fundamental das dinâmicas de rememoração. E abordamos esse oblívio justamente para pensar as eleições empreendidas; as angulações sobre o que expressar com as tatuagens.

Concordando com as noções apresentadas por Rezende e Coelho (2010), é fundamental refletirmos acerca das seleções. A escolha por determinados *símbolos*, conforme trabalhamos na categoria anterior, já fala a esse respeito. Sobre as emoções, podemos dizer que há uma maior complexidade para tratarmos as compreensões, pois lidamos com as narrativas dos informantes. Mesmo que não seja intencional, na construção de suas respostas, os indivíduos elaboram aquilo que dirão e como colocarão seus sentimentos, levando em conta o cuidado que nos acostumamos a ter com aquilo que é publicizado.

De acordo com as leituras de Rezende e Coelho (2010), muitas de nossas posturas ainda são moldadas por controles sociais. Observando o período do fim da Idade Média até o início do século XX, Norbert Elias examina o “processo civilizatório” da Europa e relata como ocorreram mudanças nas regras em relação ao corpo e às emoções. Na padronização do “aparato psicológico”, como conceitua, ficam explícitos o poder do Estado em relação à violência e à diferenciação das funções sociais. Dados os controles (o que nos remete às reflexões de Foucault), ficam alteradas as formas de vivenciar prazeres e afetividades. Especialmente quando tratadas as dimensões públicas, sobretudo na metrópole, o predomínio deve estar na racionalidade.

Embora estejamos tratando de uma manifestação já associada às margens e à rebeldia, o prisma em mãos mostra alguma preocupação e comedimento, quando na esfera social. E se já falamos sobre uma necessidade de diferenciação, dado o contexto das multidões urbanas, as tatuagens caminham no sentido de tentar tornar dissemelhante ou único. Além das visões de Norbert Elias, Rezende e Coelho (2010) trazem as compreensões de Georg Simmel, principalmente sobre a

difficuldade de responder ativa e afetivamente a profusão de estímulos externos, ocasionando a profusão de uma cultura da racionalidade: “A metrópole condensa e aguça esse traço de controle emotivo, criando atitudes particulares como a reserva e a postura *blasé* nas interações sociais” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 111).

Mesmo considerando os limites das análises, circunscritas na modernidade, os reflexos podem ser observados em nosso tempo presente. Enxergamos uma vontade de romper com amarras da apatia e do controle. A expressão de sentimentos com as tatuagens vai ao encontro dessa situação em que predomina a contenção, a racionalidade e a necessidade de individuação, como enfrentamento. Todavia, ainda existem resquícios que resultam em um autocontrole, evidente na preocupação com aquilo que é exposto, notadamente quando se tratam de emoções.

Com base nos exames de De Botton (2012) e Trigo (2013), observamos a evidência para a felicidade, quando pensadas as tatuagens de viagens. Do mesmo modo, nas marcas que falam sobre as cidades, temos valores positivos exaltados. Esse contexto corrobora com os argumentos de Rezende e Coelho (2010) a respeito da ênfase hedonista no prazer, a qual coexiste com a tônica da contenção emotiva. É nesse universo que se ressalta a noção de experiência. Nas sociedades ocidentais modernas, os sentidos são valorizados — “a experiência é então ao mesmo tempo um fato cognitivo e emocional” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 112).

Duarte (1999), com base nas leituras do trabalho de Foucault, aciona o que denomina por “dispositivo de sensibilidade” e dá importância para três conceitos, especialmente atrelados à sexualidade: perfectibilidade, experiência e fisicalismo. A relação entre as três noções converge para uma melhor compreensão do último deles, caro às nossas reflexões: há possibilidade de “(...) considerar a corporalidade humana como dotada de uma lógica própria, que deve ser descoberta e que tem implicações imediatas sobre a condição humana” (DUARTE, 1999, p. 25). Dentre outras morais que altera, o fisicalismo é dotado de sensibilidade e é em torno dessa compreensão que passa a haver maior assimilação acerca das emoções. O caminhar dessas noções e sua conjunção revelam uma máxima de exploração do corpo para a busca do sensível e a intensificação do prazer. A cultura da mídia reforça esses imperativos, os quais vemos refletidos nas narrações de nossos entrevistados.

Nos casos dos viajantes tatuados, algumas palavras-chave sintetizam os sentimentos acionados: felicidade, boas lembranças, carinho e orgulho. Já quanto às cidades, em resumo, temos: saudade, afeto, amor, paixão, pertencimento e boas

lembranças, mais uma vez. Lembranças não seriam sentimentos, exatamente, mas optamos por apresentar a ideia como foi exposta pelos informantes. Uma alternativa seria usar o termo saudosismo (ainda que a palavra saudade também tenha sido indicada). Como questionamos o que a tatuagem aciona, alguns ainda falaram em sonhos, mudanças e beleza. Não há qualquer menção negativa. O destaque está em construções hedonistas e na perpetuação afetiva do registro. São proeminentes os contornos de uma memória positiva.

Tais sinais nos levam a argumentar que as narrativas “positivas” fazem parte do que é a representação social da tatuagem mais recentemente, sobretudo nos discursos de nossos informantes. Mesmo quando envolvem emoções “negativas”, isso acaba omitido (como no caso da história de L. O., com a tatuagem em homenagem ao pai). Há uma obrigação da expressão dos sentimentos, remetendo às reflexões de Mauss (1981), uma incumbência da tatuagem evocar coisas boas.

Se expressar as emoções deixa de ser algo negativo e passar a fazer parte da história cultural das sociedades, os corpos tatuados se inserem nas construções de si e tornam-se prova da afetividade de nossas presenças no mundo. “Assim como a existência é afetiva, ela também é corporal. O corpo, seus gestos e as palavras materializam a emoção”, caracteriza Siqueira (2015, p. 17), igualmente abrangendo que “não basta sentir, é preciso, em sociedade, mostrar e representar o que foi sentido de modos específicos” (SIQUEIRA, 2015, p. 20).

Em uma imagem característica do carioca, I. M. diz: “Quando eu penso nela? Ah, me vejo acordando domingo de manhã, abrindo a janela, vendo e falando: ‘Caraca, tá sol, vou pra praia!’”. Com semelhança, T. A. diz que sua *tattoo* continua a fazer sentido, por manter viva a lembrança do que é o Rio de Janeiro para ele. E de como é importante estar na cidade, perto “(...) do relevo do Rio, da floresta do Rio, da natureza do Rio em geral”. Há uma exaltação de consolidados imaginários atrelados à capital fluminense.

Ainda sobre o Rio de Janeiro, mais duas falas trazem afetos enérgicos. P. I. diz que sua representação do Cristo Redentor aciona pertencimento: “Tipo, agora eu sou daqui, entendeu? Acho que é isso que ativa em mim”. Com o signo icônico podemos observar um sentimento de orgulho — o emblema consolida o desejo do rapaz: sua vinculação à “cidade maravilhosa” e o reconhecimento disso por parte dos pares. Há o pertencimento “de fato”, para quem nasceu no lugar, e aquele

“inventado”, que poderia ser traduzido com: “agora eu pertencço a esse lugar e esse lugar pertence a mim”.

F. A. fala sobre a valorização de suas raízes, com a tatuagem sobre Belo Horizonte, porém exalta a criação dos vínculos e aquilo que sente pela cidade que escolheu viver:

Afeto, né, eu acho que é isso, assim. Eu costumo brincar que o amor não se mede, mas eu me sinto mais carioca do que muito carioca, assim. Porque eu vejo muito carioca que não tá “nem aí” pra cidade, que não tá “nem aí” pro Rio e eu tenho esse amor muito grande, sabe? (...) Eu falo: “Ai, gente, que dia eu vou ganhar a chave dessa cidade? Porque eu mereço isso!”, sabe? De brincadeira [*risos*]. Mas eu tenho essa coisa de... Eu não vejo toda hora, mas eu sei que tá aqui, sabe? E nem tá só aqui [*aponta para a tatuagem*], tá aqui [*aponta para o coração*], tá aqui [*aponta para a cabeça*]. Aqui é só um desenho que eu quis fazer, é só um símbolo mesmo, que foi muito bacana pra mim, foi o presente, como eu falei, o presente que eu me dei de dez anos, mas ele não precisava existir porque ele já existe aqui [*aponta para o coração*], ele já existe aqui [*aponta para a cabeça*], sabe? Então é isso (F. A., 39 anos).

De algum modo, por serem apontadas a cabeça e o coração, há um pareamento entre razão e emoção. O “amor” e a “paixão” são justificados de diferentes formas e em vários momentos, especialmente quando fala sobre o tempo de permanência na cidade e em seu trabalho de valorização dela (profissional, de fato, uma vez que a interlocutora é editora de um portal de notícias sobre o Rio de Janeiro), o qual julga até mais astuto que o de muitos nascidos na capital fluminense.

Outro sentido comum é o da saudade. Apontamos essa emoção na abordagem sobre a dor, enxergando a tatuagem como alternativa para atenuar a nostalgia dela proveniente. J. A. fez sua primeira *tattoo* do Rio de Janeiro antes de se mudar para São Paulo. Previa sentir a distância e desejava estampar sua origem. Além disso, fez outra ao retornar, com razões parecidas. Refletindo sobre as três modificações que possui com a mesma temática, diz:

Não sei... Saudade eu acho que é até uma boa porque, assim, o momento que eu fiz isso foi a época que (...) o Rio tava num momento muito bom, que foi uma época que iam vir as Olimpíadas, ia vir a Copa, então a cidade tava mais segura, as pessoas tavam voltando a morar no Rio, tinha gente que tinha saído... Então a cidade tava numa fase muito maneira, em crescimento, entendeu? Então era uma época que você tinha um super orgulho de falar do Rio e pensar “cara, aqui tá ficando cada vez melhor, só tem coisas boas” e, infelizmente, isso não é o momento que a gente tá vivendo agora, entendeu? Então por mais que eu esteja aqui, isso é até um sentimento saudoso de, tipo: “Cara, lembra como a gente tava numa fase boa?”. Eu acho que essa fase boa volta, sabe? Então, essas específicas do Rio, elas me causam um pouco isso (J. A., 30 anos).

Junto ao saudosismo, vem o orgulho dos momentos e conquistas da cidade e a esperança de que ela volte a ter tantos fatos positivos a serem exaltados como na época em que fez as *tattoos*. Sendo assim, não é apenas a distância física que pode causar a melancolia da ausência, mas também uma ocasião vivida. Igualmente, as falas reverberam imaginários típicos da capital fluminense: tanto a alusão a seus aspectos negativos, como a insegurança e as crises financeiras, quanto os títulos comemorados e usados para promover a cidade como produto, como sua eleição como sede dos megaeventos esportivos, na década de 2010. Por fim, mesmo quando algo adverso é mencionado, isso é feito em comparação, e não há predomínio. A imagem final é favorável.

Em mais uma fala de valorização das origens, A. L. antecipa uma saudade, pensando na possibilidade de se mudar de Juiz de Fora:

Cada dia eu penso que foi uma decisão... Tudo foi certo e agora nesse momento, por enquanto, eu tô em Juiz de Fora, mas acho que quando eu me mudar daqui, toda vez que eu olhar pra ela eu vou sentir assim: “Ah, a minha terra!”. Né? Saudade de quando eu fiz a tatuagem, quando... Todas as memórias que vêm em relação a ela, né? Tudo o que ela representa, que conta um pouco, realmente, da minha história. Então acho que eu consegui, através desse desenho, perpetuar a ideia que eu quero (...) onde eu estiver eu vou levar mesmo as minhas origens, esse sentimento de como eu fui feliz e realizada aqui nessa cidade que eu nasci e moro até hoje (A. L., 26 anos).

A tatuagem carrega a representação das histórias de vida da interlocutora, as quais narra com afeição. Em terras estrangeiras, em contato com pessoas que podem não comungar do mesmo repertório cultural, terá oportunidade de ostentar suas origens e os sentimentos de orgulho e felicidade por pertencer à localidade exaltada com a modificação corporal.

F. S. S., que tem uma *tattoo* que enfatiza tanto suas cidades de nascimento e rotina, como uma de destino, para onde viajou, faz colocações interessantes com relação às lembranças e ao tempo corrido desde a feitura da tatuagem:

(...) olhar pra isso, hoje em dia, é até diferente de quando eu fiz, né?! Porque quando eu fiz era uma memória muito fresca das coisas que eu acabei de passar. Hoje em dia eu já olho do tipo: “Olha como eu tava daquele jeito, naquela época”. Mas continua sendo especial, assim, não mudou isso. Me leva pro Cerro Santa Lucía, principalmente, assim. Quando eu penso, eu penso naquela região, naquele lugar, naquela vista, tipo, na parte boa das coisas (F. S. S., 29 anos).

Alguns dos interlocutores, ao longo dos diálogos, refletem sobre a passagem do tempo. Por conta do caráter eterno que as marcas possuem, acompanham os

sujeitos em diferentes etapas de sua vida e, dada sua cronologia, falam sobre um momento em específico, o qual pode não ser mais tão fiel à sua personalidade. Quanto às viagens, diferentemente das cidades de origem ou residência, falamos de uma vivência passageira. Mesmo que seja possível retornar aos destinos, não é algo frequente. Assim, as tatuagens, enquanto um tipo de souvenir, têm essa capacidade: a de trazer para perto as sensações obtidas quando na localidade.

J. V., C. M. e T. C. também falam sobre essa capacidade de transportá-los novamente para os destinos que os marcaram e acerca das boas recordações — “Ah, me traz todas as lembranças, assim, daquela viagem. Porque, pô, pra mim... Cara, acho que foi a viagem mais especial que eu já fiz na minha vida” (J. V., 23 anos). C. M. trata a permanência da amizade de todos os que fizeram a mesma marca, na oportunidade. Para ela, a tatuagem traz as lembranças felizes e o significado de que o que foi vivido permanecerá para sempre. A rememoração de T. C. evidencia os trajetos que tornaram a viagem marcante.

Ah, eu lembro com bastante carinho. Eu tenho ótimas lembranças do lugar, porque realmente é um lugar muito maravilhoso, tenho até vontade de voltar. E, assim, eu lembro de... do lugar em si, das paisagens que eu vi, das pessoas que eu conheci. Então, assim, tem uma memória bem positiva, mesmo, quando eu olho pra tatuagem e aí penso e aí relembro dessa viagem (T. C., 33 anos).

P. F. fala sobre os momentos e aventuras, evidenciando a inspiração de outras viagens que ainda virão. Um sentimento próximo ao de F. S. M., que concebe sua *tattoo* como um lembrete do sonho que deseja realizar: viajar por todo o Brasil e, em seguida, conhecer a América e a Europa. Vale evidenciar essa diferença: não se trata de um registro sobre algo vivido, mas da anotação de um objetivo que nunca deve ser esquecido, em suas palavras.

No trajeto dos apontamentos sobre a concretização de sonhos, a fala de D. C. acende a felicidade da realização da viagem e destaca a ocasião que a tatuagem abaliza. A *tattoo* dá uma “materialidade” para aquilo que estará para sempre inscrito em sua memória.

Ah, eu sinto muita felicidade, assim, de ter conseguido fazer isso, porque foi realmente um esforço, assim, durante um tempo, tanto financeiro, quanto também foi um desafio muito grande, assim, meu, de ir, superar, de perder o medo mesmo de ir. Então eu gosto muito dessa história que eu tenho na minha vida. E também sempre me lembra, assim... Porque eu ainda não pude voltar lá, né, desde que eu fui. (...) Não vai ser, nunca, a mesma coisa, né?! Foi um momento especial na minha vida, uma idade, os amigos, né, quem tava lá na época, mas sempre vai ser uma coisa que

eu guardo com carinho, assim. Então sempre que eu olho, eu sempre tenho orgulho dela, assim, da história que eu tive e que ela é uma marca no meu corpo que eu vou guardar pra sempre, como eu guardo na minha memória (D. C., 28 anos).

A viagem, assim como a vinculação às cidades, é razão de orgulho. Como falamos sobre as ponderações (ainda que inconscientes) para eleger o que pode/deve/se deseja exposto, é fundamental observar o que está guardado na memória, mas ganha outra dimensão e se torna público: o distintivo da história especial no curso da vida. Mais uma vez, a exaltação de um recorte temporal específico, da ocasião do deslocamento e seus envolvidos. D. C., assim como F. S. S., destaca a experiência de intercâmbio como potencialmente transformadora, algo que reafirma uma tônica comum sobre as viagens, como discutido por Trigo (2013).

T. J. aborda os sinais de mudança que as tatuagens registram. Mais uma vez, o reforço sobre uma materialidade outra da memória. São anotações que não o permitem esquecer etapas significativas ao longo de sua vida.

Então eu acho que tem a coisa do emblema também, né, de você tornar isso visível, tornar isso, pelo menos pra mim. E olhar pra mão, e olhar pro meu corpo, e falar assim: “Eu sou outro, né? Eu já não sou mais esse que eu fui há tão pouco tempo atrás”. Então acho que esse significado de ser algo, também, visível, né, das pessoas não terem oportunidade de não ver que eu tenho tatuagem. Eu mesmo não esquecer da minha história, desses pontos de inflexão na minha vida (T. J., 37 anos).

Ao final de outra reflexão, T. J. diz ter se tornado um arquivo de si. A noção nos remete ao conceito do “mal de arquivo”, de Derrida (2001). A partir do trabalho de Freud com a psicanálise, o filósofo argelino aborda as relações entre a memória e a história, dando ênfase para as influências do poder. Com base na dupla raiz da palavra arquivo — *arkhé*, que implica começo, e comando (*arconte*, o que comanda) — evidencia a importância das técnicas utilizadas para organizar um determinado acervo. Há uma relação de poder na ordenação e disponibilização das informações. Em nosso estudo, uma evidência para o poder de representação. Como ponderamos sobre os contornos da memória e a expressão das emoções, ficam evidentes os atos de selecionar e excluir. Para usar um outro termo já articulado, os sujeitos elaboram uma *curadoria* de narrativas para expor em seus corpos.

Nesse sentido, é interessante pensar que J. V., P. F. e T. J. mencionem o desejo de “fechar” um determinado membro do corpo somente com tatuagens de viagens. Assim, um braço ou uma perna — novamente, escolhas — seriam lugar de exaltação de experiências ou mesmo “lugares de memória”, para usarmos do

conceito de Pierre Nora (1993). De acordo com o historiador, esses “lugares” são estabelecidos na tentativa de preservar a história. Entretanto, essa sacralização existe apenas porque já não há mais meios de memória. Por isso é necessário criar espaços que a consagre. Museus, com “uso” mais social e álbuns de família, com “uso” pessoal, são exemplos de conotações políticas dadas a esses lugares.

Huyssen (2000) faz críticas semelhantes, enfatizando que o *boom* da memória revela justamente o apagamento ou esquecimento de outros vestígios. Ambos os pesquisadores evidenciam o interesse — ou sedução, para empregar o termo que dá título ao livro de Huyssen — por esses “lugares” em que o passado é, de alguma maneira, destacado e reinventado. Reside uma crítica a “(...) uma memória registradora, que delega ao arquivo o cuidado de se lembrar por ela e desacelera os sinais onde ela se deposita” (NORA, 1993, p. 15). Essa dinâmica gera ou pode gerar um esvaziamento de sentido do registro. Uma diversidade de informações sem significação real.

Essa obsessão por lembrar passa a constituir as identidades — “O dever da memória faz de cada um o historiador de si mesmo” (NORA, 1993, p. 17), resultando no que o pesquisador define como “homem-memória”. Há uma grande preocupação em guardar, registrar, não deixar esquecer e isso já não está presente apenas nas histórias oficiais ou de pessoas célebres. O sujeito “comum” também se preocupa com seus rastros. Fica a dualidade entre o coletivo e o individual.

Se os santuários podem ser mencionados como lugares de memória, o são porque a imaginação lhes confere uma aura simbólica. Seja por sua forma ou conteúdo, há complexidade e atratividade. Em paralelo, usamos a metáfora do corpo como templo para tratar as caracterizações de nossa pesquisa. Aludimos às tatuagens como marcadores de uma mesma aura especial, a qual concebe o corpo como “lugar de memória” — ainda que uma memória de instância majoritariamente pessoal, para a qual se projeta caráter público.

Tais reflexões dialogam com as leituras que discutimos: existem questões de poder, pois a memória coletiva muitas vezes não é espontânea e gera necessidade de criação dos arquivos e repositórios. Além disso, alimenta um desejo por pertencimento e reconhecimento, os quais potencializam a construção de memórias singulares. No mesmo sentido, o controle e o comedimento social, suscitam o desejo de ruptura. Há uma aceleração dos tempos e da história, a qual converge em identidades complexas e na explosão do hedonismo e da aspiração ao prazer.

Recorrendo às apreciações de Pollak (1992), em associação, marcamos a constituição da memória, seja individual ou coletiva, por três elementos centrais: acontecimentos, personagens e lugares. Assim, o autor também versa sobre “lugares de memória”, especialmente atravessados por essas reminiscências. Outra interpretação para o que revelam os informantes. Quando falam em saudade e boas lembranças, ligam os registros justamente a acontecimentos e personagens especiais. Assim, tanto a materialidade da carne, o corpo, quanto a materialidade simbólica, as localidades e valores representados, seriam lugares de memória.

Berger (2009, p. 80) ainda avalia que as tatuagens “(...) vinculam-se à fixação de uma memória imutável, de um modo de congelar um instante, de burlar o efêmero através de algo que não se apaga”. Retomando as meditações sobre permanência e emoções, confirmamos a potência desses registros. Acerca dos afetos, a antropóloga reafirma a pulsão dos prazeres que os sujeitos buscam, também com a expressão de seus sentimentos.

Grava-se e carrega-se nela o que está gravado no coração. Simbolicamente, a tatuagem unifica o corpo, o sentimento representado e a pessoa que a porta na intimidade da pele, ela é um transbordamento das sensações, como se fosse necessário, através dela, extravasar o que lhe é mais caro. Através das tatuagens, também se procura “atrair” sentimentos como amor, arte, encontro, esperança: É como se estas fossem uma forma de pedir, através do próprio corpo, a realização de desejos íntimos (BERGER, 2009, p. 80).

Ao final de todas essas ponderações dos autores, cabe questionarmos: por que marcar tudo, especialmente no corpo e com tanta visibilidade (do próprio olhar e do coletivo)? Seria o medo do esquecimento? Avaliando as narrativas dos interlocutores e as críticas teóricas, nos parece uma vontade de prolongar valores e emoções positivas. Além de alongá-las pelo curso da vida, estampá-las para o outro. Afinal, são marcas de conquistas, felicidade e orgulho.

A colocação de Berger (2009) ainda aborda outros sentidos acionados pelos informantes, sejam os viajantes ou aqueles que homenageiam as cidades. As falas de F. A. e J. A. sobre o Rio de Janeiro exprimem precisamente o que a autora trata: em diferentes circunstâncias, as mulheres discorrem sobre o amor que sentem pela urbe, exaltam seus monumentos, dizem pertencer ao lugar e que, mesmo em condições ruins, têm esperanças de que tudo retorne a ser somente positivo.

Essas noções nos levam ao conceito de topofilia, elaborado por Yi-Fu Tuan (1980). Como a etimologia permite relacionar (topo = lugar e filia = amor), trata-se

de uma paixão pelos lugares. As reflexões do geógrafo sino-americano giram em torno do meio ambiente, traçando as percepções e relações dos sujeitos com os espaços, de modo a torná-los lugares. Porque o lugar é reflexo da atribuição de significados e resultado de apropriações afetivas, desenvolvidas por meio dos sentidos, do tempo e das experiências (TUAN, 1983). Ademais, Tuan salienta que a forma como o homem compreende o ambiente varia conforme o seu contexto. De acordo com o tempo, o meio e outros fatores, o sujeito elabora suas relações, com bases nas idiossincrasias — e, mormente para os cidadãos, a tendência é diferenciar o espaço etnocentricamente.

São diversas compreensões para a dinâmica das emoções expressas por meio das tatuagens, especialmente com a ênfase para os ideários das viagens e para os afetos em relação às cidades. Com base nas leituras empreendidas, a tônica converge para os valores hedonistas, para a seleção — ainda que involuntária — dos sentimentos que serão demonstrados publicamente e para uma exaltação da memória individual. Um encontro com subjetividades e sensibilidades.

Quanto ao emaranhado de relações entre cidades, viagens, signos e afetos, a metáfora arqueológica delineada por Gomes bem expõe esse jogo de lembranças e representações projetado no corpo: “Lê-se a cidade como um composto de camadas sucessivas de construções e ‘escritas’, onde estratos prévios de codificação cultural se acham ‘escondidos’ na superfície, e cada um espera ser ‘descoberto e lido’” (GOMES, 2008, p. 84). Com base nisso, refletimos a respeito da construção de uma *pele palimpséstica*, carregada de simbolismos análogos, projetados na camada em exibição, a epiderme. Reiteramos as ideias principais para ampliar nossos debates e suscitar reflexões: se pensamos o corpo como um registro das cidades e das viagens, a tatuagem marca histórias — de vida, de experiências, de emoções — e as narram, sobrepostas. Em outros termos, as tatuagens são rastros de memórias que, ao serem registradas na pele, não se quer extintas.

Nos olhares para nosso acervo, fica clara a influência do sistema cultural em que estamos inseridos. Uma vez que Derrida (2001) se preocupa com as tecnologias da memória, é importante pensarmos mais sobre como se dá esse “mal de arquivo” no tempo presente. Levando em conta a centralidade da mídia, esses são os motes em que iremos nos deter na próxima seção.

4.3. Tatuagens e comunicações

Este é um trabalho de pesquisa situado no campo da comunicação social. Sendo assim, tem no cerne de suas preocupações voltar os olhares para as diferentes mensagens emitidas e as interações provocadas. Não observamos somente o corpo como meio de comunicação e a tatuagem como um conteúdo produzido, mas as representações acionadas e os efeitos de sentido que emergem, considerando as influências da cultura da mídia na qual estamos inseridos.

Trata-se de mais uma angulação para compreendermos as técnicas do corpo da qual fala Mauss (2003), entendendo-as como as maneiras como os homens, no decorrer do tempo e na diversidade das sociedades, dele se servem. Segundo caracteriza Le Breton (2016), vivenciamos uma realidade inédita em relação à motilidade, notadamente se pensada nossa resistência física, muito exigida em outros momentos. Desse modo, é pertinente observar quais valores são atrelados e como se elabora esse “significante flutuante” (o corpo), tão propício aos remanejamentos, nas noções debatidas pelo antropólogo francês (LE BRETON, 2016, p. 197) quando trata o corpo como *alter ego*.

Com esses objetivos em mente e a partir de mais pontos abordados em nossas entrevistas compreensivas, elegemos mais três categorias para caracterizar o que tencionamos colocar em exame nesse conjunto. Motes como moda, estilo de vida, tabus e os usos das redes sociais digitais serão explorados em *mensagens*, *(auto)imagem* e *interações*.

Ao longo do trabalho, edificamos o raciocínio de que as tatuagens são uma forma de expressão que não utiliza uma linguagem estrita. Conforme apresentam os interlocutores, há uma abertura para interpretação dos sinais estampados na pele, a qual depende daqueles que os recebem. Há um sistema de representação, como define Hall (2016), com o qual dialogamos a partir do efeito causado por alguma mensagem. Nesse jogo para o qual buscamos encontrar entendimento, muitas vezes os participantes não têm estratégias conscientemente arquitetadas e as regras são cambiadas a todo tempo, pois variam com a cultura, com os moldes das sociedades.

Desse modo, de forma a compreender o sistema representacional atrelado às tatuagens, especialmente àquelas em referência às viagens e às cidades, arguimos os sujeitos que as ostentam, de modo a fazê-los pensar acerca dos sentidos que eles

mesmos atribuem e que são conferidos por outros. “O que essa tatuagem diz sobre você?”. “O que você acha que as pessoas pensam de você, especificamente por ser tatuado?”. “Como as pessoas reagem às suas tatuagens?”. “Sentiu alguma mudança em você/em seu corpo com as suas tatuagens?”. “Já sentiu que foi destacado, positiva ou negativamente, por conta de suas tatuagens?”. Essas foram algumas das questões que acionamos nos diálogos com nossos informantes. Com as respostas recebidas, tratamos de criar caminhos para interpretar o complexo de ideias a que fazem referência e trazer conclusões sobre elas.

Iniciamos nossas análises nessa seção com a categoria *mensagens*. Temos em vista explorar as relações dos informantes com o que expõem com o corpo e as tatuagens, de modo amplo. Ao final do subcapítulo anterior, discutimos as emoções. Em seu trabalho sobre uma história da tatuagem no Brasil, Jeha (2019, p. 311) diz: “Sob uma gama enorme de afetos — como amor, saudade, paixão, sexo e sedução —, a tatuagem se aplica na pele dos que deveras sentem e desejam”. A pesquisadora confirma que esse é um forte tópico quando se trata da modificação corporal que estamos tratando. São diversas as homenagens empreendidas com a tatuagem, muitas vezes falando sobre o amor romântico.

Na mesma obra, trabalhando com diferentes grupos, Jeha (2019) apresenta um panorama da heterogeneidade dos grupos a que as *tattoos* podem se vincular — soldados, imigrantes, religiosos, artistas, trabalhadores, marginalizados e outros. Em muitos trabalhos que têm as tatuagens como foco das discussões, fala-se sobre ser uma marca classificatória. Mas por que dessa associação? Pois, uma vez que os sujeitos possuem estampas com determinados temas e/ou ligadas a determinados estilos, considera-se possível rotular a que realidades pertencem.

Entretanto, como discutimos na seção 3.3, sobre os contornos da tatuagem, as visões foram se transformando ao longo do tempo. Na atualidade, a partir de um espectro identitário mais flexível, essas associações imediatas não são assim tão facilitadas. Com base nos estudos culturais, Kellner (2001) realiza leituras acerca das identidades modernas e pós-modernas. Apresenta como a modernidade ainda mantinha conexão com a individualidade e a unicidade e como, em sequência, “nas sociedades de consumo e de predomínio da mídia, surgidas depois da Segunda Guerra Mundial, a identidade tem sido cada vez mais vinculada ao modo de ser, à produção de uma imagem, à aparência pessoal” (KELLNER, 2001, p. 297). Já para os teóricos da pós-modernidade, os sujeitos foram implodidos, formando massas.

As características constitucionais da identidade são fragmentação, desconexão e descontinuidade.

Observando tanto as reflexões teóricas quanto os relatos de nossos informantes e episódios midiáticos, apontamos para um caminho do meio. Decerto, há grande fluidez nos processos de composição das subjetividades. Muitas vezes, as pessoas dizem que *estão* daquela forma *naquele* momento. Não há fixidez para uma classificação absoluta. Como exemplos: J. A. diz que as tatuagens feitas na adolescência e no início da juventude já não falam muito sobre quem é atualmente, embora não tenha vergonha ou algum outro tipo de problema com elas. Apesar de nunca ter sido encarcerado, T. J. diz gostar e se identificar com as “*tattoos* de cadeia”. F. S. S. menciona que suas tatuagens de animais e elementos da natureza não têm relação com algum aspecto mais característico de sua personalidade, mas com afinidades estéticas. Já os sinais de C. M., por exemplo, falam sobre viagens, mas também sobre suas atividades profissionais. Em síntese, as associações são diversas, revelando a complexidade das constituições identitárias. Podem ou não vincular as pessoas a determinados grupos.

Decerto, essas questões esbarram em tabus ainda existentes, sobretudo por resquícios de estigmas que pontuamos na revisão da literatura. Quando perguntados sobre o assunto, alguns dos entrevistados disseram sentir “na pele” preconceitos ainda presentes. Se não por questões pontuais vividas, por imagens presentes em falas de pessoas com quem convivem, em âmbito familiar ou profissional. Então, em alguns casos, a tatuagem permanece marginal ou malvista.

Em outros contextos, inclusive na esfera do mercado de trabalho, as modificações corporais compõem figuras vinculadas a grupos determinados, especialmente por estilos ou temas mais frequentes. No âmbito da mídia, como ilustração, podemos mencionar *chefs* de cozinha reconhecidos, notadamente por participarem de programas de televisão ou por terem restaurantes bem avaliados e muito frequentados. Seja por desenhos de alimentos ou utensílios de cozinha, os

profissionais acabam identificados. As tatuagens, assim, tornam-se elementos constitutivos de grupo e até mesmo fontes para seu reconhecimento enquanto tal⁵⁵.

Nas últimas décadas, especialmente no Brasil, essas recorrências são muito associadas ao universo da moda. Um mundo igualmente associado às esferas da comunicação e da constituição de si. O estado da arte dialoga com esses assuntos, expondo as *tattoos* enquanto ícones de estilo pessoal e debatendo como o status social das modificações corporais vem se alterando. Lipovetsky e Serroy (2015) fazem avaliações nesse sentido:

Se a tatuagem e o *piercing* simbolizavam não faz muito certa dissidência ou marginalidade de grupo (os punks), hoje eles tendem a se tornar acessórios estéticos, um espetáculo da pessoa em que o corpo é posto em cena à maneira de um teatro de sedução. Quaisquer que sejam as razões sentimentais e outras a levar os indivíduos a enfeitar o corpo, a tatuagem e o *piercing* aparecem agora como elementos decorativos escolhidos, formas de artealização ou de estilização de si que visam embelezar a aparência do corpo, criar um look livre de toda obrigação e de toda escrita coletiva. De ritual social que era, a tatuagem se torna um sinal estético, uma maneira de fazer de seu corpo uma obra de arte com finalidades estritamente pessoais. Valorização da individualidade, a tatuagem expressa um desejo de mise-en-scène personalizada de si, uma vontade de estilização de imagem de si e do corpo a fim de não passar despercebido e construir uma identidade visível singular. Como tal, ela participa plenamente do processo de estetização do mundo (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 370).

Os pesquisadores enfatizam a elaboração de um discurso simbólico composto por elementos cambiantes. Embora esteja associada à possibilidade de permanência da qual falamos em outros momentos, novos sentidos podem ser adicionados e retirados. No curso do tempo, os efeitos de significação podem ser cambiados, como é o caso do que vem ocorrendo com algumas modificações corporais (notadamente o *piercing* e a tatuagem). Sendo assim, nosso intento é fundamentar a possibilidade de construção de si e de mensagens que buscam dar forma e evidenciar as idiossincrasias pessoais.

⁵⁵ Exemplos emblemáticos, no Brasil contemporâneo, são os *chefs* Alex Atala e Henrique Fogaça. Ambos são reconhecidos, sobretudo por terem presença constante na mídia. Chamam atenção pelas tatuagens que ostentam, bastante aparentes. Como inspirações para os aspirantes ao ofício, tornam-se modelos também em relação ao estilo pessoal. Outro *chef* ativo na TV, André Mifano diz, em uma reportagem que trata o assunto: "Na década de 50, a maior parte da mão de obra das cozinhas nos Estados Unidos era de ex-presidiários já tatuados. Na época os cozinheiros viviam nas beiras da sociedade e por isso se diferenciavam do resto se marcando. Essa prática foi se tornando comum. Hoje em dia é só moda mesmo, poucos cozinheiros novos dedicam seu tempo a estudar e entender o que cerca nossa profissão". Cf.: MENEGUETTI, Fernanda. De caveira a frigideira, veja as tatuagens cheias de significados dos chefs. *Uol*, São Paulo, 23 jul. 2015. Nossa - histórias de todos nós. Disponível em: <https://www.uol.com.br/nossa/cozinha/noticias/redacao/2015/07/23/facas-caveiras-e-espinhas-de-peixe-chef-tatuado-e-so-modinha.htm?foto=1>. Acesso em: 27 abr. 2020.

Os conceitos levantados por Lipovetsky e Serroy (2015) são importantes para nossas construções. Com as ideias de *mise-en-scène* personalizada, estilização da imagem de si e do corpo (colocado à parte, como componente do sujeito e não como uma só coisa) e da composição de uma identidade única e expressiva, buscamos compreender as mensagens que se deseja transmitir com as *tattoos*.

É como se fosse uma roupa, eu acho, você tá mostrando quem você é, provavelmente coisas que você já passou e memórias que você tem e as emoções que te provocaram... E, assim, você tá botando aquilo num desenho pra você, sabe? E também é uma maneira de se comunicar com outras pessoas. As pessoas te olham e imediatamente vão pensar alguma coisa e pode puxar uma conversa e virar seu melhor amigo ou fazer uma pessoa falar “caraca, odiei esse cara”, sabe? (J. V., 23 anos).

As associações de J. V. vão ao encontro das ideias que estamos discutindo ao longo das análises, mormente com relação ao universo representacional. Ainda reforçam a exposição de outra informante, I. M., ao dizer que as tatuagens falam sobre ela, sem que seja preciso proferir uma palavra. Nas noções que articulamos com relação a uma curadoria na pele, fica evidente a arquitetura de marcas pessoais — apresentar-se utilizando de outros meios.

Eu acho que é uma forma de eu mostrar quem eu sou sem eu ter que falar muito, sabe? Onde eu chego as pessoas já olham as minhas tatuagens, elas já entendem um pouco do que eu sou, do que eu penso... Essa aqui [*aponta para uma tatuagem com um ponto-e-vírgula*], por ter um significado meio que universal, as pessoas já sabem, então eu não preciso falar muito, elas olham e falam “ah, essa pessoa é assim”. E eu vejo muito assim, as pessoas. Eu vejo uma tatuagem e falo “ah, essa pessoa gosta disso, essa pessoa gosta daquilo, talvez ela já tenha passado por isso...”. Então eu acho que a tatuagem é uma forma de você se expressar sem ter que falar, só chegar (I. M., 21 anos).

Ambos os jovens falam sobre as possibilidades de reconhecimento de si e do outro, com as tatuagens. Os símbolos corporais acabam por delimitar identidades e por funcionarem como espécies de rótulos ou legendas para aqueles que miram o par. Dessa maneira, projetamos um convite à alteridade, na perspectiva da abertura para a troca, ou ao distanciamento, uma vez que J. V. e I. M. dizem que as *tattoos* podem fazer com que alguém os deteste, mesmo que não tenham trocado palavras. Isto é, enquanto linguagem, a tatuagem pode romper ou amplificar o chamado para a comunicação.

A caracterização de I. M. revela recortes no que tange às representações e aos repertórios. O significado “universal” que indica para determinados símbolos que

carrega em sua pele podem não ser de amplo conhecimento, especialmente daqueles que não têm algum envolvimento com os assuntos em questão. O ponto-e-vírgula, conforme me explicou, faz referência a uma campanha de prevenção ao suicídio e é símbolo de acolhimento para questões de saúde mental. Caso isso não fosse dito, não seria possível fazer as associações.

Além desses contornos temáticos e mais específicos de determinados grupos, vislumbramos aspectos geracionais. Não só em razão de haver certa naturalização da tatuagem nos últimos anos, mas também porque as referências que se destacam e ganham lugar especial no corpo perpassam vivências cotidianas e os universos representacionais dessas pessoas.

Em menção às outras *tattoos* que têm, além das vinculadas às viagens e às cidades, alguns dos interlocutores mencionaram letras de músicas, reprodução de tatuagens de artistas de quem são ou foram fãs, frases de livros, personagens de filmes e desenhos animados. Há semelhança com resultados das pesquisas de Pavan e Silva (2010), quando exploraram os sentidos da cultura de massa e da afirmação subjetiva por meio da tatuagem. Muito desse conteúdo comum está vinculado ao repertório cultural da juventude ou fala de quando eram adolescentes e, por isso, não tem grande apelo de sentido para pessoas mais velhas. Isso não quer dizer que os indivíduos situados em um “pós-juventude” não tenham referências marcantes em suas trajetórias, porém essa não é uma forma recorrente que utilizam/utilizavam para expressar suas estimas.

Apontamos para o fato de, enquanto comunicação, a tatuagem fluir de modo mais “espontâneo” entre os jovens, muito por conta de sua recente “popularização”, se pensarmos os últimos trinta anos. Decerto, não excluimos os diferentes grupos e sujeitos que compuseram os movimentos e ações responsáveis por isso acontecer. Todavia, levamos em conta o que se revela no senso comum e o que relatam os informantes, inclusive sobre o descontentamento de familiares, como já citamos. Não quer dizer que a tatuagem seja restrita a esse universo, mas é possível observar uma maior circulação.

Perguntado sobre estilo e tatuagens, P. I. reforça o que elas expressam e o que falam sobre ele, segundo pensa:

(...) são coisas que eu gosto. Que tá ligado a minha personalidade. Eu gosto muito de praia, gosto muito da *Disney*... Eu tenho uma árvore tatuada aqui [*aponta para a coxa esquerda*] que tem as iniciais do meu pai e da minha mãe. (...) acho que essas

tatuagens meio que são minha personalidade em mim. Pra fora de mim, quer dizer. Acho que é isso (P. I., 23 anos).

Chama atenção um discurso sobre o qual refletimos: o corpo é um elemento à parte, descolado — as tatuagens são a personalidade fora de si. É um reforço da visão do *alter ego*, da qual trata Le Breton (2016). Trata-se de um acessório nos processos de constituição do eu. A frase ainda aparece como uma correção, o que vale para contrastarmos o que são construções sociais embutidas e o que seriam percepções instintivas.

Para além da noção das *tattoos* como marcadoras da personalidade, vemos os elementos representativos, com ênfase para as homenagens afetivas e para símbolos da cultura de massa. Destacamos o trajeto da tatuagem saída da marginalidade para o *mainstream* (termo incorporado para tratar o que se torna padrão dominante). Nesse sentido, muitas vezes os portadores de marcas corporais são apontados como inconsequentes, instáveis ou até mesmo fúteis. Maria Angela Pavan (2018)⁵⁶ refuta esses e outros rótulos negativos, afirmando acreditar que os personagens de seus estudos — jovens do hiperconsumo — são muito compromissados com a afetividade, contrariamente ao que se costuma pensar. A pesquisadora realiza investigações com pessoas que tatuam produtos e logomarcas de diversos segmentos e fala como esses sujeitos sofrem abordagens negativas, por vezes.

Como tratamos em um estudo sobre viajantes tatuados na rede social virtual Instagram, em muitos casos essas modificações corporais engendram imagens positivas — são sujeitos que se lançam às experiências, se aventuram e têm coragem para usufruir da liberdade (ALMEIDA; SIQUEIRA, 2018). Os estilos de vida — entendidos por Giddens (2002, p. 79) como um “(...) conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de autoidentidade” — em evidência seguem a cartilha do hedonismo e do prazer, de uma existência a ser valorizada. Em contraste com as caracterizações de Le Breton (2016) acerca dos usos de nossa motilidade contemporaneamente, são *corpos móveis* que chamam atenção e recebem admiração.

⁵⁶ As concepções da pesquisadora foram registradas nas aulas do seminário avançado “Técnicas, métodos, empiria e procedimentos: tatuagem e consumo como instância de mediação do local”, realizado na Universidade de São Paulo (ECA/USP), nos dias 21 e 22 de maio de 2018. O material se encontra no canal do YouTube do CJE - Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6IuzAhkzdH8>. Acesso em: 29 abr. 2020.

Para dar outra ilustração de como essas visões são enaltecidas, ganham as mídias e se tornam referências exemplares, trazemos uma campanha institucional do RioSul Shopping Center (Figura 23), centro comercial situado no Rio de Janeiro, veiculada em diferentes meios e ocasiões, como na celebração ao padroeiro da cidade, São Sebastião, e no aniversário do município, festejado no dia 1º de março.



Figura 23: Publicação na página do Facebook do RioSul Shopping Center, na ocasião do aniversário de 454 anos do Rio de Janeiro, no dia 1º de março de 2019.
Disponível em: <https://www.facebook.com/riosulshoppingcenter/posts/2361397577238806>.
Acesso em: 29 abr. 2020.

A tatuagem é o recurso central para marcar a pertença e o afeto em relação à capital fluminense — “Ser carioca // É ter na pele // Sal, sol e riso // É ter na pele o Rio”, diz o texto de Zack Magiezi. Fala-se do amor que está na pele de quem tem o orgulho de ter o Rio de Janeiro como casa. São sentidos semelhantes ao realçados por nossos informantes, evidenciando o valor midiático dos sinais corporais, das emoções e da ampla exposição dessas concepções. E, conforme mostra a interação da postagem, a tatuagem (e as ideias) geram apreço — “Mira tatu (*sic*)”, diz uma seguidora da página, ao que a amiga responde: “Divino”.

Certamente, todo o envoltório da mensagem é estrategicamente composto. A tatuada é uma jovem de cabelos longos, molhados, usa biquíni, tem pele bronzeada e um sorriso largo. Ao fundo, a beleza natural do mar e das montanhas, na praia. Apesar de não vermos uma hipersexualização do corpo feminino, com ênfase para os seios ou os glúteos, há um estereótipo da garota carioca, como avaliam Siqueira e Siqueira (2017). Apropriações midiáticas que retroalimentam os padrões a serem

prestigiosamente imitados com as articulações das técnicas do corpo e que influem na construção das subjetividades. Nesse sentido, os exemplos mencionados reforçam a pujança de nossos recortes temáticos, em razão do apreço que detêm — urbanidades e deslocamentos comunicam estimas e ganham notoriedade.

Essas reflexões nos levam para os debates da segunda categoria dessa seção: *(auto)imagem*. A todo tempo, falamos em uma constituição de si muito permeada por estruturas sociais e influências da mídia. Pensando nos exemplos anteriores, não tratamos apenas de predominâncias que levam à reprodução, como também em composições que acarretam em (auto)controle. O projeto pessoal é elaborado de forma complexa e leva em consideração tudo aquilo que pode resultar uma melhor versão. A esse respeito, os tabus merecem nova menção. Por conta de travas ainda existentes, modificações corporais são feitas, por vezes para mostrar desobediência ou insubmissão, porém também deixam de ser realizadas ou são pensadas de forma estratégica, para que fiquem ocultas.

Uma das interlocutoras, J. A., afirma achar a tatuagem uma maneira muito mais fácil de “você mostrar algo que representa”. É nesse sentido que falamos sobre uma composição do eu, a qual perpassa questões como preconceitos, autoestima e moda. Já mencionamos como muitos dos receios ainda existentes em relação às tatuagens, no Brasil, são atravessados por pautas do universo familiar e do trabalho. São as críticas mais comuns às quais os informantes dizem ser sensíveis. No que concerne ao social, relatam não se importar tanto com o que é dito⁵⁷.

Quando questionado sobre reações negativas às suas tatuagens, em especial a rosa dos ventos que tem em seu braço, F. S. M. relata:

(...) em relação a essas daqui, não, mas em relação a minha tatuagem da perna, de time, as pessoas têm muita rejeição. As pessoas acham um negócio meio retardado. Mas eu falo assim: “Cara, todo mundo gosta de alguma coisa”. Tem gente que gosta de uma banda, chora, vai a show, persegue os vocalistas... Eu acho que cada um tem a sua paixão. Eu gosto muito de futebol, então eu fiz, mas essas daqui do braço as pessoas costumam até gostar, as pessoas não têm nenhum preconceito, não. Eu só

⁵⁷ Pesquisas de mercado indicam diferenças mesmo entre as gerações mais jovens. Em episódio do podcast CAOScast, as pesquisadoras Marina Roale e Rebeca de Moraes dizem que os *millennials* (ou geração Y), nascidos entre 1980 e 1995, são preocupados com os propósitos de suas tatuagens e têm uma inquietação acentuada quanto aos significados daquilo que deixarão marcado em seus corpos. Enquanto isso, a geração Z, os nascidos entre os meados dos anos 1990 e 2010, se pautam em um apelo estético, e não se importam tanto com os sentidos das *tattoos* e as opiniões alheias. Essa não é uma questão sobre a qual iremos nos deter, apesar de enxergamos proficuidade no tema. CAOScast #3: Millennials versus Z. Magalli Lima. São Paulo: Consumoteca, 17 dez. 2018. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2ei2tslcOAbXHjJDt7FPHk?si=vkOa5fyiT5eVklz12vegMQ>. Acesso em: 3 mai. 2020.

tenho medo, um pouco, com trabalho, mas acaba que eu não tô nem mais ligando com isso (F. S. M., 19 anos).

Com o que diz o jovem, evidenciamos o valor positivo atribuído às viagens e outras pautas que carrega consigo, como a música. Em contrapartida, há elementos que não são bem vistos, caso do escudo do time de futebol. Há ainda uma afirmação sobre as paixões, reforçando como as tatuagens são sinais de afetos acentuados e formas de homenagem. Apesar das rejeições e da preocupação com o futuro do emprego, F. S. M. já não fica angustiado com o contexto mais ampliado. Em geral, os informantes afirmam o mesmo e dizem lidar com esses incômodos de forma menos tensa, por entenderem a importância de expressarem seus gostos e personalidades, mesmo que lidando com conflitos.

Surgiram, nas entrevistas, as experiências daqueles que utilizam de estratégias para ocultar as *tattoos*, sobretudo para familiares e em ambientes de trabalho. A. L., por exemplo, diz ter escolhido lugares do corpo em que pode escondê-las com o uso de camisas de manga mais longa, por exemplo. A tatuagem com os monumentos de Juiz de Fora, de maneira especial, ocupa uma porção grande de seu braço direito e, portanto, é uma que prefere não deixar exposta quando está em aulas do mestrado, em ambientes profissionais ou com seu pai, como explica:

Ele é muito tradicional em muitos assuntos. Eu tenho uma relação ótima com o meu pai, tá? Não tem nada assim, mas eu quero evitar o conflito mesmo, porque, assim, eu já tenho 26 anos, né, então a escolha já não cabe mais a ele nem a minha mãe, tanto que, pra minha mãe, a primeira tatuagem, eu fiz e falei [*faz sinal de uso de um telefone*]: “Mãe, eu fiz uma tatuagem”. Eu liguei pra ela depois, eu não contei antes [*risos*]. É porque eu acho que é uma discussão que já tá tão superada na minha cabeça — e deveria estar pras pessoas também. Mas eu entendo que é outra época, outro pensamento, então eu entendo quem tem uma certa resistência ainda, né. Vou falar um pré-julgamento, vamos dizer assim, mas como não me afeta, eu evito a discussão pra não... Porque não tem muito motivo pra mim, entendeu? [*risos*]. Então eu evito (A. L., 26 anos).

Embora não se trate de uma questão problemática para ela e pense que não devesse ser para as pessoas, a jovem compreende a visão do pai e decide evitar confrontos diretos. Ainda traz a idade como argumento para ter autonomia nas decisões. O contexto parece contraditório, mas é compreensível, especialmente em razão do afeto e do respeito que as relações familiares envolvem. Outros entrevistados dizem lidar de forma semelhante, mudando o assunto quando a queixa é recorrente ou quando escutam que aquele novo registro deveria ser o último (e provavelmente não será).

C. M. igualmente diz enxergar os tabus próximos de pessoas mais velhas e em ambientes profissionais. Após ter cedido às pressões para esconder os registros em seu corpo, decidiu por procurar empregos nos quais a situação não fosse um problema.

Tem preconceito, mas é mais por parte das pessoas mais velhas. (...) Quando você trabalha num ambiente com a galera mais nova... Por exemplo, nos navios, as pessoas não tinham tanto tabu. Mas, no aeroporto, algumas têm. Eu trabalhava em companhia e falavam que tinha que esconder, tinha até que botar aquele adesivo bege pra não aparecer. Então era bem chato. Aí eu comecei a procurar empregos em que eu não precisasse esconder quem eu realmente sou (C. M., 30 anos).

Preocupamo-nos com essa questão justamente por entender a força do juízo envolvido em afirmar que ocultar as tatuagens é, em verdade, esconder quem se é. Há uma robustez significativa na compreensão. As tatuagens acabaram por mudar algumas acepções de C. M. no que tange a sua relação consigo e sua forma de se colocar para os outros.

(...) antes eu achava: “Ah, o meu corpo é o meu templo, eu não vou fazer nada”. Porque me diziam isso. Então a partir do momento que eu comecei a fazer as tatuagens... Porque a tatuagem, pra mim, ela tem uma memória e um significado. Então a partir do momento que eu fiz essas tatuagens, eu fui contando a minha história pra mim mesma. Ou pras pessoas, se elas quisessem ouvir. Mas valeu mais pra mim mesma. Então eu acho que pra mim serviu como um empoderamento, sabe? Poder contar um pouquinho dos meus sentimentos, deixar mais a mostra o que eu não conto mas fica mais visível, né? (C. M., 30 anos)

Além de retomar alguns dos debates empreendidos até aqui quanto às relações com o corpo, aos significados e emoções ligados às tatuagens e às mensagens que essas modificações corporais repercutem, a citação expõe essa alteração de postura. Emerge, com a superfície da pele alterada, a noção de um empoderamento, algo que dialoga com as análises de Berger (2009, p. 81) em relação aos tatuados carregarem “(...) uma altivez, uma indescritível sensação de vitória, felicidade e pertença”. Por essa razão, questionamos como os informantes se sentiam após fazerem tatuagens, se enxergavam alterações na autoimagem.

Nesse sentido, o relato de T. J. chama atenção, sobremaneira por conta do rompimento com alguns impasses em relação à forma como se colocava para as pessoas. Aponta para o ganho que as tatuagens lhe trouxeram, em especial para assumir suas convicções e identidades.

(...) Mas hoje eu me vejo como uma pessoa tatuada. (...) Eu acho que eu sempre fui muito contracultura em algum sentido, mas tive muito medo da imagem que eu passava pras pessoas. Então, como professor, você tem essa coisa. Ainda mais agora, né, que a gente tá vivendo num tempo de virada à direita aí, um conservadorismo que tá crescendo. Eu tinha medo de que isso pudesse interferir na minha carreira, que pudesse me marcar de alguma forma. E, hoje, com trinta e sete anos, eu acho que eu me assumo mais como alguém que realmente pode ostentar essa imagem que, pra alguns, é mais agressiva, né? A família fica: “Pô, mas tinha que ser no pescoço, né?!”. Meus pais não comentam. Nem comentaram pra falar mal, nem falar bem. E eles são bastante conservadores. Eu venho de uma família evangélica, né?! Presbiteriana, que nem é tão conservadora assim, mas que tem uma resistência a esse tipo de coisa. Mas eu comecei a perceber que a minha família, meus primos todos são tatuados, né?! Alguma tatuagem um pouco mais discreta, coisa que dá pra cobrir com a camisa, né?! E eu acho que foi uma coisa de me assumir também, assumir identidade como alguém que quer ostentar de alguma forma esse registro, na pele, de quem sou eu, de que imagem eu quero passar. E eu acho que tem essa coisa do apelo do estético, né?! De ser algo que as pessoas reparam. Tanto é que a grande maioria das tatuagens é bem exposta, né?! Isso foi uma escolha minha, também (T. J., 37 anos).

As questões em torno dos outros, da família e do mundo do trabalho mais uma vez aparecem como tônicas de entrave. As pessoas tendem a evitar esses conflitos e os eventuais problemas que podem lhes trazer. Entretanto, em dado momento, isso parece ser menor do que a vontade de expressar ideologias, gostos e afetos — de maneira bem exposta, como afirma T. J.. Outra entrevistada, A. L., diz valer a pena enfrentar o que ainda há de negativo para poder se tatuar.

“Nossa, mas você tinha certeza que queria fazer isso desse jeito assim?”. (...). Confesso: as primeiras que eu fiz foi até aqui [*aponta para a região da cintura, mais próxima das costas*] justamente pra ver, refletir se eu tava disposta a isso, vamos dizer assim [*risos*]. E depois, quando eu fiz aqui [*passa a mão no braço direito, na área com a tatuagem de Juiz de Fora*], eu falei assim: “Não, acho que, apesar de tudo o que a gente tem, né, apesar de todo o tabu na sociedade, eu acho que ainda vale a pena, vale a pena fazer. Realmente acho que não valia a pena deixar de fazer uma coisa tão bacana, que foi pra mim, por conta disso. (A. L., 26 anos).

A respeito da composição da imagem pessoal e de estilos, F. S. S. concorda que as tatuagens trouxeram mudanças para si, porém descreve que muito se deve ao olhar dos outros — “Vai me botar numa caixinha de, sei lá, pessoa esquisita”. Ri ao dizer que a família a considera *hippie*, por conta das tatuagens, dos *piercings* e dos cortes de cabelo. No mesmo trajeto, pondera: “(...) eu não me vejo como uma pessoa agressiva porque eu tenho tatuagem ou uma pessoa mais isso ou mais aquilo. Eu acho isso, né, tatuagem não tem nada a ver com os outros, tem a ver com a gente” (F. S. S., 29 anos). A informante se refere às classificações que considera comuns para muitas das pessoas com tatuagens, mas reforça a importância das

decisões pessoais, dos processos subjetivos, e dos sentidos que cada um atribui às suas marcas corporais.

Contudo, vale observar como as reflexões levantadas, acerca da preocupação com as visões coletivas, se mostram congruentes. Ainda que as decisões tomadas visem romper com padrões e expectativas ou não busquem a aprovação alheia, mas sim uma satisfação pessoal, há reverberação nas apreensões individuais, pois quem se “expressa”, se “empodera” ou se “assume”, o faz levando em consideração o exame e a apreciação do outro.

Uma ilustração sobre as ponderações realizadas pelos tatuados, sua relação com a moda e uma apresentação de si está nas escolhas feitas para o local no corpo em que a *tattoos* são postas. Nos atendo somente àquelas relacionadas às cidades e viagens, temos os seguintes resultados: antebraço/braço (6); costas (1); costela (4); ombro (1); pé (1); perna (3); e pescoço (2).

Salvo as ocorrências nas costas e no pé, a maioria dos lugares ficam comumente expostos. Mesmo a tatuagem de P. I., nas costas, aparece quando usa determinado modelo de camiseta; e também a de D. C., no pé direito, acaba visível com o uso de calçados abertos. A escolha não teve um grande motivo central, como ela conta: “(...) não tem um motivo especial da localização no corpo, não. Mas é porque eu achava bonitinho, era onde eu queria colocar, assim, achava legal ter uma tatuagem ali, na época, e aí foi. (...) E eu acho que encaixou bem porque é uma palavra grande” (D. C., 28 anos).

Muitos dizem ter escolhido lugares que não veem a todo tempo, por medo de enjoar da *tattoo*. Essa é uma recomendação recorrente, especialmente para aqueles que não têm nenhuma marca no corpo. Em contraste, T. J. diz se decidir por lugares nos quais conseguirá ver as tatuagens e que, por isso, não pensa em tatuar as costas, por exemplo. Contudo, com a marca no pescoço e nas mãos, em especial, percebe olhares de medo e reprovação. Fica associada uma estética de criminalidade, conforme explana.

É interessante observar a recorrência das tatuagens na região da costela, todas do lado direito do corpo. Três mulheres e um homem (F. S. S., T. A., L. O. e C. M., na ordem da Figura 24) trazem as *body modifications* em áreas muito semelhantes. Embora os braços apareçam com o maior número de ocorrências em nossa amostra, há certa dispersão, com marcas próximas aos pulsos, nas partes internas dos braços (região do bíceps), acima dos cotovelos, em destaque no antebraço e outras porções.



Figura 24: Interlocutores com tatuagens na mesma área das costelas

Quando mencionamos, no curso do tempo, a anulação e ocultação dos corpos e de determinadas áreas, sobretudo por impedimentos e censuras, é sintomático verificarmos os valores atribuídos à ampla visibilidade. Isso se mostra quando dois dos interlocutores falam da vontade de “fechar” um braço ou uma perna apenas com tatuagens de viagens e quando outros consideram a costela uma área positiva, por poder ser exibida quando é desejado — as mulheres, em especial, falam sobre isso. Decerto, nessas eleições há reflexos das tendências que dominam essas práticas sociais — a moda e os costumes.

Pensando essas variáveis, apropriamo-nos das noções das unidades Diderot e de complementaridade dos bens, de Grant McCracken, para pensar a composição de estilos e a conjugação da moda a esse universo. Segundo o antropólogo, alguns bens de consumo são conectados por uma certa comunalidade — “(...) essas coisas tem uma espécie de harmonia ou consistência e de algum modo, portanto, ‘andam juntas’” (MCCRACKEN, 2015, p. 152). Interessa-nos, portanto, entender o arranjo que combina esses elementos e faz com que tenham consistência cultural interna. Não nos preocupamos em buscar o porquê da compra de determinado produto, mas observar como, no sistema de representação e na cultura da mídia, determinados elementos são postos lado a lado e compõem estilos de vida.

Com esse propósito, perguntamos aos entrevistados se já haviam usado ou comprado roupas e acessórios para esconder ou destacar suas tatuagens. Dentre todos aqueles que trataram o tema, não houve nenhuma menção a aquisição ou uso de algum item especificamente para ocultar, mas sim para dar ênfase — “Ah não, eu não gosto de esconder, não! Eu adoro mostrar minhas tatuagens! [*risos*] Não, eu gosto de comprar roupa que mostre mesmo” (I. M., 21 anos).

Essa foi uma alteração apontada como oriunda da modificação corporal. No entanto, muitos relatam que, com o passar do tempo, ocorre uma naturalização ou habituação da *tattoo* e deixa de existir a preocupação com a escolha de determinado item para dar evidência — “Quando eu fiz... Porque eu fiz a tatuagem tem dois anos

e aí quando eu fiz... Sabe quando você faz uma parada nova e você quer ficar mostrando?” (P. I., 23 anos). O rapaz completa dizendo que comprou um modelo de camiseta em diferentes cores, para sempre mostrar a tatuagem. Com o passar do tempo, não há o mesmo entusiasmo em expor a *body modification*, pois não se trata de uma novidade. A caracterização de J. A. reflete caminhos parecidos e traz o que outras entrevistadas também pontuaram:

Pra esconder, nunca. Pra mostrar eu acho que sim. Tipo, eu fiz uma aqui na costela. Eu lembro que na época que eu fiz a da costela eu só queria usar umas blusas mais abertas porque eu queria que aparecesse a minha *tattoo* da costela, entendeu? Mas é que também acho que isso é quando é novidade, depois quando ela já é comum, aí você não fica priorizando aquilo porque é... Você vai tampar aquilo. Que nem quando eu fiz aqui [*mostra o pulso direito, com a tatuagem do Morro Dois Irmãos*] e eu comecei a usar pulseira pro outro lado. Aí eu fiz do outro lado, aí ou eu não usava pulseira ou eu deixava do jeito que tava e aí... Você começa a abstrair, entendeu? Quando ela aparece é bônus, mas você não lembra no dia-a-dia da sua tatuagem (J. A., 30 anos).

São duas as leituras possíveis: ou as tatuagens se tornam elementos “naturais” do corpo, e por isso não evocam tanta atenção, ou entram na lógica de obsolescência do consumo — o que é “novo” logo se torna “velho” e gera interesse em ser sucedido. Como mais um realce, a partir do que expõe J. A., temos que as outras três informantes disseram ter problemas em seguir expondo suas tatuagens nas costelas, por terem seios volumosos e/ou por estarem acima do peso “padrão”. Uma ilustração de como determinadas normas sociais instituídas, põem o corpo como objeto e alvo de tensão constante — debates promovidos por Le Breton (2016) e Marzano-Parisoli (2004), dentre outros —, notadamente como parte da cultura da boa forma e do narcisismo, da qual trata Goldenberg (2007).

Fica evidente a complexidade de constituição dessa *autoimagem*. Nos debates acerca das identidades, pontuamos essa contextura em constante desenvolvimento, marcada por diferenças. Com as tatuagens, novos itens são postos na combinação e o que se dá é um resultado inacabado, em processo. Com outros sinais, se talha o que distingue. Por meio das colocações dos interlocutores, observamos mudanças de posturas e o apontamento para um maior conhecimento sobre si, do ganho de autoconfiança e empoderamento em relação às próprias narrativas. Uma formação subjetiva que fala sobre si, mas sobretudo se afirma para o outro.

A partir das reflexões de T. J., tentamos finalizar os exames dessa categoria, colocando em contraste as questões em torno das eleições, tabus e da moda, ainda abrindo espaço para pensar as *interações*, tema a ser debatido em sequência.

Eu acho que as escolhas dos lugares eram meio isso, de não precisar se preocupar muito com roupa. Porque não tem como esconder uma tatuagem na mão, não tem como esconder uma tatuagem no pescoço. Só com gola rolê, mas nesse calor do Rio de Janeiro é impossível, né? [*risos*]. Ou então se eu fosse alguém que usasse terno e gravata [*fecha o último botão da camisa, mostrando como ficaria*]. Mesmo assim acabaria aparecendo alguma coisa. Então acho que a minha preocupação não é muito essa de que a indumentária, de que a roupa, de que o que eu visto tem alguma função junto a da tatuagem. Mas são complementares. São coisas que se complementam e que, de alguma forma, marcam a minha identidade própria, né? (T. J., 37 anos).

Voltamos para os conceitos de McCracken (2015), uma vez que o interlocutor aciona a ideia de complementaridade. De fato, os elementos da cultura material e imagética, notadamente atrelados, comunicam valores e vinculam os sujeitos a acepções e grupos. Assim sendo, nossas leituras revelam como a inserção de símbolos no corpo transmite mensagens, revela emoções e compõe uma unicidade. A busca é mesmo por um eu apreciado, pertencente e singular.

Essa elaboração se aproxima da metáfora palimpséstica proposta por Gomes (2008) em seus exames sobre a representação das cidades por meio da literatura. Essa (*auto*)*imagem* é formada pela sucessão de camadas, as quais revelam a versão atual, na superfície. As vivências e afetos estão postos e apresentam as narrativas pessoais desses indivíduos, as quais são transpassadas, em relevo, pelas urbanidades e pelas viagens.

Por fim, importa-nos observar a reverberação desses sentidos; que recepções provocam. Nesse sentido, voltamos nossas análises para as *interações* suscitadas por esses corpos móveis tatuados. Uma das interlocutoras diz que as tatuagens promovem aproximações: “(...) é um motivo pra você puxar assunto, sabe? Às vezes você vê uma tatuagem em alguém, você elogia, pergunta a história e vocês já começam a conversar. Acho que qualquer coisa que puxa uma identificação com o outro te aproxima, né?” (J. A., 30 anos).

Em sentidos semelhantes, F. A. diz que é comum estar parada em algum lugar e sentir pessoas tocando seu braço, observando a tatuagem em homenagem ao Rio de Janeiro. E que frequentemente logo perguntam o que está posto no outro braço (a tatuagem que retrata Belo Horizonte, com a Igreja da Pampulha), se também é algum local da capital fluminense. Conforme apontam alguns informantes, a *tattoo*

gera assunto. Seja por algo que se identifica de pronto ou por algo desconhecido, a visibilidade destes sinais corporais estabelece uma ponte primeira para troca.

Entretanto, nem sempre as comunicações se dão de maneira positiva. Os interlocutores lamentam observar posturas que mantêm as visões em perspectivas enrijecidas e distorcidas. Com certa frequência, por limitações ou preconceitos, estereótipos são acionados. T. J. menciona a ficção de mafioso, F. S. S. cita ser chamada de *hippie* e F. S. M. de impulsivo. São categorizações fortes, por vezes, com as quais os sujeitos não se identificam e não gostam de ser vinculados. Nesses episódios, apontamos para associações que não geram situações graves. Todavia, pesando determinadas condições socioeconômicas e de raça, por exemplo, as consequências de visões deturpadas podem ser preocupantes.

Outra recorrência apontada por nossas fontes é a atribuição de sentidos que não dialogam com o que foi pensado. Inclusive porque é comum que não haja um significado maior e as *tattoos* tenham relação com a estética ou outras preferências. Na unidade *procedimentos*, no capítulo 4.1, pautamos a fala de F. S. S., em tom cômico, sobre as inferências feitas por sua avó. Em semelhança, temos o relato de J. V. (23 anos): “Tipo assim, nunca me perguntaram, mas já comentaram comigo de ser: ‘Ah, o farol, você tá precisando de uma luz pra te guiar, né?’. Aí eu fui e falei ‘não’ [risos]. Foi a única coisa que já falaram pra mim”.

Ainda que certos diálogos sejam engraçados ou mesmo gerem incômodo, é relevante observar como a máxima se confirma: as tatuagens promovem trocas. Chamam a atenção das pessoas e causam vontade de interagir. Nas palavras de nossos entrevistados: “geram assunto”. Decerto, já não há o mesmo exotismo dos artistas circenses, mas as marcas corporais ainda atraem olhares.

Caminhando nesse sentido, também perguntamos aos informantes como se dão suas relações com as redes sociais *on-line*. Na maioria das vezes, o tema surgiu antes de qualquer questão relacionada ser feita. Assim, como foi possível constatar, as dinâmicas da tatuagem, atualmente, estão bastante atravessadas por esses usos das mídias. Muitas de nossas análises em *procedimentos* evidenciaram isso, mas não apenas nesta seção tivemos exemplos da forte presença das *tattoos* no ambiente digital — apresentamos publicações nas redes sociais logo nas primeiras páginas da tese, expondo esses espaços virtuais como valerosos diários hodiernos.

F. S. S., que também é tatuadora, diz que o Instagram se tornou um importante portfólio para os atuantes na área. Isso se confirma quando os entrevistados trazem

a rede social como principal canal de busca por profissionais e por inspirações⁵⁸. Conforme trouxemos nos exames sobre os *procedimentos*, T. J. relaciona, em diferentes momentos de sua narrativa sobre as tatuagens feitas em viagem, como a internet e o Instagram, em específico, foram fundamentais para que encontrasse os tatuadores responsáveis por suas *tattoos*. Por não ter referências nas localidades visitadas, se baseava nos conteúdos dispostos *on-line* e nas avaliações de outros consumidores — nesse contexto, as informações embasam as reputações daqueles que oferecem algum tipo de serviço e isso pode definir uma escolha.

Para usarmos um termo que se tornou popular nos últimos anos, sobremaneira quando pensada a comunicação e o marketing: as tatuagens são “instagramáveis”⁵⁹. Ou seja, compõem bem fotos a serem publicadas na rede social. E se há demanda por agilidade na atualização dos conteúdos, é necessário logo atualizar os *feeds*: adicionar novos elementos ao corpo e, em consequência, às páginas *on-line*⁶⁰.

O comentário de T. J. (37 anos) resume essa rotina midiática da tatuagem: “Toda vez que eu faço uma, eu boto. E as recepções são legais, assim, as pessoas curtem e interagem. (...) e tudo tá lá no meu *timeline*, tá lá no meu *feed*”. Vemos a importância das publicações (muitas vezes em tempo real, com as *tattoos* em curso, ou imediatamente após o processo ser terminado), das comunicações oportunizadas e dos registros. São componentes importantes, já vinculados às práticas da tatuagem contemporaneamente.

Nestas interações, existem relações com a ideia de imitação prestigiosa, pois há um tom de influência em muitos dos conteúdos compartilhados. É nesse sentido que projetamos a ampla visibilidade de muitos profissionais da tatuagem, e também de pessoas com certa notoriedade, as quais se tornam modelo para outros replicarem artes iguais ou semelhantes em seus corpos. Recentemente, o tema da influência

⁵⁸ Também houve menção ao Pinterest, rede social que funciona como um quadro de inspirações, a partir do compartilhamento e organização de imagens temáticas.

⁵⁹ Números de 2016 do Instagram afirmavam que mais de 350 mil usuários publicaram fotos de suas primeiras tatuagens na rede social. Cf.: INSTAGRAM ultrapassa os 500 milhões de usuários. *GI*, 21 jul. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/06/instagram-ultrapassa-os-500-milhoes-de-usuarios.html>. Acesso em: 25 mai. 2020.

⁶⁰ Podemos evidenciar essa presença das tatuagens no Instagram por meio da pesquisa por *hashtags* ligadas aos temas de nossa investigação. São mais de 130 milhões de publicações com a *#tattoo* e mais de 6 milhões com *#tatuagem*, mais de 70 mil com *#traveltattoo* e quase 5 mil com *#citytattoo*. A maioria das consultas foi feita em inglês em razão do idioma ser o mais utilizado na rede social. Além disso, importa mencionar que para que os *posts* apareçam como resultados das buscas, as publicações devem ser feitas em modo público. Portanto, é possível que existam ainda mais fotos e vídeos marcados, mas que não estejam disponíveis em razão dos critérios de privacidade (pesquisa feita no início de maio de 2020).

social por meio das redes sociais digitais se tornou aquecido nas pesquisas acadêmicas e de mercado, especialmente na esfera da comunicação e da cultura (certamente, debates em torno do assunto poderiam figurar em nossos exames, mas não há espaço para mergulharmos em mais um tópico)⁶¹.

A. L. ressalta o alcance e a visibilidade que as redes podem promover para o tatuador. Assim como vários dos outros entrevistados, a jovem diz seguir alguns profissionais da área e que foi por meio do Instagram que chegou até sua tatuadora. Outro sintoma disso é a popularidade que sua tatuagem de Juiz de Fora ganhou localmente (o que fez com que eu tomasse conhecimento da história, inclusive).

Eu digo que 100% da minha escolha foi por causa do Instagram. Assim que eu encontrei a Lígia, né, e tudo mais. Em relação ao fato de eu fazer postagens, não acontece muito porque eu posto muito pouco, eu prefiro que as pessoas não saibam muito, sabe, eu sou um pouco mais discreta, assim. Mas a tatuagem tomou proporções tão grandes que não teve como. As pessoas me enviavam, entendeu, no meu perfil... As pessoas me encaminhavam... (A. L., 26 anos).

As repercussões começaram exatamente no Instagram, no perfil da tatuadora. Como descreve no trecho acima, A. L. prefere não expor suas *tattoos* na internet, no entanto, permitiu que a profissional divulgasse o trabalho, como costuma fazer (reafirmando a ideia de a rede social ser usada como portfólio). Logo após, a jovem relata que a tatuadora a procurou dizendo que a publicação estava alcançando notabilidade e já era sua foto mais curtida (Figura 25).

⁶¹ Com relação mais aproximada ao assunto, é possível conferir as análises empreendidas em estudo anterior, publicado em periódico do PósCom/UFBA. Cf.: ALMEIDA, Lucas Gamonal Barra de; SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Corpos, afetos e interações: imagens de viajantes tatuados no Instagram. *Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura*, v. 16, n. 1, p. 230-251, 2018.



Figura 25: Publicação no Instagram da tatuadora de A. L., em 16 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BssnaF8h5qy>. Acesso em: 7 mai. 2020.

Como a reverberação de informações na internet caminha de forma rápida, logo outros canais tomaram conhecimento da *tattoo*, se interessaram e buscaram por A. L. para que ela pudesse contar melhor sua história. Primeiro, a assessoria de comunicação do Museu Mariano Procópio, um dos monumentos representados na tatuagem, e depois, o portal de notícias *G1 Zona da Mata*⁶². Além de curiosidades sobre os procedimentos e as escolhas, A. L. destaca que a maioria das interações é elogiosa — falam do conceito da modificação corporal, do resultado final, do traço da artista etc.

Legendas e comentários das publicações são bastante positivos. Destacam o amor de A. L. pela cidade e mostram admiração pela criatividade exposta. A reportagem mencionada traz um tom semelhante. Outro ponto que merece realce são os comentários com marcações de perfis e indicações como “já imaginei você com essa *tattoo*” e “estava procurando alguma arte de Juiz de Fora para tatuar”. Além disso, no caso da publicação do Museu, vemos a indicação da autoria da *body art*, algo importante para o reconhecimento e para a construção da autoridade (na

⁶² JOVEM faz tatuagem de patrimônios e monumentos históricos para homenagear Juiz de Fora. *G1 Zona da Mata*, Juiz de Fora, 18 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2019/01/18/jovem-faz-tatuagem-de-patrimonios-e-monumentos-historicos-para-homenagear-juiz-de-fora.ghtml>. Acesso em: 05 mar. 2020.

rede e fora dela) da qual falamos. São *interações* que evidenciam as noções de influência e inspiração, conforme debatemos anteriormente.



Figura 26: Publicação no Instagram do Museu Mariano Procópio, em 19 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BsyJHBThW-c>. Acesso em: 7 mai. 2020.

Em semelhança, F. A. diz que a primeira vez que publicou fotos de suas tatuagens do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte nas redes sociais as pessoas “amaram” — “Alguns me chamaram de maluca, mas a maioria das pessoas gostaram. Muita gente fez, depois, tatuagem do Rio, porque não tinha essa coisa de, sabe... Você fala assim: ‘Gente, se você ama a cidade que você mora, por que você não faz?’ (F. A, 39 anos). Ela ainda diz que pode tatuar outras cidades, caso se mude e se apaixone. Acredita que a tatuagem carregue afeto e que seja necessário lembrar.

Ao final, com as análises das *interações*, reafirmamos duas compreensões centrais: a primeira delas é a de que estas elaborações fazem parte da arquitetura da imagem de sujeitos diferenciados, os quais revelam suas experiências e afetos, em especial. As trocas revelam a atração causada pela tatuagem e os contatos lisonjeiros reforçam sentidos positivos. Ademais, observamos as identidades em permanente concepção. A cultura da mídia se situa com importância nesse processo formador, evidenciando e cultivando potencialidades, como aponta Kellner (2001).

Ah, isso aí que pensa é muito subjetivo, né? Até essa semana algumas pessoas repararam nas minhas tatuagens e cada uma teve uma interpretação diferente. (...). Eu gosto só de pensar no significado que elas têm pra mim, assim. Pros outros tudo bem, pode interpretar como quiser e... Mas acho que cada uma teve o seu processo,

assim, e o principal é isso: todas tão marcando um momento da minha vida que eu tive muita vontade de quase materializar aquilo no meu corpo, assim. E aí tem muito isso também de eu conseguir ressignificar elas depois (T. A., 24 anos).

Ainda que na fala de T. A. haja uma diminuição da importância do olhar do outro, é significativo que a forma de se apresentar sempre está atravessada por como seremos recebidos, quais mensagens anunciaremos e como nos enxergaremos. Decerto, tudo está em curso e, portanto, pode ser ressignificado, assim como afirma o rapaz. Isso parece ser o que há de mais relevante, sobretudo quando refletimos sobre as representações de afetos ligados aos trajetos percorridos no curso da vida, em especial nas cidades e nas viagens.

5. Considerações finais

Finalizar a redação de uma tese é algo difícil. Quando, já na reta final, eclode uma pandemia global, mesmo cercado por privilégios, surgem desafios extras. E se o estudo trata sobre representações afetivas dos deslocamentos, nos corpos, isso se torna ainda mais complexo e provocativo. Apesar de ter caminhado com cuidado para não romantizar os objetos e os interlocutores, inclusive por conta das vivências pessoais que exponho no trabalho, o momento atual de distanciamento social e restrição dos trânsitos borra um pouco os limites de envolvimento.

Com o estarrecedor cenário originado pelo coronavírus no Brasil e no mundo, o saudosismo em relação aos períodos ainda tão próximos, nos quais tínhamos franca circulação por cidades e destinos que quiséssemos conhecer, é inevitável — ainda que esse seja um sentimento incomparável às dores da doença e do luto. Ao menos em relação às mobilidades, vivemos experiências inéditas em nossa história recente.

Nessa leitura final, o que vivenciamos no início do ano de 2020 põe em evidência a efervescência do que aqui foi estudado. Interlocutores falaram sobre as tatuagens como formas de levá-los de volta aos lugares ou períodos representados. Uma viagem simbólica agora ainda mais potente. Como não há previsões da ciência que permitam dizer quando os acelerados fluxos poderão ser retomados (se é que seguirão da mesma forma no futuro), esses registros são uma forma única para as pessoas revisitarem tais lugares e momentos de suas vidas. Aproximam-se de outras produções culturais, como o cinema e a literatura, na chance de viajar por diferentes realidades.

Voltamo-nos para os debates de David Le Breton (2016) a respeito de nossa motilidade. Se as capacidades de movimento passaram a ser menos exploradas, provocando uma espécie de atrofia, sobretudo em virtude das tecnologias de que dispomos contemporaneamente, este cenário do surto viral traz novas reflexões. Em verdade, deixa em relevo que nossos deslocamentos não têm somente uma lógica pragmática. Há um protagonismo para as emoções. A contemplação, os encontros e as trocas são formadores de nossas relações com o mundo, de nossas elaborações enquanto sujeitos, e dialogam com nossas sensibilidades; afetam.

Embora tenhamos tratado a conexão das pessoas com os lugares, as tatuagens não foram feitas somente por conta da presença física em determinados espaços.

Há, em algumas delas, uma dimensão do sonho que se quer concretizado (e que, agora, para além de condições sociais, econômicas e políticas, não sabemos quando e se poderão ser). As elaborações estão no campo das ideias, mais do que em um retrato fiel do universo com o qual houve uma ocasião de contato.

Contudo, mesmo quando a ênfase das *tattoos* não está nas territorialidades, e sim em pessoas ou momentos, são as palavras, os objetos e os atrativos naturais e urbanos diretamente associados a eles que constroem as acepções das lembranças, em especial para o outro — é preciso, na comunicação que promovem, que façam algum sentido coletivamente, ainda que haja certo valor no mistério dos símbolos, como mostram algumas das caracterizações. O atributo de singularidade das tatuagens que expõem é, de algum modo, reforçado.

Os registros de presença e pertencimento são os principais destaques nos relatos analisados. As técnicas tradicionais e outros elementos característicos dos lugares, sejam alimentos, idiomas ou paisagens, são valorizados, conferem autenticidade e singularidade, em especial quando as *tattoos* são descritas a outrem. Nessa medida, o contato com o real é ativado em prol da edificação do simbólico.

Por esse ângulo, com relação aos procedimentos da marcação corporal, é instigante observar como os aparatos tecnológicos atuais tornaram-se mediadores de muitas das experiências. Fotografias, hoje comumente feitas com *smartphones*, inspiram a elaboração das artes marcadas e esses mesmos aparelhos são usados para buscar profissionais da tatuagem, inclusive em localidades desconhecidas. Por meio das redes sociais virtuais, é possível acessar a localização, o portfólio e a autoridade dos artistas da *tattoo*. Assim, os artefatos compõem o arranjo da recordação.

Em relação à materialidade das lembranças, mais pontos de reflexão vem à mente: especialmente quando pensamos as viagens, souvenirs comuns são camisetas, ímãs, chaveiros e cartões postais. Com a tatuagem, há uma outra *tateabilidade*. Se os objetos podem quebrar, se perder ou deteriorar com o tempo, a *tattoo* traz a permanência. Esse prolongamento é frequentemente questionado, uma vez que o tempo em que vivemos é caracterizado por celeridade e por artefatos efêmeros. Em oposição, essa propriedade é razão de orgulho e de elogios. Os interlocutores veem os sinais corporais como matérias de suas histórias de vida: são os textos de seus diários e as imagens dos seus álbuns de fotografia.

(...) eu acho que essa coisa nossa de pertencimento, né?! A gente precisa pertencer e eu acho que... O lugar que você tá às vezes não é a cidade, mas o bairro ou a casa... Tem sempre alguma coisa que te leva pra um lugar de conforto, assim, e eu acho que as tatuagens têm isso de olhares de uma lembrança de um momento bom dentro de uma cidade, de uma coisa feliz, assim, que tem coisinhas, lugares que te trazem isso. E eu acho isso muito gostoso, assim. Eu gosto muito de reativar essas sensações que as cidades me trazem. E sempre gostei de pegar lembrancinha de viagem, guardo um monte de cacareco... Eu te falei, agora eu vou começar a me rabiscar mais essas coisas ao invés de... Pra ser mais em mim do que no mundo, né? (F. S. S., 29 anos).

“Ser mais em mim do que no mundo”. A frase de F. S. S. sintetiza a força de reverberação dos trânsitos, das experiências, das memórias postas no corpo. Por isso falamos em viagens e cidades no corpo. As tatuagens representam esses afetos. E, ponderando a lógica da interlocutora, quando as vivências são encarnadas, estão apresentadas ao mundo, com marcados relevos. Fica caracterizada essa potência do corpo como meio de comunicação e sua centralidade em nossa sociedade.

Usando de outras metáforas dos autores com quem dialogamos, como Derrida (2001) e Huyssen (2015), podemos dizer que as tatuagens são arquivos pessoais ou miniaturas metropolitanas, as quais formam, nas camadas da pele, um palimpsesto emocional. Sobrepostas, as marcas das experiências narram trajetórias de vida e deixam ver o indivíduo em sua tessitura atual. Deixam ver a fase presente da identidade, a qual segue em elaboração.

O relato — como o que resta do ato — ainda revela outra forma de expressar a melancolia. A dor originada pelos procedimentos da *tattoo* pode suavizar a angústia da saudade; do desejo de retorno. É uma forma de atenuar a falta de viver na terra natal, de estar na cidade escolhida para se viver, ou de um destino de viagem marcante. E como alguns sentimentos trazem sofrimento, caso da tristeza provocada pela morte, os traços urbanos na pele ainda podem ser uma maneira de ressignificar o vivido e deixar ver uma reminiscência de maneira positiva.

As tatuagens ainda podem ser vinculadas às alegorias da corpografia, abordada por Jacques (2008) e das enunciações pedestres, descritas por Certeau (1998). Isso porque são evidências de uma mútua afetação provocada por essas existências *dos* e *nos* lugares. São vestígios de sentimentos que perduram. São uma forma criativa, acionando os preceitos da arte, de marcar conexões, amores e sonhos. Com o conceito de mobilidades corporificadas, proposto por Jensen (2013), evidenciamos a via de mão dupla em relação a esses vínculos: é como se as pessoas afirmassem pertencer a esses lugares e que eles também pertencem a elas.

A ideia central por nós defendida na tese é a de que as experiências de viagem e os afetos relacionados às cidades carregam potencialidades capazes de fazer com que os sujeitos mudem seus corpos. Isso é algo significativo, sem dúvidas, ainda mais se pensados os tabus ainda existentes com relação às tatuagens e essa noção da permanência das marcas.

Entretanto, é importante considerar que as transformações sociais verificadas permitem que essas modificações sejam feitas sem grandes preocupações ou alardes, uma vez que a tatuagem já é melhor aceita, está próxima de ser “naturalizada” e, em muitos contextos, é bem-vista. É tida até mesmo como um sinal de distinção. Mais uma expressão das identidades contemporâneas, fluidas e em permanente processo de constituição.

Nesse sentido, quando pensadas as mensagens anunciadas e a demarcação da presença no mundo com as *tattoos*, não podemos deixar de lado a proeminência das questões estéticas, como caracterizam Lipovetsky e Serroy (2015). As modificações elaboradas constroem vinculações e versam sobre estilos, sobre uma exposição de si. Além disso, estão inseridas em um circuito de gestão do corpo, no qual os cuidados associados são os mais diversos — assim como debatem Le Breton (2016), Goldenberg (2007) e Marzano-Parisoli (2004), por exemplo. Decerto, movimentos extremamente atravessados pela cultura da mídia.

E em relação à essa ampla exposição dos corpos e dos trajetos, também possibilitada por outras formas de interagir, com destaque para o ambiente virtual, é relevante tratar a arquitetura e a filiação à estilos de vida, legitimados por imagens anguladas. Aqueles que trazem em si os rastros das viagens que fizeram e das cidades com que mantêm relações são diferenciados. Carregam em seus corpos as estampas de suas individualidades — são livres, aventureiros, apaixonados e felizes.

Esta é mais uma constatação a que chegamos: as representações da tatuagem e as narrativas de nossos informantes são positivas — ou pelo menos ocultam algum viés que possa fazer oposição a isso. Almeida (2006) verifica isso em meio aos seus pesquisados e, envolvendo as dimensões das viagens nestas considerações, vemos a forte presença do ideário hedonista. Vivemos um imperativo da felicidade e as *tattoos* tornam-se mais um elemento desse domínio.

Nossas análises estão centradas nas diferentes culturas que evidenciamos: das mobilidades, das corporalidades, das mídias e dos afetos, as quais são notáveis por

conta das representações sociais que as edificam. Assim, os trânsitos, as modificações corporais, a exposição e as trocas são traduções de nossos *habitus*. São movimentos que permitem nosso reconhecimento como seres sociais envolvidos por sistemas de organização — ou seja, por culturas.

Por fim, observando destaques nos costumes sociais dos quais tratamos, com ênfases em diferentes períodos, é importante evidenciar como as morais, os padrões e as regras se alteram no curso do tempo. Determinadas práticas deixam de existir e outras são retomadas com prestígios elevados, assim como novas práxis surgem e parecem ter sido a norma vigorante desde sempre. Entendemos que esta é uma das principais contribuições da pesquisa: trazer estranhamento e contrastar realidades a fim de levantar reflexões.

No fluxo das mentalidades que examinamos, certamente alguns temas não foram pormenorizados. É o caso dos debates sobre classes sociais, gêneros e raças. São categorias fundamentais no que diz respeito aos corpos, aos direitos de ir e vir e aos diferentes controles exercidos, porém acabaram tratadas em segundo plano. Um outro ponto é a evidência de determinadas localidades nas viagens, como a América e a Europa, que se mostram destinos reiterados pelos entrevistados.

As práticas contemporâneas da tatuagem tampouco foram tão aprofundadas. Pouco tratamos sobre as origens, os modos de fazer, os estilos mais recorrentes e as causas de serem escolhidos. Ademais, seria possível dar foco para como se constroem as referências, especialmente com base no olhar para outras pessoas, em especial aquelas que exercem algum tipo de influência — lembrando a imitação prestigiosa de Marcel Mauss (2003).

Outro quadro que poderia ser detalhadamente examinado é o das faixas geracionais. Em geral, nossos informantes são jovens — têm entre 19 e 39 anos. Na “naturalização” da tatuagem da qual discurremos, seriam os personagens em evidência, contrastados pelas pessoas mais velhas, normalmente apontadas como aquelas que se posicionam contrariamente às marcas na pele. Porém, essa não é uma máxima absoluta, decerto. As *tattoos* das mulheres e homens com idades mais avançadas podem carregar histórias riquíssimas a respeito de suas vidas, bem como sobre movimentos de contracultura, por exemplo.

O formato atual dos *flashes* é mais um assunto que chama atenção. É interessante ver como os sujeitos decidem por realizar modificações corporais “eternas” sem um planejamento maior. Na oportunidade, gostam de determinada

arte em oferta e a registram em seus corpos. Quando analisamos tantos significados atrelados às *tattoos*, é instigante explorar a prática da marcação de signos assim de imediato, sejam inspiradas pela moda ou por outros apelos estéticos. É pertinente observar como isso se relaciona com uma curadoria na pele, com a arte e a apontada efemeridade do tempo presente. São mais questões que emergem.

Por último, os exames sobre as relações entre nossos cruzamentos temáticos — os sujeitos, as localidades, os deslocamentos e as tatuagens, estritamente nas redes sociais *on-line* também gerariam estudos à parte, dada a quantidade de informações que podem ser exploradas e a penetrabilidade do digital em nossas rotinas.

São projeções futuras que inspiram a continuidade das investigações. Com os desafios apresentados pelo campo e pelos métodos, em especial por realizar entrevistas compreensivas, com registros audiovisuais, ficam ricos aprendizados. Buscar entender os fenômenos sociais em contato com o outro é algo precioso. Validamos as experiências positivamente, justamente por entender que garantiram uma maior fortuna para as análises.

Com isso, fica o desejo de ir além e seguir com trabalhos no mesmo caminho: descobrir mais tatuagens, mais histórias e escavar os arquivos pessoais, na tentativa de construir um acervo sentimental. Um patrimônio relevante para seguirmos pensando sobre nossos cotidianos, nossas modas e modos de ser. Na potência dos biografemas, continuar a ver o mundo por esses traços no corpo.

6. Referências bibliográficas

ALMEIDA, Lucas Gamonal Barra de; REIS, Jarlene Rodrigues. Tatuagens para quem é obcecado por viagens: afetos, memórias e interações entre usuários das mídias sociais da *Hostelworld*. In: SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; FORTUNA, Daniele Ribeiro (Org.). **Narrativas do eu: gênero, emoções e produção de sentido**. Porto Alegre: Sulina, 2019.

ALMEIDA, Lucas Gamonal Barra de; SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Corpos, afetos e interações: imagens de viajantes tatuados no Instagram. **Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura**, v. 16, n. 1, p. 230-251, 2018.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. Nada além da epiderme: a performance romântica da tatuagem. In: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (Org.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ANDRADE, Sandra dos Santos. **Uma boa forma de ser feliz: representações de corpo feminino na revista *Boa Forma***. 2002. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

ARAUJO, Leusa. **Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

ARAUJO, Rosane Azevedo de. **A cidade sou eu?: o urbanismo do século XXI**. 2007. 232 f. Tese (Doutorado em Urbanismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

ASSIS, Julia. **Rio, eu tatuo**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2016.

AUGUSTINE, Jane. Character and poetry in the city. In: CAWS, Mary Ann (Org.). **City Images: Perspectives From Literature, Philosophy, and Film**. Amsterdam: Gordon and Breach, 1991.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt; LEONCINI, Thomas. **Nascidos em tempos líquidos: transformações no terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. Lisboa: Assiro e Alvim, 2004.

BERGER, Mirela. Tatuagem: a memória na pele. **Sinais - Revista Eletrônica**. Vitória: CCHN, UFES, v. 05, n. 1, set., p. 65-83, 2009.

BRAUNSTEIN, Philippe. Abordagens da intimidade nos séculos XIV-XV. *In*: DUBY, Georges (Org.). **História da vida privada, 2:** da Europa feudal à Renascença. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

BRUNO, Fernanda. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 1, n. 24, p. 110-124, 2004.

BRUNO, Fernanda. Quem está olhando? Variações do público e do privado em weblogs, fotologs e reality shows. **Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura**, v. 3, n. 2, p. 53-70, 2005.

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades:** ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CANDIM, Leandro Neves. **Corpo**. São Paulo: Globo, 2009.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.

CARDOSO, Ruth C. L. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. *In*: CARDOSO, Ruth C. L. (Org.). **A aventura antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e sociedade:** mídia, estilos de vida e cultura de consumo. 2ª. ed. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

DA MATTA, Roberto. O ofício do etnólogo ou como ter “anthropological blues”. *In*: NUNES, Edson Oliveira (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DE BOTTON, Alain. **A arte de viajar**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

DE BOTTON, Alain. **Desejo de status**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo:** uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?** São Paulo: Editora 34, 2016.

DUARTE, Bárbara Nascimento. **A boa forma do corpo na modernidade**. 2011. 141 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. *In*: HEILBORN, Maria

Luiza (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

DUBY, Georges. A emergência do indivíduo. *In*: DUBY, Georges (Org.). **História da vida privada, 2: da Europa feudal à Renascença**. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

EUFRÁSIO, José Jefferson Gomes. **Apolo, Narciso e Dionísio: o corpo masculino na Revista Mens Health**. 2013. 211 f. Dissertação (Mestrado em Movimento Humano, Cultura e Educação, Saúde e Desempenho) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

FERREIRA, Vítor Sérgio. A permanência da tatuagem na fugacidade do mundo contemporâneo. **O Mais Profundo é a Pele. Coleção de tatuagens 1910-40**. Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/Museu do Design e da Moda (MUDE), Colecção Francisco Capelo, p. 210-221, 2017.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Artes e manhas da entrevista compreensiva. **Saúde e Sociedade**, v. 23, n. 3, p. 979-992, 2014.

FERREIRA, Vitor Sérgio. **Marcas que demarcam: corpo, tatuagem e body piercing em contextos juvenis**. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa: ISCTE, 2006.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Sentidos e contextos da corporeidade marcada. **Trajectos. Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, n. 10, p. 21-34, 2007.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Tatuagem, *body piercing* e a experiência da dor: emoção, ritualização e medicalização. **Saúde & Sociedade**, v. 19, n. 2, p. 231-248, 2010.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Tatuar o corpo jovem hoje: rito de passagem ou rito de impasse?. **Revista Vivência**, n. 36, p. 137-156, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREITAS, Ricardo. Da Cidade-espetáculo à Cidade-mercadoria: a comunicação urbana e a construção da marca RIO. **Revista ECO-Pós**, v. 20, n. 3, p. 49-65, 2017.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GÓES, Fred; VILLAÇA, Nízia. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

GOETZ, Everley Rosane *et al.* Representação social do corpo na mídia impressa. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 2, p. 226-236, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. Apresentação. *In*: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. *In*: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOMBRICH, Ernest H. **A história da arte**. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2000.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HUYSEN, A. Introduction. *In*: **Miniature metropolis: literature in an age of photography and film**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2015.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. *In*: IANNI, Octavio. **Enigmas da Modernidade-Mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. **Arquitextos**, São Paulo, v. 08, n. 093.07, fev. 2008.

JEHA, Silvana. **Uma história da tatuagem no Brasil: do século XIX à década de 1970**. São Paulo: Veneta, 2019.

JENSEN, Ole B. **Staging mobilities**. New York: Routledge, 2013.

JESUS, Diego Santos Vieira de. The Way We Play: Male Bodies on a Gay Cruise Website. **Studies in Media and Communication**, v. 6, n. 1, p. 63-69, 2018.

KAUFMANN, Vincent; BERGMAN, Manfred Max; JOYE, Dominique. Motility: mobility as capital. **International journal of urban and regional research**, v. 28, n. 4, p. 745-756, 2004.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia — estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KURY, Lorelai; HARGREAVES, Lourdes; VALENÇA, Máslova Teixeira. **Ritos do corpo**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2000.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LE BRETON, David. **Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais**. Lisboa: Miosótis, 2004.

LEITÃO, Debora Krischke. Transgressão e domesticação: a tatuagem contemporânea como ritualização das aparências. **Cadernos do CEOM** (Unochapecó), Chapecó, v. 16, n. 16, p. 165-190, dez. 2002.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MACHADO, Christianne Amaral. **Cocriação de valor no consumo de tatuagens: um estudo a partir da visão de tatuadores e tatuados**. 2018. 109 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1996.

MARQUES, Toni. **O Brasil tatuado e outros mundos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MARZANO-PARISOLI, Maria Michela. **Pensar o corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos (rituais orais funerários australianos). In: MAUSS, Marcel. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

MCCRACKEN, Grant. **Cultura e consume: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2015.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem (understanding media)**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

MILLS, Charles Wright. **Sobre o Artesanato Intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MONTEIRO, Marko. Corpo e masculinidade na revista VIP Exame. **Cadernos Pagu**, n. 16, p. 235-266, 2001.

MORAIS, Janaina de Araujo. **“Liberdade ainda que vadia”**: uma etnografia sobre a marcha das vadias do Rio de Janeiro 2013. 2015. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Renata Couto de Azevedo de; AYROSA, Eduardo André Teixeira. O colecionador de tatuagens: consumo curatorial e identidade. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 10, n. 2, p. 110-123, 2016.

OSÓRIO, Andréa Barbosa. **O gênero da tatuagem**: continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro. 2006. 271 f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - IFCS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

OSÓRIO, Andréa Barbosa. Tatuagem de amor. *In*: GOLDENBERG, Mirian. **O corpo como capital**: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2007.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates**: jovens, trabalho e futuro. XinXii, 2016.

PAIS, José Machado. Nas rotas do cotidiano. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 37, p. 105-115, 1993.

PAVAN, Maria Angela. Expressões do hiperconsumo nos corpos e casas mediados pela comunicação: colorindo a pele e paredes na cidade de Natal/RN. *In*: TRINDADE, Eneus; LACERDA, Juciano de Sousa; FERNANDES, Mário Luiz (Orgs.). **Entre comunicação e mediações**: visões teóricas e empíricas. São Paulo: ECA-USP, 2019; Campina Grande: Ed. da UEPB, 2019.

PAVAN, Maria Angela; SILVA, Josimey C. Tatuagem: cultura de massas e afirmação subjetiva incorporadas. **Signos do Consumo**, v. 2, n. 1, p. 67-81, 2010.

PEREIRA, Cláudia da Silva; BOESCHENSTEIN, Livia Pessanha. Do fanzine ao magazine: uma análise das representações do punk pela publicidade. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 13, n. 37, p. 76-97, mai-ago, 2016.

PEREIRA, Cláudia da Silva; SICILIANO, Tatiana; ROCHA, Everardo. “Consumo de experiência” e “experiência de consumo”: uma discussão conceitual. **Logos**, v. 22, n. 2, p. 6-17, 2015.

PEREIRA, Jéssica Oliveira. **“Meu corpo, minhas regras”? Feminismos e os sentidos do corpo em rede digital**. 126 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte: *piercing*, implante, escarificação, tatuagem.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

REIS, Diego Nunes. **Homens distintos: consumo, construção do corpo e identidade gay viril.** 2013. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ROCHA, Everardo; RODRIGUES, José Carlos. **Corpo e consumo: roteiro de estudos e pesquisas.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2012.

RODRIGUES, José Carlos. **O corpo na história.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

RODRIGUEZ, Luciana da Silva; CARRETEIRO, Teresa Cristina O. Cordeiro. Olhares sobre o corpo na atualidade: tatuagem, visibilidade e experiência tátil. **Psicologia & Sociedade**, 26(3), 746-755, 2014.

SABINO, Cesar. Anabolizantes: drogas de Apolo. *In*: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SANTAELLA, Lucia. **A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade.** São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura.** São Paulo: Paulus, 2004.

SANTANA, Agustín. **Antropologia do turismo: analogias, encontros e relações.** São Paulo: Aleph, 2009.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra.** 4. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

SHELLER, Mimi; URRY, John. The new mobilities paradigm. **Environment and planning A**, v. 38, n. 2, p. 207-226, 2006.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

SILVA, Ellis Regina Araújo da. **Representações sociais e imagens em fotografias do corpo masculino em revistas gays.** 2007. 144 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, out. 2005.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Corpo, construção social das emoções e produção de sentidos na comunicação. *In*: SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira (Org.). **A construção social das emoções: corpo e produção de sentidos na comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; FARIA, Aline Almeida de. Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 3, n. 9, p. 171-188, 2008.

SIQUEIRA, Euler David; SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **Destaque para a garota carioca: corpo, sociabilidade e comunicação na cidade**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A viagem: caminho e experiência**. São Paulo: Aleph, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUCHERMAN, Ieda. **Breve história do corpo e de seus monstros**. Lisboa: Vega, 2004.

URRY, John. **Mobile Cultures**. Reino Unido: Lancaster University, Department of Sociology, 2003.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. *In*: NUNES, Edson Oliveira (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago/dez. 2014.

VITORINO, Mônica. **Juvenal: o satírico indignado**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2003.

WALSH, Neil; TUCKER, Hazel. Tourism 'things': The travelling performance of the backpack. **Tourist Studies**, v. 9, n. 3, p. 223-239, 2009.

WHITE, Edmund. **O flâneur: um passeio pelos paradoxos de Paris**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

Entrevistas realizadas:

A. L., Juiz de Fora, 07 mai. 2019.

C. M., Rio de Janeiro, 14 mar. 2019.

D. C., Juiz de Fora, 1º mai. 2019.

F. A., Rio de Janeiro, 10 dez. 2018.

F. S. M., Rio de Janeiro, 22 nov. 2018.

F. S. S., Rio de Janeiro, 10 dez. 2018.

I. M., Rio de Janeiro, 22 nov. 2018.

J. A., Rio de Janeiro, 08 out. 2018.

J. V., Rio de Janeiro, 10 dez. 2018.

L. O., Rio de Janeiro, 10 dez. 2018.

P. F., Rio de Janeiro, 10 dez. 2018.

P. I., Rio de Janeiro, 22 nov. 2018.

T. A., Rio de Janeiro, 10 dez. 2018.

T. C., Rio de Janeiro, 13 mar. 2019.

T. J., Rio de Janeiro, 22 nov. 2018.

Apêndices

Apêndice A - Roteiro para entrevista com interlocutores tatuados

1. Caracterização do interlocutor

- 1.1. Nome, local e data de nascimento.
- 1.2. Local de residência atual e lugares onde já viveu.
- 1.3. Escolaridade e trabalho/profissão.
- 1.4. Estado civil e com quem vive atualmente (se parecer importante e houver espaço, abordar relações com a família).

2. Caracterização das modificações corporais

- 2.1. Quais modificações corporais já realizou? (*Piercings*, tatuagens etc.)
- 2.2. Quantas tatuagens você tem ao todo? Em que áreas do corpo estão?
- 2.3. Quando fez a primeira tatuagem? Qual ou quais as motivações?
- 2.4. Quais os significados de suas tatuagens? Há uma temática predominante?
- 2.5. Tem alguma tatuagem como favorita? Em caso positivo, por quê?

3. Tatuagens de viagens (questões voltadas especificamente para interlocutores com tatuagens nessa temática)

- 3.1. Quantas tatuagens relacionadas às viagens você possui?
- 3.2. Quando decidiu fazer a tatuagem ligada ao tema, já sabia exatamente o que marcar? Como foi a escolha da arte? Escolheu algo já pronto ou pediu que o tatuador elaborasse?
 - 3.2.1. Caso a tatuagem faça referência a um destino em específico, por que decidiu por marcá-lo, considerando a passagem por outras localidades?
- 3.3. Como escolheu a região do corpo em que faria essa tatuagem? Levou em conta a opinião de alguém ou foi influenciado por outras pessoas?
- 3.4. Quais eram as suas expectativas em relação às tatuagens? Foram correspondidas?
- 3.5. Pretender fazer outras tatuagens na mesma temática? Já tem algo em mente?
- 3.6. Explorar mais histórias sobre as tatuagens — memórias e afetos.

4. Tatuagens de cidades (questões voltadas especificamente para interlocutores com tatuagens nessa temática)

4.1. Quantas tatuagens relacionadas às cidades você possui?

4.2. Quando decidiu fazer a tatuagem ligada ao tema, já sabia exatamente o que marcar? Como foi a escolha da arte? Escolheu algo já pronto ou pediu que o tatuador elaborasse?

4.2.1. Caso a tatuagem faça referência a uma cidade específica, por que decidiu marcá-la? O que essa cidade tem de especial em relação às outras pelas quais já passou?

4.3. Como escolheu a região do corpo em que faria essa tatuagem? Levou em conta a opinião de alguém ou foi influenciado por outras pessoas?

4.4. Quais eram as suas expectativas em relação às tatuagens? Foram correspondidas?

4.5. Pretender fazer outras tatuagens na mesma temática? Já tem algo em mente?

4.6. Explorar mais histórias sobre as tatuagens — memórias e afetos.

5. Identidade pessoal e estilo de vida

5.1. Sentiu alguma mudança após realizar modificações corporais? O que mudou?

5.2. Como enxerga a relação entre as suas tatuagens e a sua autoimagem?

5.3. Sentiu alguma alteração em relação ao seu corpo com as tatuagens? (Melhor aceitação, atração etc.).

5.4. Hoje em dia, como você define seu estilo? Houve alguma mudança ao longo dos anos? As tatuagens têm alguma influência sobre isso?

5.5. Que importância você dá para a aparência no seu cotidiano? Já comprou roupas e/ou acessórios para mostrar ou esconder as suas tatuagens?

6. Efeitos sociais do corpo tatuado

6.1. Quais as reações mais comuns em relação às suas tatuagens? O que dizem e/ou perguntam sobre elas e o que você costuma responder?

6.2. Qual a reação de sua família perante as tatuagens? E a de amigos, parceiros, colegas de trabalho etc.?

6.3. O que acha que as pessoas pensam de você, especificamente por ser tatuado? (Relacionar com a temática das tatuagens que o interlocutor possui, também).

6.4. Já sentiu que foi destacado, positiva ou negativamente, por conta das suas tatuagens? Como isso aconteceu e como reagiu?

6.5. Acredita que ainda exista algum estigma ou tabu sobre as tatuagens? Em caso negativo, quais associações acreditam que as pessoas fazem atualmente? Acredita que a tatuagem se tornou algo “comum” em nossa sociedade?

6.6. Você passou a se relacionar com outras pessoas tatuadas? Sente que as suas marcas te enquadram em um grupo específico de pessoas? Em caso positivo, como são essas pessoas e o que mais têm em comum?

7. Comunicação, memória e emoções do corpo tatuado

7.1. Você costuma buscar informações sobre tatuagens (inspirações, dicas, tatuadores com destaque, outras pessoas tatuadas etc.)? Fez isso para escolha de seus registros corporais? Em caso positivo, através de quais canais? Enxerga alguma influência nas decisões por tatuar-se?

7.2. Faz parte de algum grupo ou comunidade (também *on-line*) sobre o tema?

7.3. Costuma publicar fotos das suas tatuagens nas redes sociais? Se sim, como percebe a repercussão dessas postagens? Faz uso de alguma marcação (hashtag) especial?

8. Memórias e afetos

8.1. Como enxerga a “eternidade” da tatuagem? Já pensou em apagar alguma das marcas que possui? Se sim, qual e por quê?

8.2. Por fim, que emoções você relaciona às suas tatuagens? Quais afetos e memórias elas ativam?

9. Questões específicas para o interlocutor e encerramento

Contemplar assuntos que tenham surgido a partir do contexto e das respostas do interlocutor.

Apêndice B - Termo de consentimento livre e esclarecido

Através do presente termo, é feita a declaração de participação livre e esclarecida na pesquisa de doutorado preliminarmente intitulada “Corpos tatuados de emoção: representações e memórias das cidades e das viagens”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O trabalho de investigação é realizado pelo pesquisador Lucas Gamonal Barra de Almeida, sob orientação das professoras Cláudia da Silva Pereira (PUC-Rio) e Denise da Costa Oliveira Siqueira (UERJ).

A colaboração é gratuita e possui fins acadêmico-científicos. O participante é livre para recusar-se a responder qualquer questionamento, possui acesso ao material de registro e concede à equipe de investigação o direito exclusivo e definitivo de difusão da sua contribuição, sob qualquer meio, na forma de texto, imagem e/ou de voz.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é redigido em duas vias. Uma delas ficará em poder do pesquisador e a outra com o sujeito participante da pesquisa.

Quaisquer dúvidas poderão ser esclarecidas pelo pesquisador através do *e-mail* lucasgamonal@hotmail.com e/ou pelo telefone (xx) xxxxx-xxxx.

Dados dos envolvidos:

Pesquisador:	Lucas Gamonal Barra de Almeida
CPF:	

Participante:	
CPF:	
Data de nasc.:	

_____, ____ de _____ de 201____.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador